

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

BRUNO PUCCINELLI

SE ESSA RUA FOSSE MINHA
sexualidade e apropriação do espaço na “rua gay” de
São Paulo

Guarulhos

2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

BRUNO PUCCINELLI

SE ESSA RUA FOSSE MINHA
sexualidade e apropriação do espaço na “rua gay” de
São Paulo

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo como requisito para a obtenção do título de mestre.

Linha de pesquisa: Corpo, sexualidade e práticas simbólicas

Orientadora: Profa. Dra. Andréa Cláudia Miguel Marques Barbosa

Guarulhos

2013

Puccinelli, Bruno

Se essa rua fosse minha: sexualidade e apropriação do espaço na “rua gay” de São Paulo / Bruno Puccinelli. - Guarulhos : [s.n.], 2013.

191 f.

Orientadora: Andréa Cláudia Miguel Marques Barbosa

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Guarulhos, 2013.

Título em inglês: If this street was mine: sexuality and appropriation of space on São Paulo's “gay street”

1. Antropologia 2. Cidade 3. Sexualidade 1. Título

Bruno Puccinelli

Se essa rua fosse minha: sexualidade e apropriação do
espaço na rua gay de São Paulo

Guarulhos, 22 de Fevereiro de 2013

Banca examinadora

Profa. Dra. Regina Facchini

Universidade Estadual de Campinas

Prof. Dr. Júlio de Assis Simões

Universidade de São Paulo

Prof. Dr. José Carlos Gomes (suplente)

Universidade Federal de São Paulo

AGRADECIMENTOS

Listar sem ser completamente justo, agradecer é um gesto de reconhecimento de que nossos trabalhos nunca são feitos sem a ajuda de outrem. Coloco aqui minhas sinceras palavras de agradecimento àqueles que fizeram parte de todo o percurso da pesquisa resultante dessa dissertação, desde os primeiros passos, anteriores ao mestrado em si, até estes últimos, os quais não encerram a caminhada.

Agradeço à CAPES e ao programa REUNI que permitiram todo o desenvolvimento acadêmico da pesquisa e, mais do que isso, a inclusão de temas e novos pesquisadores num campus ascendente da Universidade Federal de São Paulo. Agradeço à recepção de todos os professorxs do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas por apostarem na pesquisa e na criação de um ambiente propício a isso. Em especial, Cynthia Sarti, Melvina Araújo e Maria Fernanda Lombardi, a qual fez uma das primeiras leituras críticas do meu trabalho. Um obrigado especial à paciência dos secretárixs da pós, principalmente à Daniela Gonçalves, incansável atendente dos nossos pedidos mais desesperados.

Às amigas de eventos, conversas, debates e Pensata, Kenya Marcon e Fernanda Oliveira e aos colegas de primeira turma do mestrado. Sem elas creio nunca ter conseguido dar conta de tanta coisa no primeiro ano de estudos e nem ter colocado em pé a revista dos alunos, atual, atuante e viva.

À graduação, às pessoas que conheci através de outras e que, juntas, me fizeram acreditar na união de forças em defesa da universidade. Agradeço a oportunidade de ter sido monitor e poder estreitar laços com os alunos da graduação. Mas agradeço principalmente às pessoas que tão carinhosamente me receberam sem saber direito quem eu era e logo permitiram que criássemos uma das coisas mais estimulantes desse período de mestrado: o MAPÔ – Núcleo Interdisciplinar de Estudos de Gênero, Raça e Sexualidades da Unifesp. São: Thales Shu, Norma Barros, Djamila Ribeiro, Didz, Carolina Ocampos, Amanda; posteriormente Rafael Domingos, Pedro Jackson, Anderson_o_Andarilio e Jaquelynne. A vivência de um mestrando não se resume à sua pesquisa e mesmo essa, no meu caso, só foi possível graças à amizade e troca realizadas

no processo de criação do MAPÔ e da SeGenSex. Não vou conseguir expressar o quanto me sinto grato a essas pessoas, parte da minha vida.

Aos amigos de USP de outrora ou vindos da pós: Jacqueline Moraes, Michele Escoura, Gustavo Saggese, Márcio Zamboni, Monise Picanço, Ana Andrada, Leo Barone, Ana Fiori, Marisol Marini, Marcella Betti, Ramon, Eduardo Marinho, Diego Godang, Karina Fasson. E aos amigxs de outras paragens: Miltinho, Gibran, Marcelo Perilo, Thiago Soliva e João Júnior.

Agradeço aos amigos de GEAC, em especial a Heitor Frúgoli Jr. pelo apoio de sempre e pela orientação nos primeiros caminhos como pesquisador. Orientar é também acreditar nas potencialidades do outro e aprendi isso com o Heitor. Agradeço aos companheirxs de VISURB, espaço de estímulo e estudo organizado pro minha orientadora. Aproveito para agradecer às conversas estimulantes com Heloísa Buarque de Almeida, Laura Moutinho e Júlio Simões, poucas e soltas, mas essenciais. Às críticas e apoio de Isadora Lins França e Regina Facchini, esta última parte deste texto pelos apontamentos criteriosos no exame de qualificação.

Por fim, há duas pessoas sem as quais nunca teria terminado essa dissertação e nem a pesquisa. Uma delas é minha orientadora, Andréa Barbosa. É incomensurável o quanto aprendi nesse período de orientação, mesmo nossos caminhos não tendo sido traçados na maternidade. Agradeço pela paciência, pela liberdade, por todos os incentivos em períodos pessoais mais complicados. Pela amizade, pelas críticas e pelo carinho. Andréa é daquelas pessoas que sabem como beliscar sem que se sinta uma dor.

A outra é meu companheiro, amor e parceiro de toda a vida, Felipe Paros. A ele dedico este trabalho e tudo que tenho conseguido construir nos meus percursos acadêmicos. Por acreditar em mim, me apoiar e fazer de tudo para que as coisas deem certo. Elas deram, por ele e para ele.

Dedico também este trabalho à minha família, William e Fátima, pais que sempre acreditaram no meu potencial, assim como minha irmã Gabriela; e ao Rafael Domingos, por sempre me fazer acreditar que é possível continuar. Sem ele não tem como seguir.

Obrigado a todxs. E me desculpem se esqueci de citar alguém, muitas pessoas fizeram parte deste trabalho de alguma forma.

Se essa rua, se essa rua fosse minha
Eu mandava, eu mandava ladrilhar
Com pedrinhas, com pedrinhas de brilhantes
Para o meu, para o meu amor passar

Nesta rua, nesta rua tem um bosque
Que se chama, que se chama solidão
Dentro dele, dentro dele mora um anjo
Que roubou, que roubou meu coração

Se eu roubei, se eu roubei teu coração
Tu roubaste, tu roubaste o meu também
Seu eu roubei, se eu roubei teu coração
É porque, é porque te quero bem

(Autoria desconhecida, Domínio Público)

RESUMO

Uma rua é feita de muitas coisas, inclusive de identidades. Uma rua não é só caminho para se chegar a outro lugar, espaço de acesso ao público ou coletivo ou lugar de interdição a quem quer evitar o perigo e a violência. Uma rua pode ser espaço para se estar e para se ser; ela em si pode estar e ser.

A Rua Frei Caneca, localizada oficialmente no bairro da Consolação, imediações do Centro da cidade de São Paulo e próxima à Avenida Paulista, é o foco do presente trabalho, o qual traz à baila onde ela pode estar e o que ela pode ser. Pensar que a Frei Caneca pode se localizar em outro lugar que não o bairro ou a região oficialmente alocada pode parecer sem sentido. Mas, onde ela está afinal? E o que ela é além de uma rua?

Paralela à Rua Augusta, esta conhecida outrora pela prostituição feminina, a Frei Caneca tem passado por diversas transformações imobiliárias que têm afetado sua constituição social e o entendimento de sua identidade. Sem querer sugerir uma proeminência do incremento em prédios e comércios na última década, aponto como isso tem ajudado a sedimentar a identidade da rua. Ao menos desde 2003 ela tem sido conhecida, e reconhecida, como a “rua gay” de São Paulo, após uma situação de conflito entre um casal gay e a administração do Shopping Frei Caneca, inaugurado em 2001. Em 2008 o projeto de oficializá-la como rua gay trouxe à tona uma série de atores cujos discursos buscam legitimidade ante a autorização de quem poderia falar sobre e pela rua.

E há gays na rua? Mas há tantos assim? O que poderia significar ser gay na Frei Caneca? Esta dissertação é resultado da pesquisa que buscou entender o que diversos atores presentes na rua entendem por “rua gay”, por sua presença nela e como entendem a rua em si. Onde ela está, do que se aproxima e do que se afasta. Com foco privilegiado nos frequentadores que utilizam a rua como espaço de lazer noturno, ou caminho obrigatório antes de irem para o lugar de destino, a pesquisa busca demonstrar que uma rua e qualquer outro espaço citadino têm mobilidade: o concreto caminha, muda, se desfaz.

Palavras-chave: Espaço urbano. Sexualidade. Centralidades. Relações de gênero.

ABSTRACT

A street is made of many things, including identities. A street is not only way to get to another place, access to public space or public place or interdiction whoever avoid danger and violence.

The Frei Caneca Street, officially located in the neighborhood of Consolação, surrounding the center of the city of São Paulo and close to Paulista Avenue, is the focus of this work, which brings up where she might be and what it can be. To think the Frei Caneca St. that may be located elsewhere than the district or region officially allocated may seem meaningless. But where is it anyway? And is it something beyond a street?

Parallel to Augusta St., formerly known by this female prostitution, the Frei Caneca St. has undergone for several transformations that have affected your estate social constitution and understanding of their identity. Without wishing to suggest an increase in prominence of the buildings and businesses in the last decade, I point out how it has helped settle the identity of street. At least since 2003 it has been known and recognized as a "gay street" of São Paulo, after a conflict between a gay couple and the administration of Frei Caneca Mall, opened in 2001. In 2008 the project to becoming as a legal "gay street" as it brought to light a number of actors whose legitimacy discourses seek permission of who could talk about and the street.

And are there gays in the street? But are there so much? What could it mean to be gay at Frei Caneca St.? This thesis is the result of research that sought to understand what various actors present on the street mean by "gay street" by this presence and understand how the street itself. Where it is, what it approaching and moving away. And focusing on the patrons who use the street as a space for nightly entertainment, or obligatory way before going to the place of destination, the research seeks to demonstrate that a street and any other space have mobility: the concrete walks, changes, dissolves.

Key words: Urban space. Sexuality. Centralities. Gender issues.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 UM PRIMEIRO PASSO: CAMINHOS DA FREI CANECA GAY.....	17
2.1 Andando na Frei Caneca.....	28
2.1.1 Noite – da Augusta à Frei Caneca.....	33
2.2 Gueto e gueto gay: retomando o contexto da utilização dos termos no campo de pesquisa.....	39
2.2.1 Gueto gay e territorialidade: sociabilidades e sexualidades.....	45
3 LAZER E MORADIA NA FREI CANECA: PADRÕES DE CENTRALIDADE E SEXUALIDADE.....	48
3.1 Desejos de Centro.....	52
3.1.1 Setin Downtown Brigadeiro.....	53
3.1.2 Edifício Brasil.....	56
3.1.3 Ca'd'oro.....	64
3.1.4 Augusta Hype Living.....	66
3.1.5 NKSP.....	68
3.1.6 Soul Paulista.....	72
3.2 Centro de desejos.....	75
3.2.1 Guia DOM.....	79
3.2.2 Time Out.....	80
3.2.3 Guias JUNIOR.....	86
3.2.3.1 Paradas nos guias JUNIOR.....	87
3.2.3.2 São Paulo em 2009 nos guias JUNIOR.....	91
3.2.4 O “mapa dos viados” da BUTT Magazine.....	95
3.2.5 Guia da DiverCidade de São Paulo – nacional, oficial e para turistas estrangeiros.....	102
3.3 No centro das atenções.....	109
4 SE ESSA RUA FOSSE MINHA: PERCURSOS ETNOGRÁFICOS NA FREI CANECA.....	112
4.1 Os sentidos da rua.....	112
4.1.1 Se essa rua fosse minha – Douglas Drumond e o Casarão Brasil.....	120
4.1.2 Se essa rua fosse minha – Célia Marcondes e a Samorcc.....	126
4.2 Essa rua é de quem? Trajetos, identidades, identificações.....	132
4.3 Essa rua não é de ninguém – três distâncias e duas convergências.....	142
4.3.1 A Frei no Center 3 – Fernando.....	143
4.3.2 A Frei no Frey – Adriano.....	145
4.3.3 A Frei no PHR – Luciano.....	147
4.4 Parada na rua.....	152
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: DO INÍCIO AO FIM DA RUA.....	162

5.1 Ao fim.....	168
REFERÊNCIAS.....	170
APÊNDICE - PROJETOS SOBRE A RUA, PROJETOS PARA A RUA.....	176
ANEXO A – PROJETO SOBRE E PARA A RUA AUGUSTA.....	179
ANEXO B – PROJETO PARA A RUA FREI CANECA : VENCEDOR.....	183
ANEXO C – PROJETO PARA A RUA FREI CANECA: SEGUNDO LUGAR.....	187
ANEXO D – PROJETO PARA A RUA FREI CANECA: MENÇÃO HONROSA..	191

1 INTRODUÇÃO

Que identidades um espaço público pode ter? E uma rua? Quem teria legitimidade a falar sobre e por esse espaço? A presente pesquisa se centra nessas questões a fim de desvelar as forças sociais que produzem a identidade de um espaço, a mantêm, a mudam. No caso, a identidade da Rua Frei Caneca.

Localizada no bairro da Consolação, imediações do Centro da cidade de São Paulo, a Rua Frei Caneca é um logradouro de constituição antiga, remetendo seu desenho atual para fins do Brasil Império e início da Primeira República. Seu nome, referência ao frei insurgente pernambucano, é um mistério. Originalmente a rua se chamava Paim, pois fora parte dos terrenos dos Paim, nas imediações dos terrenos dos Sintra e dos Taques, daí estar também próxima às ruas Bela Cintra e Pedro Taques; a atual Rua Paim cruza a Frei Caneca.

Mas mais recentemente a rua ganhou notoriedade pela presença maciça de gays¹, principalmente a partir de 2003 e 2008, respectivamente os anos em que um casal gay foi expulso por trocar beijos no shopping localizado na rua e o anúncio do projeto de tornar a rua oficialmente gay. Estes são os marcos que oficializam essa presença de forma mais geral, chegando a torná-la internacionalmente conhecida e se tornando referência para visitantes estrangeiros na cidade. Mas a presença e identificação da rua como gay existe há um tempo anterior, quando ainda se identificava como epicentro da vida gay paulistana o bairro dos Jardins, o diferenciando da República pelo tipo de público², de maior poder aquisitivo. E mesmo hoje em dia essa identificação da rua não é total: há

-
- 1 Utilizo o termo gay ciente de que este não encerra o entendimento que se pode ter sobre a(s) homossexualidade(s) masculina(s). Gay comumente encerra uma ideia de homem branco, com poder aquisitivo razoável, menos depreciativa em comparação com outros termos, como bicha, viado, etc. Dou preferência por usar inicialmente o termo como identificador comum por este ser amplamente utilizado e conhecido no campo da pesquisa, mas irei apontar diferenças ou utilizar outras terminologias quando se fizer necessário. Sobre o tema ver Guimarães (2004) para uma possível aproximação entre gay e entendido; Fry (1982) e o texto já clássico da antropologia sobre a hierarquia e igualdade suposta no termo em classes médias; Carrara e Simões (2005) numa aproximação de cunho histórico da produção acadêmica; MacRae (1990) cuja pesquisa inclui a discussão política do termo bicha como meio de afirmação; e França (2006; 2010) sobre as diferenças de termos em diferentes contextos na cidade de São Paulo. Não irei grafar o termo com aspas para facilitar a leitura.
 - 2 Há diferenças em relação a diversos índices de identidade que tornam um ou outro desses espaços mais ou menos gay (ou viado, ou bicha) que serão tratados mais à frente.

espaços, esquinas e trechos que tomam a parte pelo todo e transformam a rua num identificador comum de homossexualidade presente.

Não só uma ideia geral de sexualidade e espaço, mas também a constituição de um Centro em centros, tendo a rua como uma centralidade em relação a outros pontos de encontro e concentração de frequência gay. Isso menos relacionado a um espaço central em relação a outros espaços, mas num lócus semântico de definição e identificação do que seja desejável e, portanto, esteja no centro dos discursos. Aqui pensar o Centro da cidade é também pensar no que se deseja encontrar, desejo este alocado tanto numa ideia de adentrar num espaço agradável (sem perigo, sem sujeira) quanto num espaço em que o desejo pelo outro se realize (desejo sexual e desejo afetivo).

Para tanto lanço mão de uma metodologia baseada no trabalho etnográfico, em idas sistemáticas a campo, previamente estabelecidas e planejadas a fim de se observar fatores como a presença maior de pessoas em alguns dias e horários durante a semana e mesmo em diferentes períodos do ano. Tal processo de observação participante inclui o mapeamento da rua, seus principais estabelecimentos comerciais e empreendimentos imobiliários, visto que esses ajudam na conformação de uma certa Rua Frei Caneca em mudança. Privilegiou-se o contato com pessoas no que se poderia classificar com “eventos na rua”³, os horários de encontro nas ruas e esquinas, dando-se ênfase especial à esquina da Frei Caneca com a Peixoto Gomide, local de grande concentração de pessoas e, também por isso, polo produtor de identidades e diferenciações.

Essa postura em campo, de observar o ocorrente mais do que privilegiar discursos produzidos em entrevistas, permitiu entrever como a Frei Caneca está além de seus limites e perceber as conexões de proximidade e distância com a Rua Augusta, uma de suas principais paralelas. Tal proximidade também ocorre simbolicamente com a Paulista, principalmente no que concerne à ideia de igualdade de públicos e fluxos; em contrapartida há um importante constructo de distância em relação ao Arouche e à República, os quais, nos discursos, deixam de fazer parte de um Centro passando a estar

3 Não necessariamente eventos específicos na rua, como festas e interdições que afetem o cotidiano da Frei Caneca, mas períodos em que haja uma frequência específica de um público gay, tornando a rua sensivelmente diferente do que em outros horários. Aqui me aproximo da noção de evento como postulada por Sahlins (2001) pelo que tem de construtor de um discurso histórico sobre fatos ocorridos.

na “periferia” das falas, desejos, interações legítimas. Menos Centro, muito mais distantes.

Utilizo também entrevistas que ajudam a pensar mais estruturalmente o observado em campo, privilegiando alguns discursos: de alguém que foi morar na rua; de uma pessoa que faz um curso na rua e no shopping; e de um trabalhador da Paulista. Todos homens jovens produzindo diferentes visões da rua e da cidade, mas com alguns discursos comuns: vai-se à rua, frequenta-se a rua, mas não deseja-se a rua. Apenas o morador produz uma ideia de Centro, que inclui a Frei Caneca, como processo de interesse pessoal. Nem todos são gays, mas os gays estão no centro.

Parte importante da análise utiliza também discursos imagéticos de produção da rua e da cidade, como fotos e mapas ilustrativos dos novos empreendimentos imobiliários e comerciais da região. Tentando atrair um público diferenciado do comum à Frei Caneca⁴ esses panfletos enfatizam a ideia de se morar no Centro da cidade, aproximando a rua de uma série de equipamentos culturais e arquitetônicos localizados em espaços menos desejados, ainda sob o signo da degradação. Tais panfletos ainda ajudam a pensar proximidades e distâncias da rua, comumente colocando lado a lado prédios como o MASP, na Paulista, e o Teatro Municipal, na Praça Ramos de Azevedo. As distâncias entre esses dois marcos da cidade não impede que sejam vistos pareados.

Parte de guias gays sobre a cidade ajudam a solidificar a imagem de “rua gay”⁵ da Frei Caneca, como o produzido pela Time Out, revista de viagens sediada em Londres, a qual faz do quadrilátero cujo centro é a Frei Caneca o maior polo de interesse gay. Ou o guia oficial da Prefeitura, o qual pretende dar conta de tudo que possa existir na cidade de interesse a um público genericamente chamado de LGBT⁶ e, na parte Jardins, com a Paulista no centro do mapa, faz da região Augusta – Frei Caneca um polo interessante em

4 Alguns corretores imobiliários enfatizaram a mudança de públicos em algumas conversas.

5 Irei utilizar aspas nessa expressão a maior parte do texto, já que a mesma surge sempre relacionalmente e não congrega uma espacialidade definitiva. Apesar disso “rua gay” poderá aparecer sem aspas quando se referir a afirmações em campo, seja de interlocutores ou de material documental.

6 LGBT é a sigla que designa lésbicas, gays, bissexuais e travestis e transexuais dentro do movimento social de defesa dos direitos destes grupos (sobre a atual utilização da sigla ver Brandão, 2008) . Apesar de anterior à definição da atual conformação da sigla, o trabalho de Facchini (2005) apresenta uma interessante discussão sobre o movimento LGBT em São Paulo.

si mesmo. Mas talvez o que chame mais a atenção para o processo e as mudanças da região seja a constante alteração da localização de casas noturnas e bares na Frei Caneca quando se quer dar o nome do bairro ao qual pertencem, presentes nos guias da revista JUNIOR. Emergem, daí, localidades como Bela Vista, Centro, Cerqueira César e até o inexistente bairro do “Baixo Augusta”, convertido em identificador de alguns quarteirões, tipos de lazer noturno, tipos de público, mas também de toda uma região e rede de quarteirões que engloba a Frei Caneca.

A exposição da pesquisa está dividida em uma sucinta reconstituição histórica da Rua Frei Caneca como logradouro da cidade na Seção 2, sem pretender dar conta de todo seu período de existência, mas como forma de contribuir para a sedimentação de dados espalhados sobre a rua. Tal responde, em parte, à aproximação temporal que culmina com as considerações de pesquisadores mais recentes sobre a presença gay, a qual tento evidenciar através dos diversos estabelecimentos de lazer já existentes há algum tempo. A intenção é dar foco à rua como objeto, parte da pesquisa, e não deixá-la como mero cenário da atuação de seus passantes. Com isso pretendo deslocar um pouco o foco restrito às relações entre interlocutores, o que poderia sugerir que tal poderia ocorrer em qualquer espaço da cidade, sem que o fato de se dar na Frei Caneca fosse algo preponderante. O espaço importa.

Na Seção 3 passo à análise dos mapas da e sobre a Frei Caneca e espaços que deem inteligibilidade às considerações sobre a rua. Em primeiro lugar, os mapas e discursos produzidos por empreendimentos imobiliários na rua e imediações ou que façam referência à Frei Caneca. Que rua pretendem mostrar? Que mapas, fotos, imagens emergem dos discursos? Que textos, palavras, falas ajudam a definir e produzir um lugar interessante de morar e viver, ainda que em plena expansão dos valores de compra e aluguel?

Em segundo lugar, analiso o que os guias gays sobre a cidade de São Paulo produzem sobre a rua e como, dessa forma, produzem a rua. Há desde a definição da mesma como o “lugar mais gay do mundo” até uma parca menção ao shopping. A rua produzida nesses guias está onde? Há centralidade nos discursos, nos mapas, na rua? Como esses mapas não pretendem ser fidedignos, salvo os que se utilizam de tecnologia de localização por satélite disponível na internet, no que o traçado de seus mapas põe

foco? E se há imagens e destaques, quais são? Neste capítulo me utilizo de panfletos e guias de acesso público e preferencialmente impressos, pois estes costumam ser distribuídos no campo da pesquisa. Em alguns casos lanço mão de informações disponíveis na internet como meio de complementar a análise.

Na Seção 4 passo aos dados produzidos na relação com as pessoas na rua, no caminhar, no parar, no deixar-se levar. Privilegio as conversas em eventos, como em noites quentes de sexta-feira com ruas e bares lotados, ou manhãs frias de quarta-feira no início das atividades do shopping. Como se verá, a diversão noturna ganha proeminência por ser o lugar do maior número de pessoas e o foco geral do que define a rua como “rua gay”. Essas conversas, de forma geral, ajudam a compreender o que se entenderia por “rua gay”, mas principalmente ajudam a problematizar essa ideia e a separação de espaços: há um movimento que aproxima e distancia lugares, bairros e pessoas e que não para. A distância e a aproximação simbólicas surgem como molas em constante tensão.

Ainda neste capítulo faço algumas considerações sobre as Paradas do Orgulho LGBT de São Paulo e como elas impactam a Frei Caneca, como começam na rua em dias anteriores à realização do evento, através do consumo e da ocupação, e se (re)produzem neste espaço durante o evento. Também neste capítulo há considerações sobre como situações de conflito e agressão física contribuem para localizar essa espacialidade como gay, servindo muitas vezes de ponto de referência para agressores.

Por fim, nas Considerações Finais, passo a um exame dos dados, resumidos acima, dando prioridade a uma análise que caminhe como a forma de coleta: relacional, em movimento. Tanto o foco macro quanto micro ajudam a entender o que é a Rua Frei Caneca e a “rua gay”, suas centralidades e produção de sentidos.

2 UM PRIMEIRO PASSO: CAMINHOS DA FREI CANECA GAY

Uma rua é feita de muitas coisas: pessoas, espaços, lugares, comércio, casas; lixo, esgoto, pessoas, iluminação noturna, árvores; falta, sobra, calçada, pessoas, sarjeta; encontros, cruzamentos, placas, sinais, saídas, pessoas; entradas, passagens, portas, muros e mais pessoas. Longe de querer dar conta de tudo que forma uma rua, ou de tudo que se poderia elencar como sendo parte da identidade de uma rua, todo o listado acima pode ser observado na maior parte das ruas das cidades do mundo, do Brasil e da cidade de São Paulo, de pequenas a grandes ruas, de alamedas a avenidas.

Mas há algo que talvez seja o primeiro item, ou o primeiro numa ordem material de necessidades e direitos, que confere à rua uma noção cristalizada num imaginário mais geral: o concreto. Uma rua sem concreto é uma rua na qual falta: atenção pública, planejamento, organização. Uma rua recentemente concretada é motivo de festa, afinal, chega de lamaçal nas chuvas, chega de poeira no calor, finalmente alguém olhou para aquele lugar. Uma rua esburacada é uma rua cujo concreto é deficitário, está quebrado, foi mal feito, mal construído⁷.

Na Rua Frei Caneca tem concreto, já faz tempo. Ela está em um dos bairros mais antigos da cidade, um dos primeiros a sofrer uma intensa e ampla urbanização ainda quando a cidade não passava de província, com alguns milhares de habitantes. Lá é o bairro da Consolação, próximo à Sé, marco zero oficial de São Paulo, de onde todas as medidas de distância partem, para onde estão direcionados os inícios numéricos das casas nas ruas.

Mas diz-se também que a Frei Caneca faz parte do bairro de Cerqueira César; outros afirmam achar que a rua está mais próxima ao Bixiga. Há porosidade, os caminhos para se chegar, sair, passar pela rua atravessam os sentidos que estar nela pode ter, os sentidos do bairro, os significados deste. Em São Paulo mesmo a afirmação de moradia

⁷ Há uma ampla bibliografia sobre a questão do direito à cidade em pesquisas nas áreas de Ciência Política, Sociologia e Antropologia, além de estudos voltados para os direitos humanos e sociais. No Brasil, em especial em São Paulo e Rio de Janeiro, há uma forte influência do Lefebvre (2004) nestes levantamentos e textos de fins da década de 1970, num contexto de redemocratização do país e ascensão de movimentos sociais urbanos. Vide Cardoso (2012), Durham (2004), Kowarick (1994), Frehse (2009) e Magnani (1998).

num ou noutro bairro não é isenta de avaliações de quem fala: se se mora nos Jardins, rico, com posses e de família tradicional; se se mora em Higienópolis a avaliação é semelhante, mas a pessoa pode ser “acusada” de morar do lado “de lá” do Minhocão⁸ e, logo, tratar-se de uma farsante, alguém tentando passar pelo que não é, alguém que mora mal. Estar na Consolação, morar lá, depende de onde se mora, onde se está. Estar na Frei Caneca carrega um imaginário construído e parcialmente solidificado sobre o que seja a rua e o bairro⁹.

Segundo Jorge (1985), o bairro da Consolação passou por um grande e intenso processo de modificação do traçado de suas ruas a partir do fim do século XIX. Esse processo é marcado por mudanças pontuais no início da década de 1880 e depois pela laicização de diversas atividades outrora ligadas às igrejas no início da República. O autor destaca a presença de chácaras extensas nos arredores de onde hoje se encontra o Cemitério Municipal da Consolação, parte delas de posse de uma pequena nobreza nomeada pela participação na Guerra do Paraguai, ou seja, provinda das instâncias militares do império¹⁰. Por conta de grande movimentação política e troca de forças no nível da municipalidade, atividades como o cuidado dos enfermos e o enterro dos mortos passaram a ser de incumbência do Estado, até então realizadas pelas paróquias e em seus arredores nos jardins das igrejas. Isso também ocorreu pelas notícias de pragas e epidemias e a necessidade de isolamento dessas pessoas, culminando com a desapropriação de terrenos e criação do cemitério na então estrada de Santo Amaro, esvaziando os cemitérios ao redor das igrejas, estas chefiadas pela paróquia de Santa Ifigênia, visto que a Igreja da Consolação não possuía autonomia.

8 Minhocão é o nome popular do Elevado Costa e Silva, via expressa que liga as regiões Leste e Oeste da cidade.

9 Tais informações vêm de dados de campo, conversas com diferentes interlocutores na própria Frei Caneca e também em outras situações, como debates com colegas em conversas, eventos e congressos sobre os sentidos das ruas e dos bairros. Parte dessas conversas foram alimentadas por olhares atentos e informados, uma outra parte, não menos importante, por brincadeiras jocosas sobre o lugar de moradia de cada um. Considero que ambas possuem a legitimidade da apreensão do todo social, das relações de aproximação e afastamento que informam um grau de distinção (Bourdieu, 2008) dado a determinada localidade.

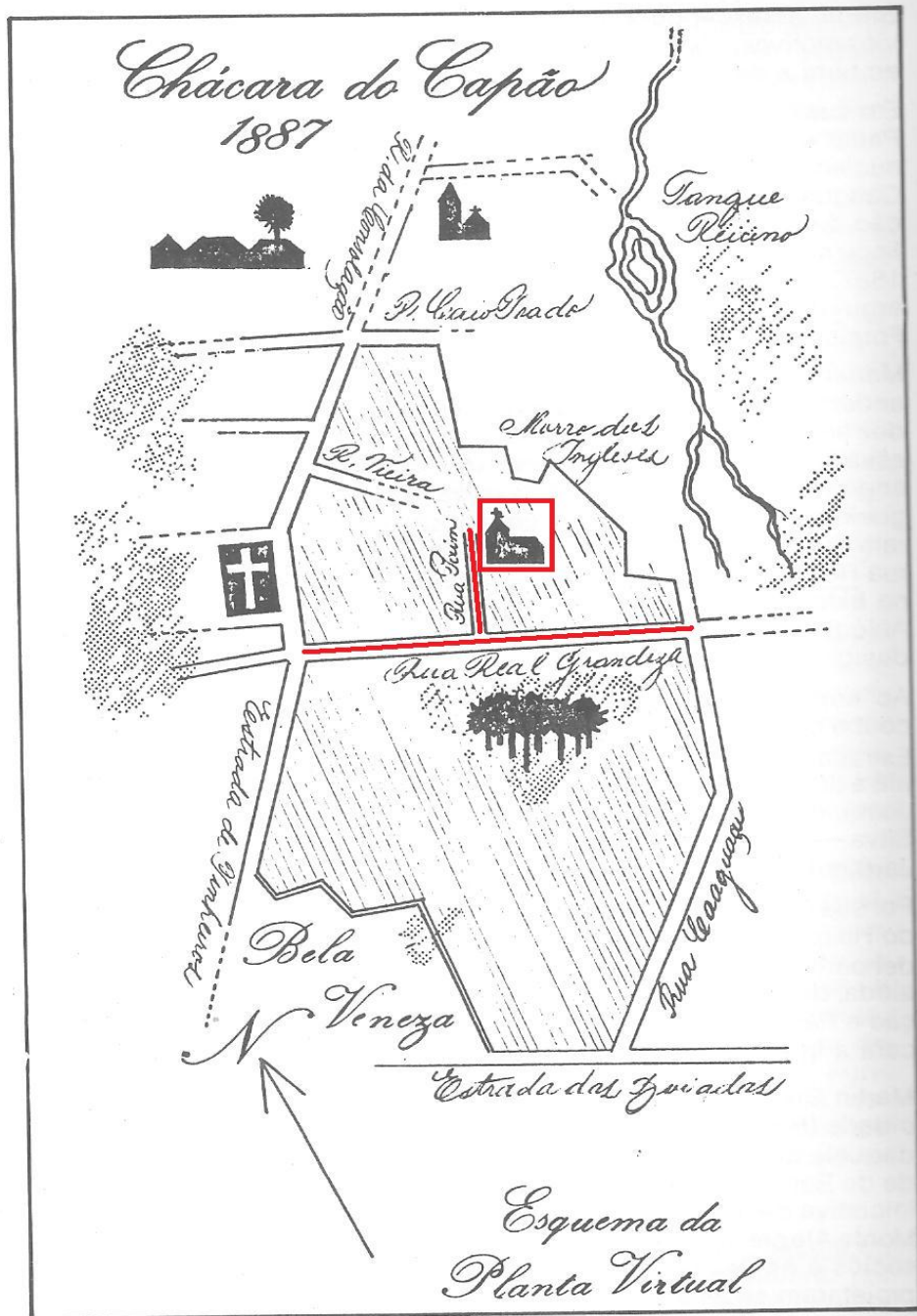
10 Em especial a família Taques, hoje nome de uma pequena rua de acesso da Rua da Consolação à Rua Bela Cintra.

Jorge também descreve como os diversos terrenos das chácaras foram “fatiados” em terrenos menores, abrindo-se caminhos por entre as novas construções: parte considerável destes terrenos perdeu a transição por herança devido à inexistência de documentos comprobatórios. Assim, alguns dos proprietários passaram a vender lotes das propriedades tendo em vista as ações já sendo feitas pelo poder público, o qual já iniciara a abertura de ruas que chegassem ao cemitério, aos hospitais e à Avenida Paulista¹¹. Ainda não tinha concreto no início do século XX, mas já haviam as ruas de paralelepípedos.

Ainda neste livro, o autor mescla tratar apenas dos limites oficiais do bairro da Consolação com todas as relações implicadas em outros espaços da cidade que tinham ligação com essa região, como as mudanças nos sítios de chá à beira do Vale do Anhangabaú e os dutos de fornecimento de águas do Largo do Arouche e Parque da Luz. Já há a tentativa de entender a cidade em mudança principalmente a partir da relação, dos trânsitos, do movimento. Entender a Consolação requer compreender uma série de outros contextos que informam a história da cidade de São Paulo.

Jorge apresenta um mapa interessante por marcar bem alguns lugares que informam a localização do bairro da Consolação, apesar falta de precisão. Nele constam já a indicação dos traçados da Avenida Paulista e Doutor Arnaldo, Rua da Consolação e até da Rua Frei Caneca, nenhuma dessas vias com esses nomes. A Frei Caneca, por exemplo, foi marcada como Rua Paim, por conta do sobrenome de um dos proprietários de terras daquela área; posteriormente um outro logradouro passaria a se chamar Rua Paim, ligando a Frei Caneca à Avenida 09 de Julho (àquela época, Avenida Anhangabaú).

11 À época chamada de Rua Real Grandeza, título de pompa para os novos moradores da burguesia ascendente provinda da produção de café. Um exemplo é a grandiosa propriedade da família Matarazzo onde hoje se localiza a esquina da Paulista com a Rua Pamplona, terreno que, em breve, receberá um shopping center.



Mapa 1 – Desenho de 1887 da região entre o Centro e os limites do Rio Pinheiros. No centro da imagem está a Avenida Paulista, então chamada de “Rua Real Grandeza” e cruzando esta, ao meio, está a “Rua Paim”, donde se vê o desenho de uma igreja. Esta é a Rua Frei Caneca. Fonte: Jorge, 1985, p. 64.

Um dos fatores que permitiram já constar o traçado da Frei Caneca foi o fato de haver uma paróquia, a Igreja do Divino Espírito Santo, centenária, ainda existente e localizada em um pequeno aclave, o que justifica o título de outeiro. Pelo desenho que marca a localização da Igreja do Divino, se tratava de uma construção de aspectos coloniais, assim como os antigos prédios da Igreja da Consolação e da Igreja da Sé (antes de se tornar catedral). Mesmo com um número muito baixo de moradores, a Frei Caneca já “merecia” existir em mapas por conta de sua localização religiosa e, dentre outras coisas, por fazer parte do então ciclo de festas e lazer relacionados com o calendário católico, como a festa do Divino.

Dados que atestem a mudança de nome de Rua Paim para Rua Frei Caneca são escassos e divergentes. A grande parte dos comentários faz apenas referência ao padre pernambucano que dá nome à rua, sem, no entanto, justificar essa alteração. Mesmo os moradores ou instituições atuantes na rua não possuem tal informação ou sequer conhecem a nomenclatura anterior, frequentemente relacionando a Paim à rua de aspecto degradado de hoje em dia, esta mesma passando por uma intensa transformação imobiliária.

O intervalo entre as décadas de 1960 e 1970 marca parte importante das alterações urbanas na região da Rua Frei Caneca, como a construção de edifícios residenciais e derrubada dos sobrados mais antigos. Como não pretendo aqui fazer uma ampla retomada histórica da rua, reconheço que há gargalos em relação à sua descrição, estes tópicos iniciais servindo como pontos para as descrições posteriores. No entanto reconheço que este salto temporal prejudica um entendimento linear dos acontecimentos na rua e na região. Ainda assim creio justificar tais saltos tendo em vista vislumbrar mais uma ideia de processos que pretendo lançar luz do que retomar uma linearidade histórica tão construída quanto qualquer outro meio de contar a rua.

Quando falo em região da Frei Caneca estou me atendo principalmente à sua paralela imediata, a Rua Augusta, e à Avenida Paulista. A Augusta, em especial, é um dos símbolos da cidade que mais tem passado por mudanças substantivas: desde ser a rua das lojas e alfaiatarias mais caras da burguesia paulistana vivente nos Jardins, até a rua das

prostitutas e, mais recentemente, a rua dos “emos” (Vega, 2008), dos “modernos”, dos “skatistas”, dos “straitgh edges” (Souza, 2005), dos “roqueiros”, etc. Um dos fatores marcantes do processo de alteração social da Augusta é a abertura do primeiro shopping da cidade de São Paulo, em 1961, o Shopping Iguatemi. Localizado na Avenida Faria Lima, no Jardim Paulista, o Iguatemi recebeu as primeiras lojas vindas da Augusta, afetando sensivelmente sua frequência pelos estratos mais altos.

A Augusta manteve seu aspecto comercial praticamente em toda sua extensão, mas a parte que segue da Paulista à Praça Roosevelt sofreu um processo de decadência do comércio de luxo, dando espaço para as primeiras casas de prostituição de mulheres, em meados da década de 1980. Os luminosos em neon marcam essas transformações e muito da identidade da rua como é reconhecida a maior parte das vezes ainda hoje¹².

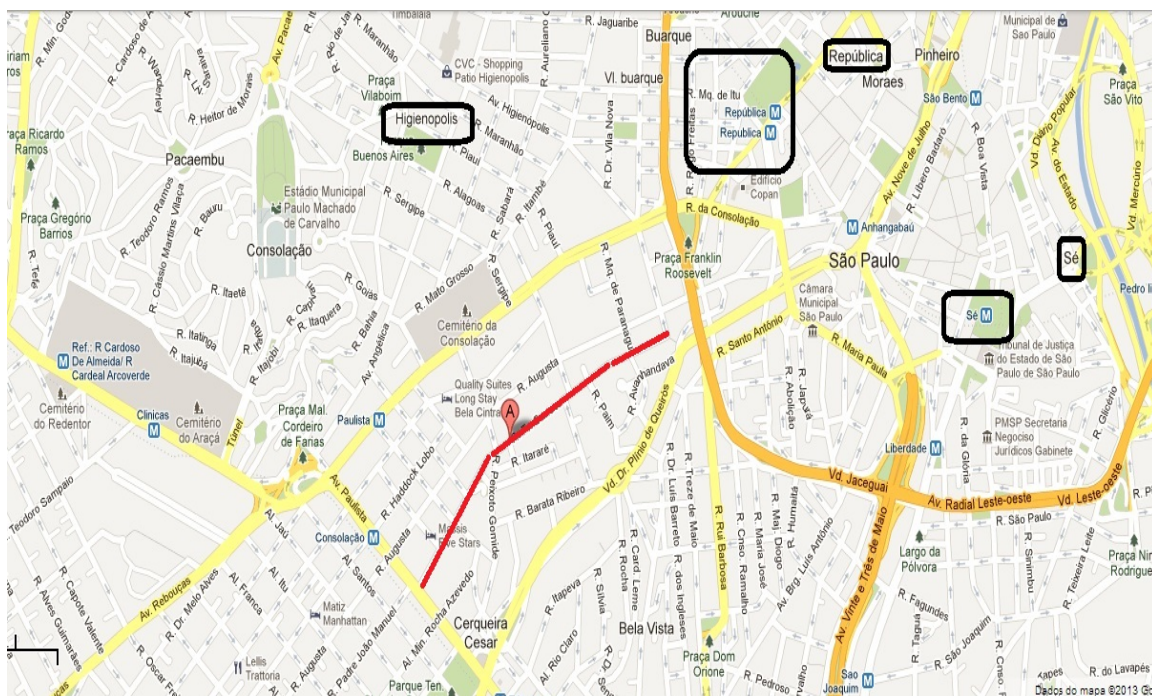
Há pouco material da Frei Caneca sobre esses períodos, mas comerciantes mais antigos e alguns moradores com os quais conversei e que caminhavam na rua davam conta de uma diferenciação bastante grande em relação à Augusta, mesmo sendo tão próximas. As prostitutas, por exemplo, não circulavam na Frei Caneca e esta se manteve primordialmente residencial até fins da década de 1990, possuindo pequeno comércio local, como farmácia, pequenos mercados, pequenos salões de beleza, padarias. Ainda assim, nesse período, já existiam duas casas noturnas na rua, uma sauna gay, uma concessionária de veículos e um cursinho pré-vestibular que movimentavam a rua e mudavam um pouco o caráter de pacata rua residencial. Além disso, há tempos a Frei Caneca conta também com uma dezena edificações de estadia temporária, como flats e hotéis.

É comum esse discurso de como a rua era calma, tranquila de se morar, sem problemas de trânsito, violência. Isso, ao que parece, começou a mudar na década de 2000, com o impulso das novas construções imobiliárias, comerciais e residenciais. Tal

12 Devido à “lei cidade limpa” (lei municipal 14.223/2006) a maior parte dos luminosos em neon foram retirados, tornando a caracterização da rua mais discreta. Esses neons foram recolhidos pelo proprietário do bar Volt, localizado na Rua Haddock Lobo, e hoje fazem parte da decoração interna do bar. Há referências às luzes e à movimentação da Augusta também nas músicas “Rua Augusta” (1964), composta por Herné Cordovil e interpretada por Ronnie Cord, com versões d’Os Mutantes e da Jovem Guarda; “Menina Gata Augusta” (1967), composta por Jorge Ben e Erasmo Carlos; “Hey Boy” (1970), composta por Arnaldo Baptista, Sérgio Dias e Rita Lee, d’Os Mutantes; “Augusta, Angélica e Consolação” (1973), composta por Tom Zé; e, mais recente, a música “Rua Augusta” (2010), composta pelo rapper Emicida. Há referências à Augusta também em Frúgoli Jr. (1990).

fato pode ser constatado tanto nas falas de moradores um pouco mais antigos, em matérias da imprensa (Redação, 05/05/2001) e também no relato de pessoas que passaram a procurar a região para viver, como algumas que moram ou moraram na Frei Caneca.

É impossível não fazer referência ao empreendimento imobiliário que faz parte desse grande processo de mudança e alteração do perfil da rua. Obviamente não quero indicar aqui que não houvesse outros estabelecimentos que já apontavam para essas alterações, bem como sugerir tamanha autonomia da Frei Caneca que a colocaria à parte de outros processos em outros bairros ou conjunto de ruas; quero apenas lançar mão de um olhar mais detido e direcionado à rua, tentando puxar suas correlações com outros espaços conforme se façam necessárias.



Mapa 2 – Rua Frei Caneca, destacada em vermelho, e as regiões da Sé, República e Higienópolis.
Fonte: Google, 2012.

O empreendimento citado é o Shopping & Convention Center Frei Caneca, o qual já fora objeto de estudo por mim¹³. Inaugurado em 2001, o Shopping Frei Caneca está localizado na rua de mesmo nome, no número 569, mais próximo, portanto, da região

¹³ Na pesquisa de Iniciação Científica “O Shopping Frei Caneca e a rua gay de São Paulo: uma abordagem etnográfica”, realizada no ano de 2009.

central oficial da cidade. Como já havia um fluxo relativo à presença gay na região¹⁴, não demorou muito para o shopping começar a receber em seu interior uma frequência substancial deste público. Há de se apontar, por exemplo, a existência de uma das duas únicas lojas de roupas masculinas Foch, que tem a preferência de alguns grupos gays, mais precisamente os que costumam frequentar casas noturnas e cultivar o corpo¹⁵ no Shopping Frei Caneca desde a sua inauguração.

O shopping em si não possui nenhum grande diferencial em relação às dezenas de outros estabelecimentos semelhantes existentes na cidade: cinco pisos, sendo dois de lojas de roupas, principalmente, um de serviços, um com uma praça de alimentação e outro com um teatro e uma rede de cinemas que já foi considerada a melhor da cidade. Possui ainda outros quatro pisos destinados a eventos e convenções onde se localiza também a parte administrativa do shopping e outro teatro. Praticamente não há área externa utilizável, apenas dois corredores que servem de acesso ao supermercado, localizado num piso abaixo do nível da rua, e a uma pequena praça utilizada por funcionários como lugar para fumar. Normalmente os frequentadores utilizam alguns espaços nas rampas de entrada como lugar para fumar.

O principal marco que liga o shopping à questão da presença gay se deu em 2003¹⁶, quando um casal que se beijava nas dependências do lugar foi expulso por um segurança. A militância LGBT e outros setores sociais se organizaram para realizar dentro do shopping um protesto intitulado “beijaço”¹⁷, quando vários casais, a maior parte deles

14 França (2006) já descreve algumas empresas direcionadas a esse público localizadas na Frei Caneca e um de meus interlocutores, Reginaldo (33 anos) afirma já haver uma conexão entre as ruas dos Jardins com o Centro pela Frei Caneca: “A Paulista está no meio, sempre no meio, mas se você olhar um mapa de cima vai ver um caminho que liga a República e o Centro aos Jardins pela Frei Caneca. Sempre teve gay lá, isso aumentou com o fechamento das coisas nos Jardins”.

15 Tais pessoas são chamadas de “barbie”, em referência à boneca de mesmo nome, por construírem sua corporalidade musculosa. Esse termo possui tom pejorativo, mas já se tornou vernáculo comum a diversos grupos gays, sendo comum sua utilização sem se tratar de ofensa. Para mais detalhes ver Simões (2004).

16 Ver Carvesan, 03/08/2003.

17 Num artigo escrito à época do protesto no Shopping Frei Caneca, André Fischer, um dos principais empresários de mídia direcionada a gays e lésbicas e propagador da sigla “GLS” (gays, lésbicas e simpatizantes), sigla originalmente referente a veículos populares mais luxuosos, os “Gran Luxo Super”, apresenta uma definição do que seja o beijaço: “O beijaço consiste em vários casais de gays e lésbicas se beijando ao mesmo tempo em locais que registrem casos de discriminação à orientação sexual de seus frequentadores.” (Fischer, 03/08/2003).

homossexuais, se juntam e se beijam em público como forma de protesto por terem suas expressões de afeto limitadas em espaços públicos e privados. Já nessa época o shopping possuía os apelidos que o fizeram famoso entre pessoas que nem conheciam São Paulo¹⁸: Gay Caneca, Frei Boneca, Bem Traveca. Alguns destes apelidos também passaram a circular de forma corriqueira em grandes veículos de informação quando se referiam à Frei Caneca e a temas das homossexualidades¹⁹.

Outro marco importante é a proposta de tornar a Frei Caneca oficialmente uma “rua gay”, semelhante a outras ruas temáticas existentes em São Paulo. Este fato em especial, informa o contexto da pesquisa, mas me aterei a ele mais à frente. Pretendo destrinchar um pouco mais a descrição da Frei Caneca no presente etnográfico a fim de situar, mais à frente também, os espaços que privilegiei para a pesquisa de campo

A Rua Frei Caneca começa a partir do encontro com a Rua Caio Prado e termina no cruzamento com a Avenida Paulista, mas o sentido de circulação de veículos é o contrário: eles saem da Paulista em direção à Caio Prado, tendo apenas um quarteirão em mão dupla. Na Frei Caneca não há pontos de parada de ônibus, mas algumas linhas acessam a rua a partir da Augusta pela Rua Marquês de Paranaguá para chegarem à Rua da Consolação. O movimento de veículos e pessoas aumenta sensivelmente a partir das 16h, horário em que as pessoas começam a encerrar o período laboral chamado comercial. Parte dessas pessoas aproveita para ir ao shopping ou a algum dos bares da rua, principalmente de quarta a sexta-feira, dias de maior intensidade nos “happy hours” e encontro com amigos.

18 Num dos campos realizados à época da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo de 2010 conheci André, um rapaz de 20 anos de idade, branco e loiro que passava o feriado em São Paulo. André aproveitava um envio de sua empresa para conhecer a cidade e a Parada e escolheu se hospedar na Rua Augusta “porque era próxima da Frei Caneca”. Perguntei-lhe se já conhecia o shopping e a rua mesmo não conhecendo a cidade: “Todo mundo conhece o shopping de ouvir falar, pelos apelidos, Gay Caneca. Por isso quis ficar por aqui e era um lugar mais barato também.” A conversa aconteceu no próprio shopping, no dia 01/06/2010.

19 Ver Galvão, 27/07/2008.

fim de conseguir maior aceitação, afinal estavam na Rua Frei Caneca, mas nunca mais os vi por lá.

Esse primeiro contato com os rapazes já trazia um alerta em relação à ideia de “rua gay” e definição de seus frequentadores e moradores como gays, ou homossexuais²¹, em potencial: de que forma isso se expressaria? O fato do exagero nos trejeitos para uma abordagem de ajuda financeira pontual expressaria antes um fator da existência de tais pessoas na rua²² ou uma suposição desses dois rapazes? Buscar uma única resposta para isso seria como tentar buscar a essência da expressão gay (ou homossexual, ou bicha, ou viada, visto a variedade de expressões que remetem a um mesmo ideário geral de homens afetivo e sexualmente interessados em outros homens), a qual não é meu intuito, pois parto do princípio que essas expressões, desejos e representações fazem parte de um léxico social muito mais amplo e que congrega diversas noções de sexualidade e gênero. Sigo as trilhas de Brah (2006) para pensar essas relações e como essas identidades emergem, assim como o foco em sua artificialidade como expresso em Butler (2003). Menos para afirmá-las como ilegítimas e mais para pontuar a falácia em sua essência, como postas desde dentro de um sujeito pré-concebido. Mesmo a antropologia clássica já ajuda a pensar identidades e fronteiras como constructos, meios de diferenciação que não estão postos a priori (Barth, 1998).

Também não existem muitos comerciantes ambulantes por lá: há o carrinho do milho cozido, na esquina da Frei Caneca com a Penaforte Mendes, lugar onde estão também o vendedor de incenso, colares e pulseiras artesanais, o vendedor de DVDs piratas e os distribuidores de folhetos de propaganda imobiliária e campanha política. Algumas vezes há divulgação de grandes festas de música eletrônica em casas noturnas da Vila Olímpia, com atores e atrizes fantasiadas, mas também são ações incomuns. Esses comerciantes não moram lá, se deslocam para lá. Consideram um espaço movimentado,

21 Conforme explicitado no início do trabalho irei me ater mais propriamente aos termos utilizados em campo. Gay é quase unanimidade quando alguém fala de si ou do espaço em que está, mas isso varia conforme se abordam outros temas, pessoas ou espaços. O uso de “homossexual” no lugar de gay comumente visa conferir à fala uma maior neutralidade ou isenção de preconceito em relação à expressão afetivo-sexual entre pessoas tidas como do “mesmo sexo”.

22 Algo contrário ao que alguns interlocutores me disseram ao definir o que era exatamente a rua gay Frei Caneca, menos afeminada que outras ruas ou regiões da cidade em alguns momentos. Isso será mais desenvolvido na Seção 4.

mas mais tranquilo do que a visada Rua Augusta, como dizem, lugar cujas calçadas são disputadas a tapa à noite já que durante o dia há uma ampla fiscalização e proibição dos lojistas da rua mais do que da municipalidade.

Passo a uma descrição mais detalhada de meu campo a partir de seu início oficial, na esquina com a Rua Caio Prado. Apesar disso a maior parte do fluxo de pessoas vem da Avenida Paulista (descendo a Augusta e acessando a Frei Caneca pela Peixoto Gomide) por ser o caminho para se ir ao Centro, sendo o contrário, a subida da rua, caminho para se chegar ao shopping. Ambas as extremidades são sensivelmente mais vazias em relação ao seu miolo, por questões que serão detalhadas a seguir.

2.1 Andando na Frei Caneca

Magnani (1996) define a caminhada²³ como uma possibilidade de interação etnográfica em contexto urbano para aquele pesquisador que ainda não conhece tão bem os espaços aos quais pretende pesquisar. Eu acrescentaria que este pode ser um método altamente eficaz para o estranhamento de locais aparentemente apropriados pelo pesquisador, como a priori pareceu ser o meu caso: já havia feito pesquisa na região, já tinha tido residência nas imediações, já a frequentava há tempos. Ou seja, dados pessoais meus que poderiam, à primeira vista, indicar uma apropriação do lugar me tornariam qualificado para falar sobre e por ele; não era bem como eu me via.

23 Afirma o autor: "(...) a caminhada – pelo efeito de estranhamento que induz – permite treinar e dirigir o olhar por uma realidade inicialmente tida como familiar e conhecida. [Deve] obedecer a um *timing* que a [distingua] do andar apressado e alheio do usuário habitual, assim como do passeante descompromissado. (...) O pesquisador, ao contrário, mesmo numa caminhada de reconhecimento, tem um plano pré-estabelecido e seu caminhar, mais lento que o do usuário e mais regular que o do passeante, deve permitir uma observação contínua e seguindo o fluxo do andar e parar." (p. 17, op. cit.).

Creio, e muitos autores já dissertaram longamente sobre o assunto²⁴, que essa familiaridade aparente é sempre uma via de mão dupla: pode ajudar a se localizar, mas, por outro lado, pode ser uma armadilha ao olhar etnográfico, uma das principais ferramentas do antropólogo em contexto urbano. Não quero essencializar a experiência na cidade como frontalmente diversa de pesquisas realizadas em contextos diferentes, como as engendradas pela etnologia ou restritas a um grupo tido como mais coeso, se é que isso ainda é possível de ser recortado, apenas salientar que o processo de apreensão do campo de pesquisa inserido num ambiente de estímulos constantes, dados que podem ser significativos provenientes de tão diversos interlocutores (pessoas, situações, eventos), a meu ver, necessita de uma atenção redobrada.

Não é possível se sentir totalmente pronto para tomar um lugar, um espaço ou mesmo uma relação como sua no processo da pesquisa. E eu não me sentia tão pronto no (re) início das idas a campo, as quais se efetivaram em meados de 2011, no início do ano, e deram um salto a partir de maio do mesmo ano. Considero, para os fins de minha análise, que os dados anteriores, da Iniciação Científica, fazem parte de minhas reflexões no mestrado, inclusas idas a campo esparsas na construção de meu projeto de mestrado, mas os dados principais se dão, claro, no campo realizado para esta pesquisa.

Voltando os olhos e pés para a rua: a Frei Caneca possui 1,5 km de distância, não é muito longa, pode-se percorrê-la em pouco mais de 15 minutos. Alguém que chegue à rua num dia comum pode não ver nada de mais, nada que poderia caracterizá-la como uma “rua gay”: não há bandeiras do arco-íris ou comércios que estejam claramente direcionados a este público em suas fachadas²⁵. Indo-se de seu início há pouco comércio e alguns prédios residenciais, apenas um construído nos últimos dez anos (do quarteirão

24 Destaco, em especial, a contribuição profícua e que encontra ecos até os dias de hoje na reflexão metodológica do trabalho de campo antropológico o artigo de Velho (1978), “Observando o Familiar”, o qual se apossa de um debate que ocorria já na sociologia americana, principalmente pela via do interacionismo simbólico, como no trabalho de Becker (1977). Menos reconhecida por essa discussão Guimarães (2004) merece ser citada por propor uma pesquisa com pessoas próximas e considerá-la, mesmo assim, uma aproximação legítima. Por fim, a “afetação” que atinge em algum nível a todos que se propõem e se permitem lidar com alteridades, no meu caso alteridades próximas, como tão bem Favret-Saada (2005) trouxe à tona.

25 Dois diferentes interlocutores apontaram isso em conversas esparsas. Um rapaz jovem, de cerca de 20 anos que vinha do interior, estranhava a Frei Caneca: “Vim para cá achando que ia estar cheia de bandeiras, uma coisa meio São Francisco, e não tem nada”. Uma colega, numa caminhada a passeio, comenta comigo, já na Frei Caneca, quando chegaríamos à “rua gay”; ao afirmar que já estávamos nela, sua surpresa: “Mas não tem nada nela, nenhuma bandeira”.

que segue da Caio Prado até a Rua Marquês de Paranaguá). Vê-se dois bares, um salão de cabeleireiros, uma oficina mecânica, uma assistência técnica de aparelhos televisores, uma pensão para homens, o antigo espaço da sauna Labirinttu's²⁶, um hotel e um pequeno mercado. O segundo quarteirão também não muda tanto (até a Rua Paim): uma padaria, uma drogaria, um café, um bar, um apart hotel, mais prédios residenciais. Desta até a Rua Dona Antônia de Queirós começam a surgir já diferenças tanto na constituição comercial da rua quanto em sua constituição residencial e no fluxo de pessoas: neste quarteirão está o primeiro conjunto de edifícios residenciais mais incrementado dos construídos na última década (são duas torres), um bar conhecido por ser direcionado ao público gay (O Gato) e mais um punhado de edifícios residenciais mais antigos.

A partir da esquina da Frei Caneca com a Dona Antônia de Queirós²⁷ estão as principais alterações na rua nos últimos dez anos: aí está o Shopping & Convention Center Frei Caneca (inaugurado em 2001); o conjunto de três torres residenciais Paulista Home & Resort; a torre comercial da mesma empreendedora ao lado; três dos principais bares inaugurados no contexto de uma “homossexualização” da rua (Tirreno's, Frey Café e Coisinhas e O Frei); um grande bar/restaurante mais popular, também inaugurado no período (Nova Bom Jesus IV); um mercado local, inaugurado igualmente nessa época (Dia %); a padaria e o bar Madadayo, mais antigos, mas reformados nessa época; uma adega; uma sorveteria de sorvetes de iogurte inaugurada no período; um açougue; e um bar na esquina com a Peixoto Gomide conhecido como “bar do cowboy”, porque o proprietário está sempre com um chapéu de vaqueiro.

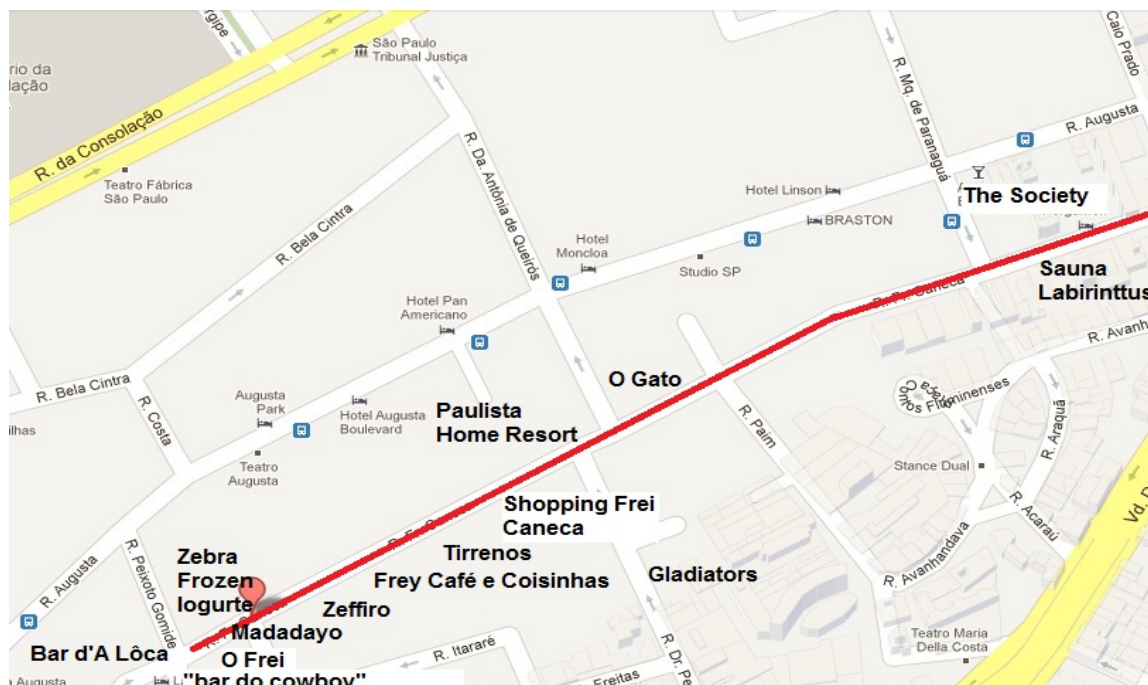
Antes de subir mais a rua é preciso salientar algumas coisas. Para os fins desta descrição estou deixando de lado as considerações sobre a Rua Augusta e outros espaços, os quais serão retomados em situações propícias. Mas quero destacar duas travessas da Frei Caneca, localizadas nos quarteirões descritos até o momento, que possuem equipamentos interessantes: a Marquês de Paranaguá e a Penaforte Mendes. Na primeira

26 Labirinttu's é uma sauna gay localizada na rua há mais de uma década e acaba de mudar de endereço, em outro número da própria Frei Caneca, após a compra do casarão que ocupava e do terreno contíguo para a construção de mais um empreendimento imobiliário. Com isso a rua perde mais um dos antigos casarões do início do século XX que resistiam.

27 Irei desconsiderar um pequeno trecho a leste da rua que faz esquina com a Rua Penaforte Mendes, já que as esquinas da Frei Caneca, como pode ser observado no mapa, não são exatas, havendo espaços que formam quarteirões de tamanhos diferentes em seu lado leste e oeste.

está localizada a The Society, casa noturna de padrão superior às existentes na região, dirigida a um público gay mais velho, tipificado como independente financeiramente e antenado com as novidades. A The Society segue uma tendência de casas noturnas em lugares antigos ou distantes de centros de lazer noturno consagrados, assim como casas noturnas abertas em Pinheiros e na Barra Funda, ocupando dois casarões geminados cujas fachadas foram recuperadas. A casa destoa da rua em que está, a qual possui apenas um bar muito simples na esquina.

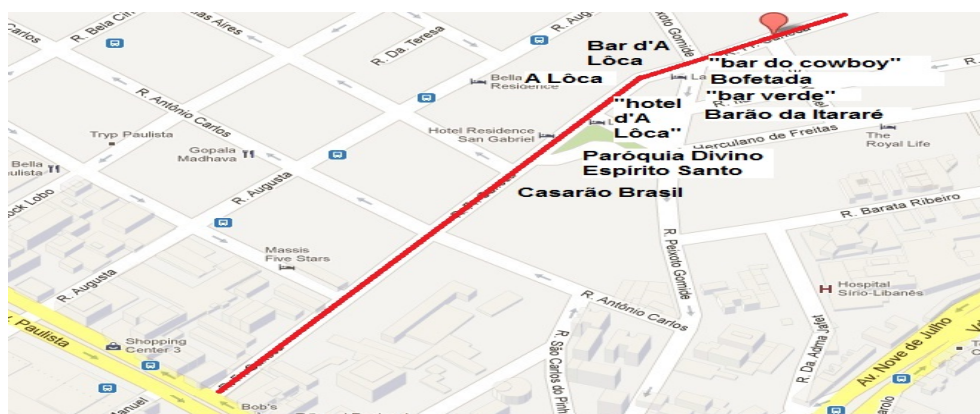
O outro equipamento é o clube de sexo Gladiators, na Penaforte Mendes, já descrito na pesquisa de Braz (2009). O Gladiators se diferencia do restante da rua por ser um clube de sexo numa rua quase totalmente residencial e com muitas pensões para pessoas de menor poder aquisitivo. Sua localização, nas proximidades do shopping, responde em parte sua frequência e escolha de espaço, já que a casa antes ficava nas proximidades do Largo do Arouche, rivalizando com outros clubes de sexo²⁸, como o Blackout.



Mapa 4 – Trecho da Rua Frei Caneca que vai da Rua Caio Prado à Rua Peixoto Gomide. Fonte: Google, 2012.

²⁸ Saunas e clubes de sexo direcionados a públicos gays comumente têm uma mesma função: oferecer um espaço discreto e privado para trocas sexuais, em casais ou grupos. Uma diferença mais geral entre esses dois tipos de estabelecimentos é que os clubes de sexo enfatizam a prática sexual, sem ofertar outros serviços como massagem ou saunas secas e a vapor, ainda que estes, presentes nas saunas, também possam fazer parte dos espaços de sexo.

Seguindo a caminhada em direção à Avenida Paulista chega-se ao quarteirão que vai da Peixoto Gomide à Rua Matias Aires, espaço que congrega o Bar d'A Lôca²⁹, três hotéis, a casa noturna A Lôca, um sushi bar, uma casa noturna de black music (Lapeju), pizzarias, uma loja de decoração, a paróquia centenária da rua (Igreja do Divino Espírito Santo), a casa que era ocupada pela Associação Casarão Brasil, uma escola infantil, o Centro de Cultura Italiana e três bares mais simples, reformados no último ano. Seguindo-se para a esquina com a Rua Antônio Carlos tem-se uma unidade do cursinho pré-vestibular Etapa, um laboratório médico, uma empresa de telemarketing, e um bar na esquina. Mais acima, até a esquina com a Rua Luís Coelho, diminui a quantidade de estabelecimentos comerciais e aumenta o número de prédios residenciais no lado oeste da rua; em seu lado leste há um hotel e parte substancial do quarteirão é ocupado pela Maternidade São Paulo, um edifício enorme abandonado³⁰. Próximo já à Paulista, a saída de uma praça de um conjunto comercial, uma agência bancária, um bar e uma faculdade privada. Nesse espaço há uma sensível diminuição do fluxo de pessoas, em ambas as direções, tanto em direção à Paulista quanto em direção ao Centro, algo que se modifica de fato na esquina com a Paulista.



Mapa 5 – Trecho da Rua Frei Caneca que vai da Rua Peixoto Gomide à Avenida Paulista. Fonte: Google, 2012.

29 O Bar d'A Lôca é o principal estabelecimento do tipo nesta esquina, mas há outros estabelecimentos semelhantes neste mesmo espaço, boa parte deles surgidos na última década: Flyer, O Frei, “bar do cowboy”, “bar verde”, Barão de Itararé e Bofetada.

30 A Maternidade São Paulo iniciou suas atividades em 1894 e seu prédio de 15 andares possui 19 mil m². Por conta de dívidas não sanadas e desinteresse de outras empresas em adquirirem o prédio, visto que este não pode ser demolido por ser parte do patrimônio histórico, o terreno está com as portas lacradas e cimentadas desde 2003 (Castro e Bertoni, 23/06/2012).

Essa caracterização serve para situar o leitor no campo da incursão etnográfica, toda a extensão da Rua Frei Caneca, partindo da ideia de que é necessário algum tipo de apreensão de sua totalidade, ainda que boa parte de seus espaços acabem ganhando destaque no desenrolar do trabalho. Isso se deu principalmente porque parto de uma premissa de senso comum que julga a rua como possuidora de uma identidade sexual em sua totalidade, não há nuanças nos discursos: a rua é gay, toda a rua é gay. Mas, ciente dos limites de tal discurso e mesmo de minhas possibilidades etnográficas numa extensão tão grande de espaços, foquei em locais mais apropriados para aprofundar determinadas questões, das quais dou maior relevância à ocupação dos espaços públicos e os sentidos dessa ocupação na definição de uma sexualidade, principalmente ao que se poderia diferenciar na relação identitária pessoal, coletiva e espacial.

2.1.1 Noite – da Augusta à Frei Caneca

A noite ferve na região, principalmente na Rua Augusta. Há cerca de 10 anos isso se tornou uma máxima, a diversidade e intensidade da noite no chamado Baixo Augusta³¹, mas a oferta de serviços de lazer, diversão noturna, gastronomia e serviços sexuais estão na região há tempos. Na Augusta, por exemplo, desde a década de 1960 há a presença de jovens roqueiros, os admiradores da Jovem Guarda e do iê-iê-iê. Lá era ponto de encontro para danceterias, lojas de roupas e referência para uma geração.

Há diversos apontamentos sobre as alterações na Augusta desde essa época, tomando a rua como um todo, já que esta se dividia entre a parcela mais requintada e lojas menos sofisticadas na porção central. Parte desses apontamentos dá conta de um processo de transição do comércio de rua, mais comum, para a ida de lojas para o então primeiro shopping center da cidade, o Iguatemi.

31 O “Baixo Augusta” refere-se à região da Rua Augusta em direção ao Centro, principalmente a partir dos quarteirões mais ocupados por casas de prostituição. Esse espaço é um caminho de descida da rua, a Augusta desce para o Centro; é também o seu início, a parte de numeração mais baixa. Mas a nomenclatura se tornou mais popular com a criação do bloco de carnaval Acadêmicos do Baixo Augusta em 2010 a partir dos sócios do bar Sonique e da casa de shows Studio SP. Um dos sócios desta casa também está à frente de ações culturais e de eventos em outras áreas do Centro de São Paulo numa rede chamada Baixo Centro. Muito provavelmente o Baixo Augusta não surgiu dessas casas noturnas, mas pode-se ver aí um meio de ampliar a titulação da rua.

Isso não fez com que o comércio da Augusta deixasse de existir, até os dias de hoje ainda é possível encontrar lojas de tecidos em sua porção sul, nos Jardins; mas as características da rua mudaram bastante, passando de rua com comércio fino e grifes nacionais e internacionais, a rua com lojas de roupas e acessórios “alternativos” e espaço de frequência de apreciadores, produtores e empresários da música eletrônica local e mundial nos anos de 1990³². Já a parte central passou a ter uma rede de cinemas referencial na cidade pela programação dita independente e de arte, mas o maior incremento comercial, que rivalizou com a rede de prostituição formada por mulheres nas calçadas e casas noturnas destinadas ao entretenimento adulto se deu na última década. Menciono a inauguração da casa noturna Vegas (2005), com uma programação voltada à música eletrônica e rock e a um público bastante diferente do comum na região, já que o Vegas se instalou numa das “saunas mistas” com prostituição. Anterior a isso, porém, foi a inauguração da casa noturna de rock Outs, mais para baixo na Augusta.

Muitas outras casas noturnas foram abertas posteriormente, algumas já fechadas, e o processo de alteração da rua não para. Atualmente as mudanças estão focadas na abertura de enormes terrenos para a construção de edifícios comerciais e residenciais, sendo estes últimos algumas das maiores novidades em um rua conhecida pela via da prostituição e pelo signo da “decadência”. Curioso como tais termos ajudam a justificar vários discursos sobre esse espaço, como o da revitalização e da “saudade” da “Augusta legal” de anteriormente, cerca de dez anos atrás³³.

Tal terminologia, no caso da Frei Caneca, surgiu muito recentemente e de forma bastante deslocada de um discurso mais geral. A ênfase na necessidade de uma “revitalização” da rua partiu do empresário Douglas Drumond, ao se referir à necessidade

32 Ver o cenário mais geral que Palomino (1999) tece a respeito da vida noturna de São Paulo, com especial ênfase às suas relações com a produção de música eletrônica, mercado de moda e circuito gay. Salvo A Lôca, a Frei Caneca quase não é citada, mas já há comentários sobre a Augusta, principalmente a sua porção Jardins.

33 Interessante notar como essa “nostalgia” da Augusta segue caminhos diversos: enquanto pessoas ligadas a associações de bairro fazem referência a uma Rua Augusta de glamour e elegância até meados da década de 60, como Célia Marcondes da Samorcc, outras sentem saudades da época em que a Augusta era legal “porque era diferente, tinha uma cara de decadência, de um lugar para iniciados, para poucas pessoas que conheciam a rua pelo que ela tinha de feio, sujo. Era lugar de música boa, mas o capital chegou, chegaram as patricinhas e os mauricinhos e tudo isso acabou” (conversa com Inês, 35 anos, comentando a “fase áurea” da rua como o pequeno período de 1998 a 2008, 2009).

de uma intervenção urbanística que reformasse todo o logradouro. A justificativa se dava por considerá-lo degradado, algo que nunca ouvi durante a pesquisa por moradores, frequentadores ou comerciantes da Frei Caneca. Aliás, a rua também tem uma “noite” interessante em parte de suas quadras, com um foco especial para a casa noturna A Lôca, a mais antiga da região, uma das mais antigas da cidade e resistente frente à breve vida das casas noturnas paulistanas. A Lôca nunca foi propriamente uma boate gay ou um lugar exclusivamente frequentado por gays. Desde seu início sempre houve uma presença grande de pessoas que não se identificavam como homossexuais e até noites nas quais seria bem difícil encontrar alguém assim definido. Como tentarei explorar, a inauguração da noite Grind muda muito do imaginário sobre a casa noturna a partir de uma identificação desta festa com um público “mix”³⁴, um público misto e direcionada a um público genericamente chamado de GLS. Com o tempo a casa passou a ser situada como espaço de frequência gay entre os próprios frequentadores, ao indicarem-na, e mesmo entre guias.

A noite na Frei Caneca, parte importante de minha pesquisa e um dos marcos do processo de definição da frequência gay neste espaço, remonta necessariamente à inauguração da casa noturna A Lôca³⁵. Inaugurada em 1997, a casa era conhecida pela oferta de um espaço *clubber underground*, um tipo de “cultura” musical baseada na valorização dos espaços de diversão chamados *clubs*, casas com DJs especializados em música eletrônica, considerados antenados nas tendências musicais internacionais. Os DJs, nestes espaços, têm papel de destaque e nos *flyers*³⁶ é imprescindível ter seus nomes como as estrelas que se apresentarão em cada noite. A casa se classificava pela alcunha de

34 O termo “mix” foi amplamente utilizado em fins da década de 1990 para se referir a espaços nos quais sexualidades variadas circulavam, mas mais frequentemente para indicar a presença de gays nestes espaços. Como exemplos cito a feira “Mercado Mundo Mix”, não mais existente, que congregava stands de jovens estilistas, acessórios, tatuagem, shows de *drag queens* e lançamento na área de música eletrônica. Os organizadores desta feira lançaram uma revista de moda, a “Mundo Mix”, também não mais existente. O termo também pode ser visto no auto-intitulado “maior site de conteúdo GLS da América Latina”, o “Mix Brasil”, detentor do festival de cinema e vídeo de mesmo nome e das revistas Junior e H Magazine. Vê-se que o termo não é isento de significados que remetem a uma ideia de gay ou homossexualidade.

35 Antes d'A Lôca existia uma outra casa noturna direcionada aos gays no lugar ocupado até ano passado pela sauna Labirinttu's e a Juke Joint, cujo público era mais diversificado, numa antiga casa demolida para dar espaço a um estacionamento. “Resquícios” desta última podem ser encontrados no Google Mapas, quando se aproxima a visualização da rua.

36 Flyer é o folheto de divulgação de casas noturnas ou festas destacando suas atrações.

undeground principalmente pelo espaço apertado, mal iluminado e com aparência de sujo e mal cuidado. A prioridade não era a aparente beleza limpa feita por decoadores renomados, mas um cenário de decadência proposital.

O caso d'A Lôca é *sui generis*, pois promovia esse destaque aos DJs sem dar foco aos maiores expoentes de cada estilo na atualidade, visto que a proposta era trazer ritmos e profissionais para tocar na casa que não tivessem tanta evidência ou fossem parte do *maisntream clubber*³⁷.

A estrutura da casa, muito simples, pouco se modificou com o tempo: as paredes revestidas de material de isopor garantem o isolamento acústico e, pintadas de um marrom acinzentado, dando a impressão de estar-se adentrando uma caverna. Num primeiro espaço, dividido em dois ambientes, há uma cenografia que remete a um ambiente fetichista: logo na entrada, uma cadeira de tortura, de ferro com algemas falsas; alguns sofás estreitos na frente do bar, cujo balcão é decorado com espermatozoides psicodélicos pintados; uma enorme mão faz as vezes de falsa pilastra na passagem de um ambiente para outro. Neste outro ambiente, mais sofás, uma espécie de alto relevo de um matadouro medieval, um pequeno espaço quadrado com assentos e um telão, com nova pilastra falsa em forma de deusa com quatro seios, olhos de luz vermelha e uma tela na cabeça. Um fliperama quebrado arremata a decoração.

A luz baixa fica direcionada a alguns detalhes cenográficos e garante cantos escuros para casais mais animados. Além destes espaços, há um lounge no piso superior com um pequeníssimo bar e um *dark room*³⁸ menor ainda. Há banheiros, outras duas salas com sofás e objetos de tortura expostos junto a um sarcófago cenográfico. Alguns painéis de fotos completam a decoração neste espaço, quente, abafado e de programação musical mais *pop*, como *hits* de estações de rádio FM e clipes mais vistos no YouTube³⁹.

37 A Lôca ficou conhecida pela programação das vertentes *house* e *techno lenha*, mais pesado, criando nomes reconhecidos pela qualidade musical a partir de seu próprio *staff* e contatos pessoais. Muitos dos comentários sobre a casa fazem parte de minha experiência pessoal e lembranças do início dos anos 2000, quando frequentava mais assiduamente a casa.

38 Dark rooms são espaços com pouca luz ou totalmente escuros, muito comuns em casas noturnas gays em fins da década de 1990 e presentes em algumas casas ainda hoje. A intenção destes espaços é permitir que os clientes possam ter trocas sexuais rápidas sem ser necessário sair da casa. No caso d'A Lôca e de outras casas noturnas o sexo e o consumo de psicotrópicos convivem nos dark rooms.

A Lôca sempre foi conhecida por ter uma das menores pistas de dança das casas noturnas da cidade: apertada, abafada e suja. O chão, quadriculado, comumente se entope de latas e copos plásticos nos dias mais cheios. Logo na entrada, o diminuto palco das apresentações de *drag queens* e outras performances; em sua parede, o desenho símbolo da casa, a Rainha de Copas do desenho “Alice no País das Maravilhas”, dos estúdios Disney. Duas escadas dão acesso à pista: uma delas acessa também o banheiro, unissex, com pinturas que remetiam a imagens de tortura medievais, essas já não existem mais. Ao fundo da pista, a cabine do DJ, em destaque e com iluminação própria. A cabine fica um pouco mais alta, mas o acesso do público não é difícil. Nas laterais da pista, *queijos* para que alguns frequentadores subam, já que não há *gogo boys*⁴⁰ na casa, como é costume em casas que se denominam como boates gays. Nos queijos d'A Lôca os próprios frequentadores podem fazer as vezes de destaque na pista.

Um dos marcos da programação d'A Lôca foi a inauguração do Grind (1999), matinê de rock aos domingos, dia comumente sem atrações nas casas noturnas da cidade na época. Intitulado pelo seu criador, DJ André Pomba⁴¹, como “Rock Project for Mix People”, a noite era direcionada a um público dito *GLS* pela falta de noites de rock em boates gays⁴². No início desta noite temática a casa abria às 19h30 e encerrava as atividades às 00h; com a popularização e a lotação nas noites do Grind A Lôca logo passou a avançar a madrugada dos domingos até às 08h da manhã das segundas-feiras.

39 A Lôca foi sendo tomada por um público gay mais jovem nos últimos anos e aos poucos direcionou sua programação musical para pop e vertentes mais conhecidas. No lounge, mais claro, é possível observar algumas performances de dança baseadas em coreografias dos artistas ou inventadas na hora por grupos alcoolizados animados, algo antes mais comum a outras casas noturnas. No início de suas atividades a frequência d'A Lôca era sensivelmente mais velha, algo em torno dos 30 anos, e de pessoas que não gostavam tanto de música pop.

40 Jovens rapazes, geralmente musculosos e sem pelos, contratados para dançar em palcos ou *queijos* e mostrarem partes de seus corpos insinuando *striptease*.

41 Pomba é o DJ oficial do Grind e de outras festas em diferentes casas noturnas da cidade. É criador da Dynamite, produtora que mantém o calendário de apresentações de Pomba, já possuiu uma revista especializada em rock e possui uma casa noturna própria na Bela Vista. Ele também fez parte do “Diversidade Tucana”, setorial LGBT do PSDB.

42 Desde a abertura d'A Lôca chamá-la de boate gay sempre foi um equívoco. A casa nunca se intitulou como gay propriamente e por vários anos seus frequentadores não poderiam ser definidos apenas por essa alcunha. O Grind altera um pouco esse perfil ao dar ênfase ao “mix people”, expressão que aproxima parte da frequência gay, e participar seguidas vezes com trio elétrico nas Paradas do Orgulho LGBT.

Isso se deu principalmente no início dos anos 2000, num contexto de alteração dos espaços destinados ao público gay, da política na cidade e início das mudanças imobiliárias da região da Rua Frei Caneca⁴³.

Apesar d'A Lôca ser central na caracterização da Frei Caneca como rua gay não é apenas este espaço que tem dado ênfase na sua identidade. A abertura de novos bares na própria rua e na Peixoto Gomide ajudam a compreender esse entendimento da Frei Caneca, principalmente o Bofetada, misto de bar e casa noturna, o qual agrega um público mais jovem e de menor poder aquisitivo⁴⁴. Além disso, a presença de grande contingente de pessoas no Bar d'A Lôca, esquina da Frei Caneca com a Peixoto Gomide, ajuda a solidificar uma ideia de presença maciça gay. Este bar não possui uma caracterização específica: em azul e branco segue o padrão de bares de bairro, com alguns balcões e mesas de ferro. Não há decoração e nem atendimento especial. O que há é uma frequência volumosa certa nas noites, principalmente aos finais de semana.

No entanto esse contexto é bastante recente, apesar do debate acerca da presença gay em algumas regiões da cidade não ser novo. Parte do léxico que ligaria a presença gay na Frei Caneca a um processo de criação de um “gueto gay” foi trazido à tona pelo debate sobre a criação de uma rua gay, perpetrado pelo empresário Douglas Drumond.

Gueto e guetização são sempre termos problemáticos e de sentidos diversos, amplamente apropriados por discursos nativos, pela mídia e por setores sociais. Gueto num contexto de pobreza pode ter um sentido positivado, assim como na afirmação dos valores relacionados às pessoas negras; mas em relação aos gays e às homossexualidades comumente remete a um espaço exclusivo, restrito e limitado de circulação das pessoas assim entendidas. Dessa forma parto para a explanação mais sistematizada sobre as possibilidades semânticas que gueto e gueto gay podem ter a partir da aproximação com

43 É nessa época que as casas noturnas destinadas aos gays localizadas nos Jardins começam a sofrer as primeiras baixas, com o fechamento da Ultralounge e do bar Allegro; também nesse período, na campanha eleitoral de Marta Suplicy (PT), que culminou com sua eleição em 2000, a candidata foi a A Lôca de surpresa fazer um pequeno discurso ao público do Grind; por fim, em pouco tempo seria inaugurado o Shopping Frei Caneca.

44 Inaugurado em 2011, o Bofetada Club fica na esquina oposta ao Bar d'A Lôca e é caracterizado por baixa luz, a presença de casais mais velhos na parte térrea, no bar, e pela presença de pessoas mais jovens, de 18 a 25 anos em média na pista, no piso de cima, dentre homens e mulheres. A casa é bastante abafada e atrai um público volumoso e fiel, apesar de várias falas em campo que o caracterizam como lugar indesejável. Após a inauguração do Bofetada outros três bares bem ao lado abriram suas portas, sendo frequentados por gays e lésbicas, mas possuindo um maior número destas últimas em relação a outros bares da região.

uma bibliografia nacional profícua na década de 1980 sobre o assunto, sua retomada em meados dos anos 2000 e algumas possibilidades interpretativas. Entender essa questão ajuda a compreender quem fala o quê sobre a rua.

2.2 Gueto e gueto gay: retomando o contexto de utilização dos termos no campo de pesquisa

Parte dos dados retomados aqui já foi citada anteriormente e serão pontuados a fim de iniciar a reflexão sobre os diversos usos do termo gueto e gueto gay no campo de pesquisa⁴⁵. Tais termos emergiram no contexto da tentativa de oficialização da rua como rua temática e ganharam força nos discursos locais, principalmente entre os frequentadores da noite na Frei Caneca. Gueto gay, principalmente, ganha relevância por ser uma expressão mais amplamente utilizada e a qual, me parece, carece de um olhar mais detido teoricamente pensando essa relação a partir das idas a campo. No mais a expressão surge como sugerindo uma espacialidade concisa, homogênea e restrita de presença de um certo tipo de sujeito, esta também pensado a partir de uma homogeneidade identitária compartilhada com outros, o que conferiria uma inteligibilidade facilitada. Gueto gay também sugere uma “força” externa que pretenda circunscrever o espaço de trânsito dos tais gays na “rua gay”, algo um tanto indesejável, mas reconhecido como parte da conformação dessa presença tida como homogênea e concisa. A seguir, portanto, há uma intenção de retrabalhar uma problemática teórica e empírica, por um lado, e um esforço de trazer à tona termos comuns na área de estudos urbanos para pensar outras realidades, mas pouco dissertado quando se pensam em espaços cujos índices de sexualidade podem se tornar traços preponderantes.

45 É importante frisar que essa primeira análise pode sugerir uma ênfase excessiva em falas institucionais, mas é um modo de chegar até as diversas falas de outros interlocutores que se expressam de maneira semelhante. Pode também parecer privilégio a essas mesmas falas, mas tem somente a intenção de ilustrar um contexto de emergência dos termos, que não se reduz a este uso e se expande, dependendo da situação da fala.

Em julho de 2008 o presidente da Associação GLS Casarão Brasil⁴⁶, Douglas Drumond, apresentou à imprensa o projeto de lei para tornar a Frei Caneca uma rua temática oficial, no caso, uma rua gay. Na oportunidade, uma matéria veiculada na internet, referindo-se à polêmica do projeto e trazendo à tona o debate sobre a rua gay de São Paulo (PRONSATO, 13/08/2008), expunha a opinião de Drumond, de Célia Marcondes, presidente da Samorcc (Sociedade dos Amigos e Moradores de Cerqueira César), e de Xande, à época presidente da Associação da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo (APOLGBT).

Célia Marcondes está à frente da Samorcc e por vezes surge na imprensa como mediadora de problemas vividos pelos moradores do bairro de Cerqueira César. À época ela se posicionou contrária ao projeto: “Espero que a Frei Caneca seja uma rua para todos. As ruas são públicas, são para todos. Não podem ser um gueto”. Marcondes ainda argumentou que nem todos os moradores da rua seriam gays e que os mesmos não poderiam conviver com esse *estigma*; também salientou a existência de crianças e idosos e da paróquia centenária como dados a serem considerados sobre o assunto. Já para Xande, da APOLGBT, criar uma rua temática gay seria criar um espaço de segregação para os homossexuais, um “gueto”, quando na verdade se necessitava brigar pela aceitação em todos os logradouros da cidade. Xande não está mais à frente da APOLGBT, mas mantém-se como militante. Ainda na época da divulgação dessa matéria a entidade se manifestou em tímido apoio ao projeto.

A partir desse exemplo pode-se inferir sobre alguns possíveis entendimentos dos uso de gueto e gueto gay. Há ao menos dois sentidos: o de um espaço reconhecível como de apropriação e pertença por um determinado grupo, o que traria maior frequência e a sensação de segurança; ou o de um espaço limitado para uso de determinado grupo, o qual não teria autorização para circular em outras partes da cidade. Este último parece ser um sentido mais amplamente compartilhado por boa parte dos interlocutores com os quais conversei, como será observado mais à frente, e em ambos pode-se pensar que a fácil localização de um determinado grupo de pessoas, como entendido num imaginário mais geral (conciso, fechado e unívoco), acaba por vulnerabilizá-los ante atos de

46 A Associação GLS Casarão Brasil foi empreendimento pessoal de seu presidente e era mantida pelos ganhos que este tinha com outros empreendimentos; atualmente a associação encerrou as atividades e deixou a casa em que possuía a sede física, mas ainda existe.

violência direcionados. O sentido atribuído por Drummond também sugere um espaço de apropriação que não se resume ao passeio e a compras, tendo o poderio de compra como fator importante, mas também à moradia intensiva, o que poderia tornar a Frei Caneca uma nova Castro St., rua de São Francisco conhecida pela presença e moradia ostensiva de homens gays, além da oferta de serviços diversos voltados a esse público⁴⁷.

À guisa de uma definição da questão, é notório o uso polissêmico da possível *guetização* do espaço da Rua Frei Caneca. O termo gueto, no entanto, pode ser localizado historicamente no campo das Ciências Sociais próximo a diversos campos semânticos, conforme vem sendo re-apropriado para descrever contextos e ocupações diversos. Sem pretender dar cabo de uma genealogia do termo, quero trazer contribuições significativas que informam parte considerável dos autores brasileiros que pensaram em gueto em relação à sexualidade.

Pode-se, portanto, observar uma primeira incursão conceitual sobre a ideia de gueto nos estudos da Escola Sociológica de Chicago, principalmente acerca dos agrupamentos de imigrantes judeus na cidade em estudo pioneiro de Louis Wirth (1969 [1928]), “The Ghetto”. Ao invés de propor uma análise patológica do espaço urbano, gueto, em Wirth, remonta a uma dinâmica social específica, pautada na organização. Este autor, inclusive, retira o termo dos espaços de segregação forçada de judeus em cidades europeias, o que não ocorreria em Chicago: unidos por uma religião, traços étnicos e língua comum, no caso o ídiche, os judeus emigrados se uniram pela similaridade num determinado local, e não necessariamente pela diferença em relação a outros grupos. O que emerge é uma certa média de identidade judaica que poderia definir cada membro do grupo.

Já Lóic Wacquant (1996; 2001) tem feito uma defesa do uso contido e restrito do termo a uma realidade específica, a dos negros norte-americanos, tendo como vetor a questão étnico-racial no contexto pós-fordista de desindustrialização de bairros periféricos e nas lutas raciais das décadas de 1950 e 1960. Segundo o autor, gueto se refere a um espaço de segregação forçada em regiões de periferia de grandes cidades, nas

47 Ao que parece mesmo a Castro St. passa por mudanças de seu perfil para casais heterossexuais jovens que buscam um ambiente mais livre, os quais conseguem encontrar oferta de apartamentos pela morte dos moradores gays mais velhos que não tiveram descendentes, segundo amigos que estiveram em São Francisco recentemente.

quais esses grupos teriam baixa oferta de serviços públicos, forçando-os a constituírem instituições paralelas que suprissem suas necessidades. Além disso, a constituição de um gueto estaria intimamente relacionada com processos de transformação econômica que poriam os estratos negros fora do mercado de trabalho, colocando a questão em termos de uma instância dominante e grupos estigmatizados dominados, ou seja, uma classe que definiria essa situação imposta aos negros.

Um dos alertas de Wacquant está numa certa utilização disseminada e pouco definida do termo, o que o aloca em explicações de realidades muito diversas entre si, diminuindo a força explicativa do conceito. A ideia de algo exótico e violento costuma acompanhar a noção de gueto, o que, segundo o autor, está mais na construção que o pesquisador faz do que o observado. Ele indica três premissas perniciosas ao se considerar o gueto norte-americano e as quais deveriam ser seguidas para se evitar equívocos ao se considerar outras realidades: diluição da noção de gueto; predefinição de uma formação social desorganizada; e tendência a exotizar o gueto (1996, p. 146). Suas incursões etnográficas lhe mostram o contrário e sua ênfase, semelhante à de Wirth, se dá na regularidade social do grupo observado. No entanto, em seus escritos, o que se observa é uma definição do gueto negro como algo *sui generis*, de realidade única e precisa apenas naquele grupo, ou seja, com fortes diferenças frente ao que se considera fora do gueto e, de forma geral, estrato dominante.

Wacquant ainda se contrapõe à definição de constituição de guetos, à maneira americana, nos subúrbios franceses. Segundo ele, não apenas a imprensa sensacionalista e o senso comum estariam produzindo essa ideia desprovida de qualquer noção sócio-histórica da formação de um gueto, bem como sociólogos, como Alain Touraine, que lê o subúrbio parisiense como segregação espacial. O antropólogo francês Michel Agier (2009) se contraporá, mais tarde, a esses empecilhos impostos por Wacquant: segundo ele, a globalização seria um processo de mundialização de realidades de segregação. Pensar, portanto, em gueto restrito apenas a realidade dos negros norte-americanos seria uma imprecisão de observação quanto à realidade social contemporânea de fluxos e trocas mundiais.

Peter Marcuse (1997), sociólogo americano, procede a uma tentativa semelhante à de Wacquant quanto a precisar as possibilidades analíticas da noção de gueto, partindo da

consideração da desindustrialização de bairros periféricos, o que constituiria enormes grupos de desempregados territorialmente localizáveis. Para ele há uma possibilidade de taxonomia mais precisa do conceito, incluindo possibilidades de nomeação de outros tipos de segregação no espaço das cidades, como enclaves e cidadelas, quase todos os exemplos referentes a realidades norte-americanas. Gueto poderia ser utilizado apenas em *situações de segregação involuntária seguida de discriminação e relacionada a questões étnico-raciais e de classe social inferior*; enclave seria um termo mais apropriado para separações espaciais concentradas, mas não exclusivas, voluntárias e marcadas por relações culturais e de estilos de vida; já cidadela seria uma definição específica para separações de caráter de fortificação militar, como cidades imperiais. O exemplo para gueto, segundo o autor, se daria na questão dos negros e judeus; para enclave em bairros como Chinatown, em São Francisco, e Soho, em Nova Iorque. Poder-se-ia proceder a uma aproximação com a ideia de enclave no que se refere a bairros densamente povoados por gays, como o Castro, em São Francisco, Estados Unidos, por exemplo.

Levine (1998 [1979]), sociólogo americano, é um dos primeiros a se utilizar da ideia de gueto gay. Saliente-se que sua produção é anterior às considerações conceituais acerca da definição precisa de gueto e, portanto, sua perspectiva de análise não é informada pela maior parte das reflexões retraçadas acima.

Levine se centra na ocupação de bairros inteiros quase exclusivamente por gays em algumas grandes cidades americanas, pensando na emergência do termo como identificador médio de populações homossexuais. Segundo o autor, há edifícios inteiros ocupados por esse grupo, além de lojas e outros serviços, o que daria uma face específica a esses espaços. Essa ocupação, inclusive, se dá de maneira voluntária e, diz, como meio de manter proximidade com iguais, trazendo um ambiente de segurança e familiaridade. Sua proposição é bastante diversa de Wacquant e Marcuse; seus escritos são anteriores também, mas o que é interessante demarcar é uma ideia um tanto disseminada da existência de uma “cultura gay”⁴⁸: termos próprios aos homossexuais que o singularizariam perante a sociedade como um todo, para além das práticas sexuais, tais como modos de falar, vestimentas, etc. No caso de pesquisas empreendidas no contexto brasileiro tais termos foram utilizados com uma série de mediações.

48 Que remonta à ideia de unidade, homogeneidade e concisão de um grupo facilmente identificável pelo tropo do comportamento sexual.

Inicialmente pode-se indicar a ausência quase total da utilização da noção de gueto na Antropologia e Sociologia voltadas às questões urbanas, como aponta Frúgoli Jr. (2005). Comumente as ideias de subúrbio e periferia foram mais acionadas para tentar explicar realidades locais de segregação sócio-espacial, sem se querer indicar fenômenos semelhantes aos dos negros norte-americanos nas grandes cidades brasileiras.

Já a expressão gueto gay foi mais apropriada em textos de fins da década de 1970 e início de 1980. MacRae (2005 [1983]), por exemplo, considera como gueto gay um espaço circunscrito à região central da cidade de São Paulo, relacionado às imediações da sede do grupo Somos, um dos primeiros coletivos de defesa dos direitos homossexuais. Mais precisamente um grupo de bares e outros locais de encontro público, mas não necessariamente um grupo de ruas. Sua defesa, como um manifesto político, se dava no sentido de atribuir à presença ostensiva e pública de gays em certos horários do dia como manifestações de cunho afirmativo, como forma de ativismo político involuntário. Um vetor de junção deste grupo estaria pautado, portanto, numa identidade sexual definida e fixada e não em outras condições, como questões de classe ou étnicas. Há um pressuposto de junção identitária no espaço por conta da orientação sexual explícita.

Simões & França (2005), ao retomar MacRae, operam de maneira semelhante com a ideia de gueto gay, mas aproximando-a ainda mais de um mercado GLS em expansão nos anos de 1990. Suas considerações recaem principalmente na constituição de um “circuito gay” formado por diversos serviços concentrados em algumas regiões da cidade, mas espalhados também por bairros que não são reconhecidos pela presença deste público. O que une essas regiões, formando um circuito, é o reconhecimento pelos seus usuários de um caminho a percorrer para acessá-los, criando, de uma certa forma, espaços identitários cognoscíveis apenas a seus usuários, semelhante à concepção de circuito cunhada por Magnani⁴⁹ (1996). Gueto gay, neste caso, segue a ressalva de não se referir a um espaço delimitado muito restrito e nem ao fato de haver necessariamente a residência de gays nessas regiões (eles migrariam para lá em certos momentos, para encontrar amigos aos finais de semana, para dançar, etc) e nem uma segregação forçada.

49 Segundo Magnani (1996, 45) a noção de *circuito* “une estabelecimentos, espaços, e equipamentos caracterizados pelo exercício de determinada prática ou oferta de determinado serviço, porém não contíguos na paisagem urbana, sendo reconhecidos em sua totalidade apenas pelos usuários (...)”.

2.2.1 Gueto gay e territorialidade: sociabilidades e sexualidades

Me remeto aos escritos de Néstor Perlongher (1987; 2005 [1991]) que, apesar de ter produzido suas reflexões na década de 1980, promove um caminho teórico que mantém seu fôlego, acionando contribuições diversas aos estudos sobre a cidade para construir seu argumento acerca do que poderia ser mais bem entendido como gueto gay na cidade de São Paulo. Partindo de seu trabalho de campo sobre a prostituição masculina no Centro, o negócio do michê, Perlongher retoma Levine, já citado, para contrapô-lo, utilizando-se de uma noção mais alargada de “região moral”, expressão conceitual cunhada por Robert E. Park, um dos fundadores da Escola Sociológica de Chicago.

Não sem ressalvas, o gueto gay paulistano se assemelha a uma região moral, segundo Perlongher, por ser abrigo de uma miríade de grupos marginalizados socialmente, como gays, prostitutas, travestis, moradores de rua; e até pessoas que realizam atividades ilícitas como o tráfico de drogas, roubos e furtos. Para Perlongher, o foco está no local da margem e não na constituição de um território identitário de pertença e moradia; a presença é situacional. Os sujeitos se constituem na relação com o espaço e com os interlocutores, não existem *a priori*. Um exemplo são os trechos de ruas, muitas vezes alguns quarteirões e não as ruas inteiras, ocupados por um ou outro tipo de michê: mais ou menos masculino, mais ou menos negro, mais ou menos perigoso. O reconhecimento que traça o interesse sexual vaga de uma rua à outra, do processo de compartilhar dados que tornam cada sujeito reconhecível como interessante sexualmente, mas não estão inscritos nos espaços físicos da rua, ainda que estes ajudem a fixá-los momentaneamente. Essa é uma das hipóteses nas quais me apoio para pensar, por exemplo, definições identitárias no contexto da Rua Frei Caneca.

Sua contraposição tanto à noção de gueto como cunhada por Levine quanto à de Wirth se dá justamente porque essas, ao pensar na fixidez de um grupo no espaço (gays, num caso, judeus, no outro), tendem a entrever uma definição identitária dos sujeitos, ou seja, deixa passar processos de nomadismo, fluxos e trajetos que problematizam isso. No caso de Levine, a existência de um gueto gay passa necessariamente pela insurgência de uma identidade gay assumida e tornada pública, ou seja, fixada socialmente. O padrão que Perlongher vislumbra é outro: o da desterritorialização dos sujeitos de seus pontos de

origem (família, periferias, etc) e da reterritorialização no percurso do gueto gay (bares, saunas, pontos de encontro). Não haveria, portanto, uma identidade sócio-sexual fixada de antemão, mas identidades acionadas situacionalmente, dependendo, inclusive, do local em que se está. No caso da prostituição viril, estar numa rua torna o sujeito mais ou menos viril, mais ou menos afeminado; o território concreto e fixo possibilita a criação de identidades, mas não as define. Aqui, o simbólico no concreto, sem que isso o torne menos asfáltico.

Partindo, portanto, dessas noções de gueto, Perlongher propõe como conceito analítico a ideia de territorialidade, espaço circunscrito na cidade, mas que não se resume a ele para entendê-lo. Também irá propor a ideia de territórios marginais e territorialidade itinerante, essa última repondo o fluxo, a dinâmica e o movimento nos estudos urbanos permite observar permanências, mas mantém o olhar alerta para as mudanças.

As relações observadas na Frei Caneca sugerem uma semelhança com a itinerância proposta por Perlongher: espaços reconhecíveis de determinada identidade de gênero, sexual, de classe, raça e estilo; fixa e fixada nos discursos. Mas o olhar atento aponta: o que é fixo muda, se altera, retrai ou expande. Um homem tido como gay pode se tornar bicha no Bofetada ou barbie no Frey; *cafuçu*⁵⁰ à caça de um viado.

O que se pode considerar, no caso paulistano, por exemplo, é a possibilidade da constituição de um enclave em determinados períodos e regiões, com muitas ressalvas, à maneira da explicação de Marcuse. Mas o ponto chave da conceitualização de Perlongher, pode-se afirmar, é problematizar definições de fixação de processos dinâmicos que se dão no nível dos acionamentos dos sujeitos. Parte da bibliografia que o informa trata justamente da desconstrução de conceituações fechadas de identidades de gênero e sexualidade, entreando o quanto tais índices identitários são permeáveis e permeados por contextos diversos.

Além disso não se pode deixar de pensar na utilização do termo enclave no caso do trabalho de Caldeira (2000), relacionada ao fenômeno dos condomínios fechados residenciais localizados em cidades da Grande São Paulo ou em bairros limítrofes, mais

50 “Cafuçu” é um termo amplamente utilizado pelos gays para se referir ao homem de traços rudes, comumente negro, trabalhador braçal de corpo parrudo e peludo. É ativo, bem-dotado e heterossexual. Em si estão todos os estereótipos da virilidade extrema e à toda prova. A pesquisadora Isadora Lins França possui reflexão interessante sobre o assunto, ainda em produção.

distantes do Centro. Parte da propaganda e do interesse por essas localidades, ainda em ampla expansão, se dá pela oferta de espaços abertos, arborizados e segurança, além da limitação de convivência de moradores com perfil sócio-econômico semelhante, garantido pelos altos preços empregados. Tais empreendimentos impõem limites físicos com a rua e com espaços exteriores devido aos altos muros que os cercam e contestam as relações imprevistas possíveis no cotidiano da cidade. Caldeira chama estes empreendimentos de *enclaves fortificados* e pode-se relacionar tanto o enclave no sentido de Marcuse com os enclaves fortificados da autora para começar a pensar as alterações de moradia e do sentido de se mudar para morar na Rua Frei Caneca: se está no Centro desejando o Centro?

Uma rua tem muitas coisas: bares, casas noturnas, clubes de sexo; muitos gays, poucos gays, pessoas que se incomodam com isso, outras que achavam que haveria muito mais gays. Uma rua tem árvores, calçadas, sarjetas sujas de cigarro e garrafas de cerveja nas manhãs de sábado. Prédios novos, velhos, terrenos sendo abertos o tempo todo. A Frei Caneca tem tudo isso. Tem sentidos, sensações, experiências. Tem disputa, discursos, limites fáceis de mapear, fronteiras difíceis de definir.

A caracterização feita até aqui pretende subsidiar o entendimento de um processo em andamento mais do que uma observação finalizada. Há muita coisa acontecendo na Frei Caneca e em seu entorno e em breve o cenário existente já estará bastante modificado. Parte importante disso tem sido produzido principalmente pelos empreendimentos imobiliários e pelo incremento do lazer noturno, os quais ajudam a definir e caracterizar a rua e sua frequência, não só textualmente, mas imageticamente. Após essa breve leitura das tessituras da cidade (Barbosa, 2012), segue a leitura dos textos sobre a rua que informam um entendimento da cidade e de sua sexualidade em propagandas imobiliárias e guias dirigidos.

3 LAZER E MORADIA NA FREI CANECA: PADRÕES DE CENTRALIDADE E SEXUALIDADE

No caso da região da Frei Caneca a inauguração do shopping, em 2001, marca o investimento imobiliário voltado para este espaço, outrora esquecido pelos custos envolvidos na falta de terrenos com tamanho suficiente para abarcar alguma construção. Esse fenômeno não é nem recente e nem restrito à Frei Caneca: desde fins da década de 1990 há um incremento substancial no investimento imobiliário, algo que aumentou significativamente na década de 2000 em todo o país, mesmo em cidades do interior ou de estados que não tinham tanta participação no PIB do país⁵¹.

Parte disso se justifica pelo momento econômico favorável, apoio direcionado dos governos e pelo déficit habitacional brasileiro. Mas as escolhas dos lugares, bairros e ruas nos quais as construções se concentraram diz muito sobre que tipo de retorno e clientes o setor imobiliário (pensando em corretoras, bancos financiadores e construtoras) imagina atingir.

Um dos exemplos mais interessantes é o foco dirigido à Barra Funda e seus arredores por conta dos diversos galpões industriais inutilizados, dando espaço a grandes terrenos de um proprietário só. Neste caso não só a Barra Funda sofreu forte incremento bem como bairros adjacentes, como a Água Branca, Pompeia e até a Vila Romana, já chegando na Lapa, todos bairros da Zona Oeste da cidade, amplamente ocupados por residências, boa parte delas ainda baixas, como casas, sobrados ou pequenos prédios. Ainda no começo da década de 2000 foram realizados investimentos públicos voltados para a infraestrutura da região, como a criação de vias de acesso e alargamento de algumas ruas. Muito rapidamente espaços pouco valorizados, como a Barra Funda “de baixo” ou as ruas próximas ao muro que isola os trilhos do trem⁵², passaram a receber altos investimentos em prédios residenciais com padrão maior do que a média dos

51 Há análises diversas que tratam do assunto, destaco em especial o blog mantido pela urbanista Raquel Rolnik, a qual tem dado atenção especial a determinados espaços da cidade de São Paulo afetados por uma política municipal de incentivo à iniciativa privada imobiliária, como o caso da operação urbana Água Branca que abarca o bairro da Barra Funda (www.raquelrolnik.wordpress.com).

52 Linha da CPTM que liga a estação Júlio Prestes, na Luz, região central, à estação Itapevi, na cidade de mesmo nome, região metropolitana

prédios da região. Isso pode ser observado na oferta de serviços de lazer no próprio prédio, como piscinas, parquinho infantil, academia, sauna, além de uma varanda anexa ao apartamento que se tornou praxe nos novos edifícios, a *varanda gourmet*, grande o bastante para uma pequena churrasqueira, pia, fogão e espaço para mesas e sofás⁵³.

Um dos dados mais interessantes em relação a esses empreendimentos é a relação imagética construída com o espaço de sua localização: o mais comum em edifícios localizados na Barra Funda, por exemplo, é a ênfase na proximidade com o Shopping Pátio Higienópolis, localizado no bairro nobre de Higienópolis. Nos textos há a referência a uma caminhada de apenas cinco minutos em um espaço de quase dois quilômetros. Outras informações dão conta da proximidade com aparelhos culturais e de lazer na região, como o Memorial da América Latina⁵⁴ e o Parque da Água Branca⁵⁵, mas é interessante a ligação feita com uma ideia de Centro da cidade: é constante a referência a edifícios históricos e monumentos localizados na região da Sé e República. Estes lugares não estão necessariamente próximos, são utilizados num discurso que faz referência à moradia no Centro, em suas proximidades, com as vantagens de todo um aparato de lazer e segurança privados⁵⁶.

A região da Frei Caneca passa por um processo semelhante de alteração e incremento imobiliário desde o início da década de 2000. Além do shopping, diversos edifícios começaram a ser construídos na própria rua e em algumas ruas próximas, como a Paim, a Barata Ribeiro, a São Carlos do Pinhal e, mais recentemente e com muita força, a Augusta (vide Quadro 1). Além disso, ainda pode-se observar tal processo em regiões limítrofes, como o espaço das ruas Martinho Prado e Santo Antônio, nas proximidades do

53 Nasci e morei por 21 anos na Barra Funda quando o bairro ainda era conhecido por assassinatos constantes e conflito entre traficantes de drogas.

54 Centro cultural dedicado às expressões latino-americanas cuja arquitetura foi projetada por Oscar Niemeyer e congrega seis edificações espalhadas num enorme terreno. O Memorial da América Latina fica ao lado do Terminal Barra Funda, local com terminal rodoviário, ligação da primeira estação do metrô da Linha Vermelha, que liga as zonas Leste e Oeste da cidade e com duas linhas de trens da CPTM. Foi inaugurado em 1989.

55 Área verde de lazer inaugurada em 1929, localizada à Avenida Francisco Matarazzo e que possui espaços para exposição esquina.

56 Há uma contradição posta nesses discursos: a ideia de se ter a cidade em volta, dos aparelhos culturais e de lazer, de caminhadas, seguida da ênfase na oferta de serviços privativos aos condomínios, sem que se tenha que sair de suas dependências. Isso é uma constante nos folhetos de propaganda, os quais recolhi já há algum tempo por interesse pessoal, antes mesmo de pensar na presente pesquisa.

Anhangabaú e República. Esse processo todo ainda é marcado por três recentes e grandes reformas de logradouros e espaços públicos: a reforma do piso da Avenida Paulista, tornada lisa e mais “acessível” após a retirada do mosaico de pedras portuguesas que a caracterizava; a reforma de parte da Rua Avanhandava, com piso em tons vermelhos e amarelos, mais porosos e com padronagem visual exclusiva encomendada pela família Mancini, proprietária de três grandes restaurantes lá localizados, fazendo da visualidade da rua uma alusão a vielas italianas, com dois chafarizes em sua entrada viária, duas torres formando um portal ajardinado e luminárias coloridas em toda sua extensão; e a reforma da Praça Franklin Roosevelt, rebaixada, com mais espaço para caminhadas e jardins. Ainda está na mira de empreendedores imobiliários um espaço arborizado preservado na esquina da Augusta com a Caio Prado, já chamado de Parque Augusta⁵⁷.

Rua	Empreendimento	Estado da construção
Frei Caneca	Frei Caneca New Life	Pronto e ocupado
	Brasília Urban Solution	Pronto e ocupado
	The Office Frei Caneca	Pronto e em processo de ocupação
	Paulista Home & Resort	Pronto e em processo de ocupação
	Terreno aberto pela construtora Lucio	Pré-projeto
	Ibis Budget Frei Caneca	Anúncio em terreno ocupado por um estacionamento
Paim	NKSP	Em vendas
	Max Haus	Em vendas
	Zoom Paulista	Finalização da construção
	Soul	Em vendas
	Residencial Jardim Paulista	Finalização da construção

⁵⁷ O Parque Augusta é um dos principais projetos defendidos pela Samorcc. O terreno já pertenceu a uma ordem católica que mantinha um colégio feminino, o qual deixou o prédio por conta das transformações da Rua Augusta e região na década de 1960 (Jorge, 1985).

	Terraço Paulista	Em vendas
	Terreno ocupado por um estacionamento, comprado pela AM2	Pré-projeto
Augusta	Bela Cintra Office Style	Em vendas
	Augusta Offices	Em vendas
	BelAugusta Boulevard Offices	Em vendas
	Belacintra	Finalização da construção
	Capital Augusta	Em construção
	Link Home Augusta	Em vendas
	Terreno aberto pela Century	Pré-projeto
	Augusta Hype Living	Em vendas
	Ca'D'Oro	Em construção

Quadro 1 – Listagem dos empreendimentos imobiliários, residenciais e comerciais, observados em campo no período de 2008 a 2012.

Ressalto que todo esse processo não é exclusividade da região da Frei Caneca – Augusta, mas o que chama a atenção no que ocorre nessa região é a abertura de terrenos em um bairro historicamente ocupado e um dos mais densamente povoados da cidade. Além disso, o discurso é outro, não é o do sossego e da fuga do Centro, do barulho. Enfatiza-se, nesses empreendimentos, a nova possibilidade de morar no Centro como uma escolha de vida, um estilo de vida diferenciado, para pessoas com mais informação e interesses diferentes, voltados, por exemplo, para a apreciação da beleza histórica e cultural que o Centro de São Paulo apresenta. Uma das evidências desse discurso, também presente nos corretores de imóveis com os quais conversei, está nos folhetos distribuídos, principalmente nas imediações do Shopping Frei Caneca.

Por exemplo, quase todos esses empreendimentos estão a cerca de três quilômetros do Teatro Municipal da cidade, mas é uma máxima a presença imagética desse teatro como se estivesse na esquina. Esse é um dos “vencedores” de referências a um Centro cultural e histórico, seguido da Pinacoteca (mais distante ainda), MASP, Praça

da Luz, entre outros. Com relação às “facilidades do Centro”, os folhetos apresentam com frequência ilustrações de colégios particulares (Mackenzie, Dante Alighieri, São Luiz), estações de metrô (Consolação, Paulista e até uma referência à futura estação 14 Bis de uma linha de metrô ainda não existente) e shoppings. Neste quesito o Frei Caneca é uma das grandes referências de centro de compras para esses empreendimentos.

A seguir alguns desses folhetos, dando ênfase especial aos mapas que eles apresentam, comumente utilizados como meio de localizar o possível comprador num espaço de desejo e investimento. Dei preferência aos folhetos distribuídos na rua por estes serem destinados a quem circula por lá, mas ciente de que o mercado imobiliário existe cada vez com mais força na internet e em outros espaços de divulgação.

3.1 Desejos de Centro

Frúgoli Jr. (2000) propõe que a ideia de Centro pode ser melhor compreendida como uma centralidade, como um espaço construído histórica e socialmente, não correspondendo necessariamente a uma localização geográfica. Parte do que apresento aqui se emparelha com essa sugestão, de centralidades e, neste caso, diferentemente do que traz Caldeira, como desejos de Centro, lugares, ruas, prédios no Centro que o tornam desejáveis para quem pretende morar no Centro por motivos além das benesses de um edifício que possa proteger dos perigos da rua. E Centro, neste caso, se refere ao lugar em que é colocado o que oficialmente se entende como o Centro de São Paulo.

Os empreendimentos apresentados nesses folhetos foram lançados entre 2011 e 2012, portanto há edifícios localizados na própria Rua Frei Caneca que ficarão de fora dessa análise por serem anteriores a este período. Também não pretendo fazer um inventário dos empreendimentos, apenas destacar alguns deles que trazem informações importantes sobre as ideias de Centro em questão e as referências à Frei Caneca. Nos panfletos, tanto em relação aos empreendimentos imobiliários residenciais quanto nos guias gays que serão abordados, surgem verdadeiros cardápios das opções de degustação que o cliente deve experimentar⁵⁸.

58 Salamanca (2010) encara essas propagandas como menus de oferta de prazeres, no caso dos guias gays de Bogotá. Aqui aproximo essa ideia também da oferta de apartamentos nas ruas citadas, as quais incluem prazeres que apenas o Centro seria capaz de oferecer.

3.1.1 Setin Downtown Brigadeiro

O edifício da incorporadora Setin faz parte de uma série de empreendimentos localizados em espaços tidos com a região central da cidade. O prédio foi lançado em 03 de dezembro de 2011 e tem três opções de plantas: com 40 m² (studio ou 01 dormitório), 57 m² (02 dormitórios) e 99 m² (duplex). Chamam a atenção os dois tipos de apartamentos oferecidos: o menor, presente em terrenos menores, para poder ofertar mais unidades, e o maior, bastante presente em novos empreendimentos voltados para pessoas com maior poder aquisitivo.

Pode-se observar que o folheto já é “decorado” com o átrio da Pinacoteca em um tom mais escuro e com a imagem de uma mulher jovem com fones de ouvido. Ao lado, dois boxes de texto dão o tom do foco do empreendimento:



Imagem 1 – Imagem de apresentação do empreendimento com a átrio da Pinacoteca ao fundo, em negativo.

Numa outra página, como é comum também nesses panfletos, ao lado das fotos de diversos aparelhos culturais e de lazer que fazem referência ao Centro da cidade, mais um box de texto trazendo os monumentos e marcos arquitetônicos ligados à ideia de Centro em questão. E não é qualquer Centro: é uma espacialidade na qual se pode e deve sentir, perceber, observar, distante da evitação e pressa, num discurso mais geral sobre o Centro de São Paulo⁵⁹.

No interior do panfleto, as plantas e a ampla oferta de aparelhos de lazer no interior do edifício, privado e seguro.



Imagem 2 – Locais destacados pelo empreendimento da Setin como atrativos para se viver no Centro, “um lugar para aproveitar por dentro e por fora”.

Por fim, quero destacar o mapa apresentado na última face deste folheto. Nele estão dispostos vinte e um lugares, separados em cinco itens: Localização, Entretenimento, Transporte, Educação e Saúde. Neles são indicados hospitais, estações de

⁵⁹ É interessante salientar que, por exemplo, a Pinacoteca está localizada há poucos metros das ruas ocupadas por usuários de crack, conhecida como Cracolândia. No entanto a percepção do Centro de São Paulo proposta neste e em outro folhetos comumente não enfatiza o passeio a pé, não estimulando “ver detalhes” tão proximamente.

metrô e faculdades, mas gostaria de tratar dos dois itens com maior número de indicações: Localização e Entretenimento. Em especial dois itens que se confundem no mapa. Há uma indicação de proximidade à Rua Avanhandava, também ilustrada nas fotos, na qual aparece o Shopping Frei Caneca. É interessante observar que as ruas e avenidas que possuem nome no mapa são vias importantes de deslocamento (Avenida 23 de Maio, Avenida Paulista, etc), e apenas a Avanhandava é indicada, mesmo não sendo uma via de trânsito importante. Mas é nessa rua que está o Frei Caneca, cuja rua nem é citada. Dois focos de lazer e centro juntos na ilustração do panfleto.



Mapa 6 – Mapa localizado na última face do panfleto com o a localização de alguns dos aparelhos de lazer, saúde e educação destacados em seu interior. Atenção principalmente para a menção à Rua Avanhandava ser a localização do Shopping Frei Caneca.

3.1.2 Edifício Brasil

O Edifício Brasil, empreendimento da Abyara e da WZarzur, é o que comumente chama-se de “ousado” nos veículos que divulgam obras imobiliárias. Ele está localizado na esquina das ruas Santo Antônio e Martinho Prado, na “entrada” do Bixiga e encostado na escadaria que dá acesso à Avenida 09 de Julho. Essa escadaria geralmente está suja de urina e fezes de moradores de rua e transeuntes e é comum haver assaltos. Este espaço também está no entroncamento de três vias muito movimentadas de acesso a outras importantes vias da cidade, aumentando o nível de poluição sonora e de fuligem dos carros.

A ousadia do empreendimento não para na escolha do local: a fachada do edifício, que terá vinte e nove andares, será revestida de luzes programadas para mudarem à noite em tons de azul, verde e amarelo, as cores da bandeira do Brasil. O edifício também prevê a instalação de uma academiada marca Runner e um café da franquia Fran’s Café, que serão abertos também a não-moradores.

EDIFÍCIO BRASIL: O IMPACTO NA REQUALIFICAÇÃO DO CENTRO DE SÃO PAULO

Página 2

Tudo começou quando a W Zarzur convidou os dois mais renomados designers do país, Marcelo Rosenbaum e Guto Requena, para assinar o Edifício Brasil. Um dos últimos terrenos livres da região central da cidade. Além da satisfação, para Rosenbaum “trata-se de um magnífico desafio e uma grande responsabilidade.”

Para Guto Requena o projeto superou as expectativas do convite de co-participação. “Fiquei super honrado poder influir no centro da cidade e discutir o conceito por meio da própria obra. Um marco na arquitetura de São Paulo”.

De início, o projeto da estrutura já existia na W Zarzur. A ideia era criar a fachada, no revestimento e pensar nas áreas de convivência. O resultado não poderia ser diferente – projetar algo para a comunidade como um todo. Embora moderno, o Edifício Brasil traz um resgate de identidade. Serão 399 apartamentos, 29 andares, e plantas de 1 e 2 dormitórios, de 34m a 140 metros quadrados. O prédio está próximo às melhores faculdades como de São Paulo, como Mackenzie, FAAP, FGV e entre o melhor pólo gastronômico da cidade.



O projeto para o Edifício Brasil recebe direção geral de Marcelo Rosenbaum e co-autoria de Guto Requena. Os dois designers comentam sobre o conceito do prédio e seu impacto na requalificação do Centro de São Paulo.

Edifício Brasil:
cor e design para o
centro de São Paulo

Ilustração artística da fachada Edifício Brasil

edifício
Brasil



LANÇAMENTO NO CENTRO - CONSOLAÇÃO

Visite apartamento decorado por
Marcelo Rosenbaum

Imagem 3 – Face de abertura do folheto de apresentação do empreendimento, com a perspectiva artística do prédio e um texto grande para os padrões de folhetos semelhantes descrevendo as vantagens de adquirir uma unidade e parte da assinatura do projeto: o arquiteto Marcelo Rosembaum e o decorador Guto Requena.

O edifício segue a oferta de apartemos *studio* e 01 dormitório (34 m²) ou com 02 dormitórios (51 m²), ambos com terraços onde seria possível dispor de mesas, sofás, espreguiçadeiras e plantas, além de ter pias e espaço para fogões.

Edifício Brasil

Lançamento com isolação
Oportunidade única para quem quer morar e para quem quer investir

O novo centro das atenções de São Paulo.

studio 1e2 dorms.

CONHEÇA O APTO. DECORADO POR MARCELO ROSENBAUM:

R. Santo Antônio esquina com a Rua Martinho Prado

A uma quadra do restaurante Família Mancini, na rua Avanhandava, próximo da avenida Paulista e travessa da rua Augusta.

Perspectiva ilustrada da Piscina Externa Assinada por Vitor Cesar

Perspectiva Ilustrada do Hall de Entrada

Perspectiva Ilustrada do Espaço Gastronômico

DECORAÇÃO
DIREÇÃO GERAL:
rosenbaum

CO-AUTORIA:
GUTO REQUENA

INFORMAÇÕES:
3448.6812 | 3104.6784
www.edificio brasil.com.br

Imagem 4 – Face final do panfleto, com a montagem de edifícios localizados nas proximidades da Praça da Sé.

Os apartamentos e os espaços comuns do edifício recebem assinatura dos arquitetos Marcelo Rosembaum e Guto Requena⁶⁰. A ênfase, neste caso, é o capital

⁶⁰ Rosembaum é parte do elenco do programa televisivo “Caldeirão do Huck”, apresentado aos sábados na Rede Globo e Requena é responsável por alguns dos projetos de decoração de casas noturnas localizadas no Centro, como a Hot Hot e a Lions, ambas com forte presença gay.

simbólico que distingue o comprador de uma das unidades do Edifício Brasil: há itens que só fazem diferença a quem já conhece e tem informações prévias, como os nomes dos arquitetos responsáveis. Além disso, num dos informes publicitários em forma de jornal com “notícias” sobre o empreendimento, há uma utilização de termos apreensíveis por um público mais específico, pois faz menção a alguns possíveis usos de seus equipamentos. Um exemplo: na chamada “O primeiro residencial design pensado exclusivamente para os moradores”, há uma fala atribuída a Rosenbaum sobre a “lavanderia comunitária com WI-FI”:

Para tanto, haverá uma grande lavanderia comunitária com WI-FI. Muitos se perguntam: quantos relacionamentos podem acontecer nessa lavanderia. O Marcelo Rosenbaum até brincou com a proposta daquele espaço. “Ela poderia se chamar, *Minha Adorável Lavanderia*.” (grifos meus)

Neste pequeno trecho o informe publicitário dá indícios de que tipo de público deseja atingir: o público gay. “Minha Adorável Lavanderia” é o nome em português do filme “My Beautiful Laundrette”, de Stephen Frears, 1985. No filme, dois homens, um inglês e outro paquistanês, se conhecem e travam uma relação afetivo-sexual na lavanderia coletiva do bairro. O empreendimento indica parte do público sem deixar isso tão aberto, já que é necessário conhecimento prévio sobre o filme, por exemplo.

Ainda nesta chamada, no parágrafo final, há um trecho que indica que a intenção do empreendimento seria menos estratificada e individualista:

Assim, a W. Zarzur pensou em como os moradores gostariam de viver no coletivo, o que na verdade será isso que vai acabar por acontecer. Como se fosse uma grande família vivendo em uma sociedade coletiva em seu Edifício Brasil. (sic)

O PRIMEIRO RESIDENCIAL DESIGN PENSADO EXCLUSIVAMENTE PARA OS MORADORES

Os renomados designers projetaram um tom em degradê elegante, entre o azul do céu e o verde - lembrando nossas matas. Uma analogia direta à fauna brasileira.



Os apartamentos têm muito mais um perfil de loft, sem estrutura de um flat moderno e antenado com o mundo: com variados de manobristas a café da manhã. Tem uma mega sala de ginástica, assinada ela Runner. Mesmo com toda a sofisticação há a preocupação em agregar valor de comunidade, como uma lavanderia. Para tanto, haverá uma grande lavanderia comunitária. Muitos se perguntam: quantos relacionamentos podem caber nessa lavanderia. O Marcelo Rosenbaum até brincou com a ideia daquele espaço. "Ela poderia se chamar, Minha Adorável Lavanderia".

Há ainda outros espaços destinados ao convívio social, como piscina com bastante jardim em volta, com bangalôs. Será uma tela de projeção que funcionará como um cinema gigante na frente da piscina. O desenho adotado prioriza o uso contínuo de materiais tradicionais brasileiros, como ladrilho São Paulo, pedregulho, granilite, cimento queimado, concreto aparente e madeira.

Em sinergia com a proposta de design do empreendimento, uma obra de arte também será instalada na fachada do prédio: uma de mais uma montagem do projeto "Vocabulário para a cidade", do artista cearense Vitor Cesar. O painel traz um conjunto de termos e expressões que remetem à arquitetura e ao urbanismo. No Edifício Brasil, o painel vai funcionar como uma espécie de mural de palavras.

Assim, a W. Zarzur pensou em como os moradores gostariam de viver no coletivo, o que na verdade é o que vai acabar por acontecer. Se fosse uma grande família, seria em uma sociedade coletiva. No Edifício Brasil.

Nos últimos anos, a cara dessa região, tradicionalmente comercial, está começando a mudar com a chegada de novos empreendimentos residenciais.

O CENTRO DE SÃO PAULO ESTÁ PRONTO, BASTA DEGUSTAR

Basta dar uma volta no quarteirão e se deliciar com os melhores restaurantes, cinemas, galerias e teatros do mundo.

Pensar esse edifício, aliado à localização, com todo esse equipamento cultural que o centro de São Paulo oferece é uma possibilidade muito grande de satisfação imediata. Pois, o empreendimento consegue

isso sem mencionar que quase não existe um longo deslocamento para ir trabalhar. Lançar um empreendimento deste porte no centro da cidade, mostra que o cidadão está preparado para isso. Tanto que, na primeira semana de lançamento do Edifício Brasil, mais de 50% das unidades havia sido vendida.

"Tudo está bem próximo do centro de São Paulo. A região está se requalificando de fato e de direito, o que facilita para que se viva bem em cada vez", enfatiza Khorem Nascimento, que esteve visitando o estande do Edifício Brasil na noite de lançamento.

Edifício Brasil: uma reflexão sobre brasilidade e identidade. Ainda há muito tempo a construir o impacto da construção no processo

Imagem 5 – Os diversos textos do interior do panfleto falando das vantagens de viver no Centro da cidade e do Edifício Brasil.

Apesar dos itens do edifício fazerem referência o tempo todo a uma ideia de brasilidade (referência a cores, fauna, flora, etc.), o foco está direcionado ao que chamam de “requalificação do centro” como um processo em andamento e para o qual estão contribuindo com a torre. Num dos boxes se lê: “Edifício Brasil: uma reflexão sobre brasilidade e identidade – temos ainda o impacto dessa construção no processo de requalificação do Centro Histórico”. E, ao lado, a chamada: “O Centro de São Paulo está pronto, basta degustar”.

Na última chamada, “O Edifício Brasil será um dos cartões-postais de Sampa!” há uma fala atribuída a Requena que esclarece as pretensões do empreendimento e o entendimento das mudanças na região central da cidade:

Para o designer Guto Requena, o termo revitalização do centro de São Paulo está errado. “Ao contrário, a região nunca deixou de viver. Mas, é correto falar em *Requalificação do centro*. Que é o mesmo que pensar que se pode conceber mais espaços de moradia.” A W. Zarzur acredita que a soma de todos esses conceitos pode causar um grande desenvolvimento *dessa área nobre que é o centro da cidade*. (grifos meus)

Como proximidades geográficas ilustrativas o panfleto faz menção ao Teatro Municipal, Shopping Light, Estação da Luz, Catedral da Sé, Edifício Itália, Edifício Copan, Pátio do Colégio, Pinacoteca, Edifício Banespa e Vale do Anhangabaú. Também cita como logradouros próximos as ruas Avanhandava e Augusta e a Avenida Paulista; neste caso nem a Rua e nem o Shopping Frei Caneca entram nas menções.

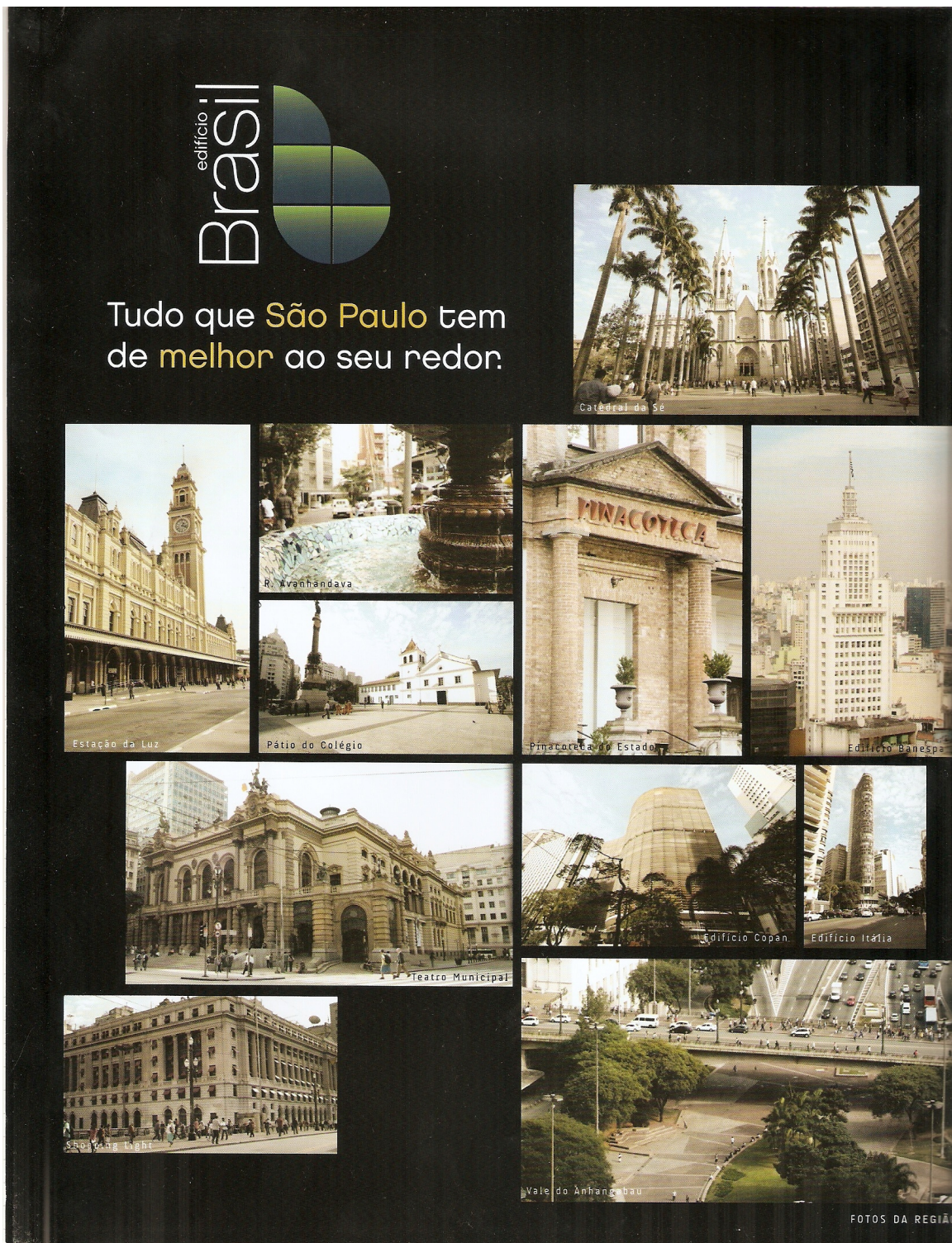


Imagem 6 – Álbum das “belezas arquitetônicas” do Centro. Alguns desses equipamentos estão bastante distantes e dificilmente seriam acessados a pé por algum dos moradores do Edifício Brasil.

3.1.3 Ca'd'oro

O caso do hotel Ca'd'oro é um dos mais emblemáticos de que a região passa por alterações muito rápidas. Inaugurado em 1953, o hotel localizado no número 129 da Rua Augusta já recebeu líderes de Estado, empresários, cantores e foi referência na hotelaria paulistana. Ao seu redor se encontram outros diversos hotéis, como o Braston e o Pergamon, mas nenhum destes atingiu a fama do Ca'd'oro.

Entre os anos 2010 e 2011 o hotel se preparou para uma das suas grandes empreitadas. Realizou um leilão que vendia as antigas peças mobiliárias e decorativas e iniciou um processo de demolição de cima para baixo, na qual tratores com britadeiras colocados no alto do prédio foram destruindo-o aos poucos. Esse processo é mais demorado e mais caro, mas, no caso do Ca'd'oro seria impossível proceder à demolição do edifício original de outra forma.

Terreno limpo, mais um projeto ousado foi lançado: o Ca'd'oro São Paulo, com um edifício residencial, um hotel e um edifício comercial, totalizando três torres onde antes havia apenas uma e um anexo aos fundos. O padrão das unidades residenciais segue a já citada metragem mínima, de 40 m², podendo chegar a 79 m² (de 1 a 3 dormitórios). O folheto fala pouco da disposição das áreas internas dos apartamentos, nem apresenta plantas. Na verdade o interesse maior é valorizar o empreendimento pelo que este possuiria como “ícone da cidade”: “Um ícone contemporâneo. Um marco do futuro”.

A primeira parte do folheto é dedicada ao edifício residencial: “Um novo ícone do bem viver em sintonia com seu estilo de vida”. Abaixo da frase, a descrição da oferta de serviços, divididos entre “Serviços básicos, Serviços pay-per-use e Experiências”.

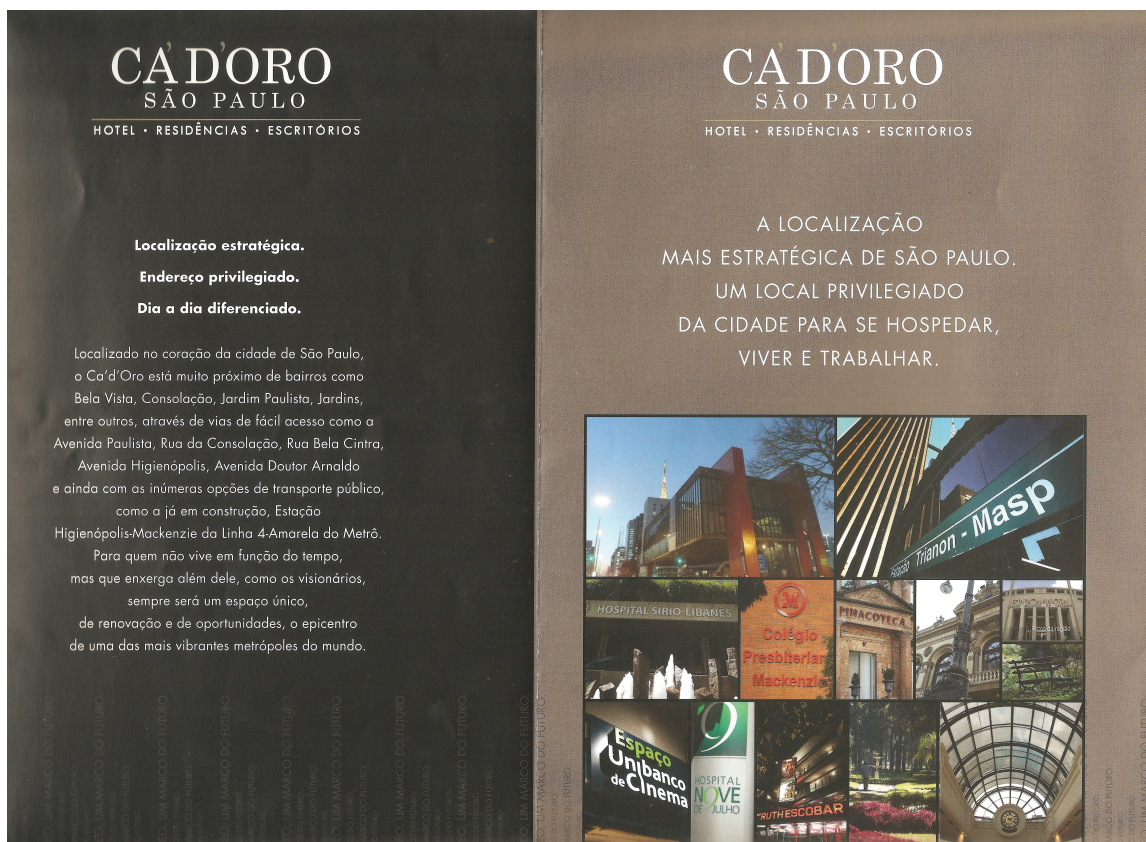


Imagem 7 – Faces de abertura do folheto, já contendo o leque de imagens de desejo pelo Centro. O antigo Espaço Unibanco de Cinema, da Augusta, aparece, mas o Shopping Frei Caneca não é mostrado.

Seguem-se as descrições das unidades do hotel (“O padrão do Hotel Ca’d’oro à sua disposição”) e do edifício com salas comerciais, o Ca’d’oro Escritórios (“Uma nova geração de escritórios em um endereço único para a realização de grandes negócios”)⁶¹.

Apenas na parte final do folheto há a esperada “seção de fotos”. Nela figuram MASP, Pinacoteca, Teatro Municipal, Parque da Luz, Estação Trianon-Masp, Hospitais, Espaço Unibanco de Cinema e o Shopping Higienópolis, também citado no texto ao lado, o qual termina enfatizando que

[...] para quem não vive em função do tempo, mas que enxerga além dele, como os visionários, [o coração da cidade] sempre será um espaço único, de

61 Há alguns novos empreendimentos que seguem essa tendência de vários tipos de oferta imobiliária num mesmo espaço: na Avenida Nações Unidas, beirando a Marginal Pinheiros, a alguns metros do Shopping Morumbi será construído um complexo de hotéis, shoppings, prédios residenciais e parque privativo; e a entrada de São Caetano do Sul está prestes a receber empreendimento semelhante.

renovação e de oportunidades, o *epicentro* de uma das mais vibrantes metrópoles do mundo. (grifo meu)

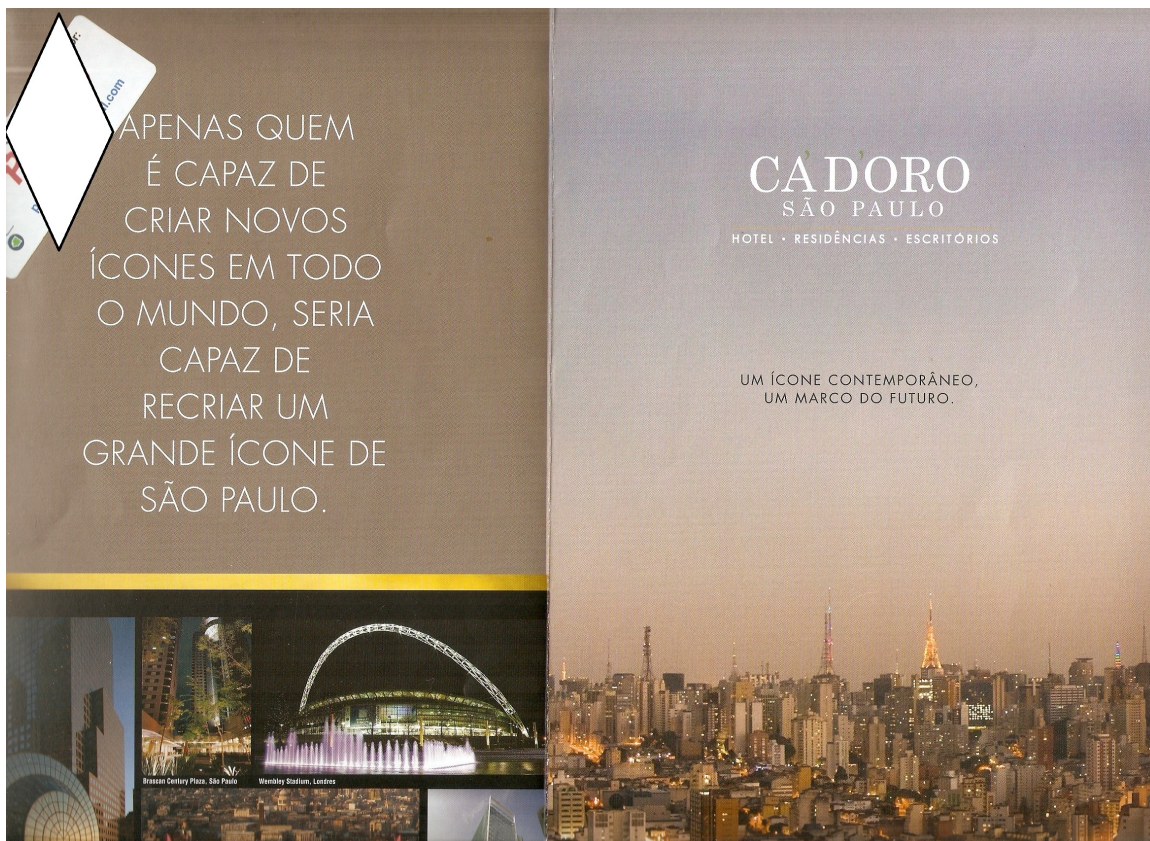


Imagem 8 – Uma visão panorâmica de São Paulo, com a Avenida Paulista destacada pelas antenas iluminadas, ao lado de outros exemplos de empreendimentos imobiliários ousados e “icônicos” de outras metrópoles. Está posta a relação *São Paulo, cidade do mundo*.

No mapa final, nenhuma alusão a equipamentos localizados nos arredores, apenas o Mackenzie e a estação de metrô ao seu lado. Poucas ruas nomeadas, dentre elas a Augusta, Consolação, Maria Antônia, Caio Prado, Avenida Paulista e, aí sim, a Frei Caneca.

3.1.4 Augusta Hype Living

“Você define suas escolhas, suas escolhas definem você”. Com essa frase o Augusta Hype Living se apresenta ao possível comprador como uma opção descolada na antiga rua das prostitutas. E o endereço, no número 569, está no meio de saunas mistas,

bares “pé sujo” e casas noturnas de rock. Está no meio de grande parte da movimentação da Augusta, no Baixo Augusta.

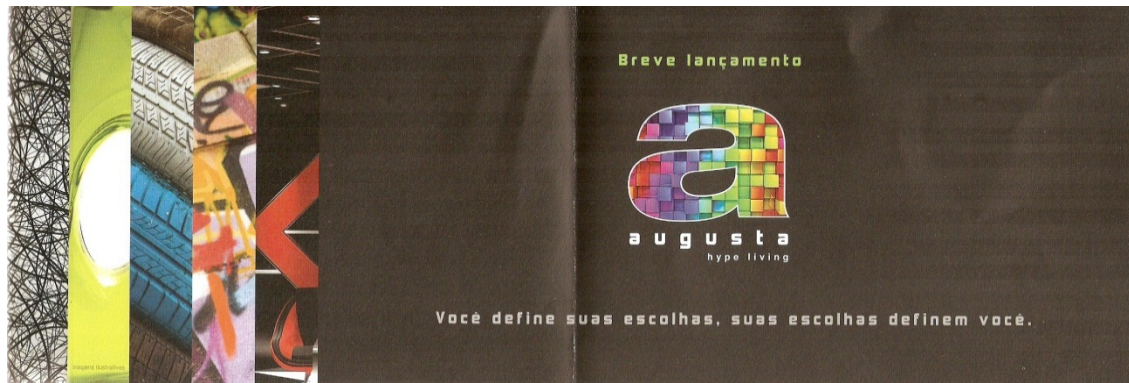


Imagem 9 – Face de abertura do folheto do Augusta Hype Living, o qual aposta numa identidade imagética colorida, mas sem fotos que remetam ao Centro ou à rua em que está localizado. Um interlocutor afirmou achar que de longe estavam lançando uma casa noturna pelo padrão do “a” que identifica o empreendimento.

O folheto, de fundo preto e com imagens coloridas, lembra um *flyer* de balada. Ao abri-lo, as fotos dos equipamentos mais próximos que se destacam: Paulista, Mackenzie, Estação Consolação, MASP e Avanhandava. Há também dois shoppings, Frei Caneca e Higienópolis e, neste caso, há maior espaço visual para o segundo, mesmo que o primeiro esteja a apenas 350 m do empreendimento, enquanto o outro se encontra a 1,6 quilômetros (dados aferidos junto ao aplicativo Google Maps).



Imagem 10 – Alguns dos equipamentos de lazer e serviços destacados no interior do panfleto, com curioso espaço maior dado ao Shopping Higienópolis, em comparação à pequena imagem ilustrativa do Shopping Frei Caneca, e uma montagem de placas de rua de esquina na qual a Augusta se encontraria consigo mesma.

Este é um empreendimento mais modesto: há apenas a oferta de apartamentos de 34 m², com 01 suíte (dormitório com banheiro exclusivo, o qual, neste caso, é o único banheiro da unidade) e a presença da varanda gourmet. O folheto não possui mapas, mas

uma descrição aproximada das distâncias dos aparelhos de lazer, educação e transporte mais próximos.



A AUGUSTA é sinônimo de arte, cultura, lazer, gastronomia e entretenimento. Eclética e cercada por estações do Metrô, ela passa pela sofisticação dos Jardins, cruza com a efervescente Av. Paulista até chegar ao charme e à agitação do centro da cidade.

GASTRONOMIA, CULTURA, MODA, LAZER E DIVERSAS
ESTAÇÕES DO METRÔ EM SEU ENTORNO.

Shopping Frei Caneca - 350m
Mackenzie - 800m
FGV - 1,0 km
Estação de Metrô Paulista - 1,1 km
Av. Paulista - 1,2 km
Shopping Center 3 - 1,2 km
Estação de Metrô Consolação - 1,3 km
Parque Trianon - 1,5 km
FAAP - 1,6 km
Shopping Pátio Higienópolis - 1,6 km
Av. Higienópolis - 2,3 km
PUC - 3,1 km

Distâncias aproximadas medidas em maps.google.com



Imagem 11 – Outra das faces internas do panfleto na qual o texto destaca os seguintes itens: estações do Metrô, Jardins, Av. Paulista e centro da cidade, nessa ordem.

O Augusta Hype Living faz parte de um movimento de ida dos investimentos imobiliários residenciais para a Augusta, já que até então os mesmos se concentravam no “interior” do bairro, ou seja, nas ruas menos movimentadas. Até os últimos dois anos nenhum prédio fora inaugurado na rua, visto que ela é amplamente ocupada e possuía poucos terrenos, os quais têm sido abertos por conta desse novo foco de investimento.

3.1.5 NKSP

A “capa” do folheto do edifício NKSP (Nova Kasa São Paulo) já apresenta as imagens que fazem parte do referencial espacial do empreendimento: Shopping Frei Caneca, Av. Paulista, MASP, Teatro Municipal e Consolação (esta numa foto aérea em que é possível distinguir partes do Copan e do Hilton, localizados na Avenida Ipiranga). Na capa também está em destaque a junção das palavras “Lançamento – Paulista”, comum aos empreendimentos realizados nessa região, tendo nomes que fazem alusão à Paulista sem estarem tão próximos assim dessa avenida.

IDEAL PARA MORAR OU INVESTIR.



2 DORMS. - 1 SUÍTE - **62 M²** • STUDIOS - **40 M²**





- Ao lado de 3 estações de metrô
- Próximo à Avenida Paulista
- A poucos metros do Shopping Frei Caneca
- Perto dos principais restaurantes
- A 400 metros da futura estação Praça 14 Bis
- Acesso fácil às principais avenidas

NKSP: UM MUNDO DE CONVENIÊNCIAS AO SEU REDOR.

Imagem 12 – Face interna do panfleto do NKSP, onde são destacados, pela primeira vez, o Parque Trianon e a livraria FNAC.

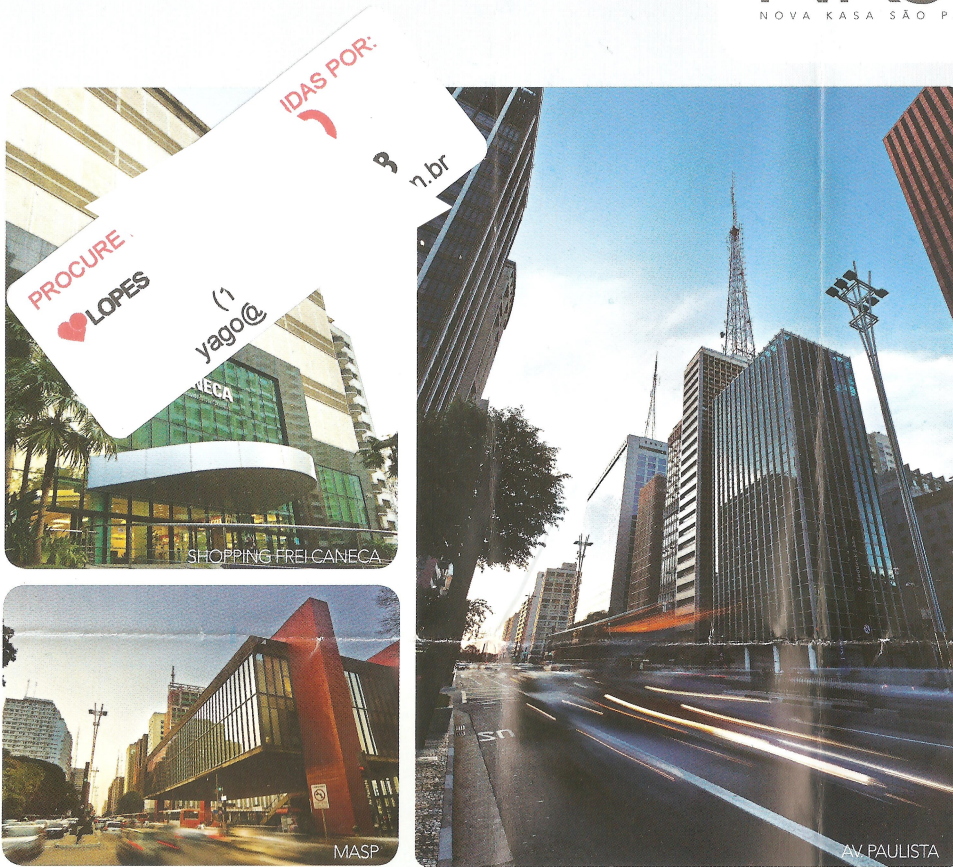
Ao abrir o panfleto, “NKSP: um mundo de conveniências ao seu redor”, com o acréscimo de imagens do Parque Trianon e da livraria Fnac, além de nova referência ao Shopping Frei Caneca. Na última parte, no mapa, a indicação da localização do edifício, na Rua Paim, até então conhecida pela presença ostensiva de cortiços e estratos mais populares, a maior parte migrantes nordestinos. Nela também está um dos mais famosos edifícios “treme-treme”⁶² da cidade, o 14 Bis, na frente do qual há policiamento constante⁶³. Neste edifício também é grande a presença de moradoras travestis que se prostituem.

62 “Treme-treme” é uma forma de classificar prédios antigos com aparência de gastos ou abandonados e que possam ter sido invadidos. A expressão faz referência à possibilidade de utilização como espaço de prostituição dos apartamentos.

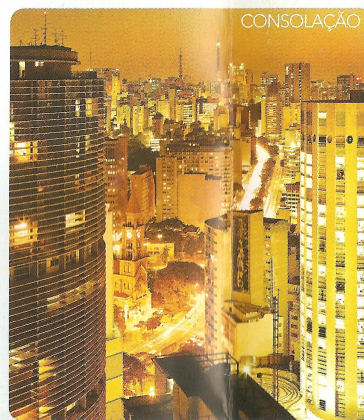
63 Sempre há uma viatura policial em frente à saída do 14 Bis, conhecido pela suposta presença de traficantes e como ponto de venda de drogas.

LANÇAMENTO - PAULISTA

NKSPSM
DESIGNED BY LUCIO
NOVA KASA SÃO PAULO



NO CORAÇÃO DA CIDADE.





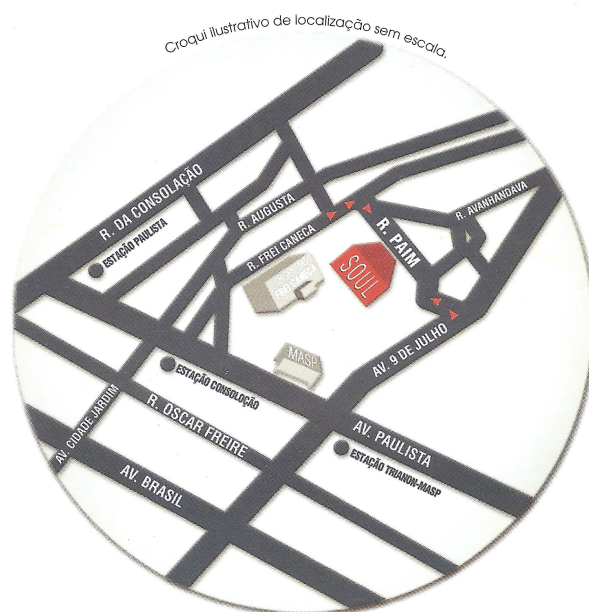
Mapa 8 – Primeira e última faces do panfleto. Logo no início já há alusão aos equipamentos da cidade que valorizariam o empreendimento e lá está, novamente, o Teatro Municipal.

As indicações de locais de interesse são: Shopping Freie Caneca e Center 3, MASP, Parque Trianon, FGV, PUC e Mackenzie. Nesta página também está mais uma das frases do empreendimento: “Moderno como você, conveniente como sua vida”. No caso do NKSP é clara a tentativa de agregar para si uma ideia de jovialidade e conquistar um público de compradores que circularia pela Augusta em outros horários: jovens universitários. Não à toa a ênfase nos equipamentos estudantis de ensino superior, ainda que seja mantido foco no Centro. As imagens dos modelos que ilustram o interior do panfleto reforçam essa ideia de juventude, estilo e poder aquisitivo, este último aludindo ao senso comum da “mulher consumista”.

3.1.6 Soul Paulista

O Soul Paulista tem em sua “capa” a imagem de um casal heterossexual na qual o homem carrega a mulher, ambos brancos e loiros. Acima deles a frase “Você com tudo ao seu redor”.





Rua Paim, 273

Imagem 9 – As faces de abertura e fechamento do panfleto, com o casal de modelos brancos e loiros cercado pelo O da palavra Soul. Ao fim, o mapa que localiza o empreendimento e os itens de interesse do entorno.

Dentro do folheto, uma imagem aérea e noturna das luzes da Paulista seguida do texto de apresentação de quem vai viver no empreendimento. O texto foca na indução imaginativa do possível comprador: “O que você gosta é o seu jeito urbano de viver a metrópole, a sensação de se sentir cosmopolita”. Ao mesmo tempo traz o diferencial da aquisição de um apartamento, privado, num lugar como a Paim: “[...] e a liberdade de, no momento que achar melhor, encontrar a sua intimidade e conforto, no espaço que é só seu [...]”.



Imagem noturna da Av. Paulista.

Do jeito que você quer e ao lado de tudo que você gosta.

O que você quer é viver São Paulo, explorar a cidade do jeito que ela realmente é. Você quer a cultura de todos os mundos, a moda que faz moda, o agito das casas noturnas, a gastronomia de todas as línguas, temperos e sabores.

O que você gosta é o seu jeito urbano de viver a metrópole, a sensação de se sentir cosmopolita e a liberdade de, no momento que achar melhor, encontrar a sua intimidade e conforto, no espaço que é só seu, que lhe dá aconchego, lazer e bom-gosto. Se este é o seu jeito, você vai gostar do Soul Paulista. A localização dos seus objetivos e a realização dos seus desejos mais íntimos de morar.

Projeto c
Rua Esta
após o re

Imagem 13 – Face interna do panfleto, com dados técnico e diferenciais do empreendimento.

Essa ênfase maior e mais explícita na questão da privacidade e do isolamento do mundo exterior remete à descrição de Caldeira (2000) acerca dos condomínios fechados distantes do centro da cidade. No entanto, neste caso, se está falando justamente de um ponto central, de uma centralidade da cidade.

Seguem-se imagens dos equipamentos próximos com destaque para o Shopping Frei Caneca, em foto maior; os outros são o Colégio Dante Alighieri, MASP, Casa Santa Luzia, Hospital Sírio-Libanês, Parque Trianon e Cantina Família Mancini. Abaixo a frase “Morar aqui é viver no *centro do mundo*” (grifos meus).



Imagem 14 – Detalhe da face interna do panfleto.

As unidades ofertadas seguem o padrão studio com 32,96 m², cuja varanda teria espaço para uma mesa de jantar, mas sem pia ou fogão.

Por fim, o mapa referente. Nele destacam-se apenas a localização do edifício, o Shopping Frei Caneca e o MASP. Mas é interessante quais ruas e avenidas aparecem: além das ruas Paim e Frei Caneca e da Avenida Paulista, aparecem as ruas Augusta, Avanhandava e Consolação, a Avenida 9 de Julho e, num movimento de “puxar” o empreendimento para regiões mais nobres da cidade, a Rua Oscar Freire e as Avenidas Brasil e Cidade Jardim, localizadas nos Jardins.

3.2 Centro de desejos

O que faria alguém se deslocar a algum espaço de uma grande metrópole como São Paulo a fim de se divertir, encontrar pessoas e satisfazer seus desejos? O número de opções? A diversidade dessas opções, ou sua homogeneidade? Estar tudo perto e acessível? A chamada “vida gay” de São Paulo ocupa diversos espaços da cidade e congrega alguns “centros acumulados” de oferta, a maior parte deles no eixo que vai da

Paulista – Augusta – Frei Caneca até a região Arouche – República⁶⁴. Mas há polos em Pinheiros, Lapa, Barra Funda e em alguns bairros nas extremidades da Zona Leste, como São Miguel Paulista⁶⁵.

Um amplo conhecedor desses locais provavelmente não irá precisar de guias externos que o ajudem a se localizar, afinal as casas noturnas paulistanas possuem vida curta, de maneira geral, mas repetem endereços. Muito provavelmente conhecerá também a oferta de prazeres “não-institucionalizados” da cidade, como pontos de pegação⁶⁶ em parques e banheiros públicos. Mas quem não conhece a cidade, e são muitas essas pessoas, como farão? Apelar a um amigo nativo pode ser uma boa ideia, assim como se aventurar por conta e descobrir as dores e as delícias de se perder no labirinto de concreto. Alguns mapas e guias direcionados podem ajudar nessa exploração; mas com certeza eles ajudam a construir e solidificar um imaginário espacial sobre a São Paulo gay, a São Paulo sexual, o sexo e a cidade. É relevante como a cidade que surge oferece o cardápio de um verdadeiro Centro de desejos.

A cidade de São Paulo possui um guia oficial on line direcionado ao público gay chamado Guia LGBT – Cidade de São Paulo. O site está hospedado no portal oficial de turismo da cidade, o cidadedesaopaulo.com.br, mantido pela São Paulo Turismo S/A, empresa da Prefeitura. É fácil localizar o portal digitando-se a expressão “guia gay sp” em sites de busca, mas do portal central não há nenhuma aba que vá direto ao site específico.

De forma geral, o site aposta na profusão de cores e em um lay-out simples e bem limpo, fácil de navegar. Possui mapas e outras informações sobre a cidade, bastante enxutas, não é muito completo sobre São Paulo para quem vem de fora (da cidade mesmo, não precisa nem ser de fora do estado ou do país).

64 Aqui estou separando esquematicamente essas duas grandes regiões pelo modo como elas são entendidas num imaginário geral de meu campo. No entanto algumas delas podem ser tidas como congruentes espacialmente ou semanticamente, a depender de quem fala. Não pretendo propor uma separação geográfica que defina o entendimento possível sobre a constituição dessas espacialidades.

65 Em se tratando de casas noturnas, bares ou pontos de encontro na Zona Leste dificilmente esses espaços serão tratados na grande mídia como parte da “vida gay” paulistana. Essa é uma classificação minha a fim de pontuar que há opções de divertimento em pontos longínquos do Centro geográfico e semântico da cidade.

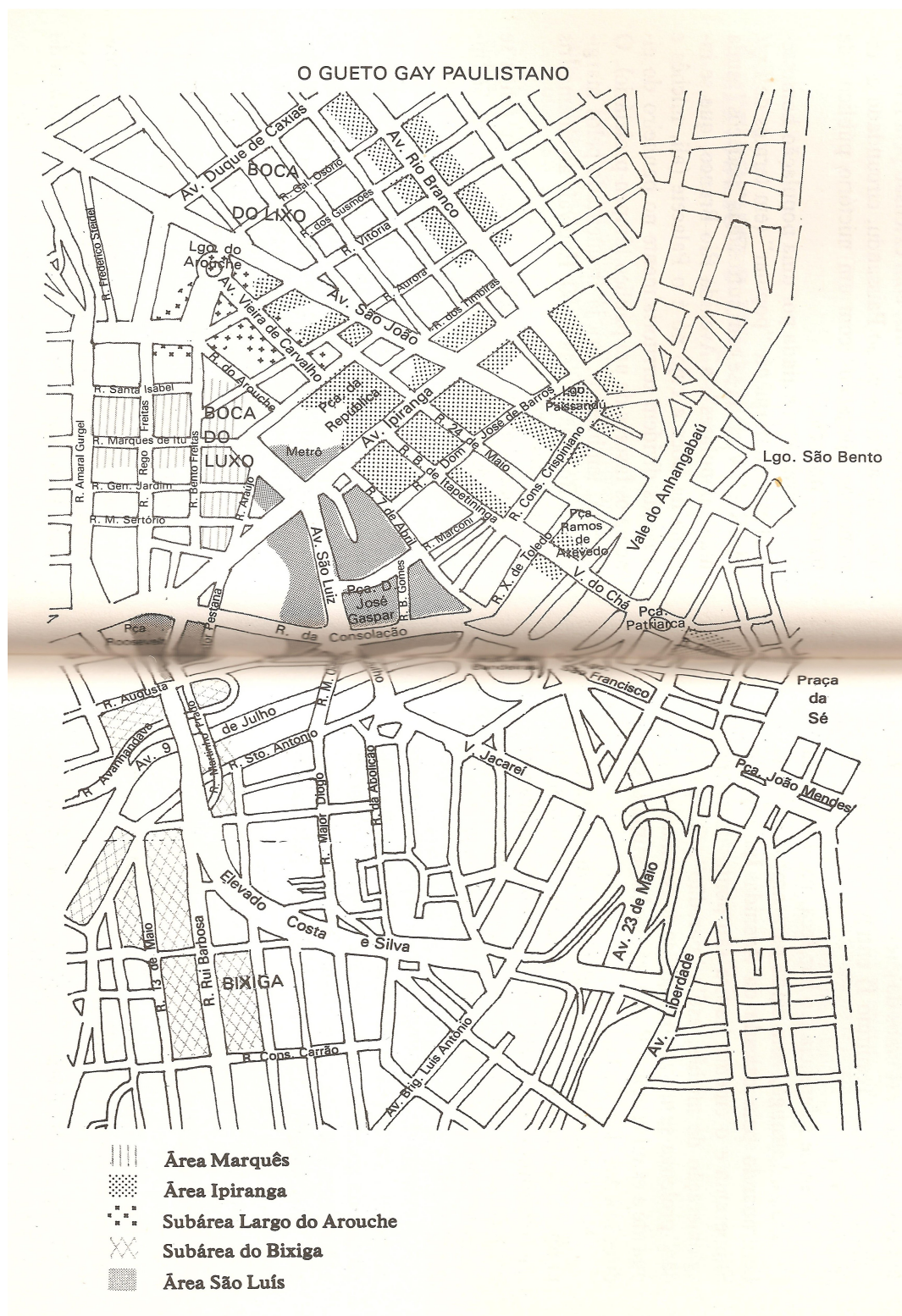
66 Espaços de trocas sexuais furtivas, rápidas e muitas vezes anônimas.

Este não é o primeiro e nem o único guia direcionado ao público LGBT (assim descrito pela Prefeitura, porque, ao se navegar, percebe-se que o mapa e o guia são claramente dirigidos aos homens, maioria nas ilustrações fotográficas); São Paulo já possuiu um guia, com mapas, no final dos anos de 1990 editado pelo grupo do Guia OFF de teatro, de Celso Curi⁶⁷. Este mapa anterior tinha edição periódica e servia tanto para localizar centros de lazer, comércio e serviços dirigidos aos públicos homossexuais quanto para perceber tendências de alterações territoriais no decorrer do tempo com a mudança de endereços. São Paulo, assim como outras cidades, tem uma noite bastante intensa e diversa, e parte disso se deve ao constante processo de fechamento e abertura de casas noturnas e bares no intuito de manter o interesse do público, dentre outras coisas.

França (2006) percebe esses processos de mudança e pontua o pico de frequência homossexual masculina, gay, nas ruas do bairro dos Jardins, principalmente na Rua da Consolação. Nesse período já destaca as alterações territoriais que, com o tempo, culminariam no encerramento de quase todos os estabelecimentos ali existentes e num processo de pulverização territorial para outros bairros, seguindo a tendência de parte da cena de música eletrônica mais geral da cidade: abertura de casas noturnas na Barra Funda, Perdizes e Lapa. Mais recentemente, uma certa “redescoberta” do Centro e as imediações mais próximas ao marco zero da cidade (Cambridge, Cine Joia, Lions, Tracktower).

França não ignora o fato de que há muito tempo espaços como a região da República – Arouche são apropriados pelos gays, ao menos desde a década de 1950. Essa presença gay também é amplamente descrita por Perlongher a respeito da década de 1980, como pode ser visto no mapa a seguir, já indicando uma espacialização das concentrações nas imediações da Praça da República para o bairro do Bexiga/Bela Vista.

67 Curi já assinou a “Coluna do Meio” no Jornal da Tarde na década de 1980, um dos primeiros espaços num veículo de imprensa de grande circulação a tratar de diversas questões sobre as homossexualidades.



Mapa 10 – Ilustração das áreas definidas por Perlongher em sua pesquisa, destacadas por diferentes padrões a fim de facilitar a localização descrita pelo autor. Note-se a concentração na região da Praça da República, com alguns apontamentos em direção ao Bixiga. Fonte: Perlongher, 1987, p. 110 – 111.

Hoje primordialmente bairro residencial, o Jardins nunca deixou de ser citado em guias e mapas dirigidos ao público gay e LGBT; mas uma outra espacialidade ganhou mais destaque nas “dicas” de passeio, paquera, compras e vida noturna: a Rua Frei Caneca. Mesmo rivalizando com a imensa quantidade de bares e opções da Augusta a Frei Caneca tem tido espaço especial nesses mapas, sendo muitas vezes destacada como uma “região” ou estando ora na “região Jardins”, ora na “região Centro”.

Aqui levo em consideração os discursos construídos em guias de São Paulo direcionados aos gays periodicamente lançados ou apenas direcionados para a ocasião da realização das Paradas do Orgulho LGBT de São Paulo de 2011 e 2012. Incluo um guia de 2008, onde já perfila o Shopping Frei Caneca como ponto destacado, e dois guias gerais da cidade. Pretendo demonstrar a cidade visual construída pelos guias, lugares de interesse marcados pela ideia de encontro, principalmente afetivo-sexual, um Centro de desejos. Mesmo espaços de compra servem, em última instância, para efetivar tais encontros.

3.2.1 Guia DOM

Na edição número 04 da revista DOM, de junho/2008, editada pela Editora Peixes, há um pequeno guia descritivo para as pessoas que viriam a São Paulo por ocasião da Parada daquele ano. Isso fica mais evidente por fazer parte dessa mesma edição uma matéria com dicas para quem for passar um dia apenas na cidade (“24h em São Paulo”, p. 98 – 101); o guia é destacável, como um encarte que pode ser levado no bolso.

Intitulado “KITPARADADOM”, no qual a separação das palavras se dá pela coloração rosa do termo “parada”, o guia tem a capa ilustrada por um rapaz jovem, de cueca, mordendo o indicador da mão esquerda enquanto abaixa a cueca com a mão direita, deixando os pelos pubianos à mostra. Ao abri-lo o leitor se depara com informações gerais sobre a Parada (números, eventos, etc.) e informações sobre a segurança na cidade antes e durante o evento. As pequenas seções estão separadas em: “Fique esperto, Como circular, O que fazer, Comes & bebes, Festas, Afterhours, Outras tribos..., Academia e Pegação”. Esta última lista apenas lugares privados de trocas

sexuais, como saunas e clubes de sexo, deixando um lugar público onde a “pegação” também ocorre, como o Parque do Ibirapuera, na lista de “O que fazer”, como um passeio.

Nessa listagem também se encontram duas citações ao Shopping Frei Caneca, sem fazer referência à rua. Uma delas está na subseção “Cinemas da Paulista”: “A região da Avenida Paulista reúne salas espetaculares. As melhores opções são: [...] e Unibanco Arteplex (no *fervido* Shopping Frei Caneca). (grifo meu).” Mais a frente, na subseção “Circuito shopping center”, são destacados os shoppings Iguatemi e Higienópolis (o que irá se repetir em outros guias), “mas as ‘bees’ gostam mesmo é de bater perna no Frei Caneca: pura azaração...”.

De forma geral tanto esse encarte quanto a matéria “24h São Paulo – não Paraná não Paraná não Paraná” repetem a fórmula de indicar restaurantes, bares e passeios nas ruas dos Jardins. Na matéria, de Thiago Magalhães, nem o shopping e nem a rua aparecem e apenas casas noturnas consideradas de maior nível nas imediações são citadas (Vegas, fechado em 2012, localizado na Augusta e descrito como “ecclético oásis eletrônico escondido entre os inferninhos da Augusta”). As indicações estão claramente direcionada a um público disposto a gastar, principalmente vindo de localidades externas à cidade.

3.2.2 Time Out

A londrina Time Out dedicou uma edição a São Paulo, a English Edition Issue #8, lançada em junho/2011. Na capa, corações pretos num fundo vermelho, assim como o sofá que ilustra a imagem, e as palavras “LOVE + PRIDE” ao centro. A edição era dedicada ao Dia dos Namorados, com matérias indicando programas temáticos para fazer em casal (ilustrados por um casal formado por um homem e uma mulher) e um espaço bastante grande para falar da Parada do Orgulho LGBT daquele ano (p. 30 – 34; na última página direcionada a tratar da Parada a matéria “Have we overcome?” questiona a tolerância sugerida pela quantidade de pessoas nas Paradas de São Paulo, chamando a atenção para a agressão a um grupo de rapazes na Avenida Paulista, conhecida pela lâmpada fluorescente).

A edição também conta com um mini guia gay da cidade, com conteúdo semelhante ao da edição maior, principalmente na parte da listagem de lugares direcionados a gays e lésbicas (este último termo listado apenas nesta revista), separados em quatro subseções e três boxes respectivamente: “Listings, Club Nights, Bars, Out and about e Tweeting in Protest, Critics’ choice e Weekend Hangouts”.

Em “Club Nights” A Lôca é citada uma vez, em referência à noite de quinta-feira, Loucuras. Após a referência ao logo da casa (a rainha de copas), a nota destaca o tipo de pessoa possível de ser encontrada: “If you’re into frisky twins, this is the place, with techno and pop music thumping through the cavernous space”.

Nesta seção gostaria de destacar a forma diferencial com a qual o Shopping Frei Caneca é tratado, já que o mesmo é citado duas vezes na revista, uma na parte de indicações gerais de lugares de compra e a outra nos lugares de compras para gays e lésbicas. No primeiro caso, à página 61:

Frei Caneca: Located close to Avenida Paulista, this mall is at the *heart of São Paulo* and is famous not only for marketing culture, but also for generating it – amongst its numerous shops, nine cinemas and two theatres, and has a professional drama school named after Wolf Maya, one of Brazil’s most prestigious soap opera directors. Its cinema is known for being eclectic, with national and international movies on the menu, whether commercial or cult. The food court tends to get a bit crowded at lunch time, so you might find yourself sharing a table. (grifos meus)

No segundo caso, à página 77:

SHOP Shopping Frei Caneca This shopping mall consolidated its position *as a gay epicentre* in 2003 after a security guard asked two gay men at the mall’s entrance to stop kissing. The mall’s management made up for it with a special, kiss-themed promotional event. *It’s the cruisiest mall on Earth.* (grifos meus)

No primeiro caso, o shopping está “no coração de São Paulo”, evidenciando sua centralidade e diversidade de opções, relacionado também à proximidade com a Paulista; no segundo caso, trata-se de um espaço marcado pela presença gay, que nem sempre é

bem vista, mas, ainda assim, a publicação o classifica como “o shopping onde ocorre mais paquera e pegação gay na face da Terra” (traduções livres minhas).

Na revista não há mapas indicativos, apenas menção aos bairros (Consolação, no caso do Frei Caneca) e às estações de metrô mais próximas. O mapa está no mini guia gay, incluso na mesma edição.



Imagem 15 – Capa e contracapa do mini guia da Time Out.

O “Time Out São Paulo – the best of gay SP 2011” é mais completo, ao menos no que se refere a indicações de bares na Frei Caneca. Ele inclui os bares O Gato, Frey Café & Coisinhas, Barão da Itararé e até o ‘Bas da Lôca’ (assim grafado). Sobre este último, diz:

“The Always-crowded ‘bar on the corner’ is actually the neighbourhood bakery-cum-watering hole officially named Bar Tom Zé⁶⁸. Its proximity to nearby club A Lôca turned it into the club’s unofficial waiting room. The crowd is mixed, sheltering twinks, bears and closet cases. It’s often standing-room only.” (p. 22)

68 Na verdade o nome oficial do bar d'A Lôca é To-Zé e não se trata de homenagem ao cantor Tom Zé, mas da junção das iniciais de seus proprietários.

Listings

'Bar da Lôca' The always-crowded 'bar on the corner' is actually the neighbourhood bakery-cum-watering hole officially named Bar Tom Zé. Its proximity to nearby club A Lôca turned it into the club's unofficial waiting room. The crowd is mixed, sheltering twinks, bears and closet cases. It's often standing-room only. *Rua Frei Caneca 106, Consolação (3256 1946)*. **Open** 7pm-midnight Mon-Sun. **Prices** 600ml beer R\$6; caipirinha R\$8. 🍷 🍸 🍹

Farol Madalena This venue is a triple treat: bar, restaurant and concert hall. It serves a full menu of traditional *petiscos* (appetisers) and dishes named after Brazilian beaches, while offering a change of pace from the typical club with live, contemporary Brazilian music. It's a particularly popular destination with the ladies. *Rua Jericó 179, Vila Madalena (3032 6470/farolmadalena.com.br)*. **Metrô** 2, Vila Madalena. **Open** 7pm-1am Wed, Thu; 7pm-2am Fri, Sat; 5pm-midnight Sun. **Prices** cover R\$5-\$12; small bottle beer R\$5; caipirinha R\$12. 🍷 🍸 🍹

Frey Café & Coisinhas This lively café-cum-bar, recently relocated to a larger space with an outdoor terrace, draws in passers-by for espressos during the day, while couples on first dates or groups of friends come by at night. The tasty mojito is a good way to get in the mood. *Rua Frei Caneca 703, Consolação (3539 0858/freycafe.com.br)*. **Open** 4pm-midnight Mon-Sat. **Prices** beer 600ml R\$6.60; caipirinha R\$13.50. 🍷 🍸 🍹

O Gato One of the oldest joints in the area, O Gato is a mixture between bar and club. Thursdays are for romance, with a live band and background music. On Fridays and Saturdays, both floors come into play, with a live band and DJ on the first floor, and electronic music on the second. *Rua Frei Caneca 462, Consolação (3256 3656/ogato.com.br)*.

Open 10pm-6am Thu-Sat. **Prices** can of beer R\$6; caipirinha R\$15; cover R\$10-\$15. 🍷 🍸 🍹

Tubaina This two-storey bar – opened in 2009, at the peak of Brazil's '80s retro revival – is decorated with celebrity posters from that golden era of kitsch. Besides the awesome variety of liquors, Tubaina mixes up tasty regional cocktails, like the Cosmopolitan do Agreste – a passion fruit, strawberry, chilli and cachaça creation. The traditional *caipira* (rural) dishes like *pamonha* (creamed corn) aren't bad either. *Rua Haddock Lobo 74, Consolação (3129 4930/tubainabar.com.br)*. **Open** 6pm-1am Mon-Thu; 6pm-3am Sat, Sun. **Prices** *chope* R\$6.50; caipirinha R\$14; cover R\$0-\$4. 🍷 🍸 🍹

Vermont República This traditional *boteco* is a long-time gay institution. At night, it's mostly the laydeez soaking up the pheromone-charged atmosphere. Pop ditties spew from the speakers until a live band covers cheesy, emotive hits from MPB muses like Ana Carolina and Simone. *Avenida Doutor Vieira de Carvalho 10, República (3222 5848/vermontrepublica.com.br)*. **Metrô** 3, República. **Open** 6-1am Mon-Thu; 6-2am Fri-Sun. **Prices** 600ml beer R\$6; caipirinha R\$12; cover R\$3. 🍷 🍸 🍹

22 www.timeout.com/sao-paulo Gay SP 2011

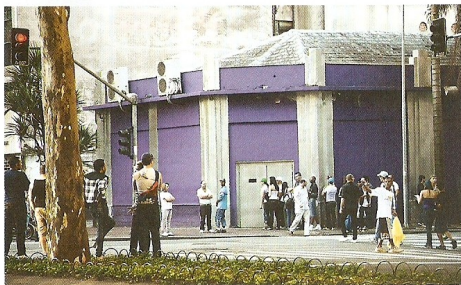
Imagem 16 – Detalhe do mini guia à página 22, com os bares da Frei Caneca.

A Frei Caneca também ganha destaque na matéria de abertura da edição e nas dicas de lugares para paquerar. Sobre este último tópico, vale destacar algumas das indicações da matéria:

FREI CANECA Firmly in the running for *World's Gayest Street*, Rua Frei Caneca – also known as Gay Caneca – is the most-do queer destination in São Paulo (...). If what you want is a little pre-game action while the night's still young, you couldn't pick a better spot. *There's somebody for everyone here.* (grifos meus)

Cruise control

Three of the city's best hangout spots



LARGO DO AROUCHE

What had been a verdant, park-lined set of residential city blocks planned at the edge of downtown at the beginning of the 20th century has become a haven for working-class twinks, middle-aged bar-crawlers, teenaged lesbians from the periphery and tranny prostitutes. It's a raucous, down-and-dirty district with a carnivalesque atmosphere and sex shops or porn cinemas on every other block – and we love it. Arouche is where you go to get

away from a bit of the superficiality that can sometimes taint the gay scene in Jardins; here, things are as real as they can get, and no one's an outcast. The jumble of bars around the circular *praça* stay packed, and same-sex couples often smooch in broad daylight. You may hear some paulistanos warn that the area is dangerous, but there's actually a police post on-site, where uniformed officers keep watch over the wildlife. Best day: Sundays. *Largo do Arouche, Centro. Metrô 3, República.*

14 www.timeout.com/sao-paulo Gay SP 2011



BENEDITO CALIXTO

Although not a strictly gay locale, Saturday afternoons at Praça Benedito Calixto in Pinheiros does draw crowds, especially the fashionable gay and lesbian set. A wonderfully diverse flea market occupies the square, with handicrafts, art, antiques and clothing (with lots of cool T-shirts), and a live samba band Brazilianising the atmosphere. It's also the perfect spot to hang out with friends, try some traditional Brazilian eats – the *acarajé*, a bean-based fried goodie originally from Bahia, makes for a great snack – before getting a little flirting in. Or a lot. The bars on the north end of the square stay busy long after the merchants have folded up their stands, and the ladies have just as much of a chance of scoring as the gents. And there's always one or two 'straights' who get curious. *Praça Benedito Calixto, at the corner of Rua Teodoro Sampaio and Rua Lisboa, Pinheiros.*



FREI CANECA

Firmly in the running for World's Gayest Street, Rua Frei Caneca – also known as Gay Caneca – is the must-do queer destination in São Paulo, hosting the city's highest concentration of gay nightclubs, restaurants, bars and even an entire rainbow-tinted shopping mall. Running parallel to hip and happening Rua Augusta, Frei Caneca offers ample opportunity to meet your next friend or your next ex. *Cavernous A Lóca (see Nightlife)* anchors the top end of the gay section, near Rua Peixoto Gomide, where boisterous packs of young people imbibe at scores of no-named bars, and the action continues down the hill to Shopping Frei Caneca, with various gay-centred shops and services populating the intervening space. If what you want is a little pre-game action while the night's still young, you couldn't pick a better spot. There's somebody for everyone here. *Rua Frei Caneca, Consolação. Metrô 2, Consolação.*

Gay SP 2011 www.timeout.com/sao-paulo 15

You'll have a gay old time

Gay São Paulo might not have the cachet of New York or London's scenes, but make no mistake: Sampa deserves diva status. If the 10 per cent rule applies (and the Parada do Orgulho GLBT, the world's largest pride event, claims 10 per cent is a conservative estimate), São Paulo's gay and lesbian population is in the range of two million.

The precise number of the GLBT population is less important, though, than the fact that gay and lesbian paulistanos are standing up and being counted. From Barbies (Brazilian muscle marys), go-go boys and *bolachas* (girls), all the way to the sex workers and escorts working the club crowds, the city has a style that's entirely its own when it comes to gay love and life.

São Paulo's gay scene mirrors the makeup of the megalopolis, spread wide across the diverse neighbourhoods – from Jardins to Consolação to Centro. While 'GLBT' is the official acronym for the gay scene, Brazilians also use 'GLS' widely. It stands for gays,

lesbians and sympathisers, neatly encompassing not only homosexuals but their friends of the straight persuasion, too. The acronym hints at the social fabric of the city, where it's common for gays and straights to mingle across the swankiest restaurants, bar and clubs.

Most of the neighbourhoods on SP's social map offer options for a tailored clientele as well as for a mixed straight-gay crowd, from the glitziest places to dive bars and hardcore hangouts. Upscale Jardins is as fashionable with the GLS crowd as it is with everyone else. Nearby Consolação, anchored by über-queer thoroughfare Rua Frei Caneca, is thriving as the city's gay epicentre, while gritty Centro, especially around Praça da República and the Largo do Arouche, lets it all hang out for those who like rough trade.

All that said, this mini-guide only offers a taste of what the São Paulo gay scene is all about. Get out there and get into it – safely, of course.

Ernest White II, guide editor

6 www.timeout.com/sao-paulo Gay SP 2011



Imagens 17 e 18 – Detalhes das matérias citadas no mini guia.

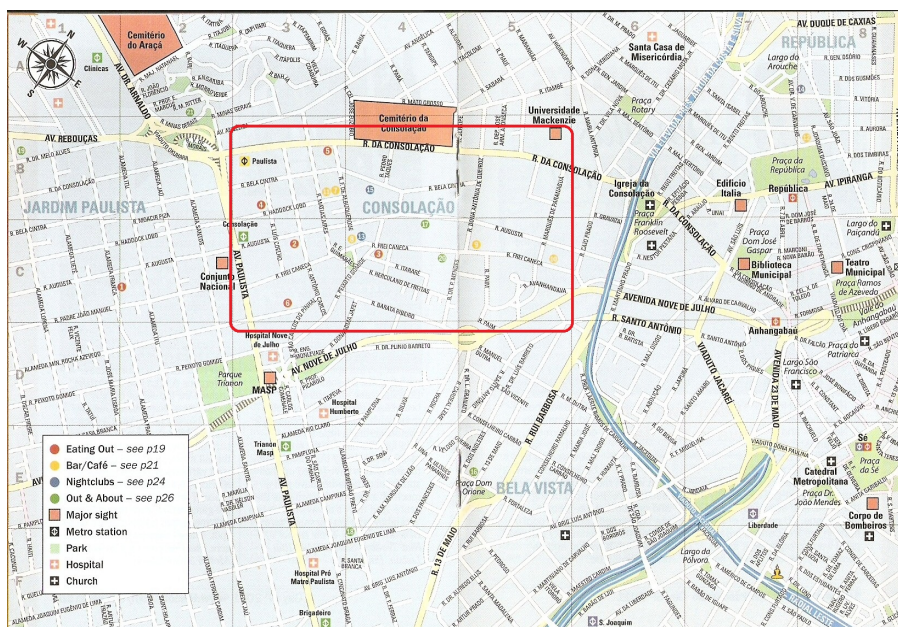
Aqui já se percebe o foco na Frei Caneca como “epicentro” da vida gay da cidade e não só isso, da vida gay *queer*⁶⁹. A rua é o espaço ideal em São Paulo para se conseguir companhia, nela há alguém para todo mundo.

Na entrevista cedida pelo empresário Douglas Drumond, à época proprietário da Sauna 269, o mesmo afirma categoricamente:

“São Paulo has the biggest gay community in the world. And according to the last census, 80 per cent of people living in Frei Caneca area are gay. I want to organize it as a community: we can be free here.” (p. 18). (grifos meus)

Drumond cita dados do censo que ou não foram divulgados ou não existem para reafirmar a prevalência de moradores gays na região da Frei Caneca, cerca de 80%.

Por fim, gostaria de trazer o mapa constante neste guia, no qual é possível observar claramente a ênfase dada aos bairros da Consolação e Bela Vista, onde quase no centro se localiza a Rua Frei Caneca. É inegável a grande quantidade de lugares destacados no mapa e que estão citados ao longo do guia, formando uma espécie de centralidade gráfica no quadrilátero formado pelas Rua da Consolação, Avenida Paulista, Avenida 9 de Julho e Elevado Costa e Silva.



69 Curioso o uso do termo *queer*, traduzido comumente por “estranho” ou “esquisito”. Historicamente chamar uma pessoa de *queer* se traduzia em ofensa, mas com o tempo os movimentos sociais politizaram o termo, que ganhou status de teoria na academia.



Mapa 11 – Mapa do mini guia da Time Out, com claro destaque ao eixo Augusta – Frei Caneca.

A vida gay paulistana da Time Out claramente privilegia a região da Frei Caneca, não buscando uma lista exaustiva de lugares para ir e tipos de pessoas para encontrar. Ainda assim mantém o padrão cardápio: o que você vai querer essa noite?

3.2.3 Guias JUNIOR

Os guias produzidos pela Revista JUNIOR, de circulação mensal e editada pela Editora MixBrasil, foram coletados entre os anos de 2011 e 2012 e totalizam 07 guias, entre exclusivos da cidade de São Paulo ou incluindo outras capitais. A JUNIOR é uma revista claramente direcionada ao público gay e jovem, fazem parte de suas matérias ensaios fotográficos com homens jovens e cujo cuidado pela aparência é tema central. Além disso, há matérias sobre estilo de vida e conjuntos de matérias intituladas “Dossiê” nos quais se pretende dar atenção a alguma questão social relevante (a criminalização da homofobia no Congresso Nacional, moradores de rua gays ou travestis, etc.).

Não pretendo dar conta de esmiuçar todo o conteúdo dos guias, mas dar relevância especial aos lugares, espaços e termos nos quais são tratadas pessoas, expressões e sexualidades dentro de algo que é chamado pela publicação como “cena gay” na primeira edição do guia.

Antes é preciso mencionar que estes guias têm periodicidade irregular, ou seja, não seguem intervalos precisos de tempo. A maior parte deles é produzida pelo ensejo das atividades, eventos e festas relacionados à realização das Paradas do Orgulho LGBT de

São Paulo e, neste sentido, posso dar conta de comentários que abarcam as paradas de 2009 a 2012.

É importante mencionar também que o guia começou como um especial sobre a cidade, intitulado apenas “GUIA JUNIOR” com o subtítulo “Especial São Paulo 24H”. Os guias da JUNIOR buscam dar conta de todas as opções de lazer, diversão noturna, bares, casas noturnas, saunas, clubes de sexo, lugares de pegação da cidade. Mas, como fica claro numa matéria publicada na própria revista sobre os lugares localizados na periferia, há um destaque e uma preferência clara por lugares do Centro e espaços mais distantes entram na lista apenas se forem considerados “elegíveis”, como o caso da casa noturna The Week⁷⁰, a maior da cidade e que realiza uma programação intensa de festas durante o feriado da parada.

3.2.3.1 Paradas nos guias JUNIOR

2009

O primeiro guia (junho/2009), como já citado acima, se dedicava a situar os visitantes na cidade por ocasião da Parada, com dicas e roteiros voltados para a vida noturna. A capa é de fundo preto com a foto de um jovem com camiseta regata e calça jeans, de maneira a dar a impressão de movimento, de que o modelo está dançando. Numa das chamadas de capa: “Roteiros para você se jogar na cidade mais fervida do Brasil”.

As matérias não possuem assinatura, apenas fotos, e a primeira matéria, à página 04, já apresenta a cidade e seus personagens ao leitor: “Encontre sua turma: há tantos clubes na cidade que acabou rolando uma subdivisão: *modernos vão para a Augusta*, musculosos para os megaclubes e maduros e ursos para o centrão” (grifos meus).

Apesar dessa suposta subdivisão de tipos já ter sido criada, o guia faz uma outra divisão: clássicos, modernos, bafonzeiros e ursos. Essa divisão busca recriar espécies de concentração de tipos e interesses em determinados espaços ou clubes. Um exemplo interessante é o fato de na marcação “clássicos” constar a The Week, mas não A Lôca,

⁷⁰ A The Week localiza-se na Lapa, bairro na Zona Oeste da cidade em área sem oferta de transporte público sobre trilhos (trem e metrô), o que dificulta o acesso de um público com menor poder aquisitivo. Ser frequentador da The Week, ou uma “bicha th”, como dito por alguns interlocutores, traz diferenciais em relação à sua identidade pessoal: gay, maior poder aquisitivo, branco, musculoso, bonito (Ver França, 2010).

esta última casa noturna com muito mais tempo de existência. Por quê? Parte da explicação sobre a marcação “modernos” explica:

Quem quer fugir da massa gay tem muita opção em São Paulo, cidade mais que democrática. O roteiro básico passa pela bombada rua Augusta obrigatoriamente. [...] A Lôca é o reduto underground da cidade e continua bombada às quintas e domingos.

A ideia d'A Lôca como reduto de modernos aparece aproximada da compreensão dos frequentadores da Augusta, como se um lugar estivesse relacionado ao outro, e a um imaginário geral de underground. No caso deste guia a *The Week* é “clássica” não pelo tempo de existência, mas pelo tipo de ambiente que oferece: música eletrônica na vertente tribal house, comuns a outras grandes casas noturnas gays pelo mundo, gogo boys, homens musculosos, etc.

Não há referências à Frei Caneca e nem a uma possível “cena” na rua. Os pontos de referência ao se falar da Frei Caneca continuam sendo o shopping e A Lôca nas dicas que se seguem, como a citação ao bar Frey (“É um micro bar que fica ali ao lado do shopping Frei Caneca”), ao bar Flyer (“[...] o Flyer recebe o mesmo público que se joga n’A Lôca, já que são vizinhos.”) e ao bar Barão de Itararé (“Fica pertinho do clube A Lôca e de todo o bafo que rola por ali. [...] Nas mesas, uma mistura democrática de tribos.”). Todas essas indicações estão na página 06 do guia e são seguidas de uma hashtag, marcação temática feita pelo símbolo # comum em postagens na rede social twitter e que ajudam a contabilizar o quanto se está falando de uma pessoa, um lugar, um tema, etc. O Frey é #animado; Flyer é #indie; e o Barão de Itararé é #digno. Essa classificação busca dar uma exatidão resumida aos lugares e ao clima desses espaços. É comum no Frey, por exemplo, haver carros com portas abertas tocando música nas ruas, daí a possibilidade de ser classificado como “animado”. Já o Barão de Itararé recebe, aqui, a classificação menos interessante: é “digno”, ou seja, pode-se ir lá, mas não é o lugar mais animado ou cheio da região; lá também é espaço para uma faixa etária mais alta na região, marcada pela presença de pessoas muito velhas.

Na listagem de “Saunas e sex clubs” há a indicação de dois espaços que ficam nas proximidades do shopping. Um deles é o Gladiators (“[...] O público é variado, mas

sempre tem uns gostosos. Variedade de corpos e texturas.”), o outro é a Labirinttus 2 (“Uma das saunas mais lotadas da cidade. [...] Recebe sempre um povo saído das festas e dos clubes, na madrugada. Certamente vai ser porto seguro para quem quiser pegação pós-eventos da Parada.”). Ambos os lugares têm seu endereçamento ligado ao bairro de Cerqueira César, informação que irá mudar em um ano, “mudando” o bairro de localização das casas. Como no caso dos bares, esses espaços também são identificados com “hashtags”: *Gladiators#hardcore*, *Labirinttus2#sauna 24h*. Neste caso a *Labirinttus2* ganha uma mini classificação que diz pouco sobre a casa.

Na listagem de casas noturnas, neste guia, *A Lôca* não é citada. Em 2009 a *JUNIOR* publica ainda outras três edições do seu guia em setembro, novembro e dezembro, quando então passa a ter numeração sequencial.

2010

O guia de 2010 intitula-se “Guia São Paulo #5 JUNIOR”, com uma capa de fundo azul celeste e uma foto de prédios da cidade. Estampa a capa um jovem de jeans escuro e camiseta branca com a “frase” “I chuva SP”, onde a ideia de chuva se manifesta na imagem de uma nuvem chovendo. A capa destaca matéria sobre as lojas colaborativas da Augusta. Esta, na verdade, é a única matéria desta edição do guia sobre a região, o que, em si, pode demonstrar já um desinteresse por este espaço, já que ele possuiu grande destaque nas edições de 2009, como se verá adiante. O guia foi lançado em maio/2010, parte integrante da edição 18 da revista.

Destaco uma frase interessante do texto de apresentação desta edição do guia, na página 03: “A Parada Gay perdeu um tanto de seu glamour, mas as baladas que a antecedem são mais e melhores do que nunca”. 2010 fora o segundo ano de realização da *Pool Party da The Week* realizada no domingo da Parada, rivalizando com o evento. A Parada já havia recebido críticas em relação à sua não profissionalização como evento festivo, inclusive sendo sugerida a inclusão de cordões ao redor de determinados carros de som para quem comprasse *abadás*, seguindo o exemplo *soteropolitano* de carnaval.

Nesta edição do guia saem as hashtags da listagem dos bares, mantendo a indicação do *Frey* e do *Barão de Itararé*, sendo que o texto de apresentação do segundo é alterado: “Recebe todo tipo de gente, orientações sexuais e idades” (p. 04). O curioso

dessas indicações é a alteração da definição do bairro em que estão: se no ano anterior estavam em Cerqueira César, bairro existente na cidade, em 2010 eles passam e figurar no Baixo Augusta, expressão utilizada para se referir a um espaço da Rua Augusta sentido centro e suas imediações, mas muito mais direcionado para falar desses novos espaços de consumo abertos nesta última década. Não é propriamente um bairro, mas uma marcação de distinção.

Nesta edição também entra a citação ao bar O Gato, localizado na Frei Caneca, no Baixo Augusta: “Atrai um povo mais despreocupado e mais certinho” (p. 06); e é incluída na listagem de “Clubes” a casa noturna A Lôca, como Baixo Augusta: “Há 14 anos atrai todo tipo de gente. É inclassificável e por isso mesmo divertida. Todo tipo de gente, mesmo, passa por lá durante a semana inteira” (p. 08).

Em relação à sauna e ao sex club já existentes no outro guia há também mudança em relação à localização espacial, apesar de ambos estarem muito próximos: enquanto o Gladiators se mantém em Cerqueira César a Labirintus passa a figurar no Baixo Augusta. Nessa edição ainda há menção à já fechada Associação GLS Casarão Brasil, na Frei Caneca, e à inauguração da CIT GLS neste lugar, a Central de Informações para o Turista.

2011

O guia de 2011, lançado em junho/2011, é a edição 06 e vinha junto à edição 29 da Revista JUNIOR. Intitulado “Guia São Paulo #6 JUNIOR”, tem chamada única na capa (“Parada Gay 2011: tudo o que você precisa saber para se divertir em São Paulo”), em capa branca com um modelo vestindo cueca e blusa rosa.

A primeira matéria, “Parada na balada”, destaca “a programação dos clubes mais importantes” (p. 04) e, nesta edição, A Lôca figura como um deles. Na página 09, o mesmo modelo da capa veste apenas um boné roxo e o texto de apresentação faz referência às “noites clássicas” do “clube maus udner (sic) de São Paulo”. No endereçamento, A Lôca figura localizada no bairro da Bela Vista, o que é contradito no próprio guia à página 14, cujo texto de apresentação da casa noturna segue *ipsis literis* o do guia do ano anterior, localizando A Lôca no Baixo Augusta. Os bares O Gato, Frey e

Barão de Itararé seguem o mesmo texto da edição anterior do guia, ainda localizados no Baixo Augusta; Gladiators e Labirintus 2 também estão localizados neste “bairro”.

2012

O “Guia São Paulo #7 JUNIOR” é o maior de todas as edições em número de páginas, passando de 50. A qualidade do papel também é melhor e vinha junto com a edição 40 da revista. Ilustra a capa um modelo de calça de moletom em fundo branco. Há cinco chamadas na capa.

As matérias que destacam os eventos e festas preparados para a Parada ocupam quase a primeira metade do guia; as páginas seguintes são as indicações por listagem de tipo de estabelecimento (bar, sauna, etc.). Além dos lugares já citados nas edições anteriores (Frey, O Gato, Barão de Itararé, A Lôca, Labirintu’s Club e Gladiators Club), todos localizados como Baixo Augusta, este guia traz duas novidades: a indicação do Bofetada, misto de bar e casa noturna quase na esquina da Frei Caneca e Peixoto Gomide, e que já existia nos anos anteriores; e a The Society, casa noturna dos mesmos sócios da The Week.

Assim é descrito o Bofetada: “A pequena casa é dividida em dois ambientes. No térreo, o clima de bar impera com música de fundo. No piso superior, moderninhos se jogam ao som do indie e do pop” (p. 32). Não há descrição do bairro e nem endereço, diferente do The Society, localizado no Baixo Augusta e assim descrito: “Instalado em um casarão do Baixo Augusta é ideal para encontrar amigos, ver e ser visto” (p. 42).

3.2.3.2 São Paulo em 2009 nos guias JUNIOR

Guia JUNIOR “2”

Após a primeira edição dos guias da JUNIOR, em 2009 por ocasião da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo, a revista lançou outras três edições em períodos posteriores neste mesmo ano, feito que não ocorreu nos anos seguintes.

A segunda edição, a qual não recebe essa numeração, veio junto com a revista de setembro/2012, cuja capa é um close do vencedor do concurso Mix Brasil Gay 2008, intitulada “GUIA JUNIOR” e com a chamada “Especial 12 cidades: roteiro para ferver em BH, Brasília, Curitiba, Floripa, Fortaleza, Goiânia, Juiz de Fora, Porto Alegre, Recife,

Rio, Salvador e São Paulo”. Nesta edição do guia a parte dedicada a São Paulo é menor, o destaque fica para as outras cidades, mas há boxes específicos temáticos para a cidade que interessam em especial a esta pesquisa para além da descrição dos espaços já tratados mais acima.

Uma dessas matérias chama-se “FOFITOS” (p. 22) e refere-se a uma pet shop, loja dirigida a bichos de estimação, chamada Bicho da Caneca Pet Center, localizada no 703 da Frei Caneca e cuja fachada era ilustrada com um gato e um cachorro sorridentes dentro de uma caneca usando boinas nas cores do arco-íris. Essa loja já fechou, hoje a casa é o bar Frey Café & Coisinhas. O interessante dessa matéria é a localização do lugar, o qual, como acima, muda sensivelmente de bairro e sentido em 2010:

A rua Frei Caneca, na região da Consolação em São Paulo, virou roteiro de gays e lésbicas desde a inauguração do clube A Lôca. Hoje bares, sauna, sex club animam a vida noturna da região.

A matéria da página 24, intitulada “Lá no Baixo” já anuncia uma certa espacialidade da cidade como “Baixo Augusta”, a qual possuiria características específicas em relação a outras localidades: “O Baixo Augusta é um marco da tolerância. Novos clubes e bares que agregam todas as orientações sexuais convivem com ruas lotadas.” Este primeiro trecho já anuncia duas coisas importantes: como o Baixo Augusta é um espaço de tolerância, ou seja, lugar onde dificilmente se encontram situações de agressão, conflito e violência por conta do encontro de pessoas e grupos diferentes; e como essa tolerância é observada nos espaços privados da rua, os bares e clubes, que também manteriam boa convivência com o espaço público aberto, a rua lotada. Como seria de se esperar, o guia, direcionado a consumidores, fala dos espaços privados, fechados, mesmo que não haja situações de conflito.

Segue a matéria: “O pioneiro foi A Lôca, caverna underground que se assume gay mas tem uma frequência bem mais eclética do que isso.” A Lôca, portanto, faz parte do Baixo Augusta, assim como o clube Vegas, apontado por muitos meios como um dos polos de mudança da Augusta e região, sendo este “sofisticado (...), com seleta programação e sextas gays.”

O guia não desce a Augusta além do número 591, não vai ao mais baixo do Baixo Augusta, ao contrário, termina as dicas dessa região na Rua Haddock Lobo, quase na Avenida Paulista, ao falar da padaria Bella Paulista como o lugar de fim de noite para comer algo, mas que também poderia ser entendido como um “cruising point”⁷¹.

Guia JUNIOR “3”

A terceira edição do Guia JUNIOR foi lançada em novembro/2009, com capa em fundo branco, um modelo de sunga apoiado em aparelhos de ginástica ao ar livre e com duas chamadas que dão tom da edição: “Qual é sua praia?” e “Rio SP + Salvador Recife Floripa”. De todas as capitais que fazem parte do guia, apenas São Paulo não possui praias e nesta edição rivaliza com o Rio de Janeiro nos destaques, as duas cidades definidas no texto de abertura como “locomotivas da cultura clubber brasileira” (p. 03).

As dicas paulistanas começam com o cardápio de bares na página 11, citando o bar Volt ([#delicia.com.br](#)) como opção tranquila porque “fica longe da ferveção dos outros bares da região onde fica, o Baixo-Augusta.” O Volt fica na Haddock Lobo.

Os outros bares citados que ficam na região da Frei Caneca ganham diferentes definições do bairro em que estão: O Gato, Cerqueira César; Frey ([#micromaisanimado](#)), Consolação; e Barão de Itararé ([#bom](#)), Consolação. Já a parte de dicas de casas noturnas, em “Clubes”, tem ainda mais diferenciação dos bairros de localização. O Vegas ([#epicentro](#)), na Rua Augusta, está no Centro e é definido como o lugar em “que a Augusta voltou a ser eixo da noite paulistana.” (p. 14); já A Lôca ([#reduto](#)), aqui fica no Centro, assim como o Caravaggio ([#fervido](#)), que está na Rua Álvaro de Carvalho, nas proximidades do Vale do Anhangabaú, e a Cantho ([#up](#)), localizada no Largo do Arouche. Este guia é interessante também porque há a citação a outra casa noturna da Augusta, o Tapas ([#rocknaveia](#)), definido como estando na Augusta, e outras duas casas em outro espaço da cidade, na mesma Rua Rego Freitas, que são alocadas uma como Vila Buarque e outra como Centro.

71 Numa tradução livre, ponto de caça, paquera, pegação.

Guia São Paulo #4 JUNIOR

A partir da quarta edição dos guias estes passam a ser numerados e a se referirem a apenas uma cidade, São Paulo. A capa tem um fundo com motivos de padrão repetido nas cores amarela, vermelha, bordô, verde e azul. É a parede da casa noturna Hot Hot, acarpetada, e com um modelo com cabelos cacheados, camiseta branca com gola V que ultrapassa a linha do tórax e calça jeans preta. Há cinco chamadas-destaques.

Esta edição foi lançada em dezembro/2009 e não há nenhuma matéria em especial sobre o espaço da pesquisa, salvo os destaques para a abertura da casa noturna Hot Hot, na região do Anhangabaú, mas citado como Bela Vista, e do anúncio do que viria a ser o The Society, ambos alocados numa ideia de Centro da cidade: “Downtown: Depois do Hot Hot (...), mais um clube confirma sua abertura no bom e velho centro de São Paulo.” (p. 04). Apesar dessa ênfase, não há matérias específicas que indiquem dicas relacionadas a um espaço da cidade. Portanto, irei me ater às dicas do “cardápio” lateral, como nas outras edições, indicando bares, clubes, etc.

Antes disso, gostaria de voltar ao texto de apresentação da edição. Isso porquê ele serve como bom ponto de fechamento da apresentação feita dos guias da JUNIOR e sua construção de espacialidades, já que, pela primeira vez, busca definir o que seria o guia, quais suas pretensões:

O GUIA da JUNIOR quer ser uma bússola do que há de melhor na noite paulistana, apontar para seus hypes e, sobretudo, ajudar o leitor a se achar (e se divertir) na cidade que tem na cultura de noite um de seus principais orgulhos.
(p. 03).

Curiosamente o guia pretende ajudar o leitor a “se achar” na cidade, no que vale a pena ser visitado, mas, como visto anteriormente, altera de forma considerável a localização dos mesmos lugares que indica. Mais do que um erro de edição essas mudanças indicam alteração no padrão do que possa ser interessante a um visitante gay da cidade, o qual pode ir da Bela Vista ao Baixo Augusta sem andar um metro sequer.

As dicas de bares, muitos já citados anteriormente, circulam entre dois bairros: Consolação e Cerqueira César, o que poderia sugerir uma homogeneização na localização

espacial destes, algo não observado nos guias dos anos seguintes, como demonstrado nas análises acima, formando uma ideia de Baixo Augusta sem muita definição do que seja essa espacialidade. Em relação às casas noturnas, a Augusta vira Centro e Consolação num raio de 200 metros e a Frei Caneca vira Centro. A Lôca, por exemplo, em todos esses guias habita uma média entre Consolação, Cerqueira César, Baixo Augusta e Centro; muitas vezes isso depende da referência e da ênfase do guia. A casa pode estar no Baixo Augusta caso haja uma matéria específica sobre a região ou formar parte do Centro em edições cujo destaque são as transformações aí sofridas. Os bairros andam.

3.2.4 O “mapa dos viados” da BUTT Magazine

Sem querer dar conta de todas as publicações que pretendem “explicar” ou “desenhar” a cidade de São Paulo que interessa ao público homossexual, trago mais um exemplo internacional: o mapa produzido para o site da BUTT Magazine. A BUTT é uma revista holandesa, com conteúdo em inglês, entrevistas pouco ortodoxas e ensaios fotográficos menos ainda. Não é incomum ter nas páginas de cor rosada entrevistas com lixeiros ou ensaios de nu com homens gordos ou rapazes fazendo auto-felação.

Lançada em 2001 a BUTT propõe construir uma relação muito próxima com o leitor, disponibilizando um espaço intitulado “BUTTSTUFF”, onde mais do que publicar comentários elogiosos ou críticos sobre a edição anterior os editores estimulam os leitores a enviarem materiais como desenhos, fotos, textos e relatos que estejam vinculados a uma vivência gay diferente do comum, como o registro fotográfico de um agricultor francês urinando com a frase chamando a atenção para que este teria um pênis enorme ou um leitor que utiliza uma massinha comestível para fazer bolinhos na forma de seu ânus, sendo este seu molde. A intenção é justamente fugir do comum de outras publicações direcionadas aos gays.

Uma outra informação que ajuda a entender a proposta da revista é a mudança de subtítulo explicativo da publicação a cada edição: a primeira edição tinha o subtítulo “Fag Mag”, algo como “revista de viado”; a quinta edição continha na capa, em letras garrafais, a frase “International faggot magazine for interesting homosexuals and the men who love them”; a sexta edição, “Fagazine”; a décima edição, “Fantastic magazine for

homosexuals”; a décima quarta, “Hysterical magazine for homosexuals”; a décima sétima, “Amazing magazine for homosexuals”; etc.

Na compilação dos cinco primeiros anos da BUTT uma pequena frase na capa resume o entendimento sobre a publicação: “Adventures in 21st century gay subculture” (2006). O texto de abertura, do cineasta Bruce LaBruce, possui o título de “Fats and Femmes, please!”, algo como a reivindicação de um espaço para gordos e afeminados numa crítica à noção maior de “vida gay” mais hegemônica que exclui pessoas com essas características.

O site da revista, também todo em fundo rosado, possui alguns aplicativos que visam intensificar a relação entre os leitores, que aqui podem ascender à categoria de participantes de uma rede social própria, e os editores. Há três seções: o “Club Butt”, onde as pessoas podem se cadastrar, colocar informações mínimas e três fotos e cujo mote é encontrar novos amigos e sexo (“Find new friends and optional sex”); “Magazine”, com a disponibilização de parte do conteúdo da publicação impressa; e “Fag Maps” (“tourist tips from top homo spots”), mapas alocados no aplicativo do Google para localização geográfica produzidos por “buttheads”⁷² que morem nas cidades.

Há nove Fag Maps, numa tradução livre, “Mapas de Viado”, e, portanto, nove cidades: Berlim, Bruxelas, Londres, Los Angeles, Cidade do México, Nova Iorque, Paris, São Francisco e São Paulo. Essa última é a única cidade sul-americana a figurar nos Fag Maps, cujo responsável pelas informações é um rapaz chamado Tiago. Na listagem imagética das cidades, cada foto do responsável pelos mapas está ao lado de um edifício ou monumento fálico, geralmente identificador do lugar; a foto de Tiago está ao lado do obelisco em homenagem aos mortos da revolução de 32, localizado no Parque do Ibirapuera, um dos monumentos menos identificados com São Paulo.

72 “Butthead”, “cara de bunda” ou “cara de cu” numa tradução livre, é a forma como os participantes do “Club Butt” são chamados pelo site. Mensalmente um participante é eleito como “butthead of the month”.

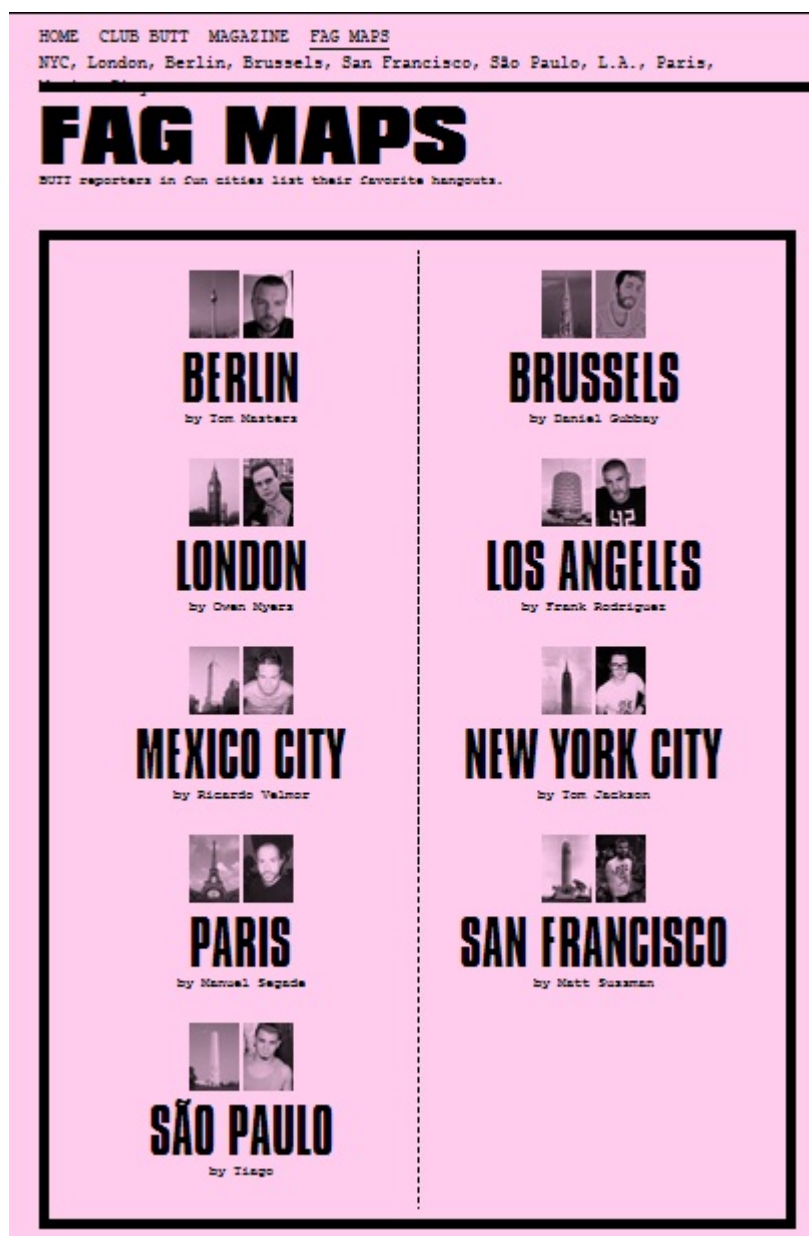


Imagem 19 – Visão geral de todos os Fag Maps e seus responsáveis.

No perfil de Tiago, que aparece sem sobrenome, há informações básicas como a profissão (jornalista), o ano de nascimento (1985) e a frase “Married and happy...”, indicando que o rapaz não está solteiro. E, diferente da maioria dos perfis, há apenas uma foto das três possíveis de serem publicadas; o comum é haver ao menos uma foto que mostre os atributos físicos e genitais dos usuários. À página do Fag Map São Paulo, Tiago se apresenta:

Hello, Guys, I'm Tiago, your São Paulo Fag Map Correspondent. I'm 25-years-old and work as a journalist, promoter and photographer. I was born and raised here. It's the world's sixth largest city so there's a lot of places to masturbate. Come on, São Paulo awaits you on flames....



Mapa 12 – Visão geral dos lugares listados por Tiago no São Paulo Fag Map.

As indicações de Tiago se restringem a 15 espaços, entre parques, livrarias, bares, casas noturnas, saunas e clubes de sexo, e, especialmente, denotam uma concentração no eixo República – Augusta – Paulista, sendo o maior número de lugares indicados no trecho entre o Largo do Arouche e a Praça da República (06 lugares: Cine República, Caneca de Prata, Paradise Club, Chopperia Arouche, ABC Bailão e Up Grade). Apesar de haver uma farta oferta de casas noturnas nesse espaço, nenhuma delas é citada.



Mapa 13 – Visão aproximada das indicações na região da República

No trecho concernente à Augusta – Frei Caneca – Paulista há a indicação de 04 lugares: Bar do Netão, A Lôca, Livraria Cultura e Sex Shop Vênus. Mais uma vez a enorme quantidade de possibilidades de locais na região fica de fora, como outras casas noturnas, bares e saunas/clubes de sexo mais famosos e movimentados.



Mapa 14 – Visão das indicações de Tiago na região Paulista – Augusta – Frei Caneca.

Há ainda a indicação de espaços mais distantes dessa região “central”, como o Parque do Ibirapuera, a casa noturna Glória (não tão distante assim, mas formando um ponto isolado na visualidade do mapa) e a casa noturna D-Edge (na Barra Funda, que não é gay e está um bairro que possui ao menos outras três casas noturnas gays de grande visibilidade).

Certa vez indaguei o porquê de o mapa ser tão restrito e indicar pouquíssimos espaços na Augusta, por exemplo. Tiago respondeu:

Oi Bruno, O FAG MAP SÃO PAULO não é voltado para brasileiros que moram em São Paulo, e sim para visitantes, que dispõem de pouco tempo, e deve abranger a todos os públicos gays. Foi criado no início de 2011 e realmente precisa ser atualizado. Mas vale lembrar que o site não disponibiliza de espaço para todas as opções de lazer que a cidade oferece. ;)

De fato os outros Fag Maps também não possuem um número muito maior de opções: o Berlin Fag Map tem 19 lugares listados, o San Francisco Fag Map 15, o New York City Fag Map 17, o London Fag Map 18 e o Mexico City Fag Map 12. Mas o que chama a atenção no caso de São Paulo é a indicação de lugares não necessariamente gays e cuja frequência é bastante mista, ao lado de espaços que possivelmente serviriam de trajeto a um turista de poucos dias sem a necessidade de indicação, como a Livraria Cultura. Poderia parecer que Tiago estivesse seguindo a “linha editorial” da revista ao indicar espaços menos ortodoxos, mesmo espaços que seriam assim classificados para trocas sexuais como o Sex Shop Vênus, mas há duas casas noturnas que destoam sobremaneira dessa possibilidade, o Glória e o Lions, caras e cuja frequência é baseada em pessoas de alto poder aquisitivo. Ora, mas se esses lugares se encerram como dicas de possibilidades de lazer para gays, porque espaços maiores e mais bem cotados⁷³ na noite paulistana, como a The Week, a Flexx e, de certa forma, a Blue Space, estão de fora?

Longe de criticar as escolhas do editor do São Paulo Fag Map gostaria apenas de apontar o mapa e o desenho espacial como intrinsecamente pessoais de Tiago. Ainda assim é possível visualizar uma ênfase no perímetro central, mais perceptível quando se

73 Dados de campo.

observa o mapa mais distante. Isso também é possível de observar nos comentários dos usuários: Danilo: “I love those downtown spots”; Cairo: “A LOCA é minha segunda casa, sem dúvida.”.

Os lugares indicados possuem pequenas descrições na página do mapa descrevendo sumariamente como é o lugar e o público frequentador em no máximo três linhas. Mas cada indicação também abre uma janela, em fundo preto, à esquerda, contendo informações mais completas. Um exemplo interessante é o da Livraria Cultura que, de ponto de encontro para interessados em livros e afins passa a espaço de paquera e até de ponto de partida para chegar até os michês do Parque Trianon, caso o usuário não tenha arranjado companhia até cerca de 20h. O ponto da livraria, neste caso, serve de extensão sexual ao Trianon e ao sexo pago.

Isso se repete em relação a outros espaços, como o Sex Shop Vênus, cuja extensão se dá à Praça dos Arcos, sobre os túneis de acesso às avenidas Doutor Arnaldo e Rebouças (“[...] wich is home to a public sculpture in the form of a deconstructed rainbow”) e à banca de frutas e sucos à frente. O Bar do Netão serve, aqui, como marco da noite alternativa da cidade, sendo parte de sua citação a Rua Augusta; já A Lôca é uma citação em si, sem referências à Rua Frei Caneca, apenas às características da casa noturna e à diversidade de seu público (“[...] you can dance with the tranvestites and the nightworkers until the sun comes up.”). A indicação da casa noturna Lions é a única que sugere um processo de “revitalização” do centro relacionado ao incremento da vida noturna.

Como guias destinados a estrangeiros essas indicações mostram uma espécie de suspensão do tempo cotidiano, da apreensão de uma cidade existente no tempo livre, do não-labor. Sarlo (2009) parte dos guias de ruas e informações turísticas de Buenos Aires para pensar a cidade construída no tempo e no espaço de estrangeiros:

Las guías producen ciudad imaginaria para quienes no la conocen: pedazos combinados, desplazamientos, transportes aconsejables, barrios peligrosos: andar prevenido. [...] Piensan la ciudad como traducción entre culturas, como intérpretes [...]. De todos modos, el turismo (interno o externo) no busca la “realidad”, sino un despliegue de íconos con los cuales alimentar la fantasia previa a la llegada. La “realidad” se niega al visitante que generalmente no

viaja en transporte público en las horas de pico, ni está sometido a la disciplina laboral de la ciudad cotidiana. Sin embargo, lo que el visitante conoce también es una “realidad”, aunque el riesgo de confundir lo característico con lo excepcional lo acompañe como una sombra. (p. 185)

Uma cidade imaginária também é uma realidade.

3.2.5 Guia da DiverCidade de São Paulo – nacional, oficial e para turistas estrangeiros

Lançado em maio/2011, o Guia da DiverCidade de São Paulo, cujo título em inglês se resumia a Gay Guide, fazia parte de um kit entregue aos participantes da Expo Business LGBT. Oficial e produzido pela Prefeitura e seus órgãos relacionados às questões LGBT e turísticas como a ABRAT – GLS, o guia pretende dar conta de toda a estrutura de lazer dirigida ao público gay, lésbico e travesti sem dar direcionamentos específicos à diversidade de gostos entre estes e mesmo dentro de um mesmo grupo. Há, no guia, a listagem dos lugares e suas localizações em mapas sem escala, mas bastante fidedignos. Além disso, há a listagem de equipamentos culturais da cidade, informações para turistas, como segurança, telefones úteis, aluguel de carros, e a indicação de passeios “temáticos”, estes certamente direcionados a gays, já que a única fotografia mostra dois rapazes juntos.



Imagem 20 – Capa e contracapa do Guia da DiverCidade.

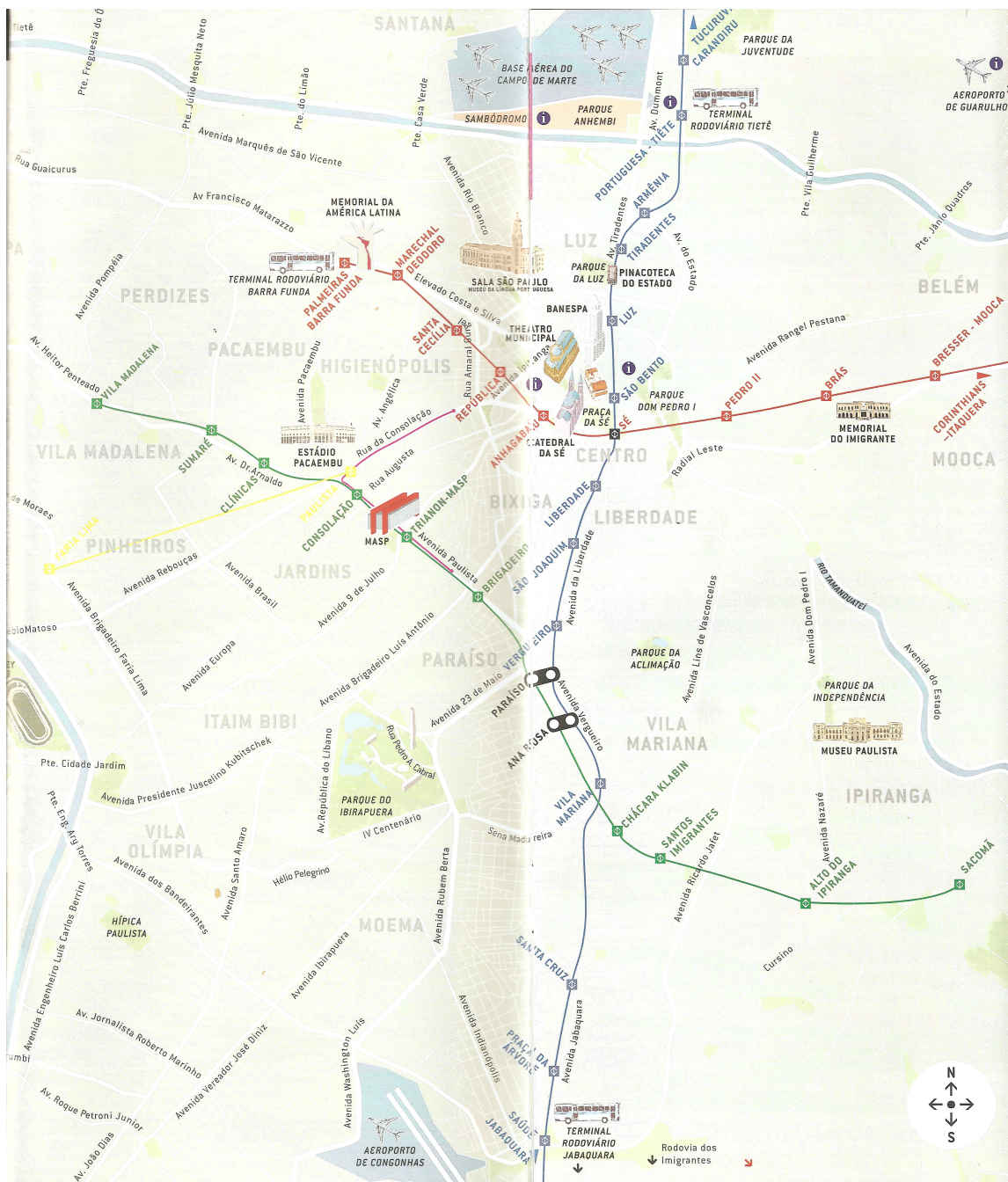
Há de se salientar que todos os lugares listados e indicados estão no chamado “centro expandido”⁷⁴, quadrilátero cujas principais fronteiras são os rios Tietê e Pinheiros. Nenhum lugar indicado está “além do rio”, algo como mais distante do Centro, uma ideia de periferia, mas não tão distante do marco zero da cidade.

O primeiro mapa apresentado, logo em seguida à capa do guia, é intitulado “Mapa da Cidade de São Paulo” e os limites territoriais apresentados são os seguintes: a norte, Santana; a leste, Belém e Mooca; a sul, Moema, Vila Olímpia e Morumbi; e a oeste, Butantã e Lapa. Para quem conhece minimamente a extensão da cidade sabe que há uma escolha deliberada pelos espaços centrais, os quais possuem uma rede de

74 O “centro expandido” é um conjunto de ruas e avenidas localizados dentro do perímetro cujos limites se dão pelos rios Tietê e Pinheiros e serve como forma de controle à circulação de veículos no rodízio municipal. A ideia é pensar uma grande região da cidade circundante ao Centro e que possui grande fluxo de automóveis.

transporte por trilhos, o metrô, destacado no mapa. Há também alguns edifícios e pontos turísticos destacados nesse mapa: a norte, Sambódromo, Base Aérea Campo de Marte, Parque Anhembi, Terminal Rodoviário Tietê, Parque da Juventude e Aeroporto de Guarulhos (indicado por uma seta); a leste, Memorial do Imigrante; a sul, Parque da Independência, Museu Paulista, Terminal Rodoviário Jabaquara, Parque do Ibirapuera, Palácio do Governo, Estádio do Morumbi, Hípica Paulista; e a oeste, Jockey Club, Instituto Butantã, Cidade Universitária, Parque Villa Lobos e Praça Panamericana.

A maior parte desses pontos localiza-se no Centro, mais a uma ou outra região da cidade, mas concentrado num raio que sai da Sé e circunda a Avenida Tiradentes, a Avenida Paulista, a Avenida Pacaembu e a Avenida do Estado. São estes: Praça e Catedral da Sé, Theatro Municipal, Parque Dom Pedro I, Banespa, Pinacoteca do Estado, Parque da Luz, Sala São Paulo, Memorial da América Latina, Terminal Rodoviário Barra Funda, Estádio do Pacaembu e MASP. Uma linha rosa indica os pontos de início e fim da Parada do Orgulho LGBT, da Paulista à Consolação.



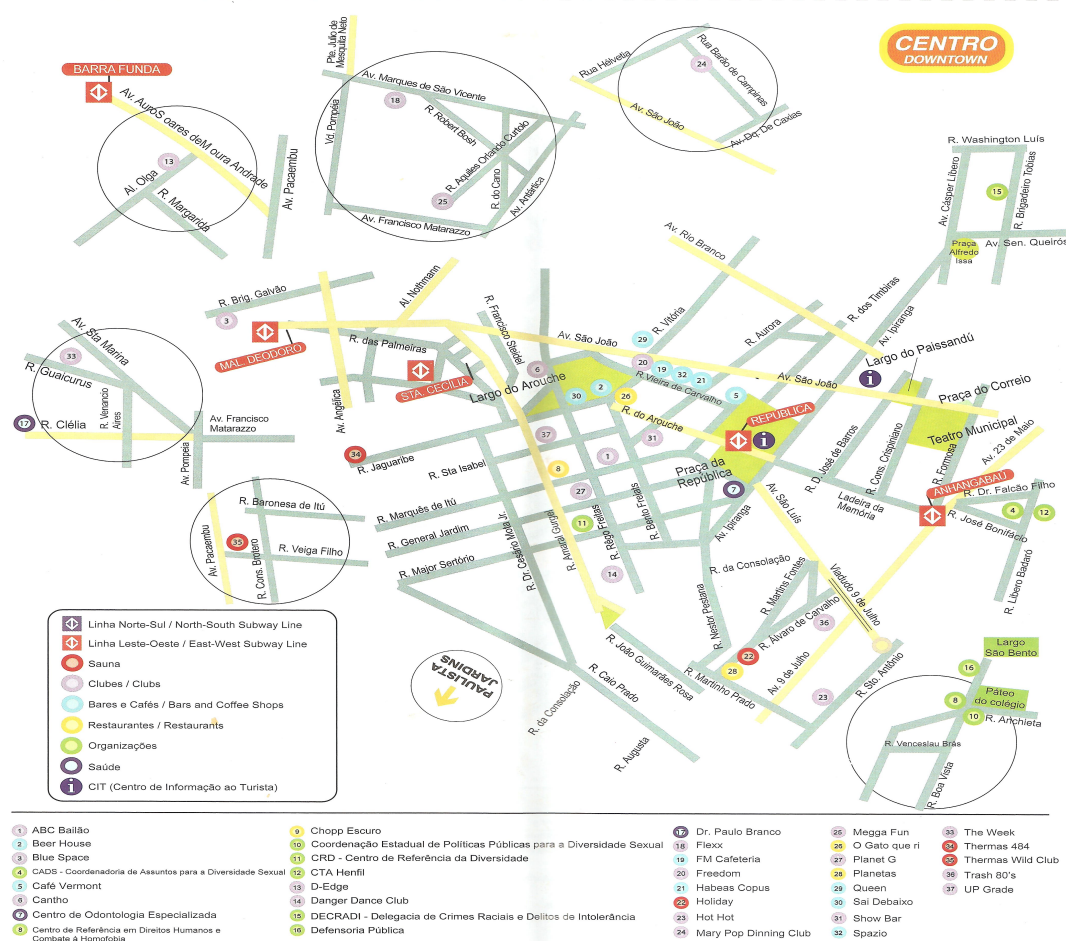
Mapa 15 – Visão geral do mapa de localização da cidade e do trajeto da Parada.

O texto de apresentação, intitulado “Uma cidade internacional / A cosmopolitan city” apresenta dados gerais da Parada e da cidade e seus números gigantescos. Cita gays e lésbicas, mas deixa travestis, bissexuais e transexuais de fora do público consumidor e participante do evento, afirmando haver mais de 80 estabelecimentos direcionados a este público e que, além destes, há “locais onde o turista GLS é muito bem-vindo.” (p. 04). Ao

fim do texto e da listagem de opções de lazer, o texto afirma que estes “são alguns dos muitos motivos para visitar a São Paulo do arco-íris.”

A listagem de mapas se inicia pelo “Centro / Downtown”, primordialmente as redondezas do Largo do Arouche e da Praça da República. Há seis círculos de estabelecimentos que estariam nas proximidades desse espaço, mas em ruas sem contiguidade com o mapa central. Três desses círculos se destacam dentre os seis por indicarem lugares localizados na Zona Oeste da cidade, nos bairros da Barra Funda e Lapa, mas aqui “aproximados” ao Centro.

CENTRO / DOWNTOWN



Mapa 16 – O Centro e suas extensões, Barra Funda e Lapa.

Todas as indicações nos mapas estão separadas em oito categorias: as linhas de metrô, CIT e CIT GLS(Centro de Informação ao Turista), estabelecimentos de saúde

privados que publicaram propaganda no guia, organizações (públicas ou privadas), restaurantes, bares e cafês, clubes e saunas. Clubes de sexo figuram como “clubes”, assim como casas noturnas.

O mapa seguinte, “Paulista / Jardins Area”, tem na Avenida Paulista seu centro, dividindo-o em duas partes. Na parte onde se localiza a Rua Frei Caneca, mais próxima ao Centro, segundo o mapa, está o maior número de indicações de clubes, bares e cafês e saunas, e a única CIT GLS da cidade. Na parte “Jardins”, indicações mais numéricas de restaurantes e bares. Saliente-se que são indicados estabelecimentos direcionados ou não a gays e lésbicas, mas que seriam de interesse a esses públicos, este mapa rivaliza em número de indicações com o mapa “Centro/Downtown”, ocupando o segundo lugar. Neste há apenas um círculo indicando lugares fora do eixo mais contíguo, o que demonstra a proximidade dos lugares aí localizados.

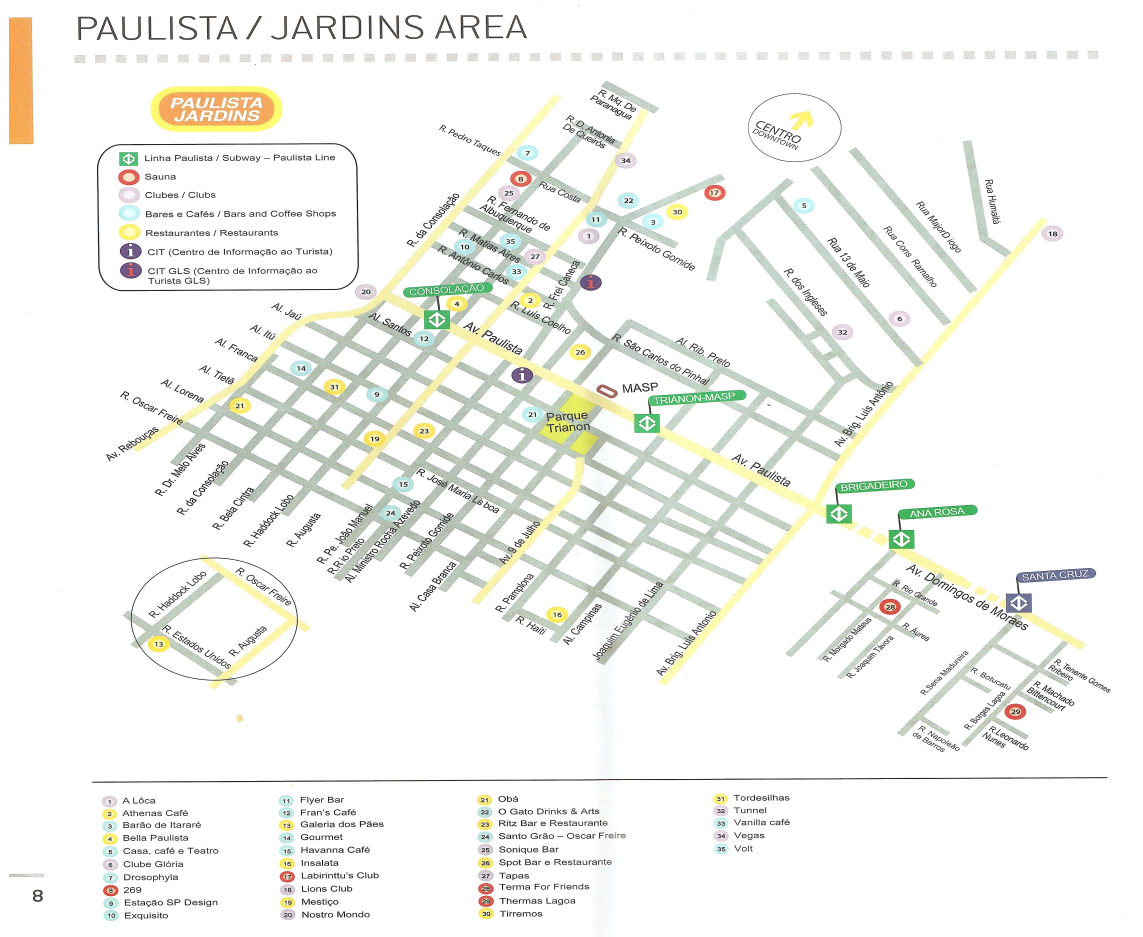


Imagem 9.4 – As indicações do trecho Paulista. Aí estão Frei Caneca e Augusta, duas das ruas com maior número e proximidade de estabelecimentos indicados.

O guia contém ainda sugestões de passeios temáticos na cidade, de indicações de lugares definidos como “Glamour” a museus e centros culturais em “Artes”. O primeiro destes temas é “São Paulo ‘friendly’”, com indicações bastante diversas para o visitante usufruir assim como o fazem “mais de 1 milhão e meio de homossexuais” que viveriam na cidade. Dentre as indicações há aqui um foco explícito na Frei Caneca por parte considerável dos lugares listados. Em “Onde passear e se exercitar”, por exemplo: “Parque Ibirapuera, Shopping Frei Caneca, Galeria Ouro Fino, Praça Benedito Calixto e as inúmeras academias gay friendly.”. E em “Onde Comer”: “Vermont Itaim, Obá, Tirrenos, Planetas, Vanilla Café, Athenas e Bella Paulista para um lanche rápido.” (p. 12).



Imagem 21 – Detalhe das indicações da “São Paulo amigável. Ai está a citação ao Shopping Frei Caneca.

3.3 No centro das atenções

Busquei demonstrar o quanto os empreendimentos imobiliários têm afetado a Frei Caneca e regiões adjacentes de forma decisiva, ressaltando o quanto todo esse contexto de expansão imobiliária atinge a cidade. Claro, há bairros, regiões e ruas mais visadas, nas quais se pode atribuir maior valorização a apartamentos cujas metragens não poderiam ser comercializadas aos preços que têm sido negociados. Parece um pouco óbvio afirmar que se trata de especulação alicerçada em muita demanda, cada vez mais crescente, e ainda pouca oferta, mas creio que esse fato não responde por toda a dinâmica.

Nos exemplos de edifícios residenciais listados no início do capítulo, por exemplo, há uma ideia de Centro da cidade, de conveniência, cosmopolitismo e urbanidade trazida à tona como motivos para se adquirir um apartamento que, ainda que não possua uma metragem tão larga, vale o preço. Isso não é dito, está embutido, principalmente nas conversas mais diretas com corretores, os quais muito habilmente sabem explicar sobre as vantagens de se morar no Centro.

Isso destoa sobremaneira do exposto por Caldeira (2000), ao falar de parte do processo de “periferização” do capital imobiliário paulistano para bairros distantes do Centro da cidade, e até outras cidades fronteiriças à capital paulista, aquele representado como o lugar da sujeira, do barulho, da violência e do inconveniente. O morador de alto poder aquisitivo, bem formado, que tem família e quer criar bem seus filhos não pode mais suportar a possibilidade de sair à rua e encontrar um mendigo, lixo revirado, assaltantes e ônibus passando freneticamente. A solução? Caldeira expõe quase uma carceragem desejada, formada ou por grandes casas de enormes muros e portões tecnologicamente segurados contra as intempéries externas, ou enormes terrenos em espaços outrora de matas e bosques transformados em pequenas cidades muradas e com segurança privada dia e noite. Em ambos os exemplos, muros, separação da rua pública, segurança, espaço. A tal rua pública serve apenas para o traçado do automóvel, em situações específicas de deslocamento para fora dos condomínios fechados.

Frúgoli Jr. (1990) já havia demonstrado como esse processo de periferização das classes altas e enclausuramento tem outras consequências, como a criação de linhas de

vans particulares que levam crianças e jovens dessas famílias de condomínios fechados a alguns shoppings, como o Iguatemi, sem que essas pessoas tenham que utilizar os equipamentos públicos de transporte ou sequer andar nas ruas que não sejam as de seus próprios condomínios. Obviamente situações como estas não evitaram conflitos, visto lugares como os shoppings, por exemplo, serem espaços privados de utilização pública, ou seja, nem sempre públicos indesejáveis conseguem ter acesso negado a esses lugares⁷⁵.

No caso dos empreendimentos listados aqui, há uma ênfase contrária, ao menos no que se refere ao Centro. Este passa de lugar sujo, violento e inseguro para o espaço da conveniência, da beleza histórica, o lugar da cultura e da diversão para pessoas informadas com o que há de mais atual. A ideia aqui é tornar o futuro comprador um idealista cosmopolita, alguém disposto a fazer parte de um processo, o de revitalização (ou requalificação) do Centro. Mas a separação de espaço interno e externo permanece: a oferta de lazer é tão grande quanto em outros empreendimentos distantes do Centro. Mas o Centro está aí, *pronto para ser usado*.

A questão referente aos guias gays da cidade são de ordem diferente, e há uma ênfase mais direta a diferentes ideias de Centro, um pouco mais definidos. Disso surgem regiões como o Baixo Augusta, algo como o perímetro que congrega dos limites da Paulista à Praça Roosevelt na Rua Augusta, dando-lhe um aspecto pitoresco: de memória da prostituição a rua de lazer noturno reinventada. Agora a Augusta é de todos, democraticamente, sem diferenciação. E é uma rua que penetra os espaços privados, conversa com eles, faz parte deles.

Isso resvala para a Frei Caneca, por vezes alocada nessa (in)definição de Baixo Augusta, dando-lhe um aspecto semelhante de rua movimentada o tempo todo. A Frei Caneca é Consolação, Cerqueira César, Bela Vista, se move ao gosto das ênfases, das intenções e dos interesses. Pode estar tão perto do Teatro Municipal quanto da Paulista e, mais ainda, fazer parte de um conjunto de ruas que está a quase um quilômetro de distância. Evidencia-se aqui o caráter simbólico das espacialidades, das centralidades: as distâncias e localizações do que se procura, deseja ou gosta depende da relação construída com esses espaços (Evans-Pritchard, 2005).

75 Um exemplo recente desse tipo de impedimento é o Shopping Cidade Jardim, cujo acesso a pedestres se assemelha a uma entrada de serviço: escondida, escura e pequena.

Em alguns casos a Frei Caneca, junto com a Augusta, encarnam o protótipo da espacialidade da vida noturna paulistana, como no guia da Time Out, que ainda define a rua como o melhor lugar para se paquerar e fazer pegação gay no mundo todo. Não me parece à toa o esquecimento do Largo do Arouche e da Avenida Vieira de Carvalho, na região da República: estes últimos são espaços muito mais aproximados do que se imagina ser um Centro perigoso, sujo, com pessoas “feias, pobres e cagadas”⁷⁶, com lugares menos arroçados. O esquecimento pode ser proposital ou parte de um imaginário mais geral do que se entende que seja o desejo do visitante estrangeiro, mas não é à toa, visto que imagina-se que um turista vindo de outros países tenha poder aquisitivo e interesse nos lugares mais sofisticados e não queira se deparar com moradores de rua ao sair de uma casa noturna. Isso certamente tem maior possibilidade de ocorrer na região da República, ainda que o Mexico City Fag Map da BUTT indique opções de lazer sexual em lugares perigosos do Centro da cidade.

O interessante da análise dos mapas é justamente perceber nas imagens as manchas formadas pelas escolhas de editores. Elas se movem, formam quadriláteros mais ou menos reconhecíveis de um mapa a outro e enfatizam determinados lugares. O mapa oficial da cidade, o DiverCidade, é o que pretende ser mais completo e, ao mesmo tempo, é o que demanda maior conhecimento prévio da cidade, pois apresenta um número imenso de lugares de interesse sem explicar como são, o que têm, etc.

Esta discussão sobre “centralidades” e desejo informa os dados referentes aos campos realizados na Rua Frei Caneca, primordialmente em seu cruzamento com a Rua Peixoto Gomide, o qual irei me aprofundar adiante.

76 Fala de um interlocutor que será mais desenvolvida no próximo capítulo.

4 SE ESSA RUA FOSSE MINHA: PERCURSOS ETNOGRÁFICOS NA FREI CANECA

4.1 Os sentidos da rua⁷⁷

A Rua Frei Caneca tem em quase toda sua extensão um sentido único: Centro. Isso fica mais claro não apenas no sentido do movimento de automóveis, mas também no caminhar de pedestres, na intenção de frequentadores, no discurso das pessoas. A rua é central, está no Centro, pertence ao Centro e encarna o Centro. Um Centro que é ao mesmo tempo o espaço da circulação intensa, das caminhadas cheias de possibilidades, mas nem tanto da violência, da sujeira e do perigo. Ao menos na visão das pessoas com as quais interagi no trabalho de campo e durante minha própria experiência como frequentador da rua há pelo menos treze anos.

De onde se parte para falar de uma rua? Não seria essa definição um exagero metodológico para caber numa etnografia, já que esta não daria conta nunca da totalidade de uma rua, por menor que ela fosse? E, neste caso, a Frei Caneca tem mais de um quilômetro de extensão, dezenas de prédios residenciais, comerciais, hotéis, um shopping, mais prédios sendo construídos, enfim, uma infinidade de possibilidades para serem exploradas. Minha opção pelo estudo da rua, portanto, se dá em duas frentes: tratá-la como agente discursivo, sendo tomada em sua totalidade no que diz respeito a um contexto citadino mais geral (o que justifica minha opção por falar em “Rua Frei Caneca” a maior parte do tempo, e não apenas enfatizar uma ou outra quadra, um ou outro contexto); e tratar, na rua, de um contexto específico, mais situado, voltado em parte para a vida noturna. Dessa forma é possível vislumbrar a rua, seus lugares e seus agentes em movimentos, micro e macro, confundidos propositadamente, para dar a dimensão do que prefiro chamar aqui de aproximação etnográfica processual⁷⁸.

77 Neste capítulo irei apresentar o trabalho de campo realizado na Rua Frei Caneca, centrando-me principalmente entre o período de novembro/2010 a julho/2012, com intensificação do campo entre maio/2011 e novembro/2011. Os períodos destacados coincidem com meses de intensa mudança na rua, realização de grandes eventos na região e sistematização das idas a campo.

78 Uma etnografia no entremeio, sem pretender dar conta de um passado ideal de construção dos símbolos ligados à rua, e à rua gay, tampouco de um presente estático e muito menos da previsão de um futuro de glória ou apocalipse.

Mas uma aproximação de pesquisa, etnográfica ou não, qualquer que seja, inclui necessariamente uma aproximação pessoal, seja de familiaridade, seja de estranhamento. No meu caso, há os dois processos em congruência: reconhecimento do espaço e estranhamento da Frei Caneca. Morei durante muitos anos numa rua muito próxima à Frei Caneca, ir para lá sempre foi um caminho fácil, simples, tranquilo, acessível. Com poucos passos e já estava nas proximidades do shopping, dos bares e das casas noturnas. E com certa frequência me dirigia tanto à Frei Caneca quanto à Augusta, indo do Centro à Paulista num de seus acessos retilíneos, diretos.

A caminhada, que segue o fluxo inverso ao mais geral da rua (realizada do Centro para a Paulista), se destaca pelos detalhes. Ora prestava atenção a um conjunto de pequenos teatros abertos perto da sorveteria Soroko, essa sempre cheia de pessoas aos finais de semana; ora pensava onde estaria o morador de rua “apocalíptico” da Marquês de Paranaguá, também conhecido pela ferocidade com que tratava os homens supostamente gays para ele. Subir a Augusta era uma das surpresas do passeio: um bar aberto há quinze dias já poderia ter sido fechado, mesmo tendo gostado do lugar, das pessoas, do ambiente. Ao contrário, botecos “pé sujo” no melhor estilo “ovo colorido” como opção gastronômica resistem em cada esquina da rua, cheios de pessoas, moradores dos cortiços e dos prédios vizinhos, trabalhadores das obras e dos inferninhos, frequentadores das baladas e da rua. Lá ao lado a lavanderia Gaviões segue a todo vapor, enquanto a Casa da Sogra prepara-se para ser demolida e dar espaço a um novo empreendimento, mesmo destino do casarão de início do século convertido em cortiço na esquina à frente.

Da Dona Antônia de Queirós chega-se quase à esquina do shopping, na Frei Caneca, a esquina do lago empoçado de chuva ou da água desperdiçada pelas recentes construções. O conjunto de edifícios Paulista Home Resort (PHR) e o The Office Frei Caneca, este último comercial, escondem o que poderia existir lá há meia dúzia de anos. Terrenos tão amplos, o que teria ali? No terreno do PHR já existira uma concessionária de carros que, ao se mudar para a Rua da Consolação, mantivera o nome, Frei Caneca.

O movimento cresce. Pessoas que vão e vêm do shopping. A mendiga com escorbuto, a vendedora de milho verde moradora da Bela Vista, “pra mim isso aqui é Bixiga”, ela diz, “não vejo diferença, desço da Santo Antônio, passo pela 09 de Julho e

venho trabalhar aqui”. “E vende bem?”, pergunto. “Vende, vende sim. Chega Natal, essas coisas, e vende mais. E pelo menos aqui é tranquilo, se eu fosse pra Paulista já tinham me enxotado.” “Aqui ninguém perturba a senhora? O pessoal do shopping nunca tentou tirá-la daqui?”. “Não, eles não ligam. Tá vendo aquele cara que vende incenso? A gente tá aqui quase o mesmo tempo, nunca teve problema”. (Maria, 51 anos)⁷⁹.

De fato, o rapaz que vende incensos e ostenta uma tatuagem tribal no braço esquerdo está lá há bastante tempo, quase o tempo do shopping. Ele não quis conversar, disse estar ocupado, mas poderia também estar amedrontado de falar com um “repórter” por vender DVDs piratas. Fazer pesquisa de campo tem suas condições e imprevistos já até esperados, como ser confundido com repórter, investigador, alguém a fim de algo mais.

Neste lado do shopping, em direção ao Centro, circulam moradores dos cortiços mais abaixo da rua, na Rua Paim, e outros moradores dos edifícios da Frei Caneca. É possível observar maior número de famílias e pessoas negras, rapazes e moças jovens, com roupas de marcas genéricas. É um trecho de grande movimentação de pedestres, formando uma pequena curvatura de fluxos correspondente às rampas em forma de U de acesso ao shopping, sendo que a calçada, neste espaço, sofre uma diminuição de fluxo, indicando o acesso privilegiado ao centro de compras. Ambulantes, pessoas entregando panfletos e mendigos ficam à parede limítrofe do shopping, não podem permanecer na calçada imediata e nem na beira das rampas de acesso. Apenas ações previamente autorizadas pela administração do Frei Caneca ocorrem nessa calçada.

Mais comum nos últimos anos tem sido a presença constante de pessoas entregando panfletos dos novos prédios na região, principalmente os das ruas Paim e Augusta, mas há panfletagem de novos empreendimentos também na região de Santa Cecília, Higienópolis, Barra Funda, Pompéia e Perdizes. As pessoas que entregam ficam nos limites das entradas do shopping também, assim como os vendedores ambulantes e mendigos, mas costumam estar vestidos formalmente, com terninho e *tailleurs*, diferente de outras pessoas que ficam às esquinas entregando panfletos para motoristas parados nos semáforos. Neste caso o alvo é a frequência pedestre ao shopping, que possuiu pelo

79 Há muitos dados de campos colhidos em conversas informais, nas quais se coleta informações mínimas dos interlocutores, mas que são essenciais para a compreensão da dinâmica da rua. Quando se tratar de entrevista esta estará destacada no texto.

período de alguns meses diferentes stands de empreendimentos na região (como o Edifício Brasil e o NKSP).

Os muros pintados de cinza e pichados em vermelho com a propaganda de um site de arte agora estão todos verdes para as obras da expansão do shopping. Mais à frente, gatos grafitados estampavam a parede lateral do bar Frey Café & Coisinhas, coloridos, cabeludos, sorrindo. Agora há mais um terreno aberto para um novo empreendimento imobiliário e os gatos se foram. Do outro lado da rua, ao lado da saída do mercado Dia %, a porta de ferro de um chaveiro tem grafitada uma figura de muitos braços, grandes olhos e uma boca enorme cor-de-rosa.

Mais abaixo, antes de seguir nessa subida à Paulista, a porta sempre aberta do Zeffiro, na vilinha de casas amarelas, uma grande movimentação de pessoas descendo a rua e uma miríade de homens jovens trajando marcas de roupas facilmente identificáveis. Uns tantos já param no Frey, outros seguem para o Frei. E não importa de que lado se esteja na rua, prédios e mais prédios, uns mais novos, outros nem tanto, uns com trinta andares, outros com oito andares. Esse é o trecho mais movimentado, mais cheio de opções de lazer, de bares, de mercados.

Como exemplo, ainda neste quarteirão, está o Tirrenos, restaurante de espetinhos e bar de música ao vivo. Um morador do PHR estranha: “Tem tanto homem na Frei Caneca, não sei por quê nesse Tirrenos só tem mulher...” (Luciano, 32 anos). Bem, esse é um dos refúgios lésbicos da rua, o mais arrojado e um dos poucos lugares maciçamente ocupados por lésbicas, mas não só: lá também estão amigos gays, casais homossexuais e heterossexuais. Há lésbicas também no bar O Frei, espaço pequeno e comandado por uma mulher lésbica, e no “bar do cowboy”, boteco muito simples que resiste às mudanças na esquina da Frei Caneca com a Peixoto Gomide. O dono está sempre com um chapéu de vaqueiro, o que lhe valeu o apelido. Esse bar nunca fica muito cheio, mas é conhecido pelos preços mais baixos e pelo uso do banheiro por frequentadores do Bar d’A Lôca.

Mais abaixo, o restaurante Madadayo, ligado à padaria do outro lado da rua, cheio de pessoas aos sábados pela famosa feijoada. Há grupos que se deslocam de outras partes da cidade por causa dessa feijoada, mas não seguem aos outros lugares da região, salvo o shopping e bares da Augusta.

Mais acima, a sorveteria Zebra, de “frozen iogurte”, uma espécie de sorvete mais saudável. Colorida e com estofamento em estampa de zebra, lota nos domingos de verão. Logo ao lado, uma das três bancas de jornal da Frei Caneca, sempre com um atendente gay, não importa o horário. Os rapazes, dois que se revezam em turnos, disseram que o proprietário não quis perder de vista o público “GLS”: “O dono perguntou na cara se eu era gay. Eu vinha muito aqui na rua e de vez em quando ficava olhando a banca, tinha um anúncio que precisava de alguém pra trabalhar e eu perguntei da vaga, daí ele perguntou se eu era gay. Foi estranho, mas ele explicou por quê.” “E foi assim que você começou a dar destaque pra algumas revistas?” “Eu e o Márcio, o menino da manhã. A gente começou a pendurar umas revistas aqui no espaço do caixa, bem de frente. G, Junior, antes tinha a DOM, a H. A gente só não pendura revista pornô e às vezes a Playboy porque elas ficam do lado da Veja, da Época, pode espantar as tiazinhas que moram aqui!”. Rindo, Fernando (21 anos) disse que as revistas gays pornográficas ficam nas vitrines, na prateleira mais alta, mas nunca tão à vista pelo medo de espantar a clientela mais conservadora: “A maior parte das pessoas que mora por aqui é idosa, né, a gente tem que respeitar. E se não fizer assim eles vão em outra banca, tem uma aqui na outra rua. O bom que a gente fica do lado da padaria.” “E os gays, compram aqui?” “Ah, compram! Acho que fica na cara que eu e o Márcio somos gays também, acho que eles se sentem à vontade, mais à vontade do que se fosse um tiozinho ranzinza. Imagina, vir aqui e pedir a G assim, para um 'tiozinho'? Eu ia morrer de vergonha!” “E você conhece bastante gente da rua?” “Muitas. As gays, as velhinhas. E já tive até paquera, de morador que eu achava que era ht⁸⁰. Mas tenho muitos amigos que moram aqui, que fiz aqui, e outros que saem por aqui.” “Ah, é? Onde você sai por aqui?” “Então, eu saio pouco porque eu moro longe, na Leste, em Ermelino. Mas quando rola eu vou no Bofetada que é mais barato. Os lugares aqui são meio caros, A Lôca é um absurdo! Não sei como tem fila, e tem gente que vem durante a semana mesmo!”

Essa conversa foi numa terça-feira, às 19h, a rua estava movimentada, mas sem tantas pessoas nos bares. Antes de atravessar a rua em direção à Paulista existe um açougue, nem gay, nem hétero e nem nada. Logo depois está a esquina mais movimentada da rua, com a Peixoto Gomide, o Bar d’A Lôca. Na verdade esse bar se

80 Ht é uma maneira abreviada de dizer que alguém é heterossexual.

chama To-Zé, iniciais dos dois donos, moradores da Bela Vista e proprietários desde antes da abertura d'A Lôca, no início da década de 1990. O bar nada mais é do que mais um dos botecos estilo “pé sujo” que prosperou com a enorme quantidade de pessoas que o frequentam nas noites dos finais de semana. Como fica muito próximo a A Lôca, tornou-se o Bar d'A Lôca, mas não tem relação direta com os proprietários da casa noturna. Quer dizer, é uma espécie de “esquentá” para a casa, ponto de encontro, passeio e um dos destinos indispensáveis para quem quer apresentar a noite paulistana de um ponto de vista menos glamouroso.

Há dois anos o bar passou por uma reforma que ampliou seu salão interno com a aquisição de um fliperama vizinho, mas pouco mudaram as características gerais do lugar. Foram colocados azulejos azuis e brancos, mais mesas e cadeiras, mas a grande maioria das pessoas prefere mesmo ficar do lado de fora do bar, na calçada. Há poucas mesas na calçada, poucas também no salão mais próximo à saída, e essas são as mais disputadas.

As pessoas que vão ao Bar d'A Lôca ficam mesmo na calçada e, dependendo da quantidade de público, avançam ao espaço da rua. Ao redor, dois carros de cachorro-quente estacionados, vendedores de bebidas e Dilú, uma vendedora de chicletes, balas e cigarros que se tornou parte da paisagem noturna pelo bordão “Halls preto para o *boquete*, Halls verde para o *cunete* e Halls vermelho para descer o *padê!*⁸¹”. Já amplamente conhecida ela é parte das atrações da rua, além dos próprios homens e mulheres que circulam no bar o tempo todo. Como quem fica na rua não tem atendimento dos garçons é necessário que antes vá dentro do bar e pague pela cerveja, podendo trazê-la para a rua. Isso faz com que a circulação seja intensa e constante, o vai-e-vem de pessoas não para até o horário de fechamento, às 01h da madrugada, conforme lei municipal que impede que bares sem isolamento externo e acústica apropriada permaneçam abertos durante toda a noite.

Subindo um pouco mais a Frei Caneca há uma casa de samba, samba-rock e black music que recebe um público bastante diferente d'A Lôca e do bar: o Lapeju. No pequeno

81 A referida vendedora utiliza-se amplamente de um léxico conhecido da maior parte dos frequentadores da região, como as gírias que a tornaram famosa. No caso destacado, *boquete* é a feleção, *cunete* é o ato de lambar o ânus e *padê* é cocaína. Halls é a marca de uma pastilha.

sobrado de luz baixa e decoração *kitsch* com referências à cultura popular brasileira amontoam-se mulheres e homens, em sua maior parte heterossexuais e negros.

Mais um pouco acima está a entrada d'A Lôca, uma loja de decoração do outro lado da rua, a Paiol, bastante colorida, e a Igreja do Divino Espírito Santo, no outeiro de mesmo nome. Mesmo em horários de missa, salvo aos domingos, a igreja e suas dependências estão vazias. Na Casa Pastoral existem reuniões de grupos de oração e de auxílio a dependentes químicos. Neste trecho a rua vira um quase deserto. Tanta gente a metros atrás veio de onde? Ou de carro ou de outras vias.

Facilmente percebe-se que grande parte do afluxo de veículos e pessoas para a Frei Caneca vem da Augusta via Peixoto Gomide. É neste trecho que fica também grande número de jovens, boa parte menor de idade, que permanece a noite toda bebendo nas calçadas, conversando e consumindo outros aditivos químicos. Aí não há bares que fiquem abertos a noite toda, mas o acesso à Augusta está há alguns passos. No outro quarteirão da Peixoto Gomide, parte do “bar do cowboy”, o “bar verde”, ambos bastante simples e com preços mais baratos; o Bofetada, misto de bar e casa noturna com pista no andar superior e enorme frequência de homens muito jovens vindos de bairros mais distantes; e o Barão da Itararé, bar com decoração sofisticada, carta de cervejas e cachaças e frequência diversificada com predominância de casais gays de meia idade.

Voltando. A esquina da Frei Caneca com a Peixoto Gomide sugere um fluxo intenso e, de fato, a maior parte das pessoas que circula entre a Augusta e a Frei Caneca utiliza o caminho da Peixoto Gomide. Grande parte de fluxo vem desde a Avenida Paulista, a saída da estação de metrô Consolação, os pontos de ônibus nas redondezas (três ao todo) e os veículos particulares. Ao subir a Augusta da Peixoto Gomide é possível perceber o trânsito intenso em diversos horários durante o dia e em diferentes dias da semana. O aspecto desses fluxos muda nos diferentes períodos, as ruas ganham aspectos de pré-balada ou passarela de correria do trabalho; podem ser movimentadas na circulação frequente, mas também na fixação de grupos em certos pontos. Há cinco anos o bar Vitrine, na Augusta em frente à Rua Fernando de Albuquerque, ficava tomada por jovens, menores de idade, vestidos com roupas pretas, cabelos alisados e identificados como *emos* (Vega, 2008). Com o tempo e a discriminação deste grupo, além de seu processo de esvaziamento, esse espaço mudou completamente, com muito menos

pessoas. Ao mesmo tempo as escadas e canteiros do Banco Safra na esquina da Augusta com a Paulista ganhou traços de *point* de grupos jovens, outros mais velhos, enfim, uma miríade de pessoas num lugar mais espaçoso e que retira um pouco o aspecto de ocupação tão intensa e aglutinada como havia no Vitrine.

Subindo a Augusta se observa restaurantes espanhóis, indianos, turcos, gregos, italianos; casas noturnas de black music, rock; uma rede de cinemas “de arte”; lojas colaborativas; isso ao lado de bares muito simples que já estão há décadas na rua, algumas mercearias, salões de cabeleireiros, docerias, agências bancárias, etc.

Chego à Paulista esquina com a Augusta. Numa quarta-feira no horário do almoço é um transtorno adicional tentar atravessar a Paulista, seja qual for o sentido. A quantidade de pessoas beira as cinco dezenas de cada lado. Se for numa sexta-feira a partir das 20h, está cheia também dos dois lados, mas as pessoas estão paradas, esperando, conversando, curtindo, bebendo, paquerando. Se for domingo pela manhã, caminhadas, menos volume de pessoas. Em quase todas as noites o morador de rua sobe numa das lixeiras de concreto e dança ao som de uma música inexistente nos fones de ouvido ligados a lugar algum; ao seu lado uma travesti de cabelos loiros longos, calça apertada e corpete interpreta músicas de mpb e pop americano; mais à direita, um grupo de três rapazes com violino, trompete e percussão faz *jam sessions* tocando jazz; mais à esquerda, um homem de calças e camisa sociais prega a salvação pela Bíblia cristã enquanto a chacoalha fervorosamente no ar. Alguns param, muitos conversam, poucos olham.

Do outro lado da rua, mais atrações preenchem os espaços das calçadas, quase todas em frente à principal entrada do Shopping Center 3 e nas noites que se aproximam do final de semana: o guitarrista solitário, de barba e cabelos encaracolados e longos, com sua guitarra *pink* e um amplificador reproduz arranjos de músicas famosas; a “família Michael Jackson”, cuja mãe traz os três filhos com idades entre 06 e 12 anos, vestidos como o cantor falecido, para fazerem seus passos de dança; e o “Índio Chiquinha”, um senhor de cabelos grisalhos cortado como “tigela”, bastante magro, de tez escura e olhos pintados como um índio, dois elásticos no cabelo e roupas costuradas de retalhos coloridos, dança de maneira curiosa e provoca atenção e riso dos passantes. No fim-de-

ano essas atrações concorrem com o coral de Natal do shopping, vendedores de fantoches e brinquedos brilhantes atirados para o alto.

Sigo para a Frei Caneca novamente. McDonald's, Bradesco, edifício comercial, faculdade privada. Na outra esquina, Itaú. A rua faz esquina com a Paulista, mas não a cruza, não segue para os Jardins, como a Augusta. Durante a semana e nas tardes, fluxo menos intenso que na esquina com a Augusta, mas grande movimentação de quem lá trabalha, às noites e aos finais de semana, espaço vazio e escuro, sem permitir a um desavisado que imagine a movimentação de seus quarteirões subsequentes.

Desço a Frei Caneca. O lugar mais movimentado é um bar antigo frequentado às happy hours por homens engravatados. No mais, prédios comerciais, hotéis e prédios residenciais. Alguns bares de esquina, simples e reformados nos últimos anos, seguindo a tendência de mudança da região. Moradores de rua se abrigam em frente ao portão murado da antiga Maternidade São Paulo, Cursinho Etapa, empresa de telemarketing, o Istituto Italiano di Cultura de São Paulo, uma escola infantil e estou de volta à Igreja do Divino Espírito Santo. Mais abaixo terei novamente a movimentação já descrita, assim como a falta de movimentação mais acima. No meio desse percurso, um casarão chama a atenção desde que fora abandonado, reformado, desocupado novamente e agora reocupado por um centro estético: o número 1057 da rua, lugar da extinta Associação GLS (ou LGBT) Casarão Brasil.

4.1.1 Se essa rua fosse minha – Douglas Drumond e o Casarão Brasil

Inaugurada em 20 de março de 2008 a Associação GLS Casarão Brasil ocupou até julho de 2011 o número 1057 da Frei Caneca, sobrado antes em cor verde esmeralda bastante gasto, com aparência de abandono, mas que aguardava a locação com fins comerciais para ganhar nova cara. Na fachada de janelas retas e contorno italiano, remetendo à influência arquitetônica da imigração de início do século XX, destaca-se um rosto feminino em alto relevo, adornada por um resplendor na cabeça e cachos de frutas silvestres nas laterais e uma espécie de colar que desce do pescoço. Todos esses elementos decorativos se fundem aos adornos do prédio, formando uma extensão da decoração discreta que incrementa o contorno da edificação. O rosto feminino adornado,

em tons dourados, tornou-se símbolo da associação, ganhando no frontão de seu esplendor as cores do arco-íris na divulgação imagética do Casarão Brasil.

Apesar de ter sido inaugurada em 2008, a casa pintada de branco com detalhes dourados apenas ficou pronta e plenamente reformada mais de um ano depois, dentre outras coisas por problemas com alvarás da Prefeitura em relação às alterações e incrementos planejados no espaço no projeto inicial. Segundo dados do site da instituição, ainda no ar, apesar do fechamento da casa, o espaço seria destinado em especial para “inclusão social, para o encontro dos direitos e valores na homossexualidade”; “trabalhos sobre preconceito no homossexual”; “prevenção e assistência aos portadores de SIDA⁸² e outras DST” (sic); “a orientação sexual”, etc. Dentre os projetos listados se destacam a quantificação da “população gay”; “centralização dos canais com as ONGs afins”; “transformar a Rua Frei Caneca em *logradouro oficialmente gay* com projeto urbanístico”; “abrigos para mendigos gays” e para “gays na melhor idade”, etc.

Douglas Drumond, até então seu único presidente, idealizador e fundador, deixou clara a existência da associação estar vinculada aos rendimentos da sauna gay 269, localizada a poucos metros da Frei Caneca, na Rua Bela Cintra de mesmo número. Inaugurada em 2007, cerca de um ano antes do Casarão Brasil, a 269 ficou conhecida como a maior sauna gay da América Latina e “The Week do sexo”. A sauna ocupava um galpão alugado, cujo contrato foi encerrado porque a proprietária havia comercializado o espaço para a construção de uma grande torre residencial que tomava seu terreno e outros ao redor, dentre eles alguns inferninhos da Augusta. Segundo o próprio Drumond em seu site por ocasião do encerramento das atividades no Casarão, sem relacionar diretamente com o encerramento da 269, “é de extrema valia informar a todos sobre a influência do mercado imobiliário nas nossas vidas, nas nossas manifestações (...)”, e, mais acima, “(...) vale aqui frisar a importância do comparecimento de toda a comunidade para não termos uma diretoria de advogados do mercado imobiliário⁸³ (...)” (Drumond, 28/07/2011).

82 SIDA é a sigla para Aids em países lusófonos, menos no Brasil, por conta da proximidade sonora com o apelido Cida, do nome Aparecida, comum no país.

83 Drumond se refere à última reunião realizada no Casarão para a eleição da nova diretoria. Hoje o presidente da associação é Karl Pinheyro.

Essa postagem do empresário destoa dos comentários do próprio sobre a região na ocasião da inauguração da sauna 269, já que considerava o mercado brasileiro para o seguimento gay sem opções de qualidade, indicando a queda do poder aquisitivo do brasileiro: “Os gays trocaram os Jardins [bairro nobre] para morar na região da Frei Caneca [centro].” (Ripardo, 28/02/2007). Neste caso, estar no Centro, ou na região da Frei Caneca, é sinal de menor poder aquisitivo; Drumond inauguraria o Casarão Brasil lá um ano depois dessa declaração.

Em depoimento a mim Drumond relatou outros motivos para escolher a casa da Frei Caneca, como dados do site Mix Brasil:

Você concorda, assim, que vindo aqui na Rua Frei Caneca...

Eu concordo! Que a gente até tem um estudo que pode até te interessar [...] já contou quantas pessoas passam na rua, quantos são gays, aos domingos, aos sábados, ele tem esse número, hora do almoço, hora do jantar...

Mas perguntando para as pessoas...?

Não!

Só observando...

Só observando! É o suficiente pra você fazer uma pesquisa desse tipo, né. Porque quando você pergunta você corre o risco da metade te resp... tá de saia e te responde que não é gay. (risada) Tem muito isso, sabe, as pessoas... eu não consigo entender o pensamento, ainda [...] A rua tem uma movimentação enorme de gays, principalmente aos domingos.

De gays?

Gays, assumidos.

Lésbicas...

Não, é mais o gay masculino, mas também tem lésbica, tem travesti à noite, drag queen, tem tudo, mas é mais o gay assumido, masculino.

Será que isso tem alguma relação com o serviço, com algum tipo de serviço...

Olha, tem uma relação com, com...com a economia, com a história, porque os gays estavam na Rua da Consolação, a gente foi expulso de lá, uma parte delas, pelo preconceito, a maior parte pela economia em geral, né, porque o gay em São Paulo tinha um poder aquisitivo muito grande, eu tinha 20 anos, agora tenho 38, há duas décadas atrás a gente tinha um poder aquisitivo alto, a gente teve casas noturnas de excelente nível [...] eram cinco casas do tamanho da The Week! Então hoje a The Week é o máximo há vinte anos atrás a gente tinha cinco The Weeks! [...] Nos últimos cinco anos a gente acompanha esse crescimento novamente. Tanto é que a gente tem uma explosão imobiliária causada pelos gays, os prédios estão todos vendidos. Maioria gay! Vai lá e observa quem está comprando, todo mundo gosta de entrar de mão dada, sempre faz questão de falar “eu estou comprando apartamento e eu sou gay”, nesse momento todo mundo gosta, né. [...] E esses empreendimentos não são nem um pouco direcionados. Não tem especificidade, é só blábláblá de vendedor.

E a Frei Caneca, é gay?

A gente observa uma região, nem é uma rua, uma região onde se concentra boa parte de gays. A gente tem essa informação, trabalha com essa informação de que 10% da população é gay, aqui nessa região da Cerqueira César, Bela Vista a gente pode falar que são uns 22% gays, né, a gente tem uma concentração maior do que nos outros bairros.

A Rua Frei Caneca tem muitos estabelecimentos ditos “gay-friendly”?

Olha, ela tem uns cinco estabelecimentos completamente gays, né, que o bar do Gato, um bar de lésbicas que eu esqueci o nome, tem A Lôca, que é diverso, não é completamente gay, tem um restaurante aqui do lado que os proprietários são gays, mas não querem que o lugar seja intitulado como gay, bom, só vai gay lá, lá embaixo também tem a sauna, tem a Labirinttu’s, que mais que tem?

Mas eu acho que são, é a maioria, eu falo que essa rua é a mais gay por causa dos moradores. As pessoas que moram aqui, muitos gays que moram aqui nessa região como um todo, né, só passear e olhar para o lado que você vai ver que a cada 10, 2 são gays, e eu acho que é 2.2 ainda.

E é de uns tempos pra cá ou já tem um tempinho isso?

Olha, os gays sempre tiveram com a Paulista no meio, né, então com essa queda da economia e com esse preconceito que já teve do lado de lá, aumentou o lado de cá, concentrou mais aqui, eu acho que isso vem caminhando em 20 anos, no sentido longe da dona Célia! (risadas).

E o projeto da rua?

O projeto é reurbanizar a rua. Se ela é a rua mais gay, como dizem as pesquisas, e popularmente, porque São Paulo inteira conhece ela como a Rua Gay Caneca, então ela é a mais feia, ela é uma rua feia. Qual o caminho que você vai numa subprefeitura para reurbanizar a rua? Ah, transforma ela numa rua temática que assim você consegue viabilizar. Então vamos transformar numa rua gay! Não vamos porque a população não aceitou. Vamos transformar numa rua do respeito à diversidade e vamos fazer da forma mais democrática possível. Então a gente já se uniu ao IAB⁸⁴, através do vereador Netinho a gente vai promover um concurso para que os arquitetos apresentem propostas de projeto urbanístico. Quem vai eleger esse projeto é a própria IAB [...], que é o instituto mais conceituado do Brasil. O projeto é super bem aceito. Qualquer pessoa que tenha a intenção, junto aos estabelecimentos e moradores, de urbanizar uma rua, ah que bom! O problema é que acham que a gente vai ficar passando com trio elétrico aqui e a gente nem quer fazer isso. A gente quer uma rua cultural, a gente quer um museu contando o movimento LGBT, a gente vai conseguir, com o projeto, que a subprefeitura faça toda a parte de baixo da rua, de fiação e esgoto, e a parte de cima nós empresários nos comprometemos. Todo mundo topa porque é simples. As calçadas, um banquinho, isso é barato. [...] A gente quer transformar ela numa rua de passeio pra ser mais agradável. E o que a gente quer conquistar com isso? Trazer os policiais pra cá, eles vão saber nos atender. Se a gente for agredido a gente não vai ser agredido de novo quando for dar uma queixa na delegacia. A gente

84 Instituto de Arquitetos do Brasil. As plantas vencedoras do concurso estão no Anexo.

tendo uma rua completamente funcionando, dando desconto no IPTU para os estabelecimentos que mudarem a fachada para que a rua fique mais bonita a sociedade vai simpatizar, muda a imagem do homossexual, que é terrível, né. E a cada Parada Gay que a gente tiver nesse formato vão ser 10 anos pra mudar a imagem. Engraçado que a comunidade gay fala ‘eu não quero, vai virar gueto’, mas o operacional, o ligado à Prefeitura, está sendo muito bem aceito. A gente quer oficializar [a rua] porque esse prefeito é simpático, e o próximo pode não ser, e esse é o momento em São Paulo porque o prefeito é simpático, a subprefeitura inteira da Sé também é simpática, então o momento é agora.

Drumond é também proprietário do Hotel 155, localizado à Rua Martinho Prado de mesmo número, nas proximidades da Praça Roosevelt, e do “hotel para solteiros” Chilli Pepper Single Hotel, localizado no 610 do Largo do Arouche. Pode-se observar uma alteração do foco do empresário, “descendo” para o Centro e investindo em hospedagem, apesar do Chilli Pepper ser um misto de hotel executivo, sauna e clube de sexo. Sobre este último empreendimento, Drumond afirmou em entrevista cedida à revista H Magazine que nunca poderia colocá-lo em prática mantendo o Casarão aberto, já que este era mantido com verbas da sauna 269, e iria “cobrar caríssimo por essas saudades”, as saudades dos antigos frequentadores da 269. Os preços do Chilli Pepper de fato contrastam com todos os empreendimentos das imediações do Largo do Arouche e há de se ressaltar que a marca “269” foi ressuscitada nos últimos eventos realizados no hotel, mesmo o empresário tendo afirmado que a abandonaria. O Hotel 155 participa como patrocinador e apoiador de eventos como a Parada do Orgulho LGBT de São Paulo e o Carnaval no Arouche, mas nunca se declarou “hotel gay”, apesar de ter sido assim chamado na Revista JUNIOR número 35.

As entrevistas, e mesmo uma segunda conversa com Drumond, deram a entender sua breve entrada na política municipal intermediada pelo Partido Verde, algo que ainda não se concretizou. Ele chegou a ser pré-candidato a vereador em 2012, mas desistiu da candidatura. Outra pessoa que está envolvida no contexto da presente pesquisa e é correligionária de Drumond é Célia Marcondes, presidente da Sociedade de Amigos e Moradores de Cerqueira César, Samorcc. Segundo o empresário, na entrevista citada mais acima, ela é “uma homofóbica de carteirinha, você não sabia que isso existia?”, me impelindo sobre o tema. Disse que parte da responsabilidade pelo fechamento dos locais

de lazer gays na Rua da Consolação, Jardins, é da ação da Samorcc, em especial de Marcondes. Falemos da associação de bairro.

4.1.2 Se essa rua fosse minha – Célia Marcondes e a Samorcc

A Sociedade dos Amigos e Moradores de Cerqueira César, criada em 2001, situada hoje à Rua Augusta, 2203, mas que já teve sua sede numa sala do Conjunto Nacional, na Avenida Paulista, realiza ações diversas numa grande região da cidade, entorno da Paulista. A Associação Paulista Viva, existente desde 1980, por exemplo, afirma em estatuto ter atuação na “Paulista e região”, sem a preocupação de expressar com precisão o conjunto de quarteirões de atuação, como o faz a Samorcc:

I - ÁREA CENTRO: Quadrilátero compreendido entre a Rua da Consolação a Avenida Brigadeiro Luiz Antônio; Av. Paulista a Rua Caio Prado, Baixos do Túnel 9 de Julho até a Alameda Ribeirão Preto, chegando até a Avenida Brigadeiro Luiz Antônio.

II - ÁREA : Quadrilátero compreendido entre Avenida Rebouças / Brigadeiro Luís Antônio e Av. Paulista/ Rua Estados Unidos. (Estatuto da Samorcc, 2001, p.2)

Fica bastante claro que a Samorcc, em muitos pontos, se confunde com a Paulista Viva no que tange às ações territorialmente definidas, apesar de que a primeira se centra em pontos específicos dessa região, não nela inteira. Vale ressaltar também que a Samorcc extrapola os limites oficiais do bairro de Cerqueira César, chegando às proximidades da Avenida Brigadeiro Luís Antônio nos seus limites de ação.

A Samorcc é uma associação de difícil acesso e nunca consegui conversar diretamente com sua então presidenta, Célia Marcondes, sobre os acontecimentos na Frei Caneca e sobre as intervenções da associação na Augusta. Marcondes foi candidata a vereadora por São Paulo em 2008, sem sucesso. Também filiada ao Partido Verde, seu blog da candidatura expõe algumas de suas informações, como o fato de ser advogada, fundadora da Samorcc, líder comunitária, militante, etc.

Na página da Samorcc estão as informações básicas de sua atuação, principalmente centradas na relação entre meio ambiente e cidade, na implantação do

Parque Augusta⁸⁵, coleta de óleo de cozinha para reciclagem, “revitalização” da Rua Augusta com a plantação de árvores e manutenção de uma pequena área ajardinada na confluência da Rua Melo Alves com a Avenida Rebouças.

Das ações da Samorcc listadas acima as que têm sido realizadas com mais frequência são as voltadas para o incremento de áreas verdes na região circunscrita. Periodicamente são realizados “piqueniques à moda antiga” na Rua Augusta, aos domingos, como meio de protesto pelo impasse com relação ao Parque Augusta, no qual as pessoas levam comidas e bebidas e sentam-se na rua. Tal ato tem apoio da prefeitura e não chega a ser um enfrentamento com o poder público.

Pude comparecer em poucas reuniões abertas da Samorcc, pois não há ampla divulgação no site e a busca por informações via telefone também é dificultada por questionamentos sobre o porquê do interesse em participar, quem é a pessoa que quer participar, etc. Após conseguir incluir meu e-mail na lista do grupo consegui receber as notificações de reuniões e constatar que estas ocorrem com grandes intervalos de tempo, ainda que suas pautas denotem a discussão de questões cotidianas. Numa dessas reuniões⁸⁶, realizada num hotel da Rua Lorena, já há um estranhamento: porque a reunião não é realizada na sede da Samorcc? O local fica quase na esquina com a Avenida Rebouças, localiza-se, portanto, na parcela Jardins do que a Samorcc diz ser sua jurisdição de Cerqueira César. Apesar da localização indicar um espaço de luxo o hotel era bem simples ante outros empreendimentos similares das redondezas, como o hotel Renaissance, bem próximo.

Para chegar lá fui de ônibus e descí a Rua da Consolação a pé, mais um momento para constatar o vazio da rua frente a quase uma década de ampliação de opções de lazer direcionadas aos gays, serviços, lugares e otimismo de fins dos anos 90, todos já encerrados. A esquina da Consolação com a Alameda Itu, reduto dos jovens gays, lésbicas e outras possibilidades de afirmação identitária, daqueles com pouco dinheiro e sem documento. A flexibilidade e simplicidade do bar Bocage faziam dele um espaço singular em meio a outros bares mais “arrumados”, como o Hertz, de predominância lésbica, e o O’Mailleys, de frequência heterossexual. O degrau da esquina fazia da mesa lá alocada

85 Área verde localizada em terreno que outrora fora uma escola católica feminina, na esquina das ruas Augusta e Caio Prado.

86 Ao total participei de duas.

um lugar disputado pela visão privilegiada da rua, mesmo em dias de chuva. Hoje essa esquina e todo o quarteirão da Itu adjacente é ocupado por um grande edifício de alto padrão.

Àquela época dizia-se que o barulho do grande número de pessoas na rua incomodava os moradores dos Jardins, bairro eminentemente residencial, segundo comentários. Fato é que todas as ruas dessa região possuem algum tipo de comércio, opção de lazer, como bar, casa noturna, de diversos tipos. Mas é fato também que o afluxo de pessoas acumuladas em frente ao número 3055 da Consolação dava conta da referência daquele quadrilátero para a vida noturna gay paulistana: aos finais de semana a rua quase fechava de tanta gente circulando em frente ao Allegro. Boa parte das pessoas ficavam mesmo na rua, numa dinâmica de ver e ser visto, de entrar e sair do bar. Logo à frente, a casa noturna Disco Fever; abaixo, a Ultralounge; há alguns metros, na Alameda Franca, a livraria Futuro Infinito; há dois quarteirões, também na Franca, a casa noturna SoGo. Todos esses lugares viraram buffets infantis, lojas de roupas, supermercados. Praticamente não há mais rastro do que um dia foi a noite gay referencial na cidade, inclusive para os visitantes estrangeiros. Quem quisesse saber o que estava ocorrendo na noite da cidade tinha obrigação de se deslocar até os Jardins, na frente do Allegro, num período em que a internet ainda engatinhava no Brasil.

Chego ao hotel da Lorena para a reunião da Samorcc. O recepcionista indica o elevador e o último andar, salão da cobertura. Imagino ao menos duas dezenas de pessoas discutindo o bairro e suas mazelas, mas me deparo com sete pessoas, das quais uma mulher era a primeira vez que comparecia, assim como eu. A reunião já havia começado, me sento um pouco distante na mesa ampla, quadrangular, de dez lugares. Algumas pessoas me olham, Célia me olha sem muita atenção e segue a pauta da reunião: lixo na Augusta, plantio de árvores nessa mesma rua, ação chamada de “revitalização da rua”, também plantio de árvores na Frei Caneca chamado de “revitalização” (mas, neste caso, como projeto em planejamento), casos de roubo, entre outros. A certa altura, quando foi falar do plantio de árvores na Augusta que tinha sido feito nas quadras que descem da Paulista para o Centro, após já ter sido feito nas quadras dos Jardins, exaltou a mudança de aparência da rua:

Ficou linda a Augusta! A gente falou com os comerciantes para cuidarem, não deixarem morrer, protegerem as novas árvores. Mas o lixo na Augusta é um problema (burburinho geral de concordância)...junta muita gente de noite e a gente não pode fazer nada, não pode proibir esses jovens de se encontrarem lá. Se a gente pudesse proibia, mas eles têm que ir em algum lugar expressar sua...sexualidade, enfim. Dia desses eu estava passando pela rua e tinha duas mulheres brigando, gritando, eram 06h da manhã!

Um dos presentes interrompe:

Essas brigas na rua são direto! Mas a gente devia poder fazer algo porque tem um monte de menor de idade. E eles quebram garrafa, é um perigo!

Célia:

É, mas os pais não aceitam, não educam, eles vêm pra cá. Ainda mais agora com o tal Casarão...mas esse já parou de importunar a gente com aquele projeto, não deu em nada e nem vai dar.

Mais adiante Célia cita a possibilidade de montar uma exposição no Shopping Frei Caneca para demonstrar a “revitalização” que será feita na rua: “A administração do shopping é nossa aliada, vou falar com eles e pedir espaço para montarmos uma maquete, vai ser ótimo.”. A maquete nunca foi feita, mas a estreiteza das relações de Marcondes com o shopping ficaram claras mais adiante.

Ao fim da reunião é aberto espaço para que os presentes manifestem-se sobre alguma reclamação ou tópico que não havia sido tratado. A mulher que também havia vindo pela primeira vez é apresentada por Marcondes como uma pesquisadora da PUC em Psicologia com trabalho voltado para a relação entre a psique das pessoas e a moradia em centros urbanos. Ela já havia contatado a Samorcc por telefone pedindo autorização para apresentar a pesquisa e ver quem toparia participar.

Fim de sua fala, todos olham para mim. Em breve momento de centro das atenções, informo meu endereço, nas imediações do território Samorcc e por um instante desisto de falar que sou antropólogo e faço pesquisa sobre a Frei Caneca. A recepção por

telefone, quando manifestei o assunto ao querer saber das reuniões, não foi muito calorosa, nem por e-mail, nunca respondidos. Prefiro me manter “amigo” de Cerqueira César e falo do cheiro de esgoto no riacho encanado que desce a Frei Caneca e deságua no Anhangabaú, com respiradouro na escadaria que dá acesso à Avenida 09 de Julho, à Rua Caio Prado. Todos concordam, o fedor naquela esquina é insuportável em alguns dias. A reunião se encerra e sinto que posso estar junto deles nas reuniões sem ser julgado pela pesquisa que faço. A fala de Marcondes por si só já respondia a muitas das minhas questões sem que eu nem tivesse incitado o tema, a Frei Caneca ou o Casarão. É perceptível: essas questões eram bola da vez entre os membros mais participativos da Samorcc, seja para planejar ações de enfrentamento, seja para comentar e criticar.

Desejar anonimato na ida a esse tipo de evento, reuniões de bairro, seria leviano de minha parte, mas ainda tinha dúvidas se deveria me manifestar como pesquisador ou não, visto a recepção negativa que já tivera na Iniciação Científica quando tentei algum contato com a administração do shopping e a Samorcc. Prefiro me manter minimamente anônimo por considerar que este não era meu campo, não pretendia fazer uma etnografia das relações administrativas que ajudam a perceber e construir a rua, ainda que isso seja plenamente possível de ser realizado; meus caminhos vão por outras trilhas, as quais comumente agregam menos peso aos discursos oficiais. Ainda assim, para o eixo do que busco nesta pesquisa participar dessas reuniões foi importante para observar de perto (e de dentro até) os boatos que relacionavam alguns desses atores.

A segunda reunião da Samorcc na qual estive presente foi realizada numa sala da administração do Shopping Frei Caneca, espaço interdito a pessoas não autorizadas. Nesta ocasião havia um meio de acessá-lo, que era dizer que buscava pela reunião da Samorcc quando se chegava ao andar da administração. Uma pequena sala em forma de auditório era indicada e lá se percebia tratar de um encontro específico sobre a segurança na região, fato não disponível no e-mail informativo. Fileiras de assentos virados para uma mesa retangular num dos cantos estavam cheias, havia cerca de trinta pessoas no local.

Nessa reunião em especial não houve discussão que saísse do tema segurança, ainda mais comandada por um soldado da Polícia Militar e um representante da Guarda Civil Metropolitana junto aos representantes do Conseg local. Basicamente os presentes

ouviram estratégias para evitar furtos e assaltos nas ruas e em locais públicos; meios de tentar identificar ladrões; segurança com os carros; segurança ao entrar a pé e de carro nos prédios, etc. Os representantes da PM e GCM ouviram queixas sobre o aumento de pessoas e brigas nas ruas; a presença de traficantes à noite; o aumento do número de mendigos circulando por lá; o barulho de casas noturnas e pessoas aos finais de semana. Nesse momento ficou claro o desgosto da plateia pelo que a região tinha se tornado, já que a ênfase era num antes tranquilo e num presente caótico. De forma geral, casais heterossexuais faziam parte da plateia, de mãos dadas ou fazendo referência a alguma situação vivida pelo marido ou pela esposa, ao lado. Longe de representarem o bairro essas falas representavam parte dos interessados em opinar. E se fosse comparar essa reunião à outra, ainda que num número muito inferior ao de moradores, a questão da segurança é capaz de mobilizar mais gente.

Nas falas também ficou claro o desgosto e medo com a presença de mendigos, algo significativamente contrário ao manifesto nos panfletos dos empreendimentos imobiliários tratados anteriormente. Esses foram mais citados, e de maneira mais intensa, do que a ideia de um aumento nos assaltos ou brigas, informação que não foi confirmada pelo representante da PM, o qual afirmou haver um número constante. Este também disse que as rondas estavam aumentando e os policiais ajudavam na fiscalização de bares e venda irregular de bebidas nas ruas. Este tema voltou a tomar a reunião com vários exemplos de moradores acerca da presença de ambulantes noturnos.

A reunião encerrou-se cerca de duas horas depois e cada um seguiu seu caminho. Poucas pessoas conversavam entre si, a maior parte parecia não se conhecer e o encontro não tinha manifestado a intenção de saberem mais dos outros. Caso alguém imaginasse observar a relação de vizinhança em reunião do tipo ficaria um tanto decepcionado com o que foi visto.

Como havia dito mais acima, decidi não seguir acompanhando as reuniões da Samorcc dentre outras coisas para tentar um recuo estratégico em relação aos campos realizados, de forma a não reproduzir literalmente as falas desses encontros. Afinal, há de se observar que muito do que se diz, assim como em qualquer relação social, tem intenções específicas, e as falas, denúncias, reclamações e comentários em reuniões organizadas por uma entidade que afirma representar o bairro está atravessada de

intencionalidades voltadas antes para a resolução de seus problemas mais imediatos e de coisas que os desagradem do que refletir sobre o convívio público.

Além disso, as reuniões da Samorcc começaram a rarear cada vez mais: entre essa última reunião e a seguinte seguiram-se mais de oito meses. Cheguei a cogitar ter tido meu e-mail retirado da listagem, mas recebi outras notificações. Nesse meio tempo Célia Marcondes chegou a ser chamada à Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo para prestar esclarecimentos à Comissão de Direitos Humanos, em 08/04/2010, a fim de responder pelas ações da Samorcc contra casas noturnas gays, especialmente A Lôca. Após o episódio, deixou de ser presidenta da entidade.

4.2 Essa rua é de quem? Trajetos, identidades, identificações

“Mas não tem quase ninguém que anda lá pra baixo. Quer dizer, tem um povo que vai na sauna, daí desce, mas é quem tá sem grana mesmo, porque tem coisa melhor que isso aqui na rua, né, gato?” (Márcio, 21 anos, se intitula “moreno”, conversa). Márcio está em frente ao bar d'A Lôca, fuma e bebe uma cerveja no fim de uma tarde de sábado. Faz muito calor e o bar vai enchendo rapidamente, assim como os localizados ao lado. Como é sábado o restaurante Madadayo, um pouco mais abaixo está repleto de pessoas terminando a feijoada. Márcio está sozinho, mas isso não irá durar. Sim, ele aguarda mais dois amigos, de idade semelhante, mas um homem parece olhá-lo e ele retribui com sorrisos. Diz que mora na Vila Matilde, com os pais, um irmão, todos sabem que “eu venho pra cá. Trabalho a semana inteira no banco, ganho meu *aquê*⁸⁷, eles nem me enchem o saco. Mas já me encheram bastante.” “Mas você teve que falar algo para eles da sua sexualidade?” “Ah, já, há uns dois anos. Mas encheram tanto que eu parei. Tipo, já sabem. Mas você perguntando é engraçado, porque falo que venho pra cá ou pra Vieira e eles já sabem, não perguntam mais nada. Só falam ‘tome cuidado’, só. Será que é por causa da lâmpada? Hahahahahahaha!”

A risada de Márcio ecoa, mas ninguém olha. Todos estão bebendo e, apesar de gênero em língua portuguesa não ajudar a expressar a realidade observada, também há mulheres no bar. Elas adoram o bar, “o povo”, a Augusta. Márcio diz que também curte uma coisa ou outra da Augusta, mas que acaba sempre no Bar d'A Lôca. “Por onde você

87 “Aquê” significa dinheiro.

vem?” “De metrô, desço a Augusta.” “Mas não era mais fácil vir direto pela Frei Caneca?” “Ah, eu não faço isso não! Sei lá, depende do horário, fica vazio, mas nem acho que é isso, é mais hábito, desço a Augusta. Às vezes fico lá na esquina, já é um *fervo!* Tem a travesti que canta, é um horror, você já viu? Mas a gente espera as gay lá, ou dentro do metrô.”

Me vejo descendo a Frei Caneca há cerca de doze anos, com minha irmã, num domingo. Descíamos na Paulista, que ficava bastante vazia nesses dias, não tinha a frequência tão grande de pessoas que tem hoje, e seguíamos para o Grind, a domingueira de rock d’A Lôca. Um dia vimos Michael Love, performer da casa e fã ardorosa de Courtney Love, descer do ônibus, em calças jeans justíssimas, um top azul, deixando à mostra sua falta de seios, e salto alto preto. Ninguém mexe com ela, ninguém a chama de viadinho, ninguém grita. Não há lâmpadas, há uma caminhada vigorosa, ativa, e a sensação de ver orgulhoso uma figura que é foco de chacotas depreciativas entre os frequentadores da casa. Dizia-se, por exemplo, que ela tinha ficado vesga por consumir tanto *padê*, porque, de fato, ela não era vesga.

Mas nem Márcio e nem quase ninguém refaz esse caminho. Por hábito, às vezes por receio do vazio noturno, mas a maior parte das vezes porque a Augusta está muito mais cheia. O processo de incremento da Augusta nos últimos dez anos já transformou o perfil de seus frequentadores, consumidores, trânsito e, em breve, de seus moradores. Márcio e boa parte das pessoas que circulam na Frei Caneca, em especial na esquina com a Peixoto Gomide até a Dona Antônia de Queirós, vêm da Augusta. Nem todas saem do metrô, na estação Consolação, mas é bem claro que há um enorme afluxo deste ponto. E por que não vir direto da Paulista pela Frei Caneca? “Na Frei Caneca não tem nada! Se você desce pela Augusta já é metade da diversão, encontra alguém, é ótimo. Na Frei Caneca você não vê ninguém.” “Mas nós estamos na Frei Caneca...” “Ah, mas é o Bar d’A Lôca, é o shopping, é isso, é aqui que concentra. Quer dizer, tem uma molecada que fica aí na rua, aqui do lado...” “Na Peixoto Gomide?” “É...sei lá, é Peixoto Gomide o nome dessa rua? Mas ela não cruza a Paulista? Ah, é, olha a placa. É, é bem aí, um povo jogado. Agora está de boa, está tranquilo, mas logo eles chegam.” (Régis, 26 anos, se diz branco, conversa, mora em Santo Amaro e trabalha na Paulista).

Irina, 31 anos, moradora da Frei Caneca há três anos, é estudante e aceitou me receber para uma conversa. Fui apresentado a ela por amigos que sabiam de minha pesquisa e me indicaram, assim como ocorreu com diversas outras conversas. Irina me recebeu em sua casa numa tarde nublada de sábado, um pouco frustrante para um pesquisador que pretendia fazer sua primeira inserção de campo acompanhado de uma “nativa” em plena luz do sol, algo que muda radicalmente a presença ou não de pessoas na rua⁸⁸. Conversamos sobre o que a havia feito vir para a Frei Caneca: “É uma região boa, tranquila e barata. Quer dizer, quando eu vim para cá era muito barato em relação a morar no Butantã, por exemplo, que é mais perto da USP. E aqui eu consigo bancar sozinha um apartamento de um dormitório, coisa impossível na Consolação, Santa Cecília.” “Você considera esses bairros próximos?” “É aqui do lado, né, perto do Mackenzie, é perto.” “E quanto você paga aqui, se me permite a pergunta?” “Claro! Olha, agora o aluguel está em R\$ 750,00, porque teve reajuste, mas era R\$ 500,00.” “Uau, para os padrões de São Paulo é muito barato mesmo!” “É, é muito barato. E, veja, eu moro perto do shopping, Augusta, Paulista, Centro, padarias, tem tudo muito perto. Mas há boatos de que vai subir mais ainda, porque os reajustes foram abaixo do tanto que os aluguéis subiram aqui. Então não sei o quanto ainda consigo morar aqui por muito tempo. Aqui é um prédio de um dono só, já tinha sido um hotel e foi reformado, então é muito decisão do dono⁸⁹.”

“Posso te pedir uma coisa? Você pode me mostrar a rua?” “Mas você não conhece a rua?” “Sim, mas eu queria ver a sua rua.” Saímos. Irina mora próximo à esquina da Marquês de Paranaguá, então o sentido foi subir a rua em direção à Paulista. “Mas você faz esse caminho?” “Se for para o shopping, Paulista, não tem outro.” [risos] “Poderia subir pela Augusta?” “Ah, sim! Mas só se fosse para ir para a Augusta, tipo de noite. Agora à tarde acho que não, só por aqui.”

88 Dias ensolarados são sinônimo de ruas cheias.

89 Irina se mudou no ano seguinte, 2012, por conta do aumento muito superior à inflação do período, justificado pela disparidade em relação ao aluguéis praticados em edifícios vizinhos.

“Aqui é a padaria que venho, aqui é a Paim, você já veio na Paim?” “Sim.” “É uma rua interessante, é muito agitada, as pessoas ficam na rua, tem aquele prédio lá no fundo. Parece feia, né, mas é interessante.” “Por que?” “Destoa da Frei Caneca, parece outro lugar, mais movimentado. E tem migrantes, mais negros, travestis, é tipo um lado B, saca? Aqui é o shopping, venho de vez em quando para ir ao mercado, que é caro, mas tem mais opções de produtos. Venho no cinema, comer alguma coisa.” “Vem para passar o tempo?” “Não, quase nunca. Não curto shoppings, o Frei Caneca é fraquinho também, mas para paquerar deve ser bom.” “Como assim?” “Ah, para os gays paquerarem deve ser o máximo, sempre está cheia de homens que curtem.” “Como você percebe isso?” “Bom, eles não olham para mim. [risos] Mas tem casal de mãos dadas, se beijando, tipo, dá para ver. E tem de tudo, de novinho a mais velho.” “E são só gays?” “Acho que sim, não sou tão boa observadora.” “Quer entrar e me mostrar alguma coisa lá?” “Não, mal venho aqui.”

A caminhada segue rumo à Peixoto Gomide. Irina me mostra o Madadyo, que tem vontade de comer a feijoada, mas nunca veio. “E nos bares?” “Só no Bar d'A Lôca, uma ou outra vez. Quando vou beber vou na Augusta, no Ibotirama, no Dona Teresa. Mas já comi do Zeffiro!” Subimos mais, passamos d'A Lôca sem referência de Irina, que cita como opção de lazer noturno o Lapeju: “A música é uma delícia! Toca samba, samba rock, mas é muito quente lá dentro.” Ela me leva por onde não esperava, até a próxima esquina e descemos. Lá há um restaurante, pequeno, aconchegante: “Venho aqui de vez em quando, mas acho que acabou a Frei Caneca.” “Fique à vontade. Você acha que acabou? Se fosse me dizer que a sua Frei Caneca termina aqui seria isso mesmo? Há outros caminhos que poderíamos fazer?” “Não sei, eu iria para a Augusta agora, não sei...faz parte do meu caminho.” “Se faz parte acho que podemos continuar.” “Beleza. A gente vai por aqui, não precisa subir, mas te mostro o que eu gosto aqui, é tipo a rua toda! Tem os cinemas, uns restaurantes não tão caros, ficou tudo muito caro, e o Ibotirama que te falei.” “Mas geralmente você não segue subindo a Frei Caneca até a Paulista ou descendo ela?” “Não, já quase fui assaltada nesse trecho uma noite que voltava para casa, prefiro descer a Augusta.” “Mas você tem percepção de violência aqui?” “Não sei, tem briga, né, mas é que aqui circulam muitas tribos, gente muito diferente, o povo bebe, se exalta, mas não sei. Acho que a percepção que tenho é que isso é normal, acontece aqui,

na Vila Madalena, em outros lugares.” “Você não se sente especialmente amedrontada aqui então?” “Não, não! Mesmo o assalto não acho que foi algo assim terrível. Mas podendo evitar a gente evita.”

Descemos a Augusta. Irina aponta dois rapazes: “Acho que são gays, tipo, olha a roupa, o jeito das mãos.” “Isso ajuda a identificar?” “Para mim sim. Mas é normal, tranquilo, não me incomoda. Não teve um projeto de rua oficial na Frei Caneca? Então, isso aí já acho sem noção.” “Por que?” “Ah, um projeto, do nada, para quê? Os gays já não vêm para cá? Então, para quê? Acho desnecessário, não vejo como poderia ajudar alguém, só quem propôs.” “E quem foi?” “Ai, vi isso tão por cima, nem lembro. É alguém de associação de bairro, não é? Você sabe disso melhor que eu, vai! Acho que foi a associação do bairro para chamar a atenção da mídia, e conseguiu.” “Foram no seu prédio pedir para assinar um abaixo-assinado sobre o assunto?” “Não, teve isso? Me excluíram então [risos].”

“Vamos virar aqui e seguimos pela Frei Caneca.” “Por que?” “É fluxo. Já percebeu que todo mundo vira aqui na Peixoto? Tem um pessoal que segue, mas muita gente vira aqui e segue, é o shopping.” “O shopping é chamariz?” “Sim, concentra. Gays, não gays, crianças, moradores da rua ou não. Tem o cinema, né. Muita gente vem para esses lados por causa do shopping, antes mesmo de ter tanta coisa por aqui. Pode ficar meia hora em frente ao shopping, tipo, do outro lado da calçada, você vai ver que pouca gente passa na calçada em frente ao shopping, quem vem de baixo ou de cima sobe para o shopping.” Chegamos de volta ao seu prédio: “Nada para baixo que você queira mostrar?” “Não. Quer dizer, tem a sorveteria *vegana*⁹⁰, mas acho que não.” “Ok.” “Quer subir para tomar um café?”

O café encerrou meu contato com Irina. Assim como eventos ocorrem durante um processo, nunca mais conseguimos nos encontrar, mas ela se tornou uma de minhas principais informantes sobre acontecimentos na rua. Constantemente me mandava mensagens informando do protesto que ocorreria pela tentativa de fechamento do shopping por ação da prefeitura; mandou notícias de novos terrenos abertos na Rua Paim; e, em tempo real, avisou da festa de inauguração do edifício Paulista Home Resort (PHR).

90 Expressão referente a pessoas que não ingerem derivados animais, como, por exemplo, sorvetes feitos de leite.

O PHR é um dos empreendimentos mais ambiciosos da rua: possui quase quatrocentas unidades, todas vendidas em pouco tempo, e ocupa um enorme terreno. O conjunto residencial não passa incólume pelos pedestres, ao menos por alguns: “E esse prédio, gente! Quando ficar pronto só vai ter viado, certeza! Imagina, vai ser balada e babado o dia todo!” (Silas, 25 anos, morador do Jabaquara, branco, conversa). “Ah, até parece que tem tanta bicha com dinheiro nesse mundo. Eu não tenho!” (Cássio, 22 anos, morador de Jardim Miriam, branco, conversa). Encontrei Silas e Cássio num domingo, saindo do shopping, após dar informações sobre a região (ambos queriam saber onde era a sauna 269). Falei que fazia uma pesquisa sobre a Rua Frei Caneca e se poderia conversar um pouco com eles. Inicialmente reticentes aceitaram que eu os acompanhasse até próximo da sauna enquanto conversávamos. Disseram não querer responder a grandes questionários, estavam lá para se divertir. Lhes disse que tudo bem, que ao menos me indicassem lugares que conhecessem ou gostassem na rua: “Ah, A Lôca, o bar da esquina, às vezes o bar verde, é mais barato. Mas por aqui é caro. O bom é que dá uns *boys* lindos! E na rua mesmo, bebendo, não precisa entrar em boate.” (Silas). “Eu venho no shopping de vez em quando, sábado, encontro o Silas, a gente vem beber, encontrar umas gay aqui, se *pá* até tem mais gente que a gente conhece no bar, quer ver?” (Cássio). De fato, na calçada do bar d'A Lôca havia dois amigos de Silas e Cássio, ambos moravam nas proximidades: “Na Frei Caneca, mais em baixo, a gente divide” (Jorge, 27 anos, negro, conversa). “Frei Caneca o caralho, viado, que a senhora mora na Paim! Fala logo que você é travesti para o moço!” Silas interrompe Jorge que, sem graça, assume morar na Paim: “Mas é num lugar muito bom, tá!” Mateus, 23 anos, companheiro de apartamento de Jorge, ri e não comenta nada, mas Silas insiste: “Vai, Matt, fala que vocês moram num cortiço!”, e Mateus: “É quitinete com vista para a 09 de Julho, é linda! [risos] Antes até dava medo um pouco, a gente saía e ficava meio assim, meio com cagaço de ser assaltado, mas faz um tempo que tem *coxinha*⁹¹ na frente do 14 Bis. Apesar que tenho um amigo que mora lá, conheço um outro que mora aqui mais embaixo, na Frei mesmo, sem zoeira. Ele era vendedor na Anjos, você conhece?” Afirmando que não, apesar de ter feito pesquisa no shopping. “Era um *boy* fazível, não magia. Era vendedor, se achava, *afê*! Mas a gente ia lá ferver na loja, tentava uns *vips*, uns esquemas, saca? Era legal, agora mudou

91 Gíria para policial. Pode também ser utilizado o termo “alibã”.

um pouco a loja, mas a gente passa lá de vez em quando para conversar com outras amigas.” “Amigas mulheres?”, pergunto, “Não, amiga viada mesmo! A gente quase não conhece sapatão. Para você ver sapatão tem que ir lá no Tirrenos, aqui no bar verde, aqui no Bar d'A Lôca tem pouco”, disse Mateus.

Lá no burburinho do Bar d'A Lôca há dois espaços que as pessoas reconhecem como lésbicos: o bar verde e o bar da sinuca, em menor intensidade o Tirrenos. Digo menor intensidade como meio de “medir” o entendimento que as pessoas têm de tal ou qual lugar, já que não se trata aqui de um levantamento quantitativo, mas de uma percepção de percepções. E como realizar etnografia num ambiente de bar movimentado e na calçada, espaço de circulação intensa nos horários priorizados para a pesquisa, é quase uma ação de inteligibilidade ante o aparente caos foi impossível não perceber um direcionamento, naquele momento, de diversas falas em relação ao bar da sinuca. Não só os interlocutores citados acima se manifestaram, rindo e falando já em voz alta, como outras pessoas em volta começaram a confirmar essa percepção: “É verdade, lá só tem *racha*⁹² e moleque, desses pivetes que ficam aí na rua!”, grita um; “Se você fica na rua vai acabar lá, fica aberto a noite toda, fim de noite total!”, comenta outro; “Eu achei da hora!”, afirma uma mulher. São falas que surgem como somem, mas ajudam a formar o espectro de noções sobre os espaços e a rua.

Silas e Cássio desistiram de ir à sauna e ficaram no próprio bar, com Mateus e Jorge. A ideia era beber um pouco, ainda eram 20h, e decidir para onde ir depois: “Se a gente encher a cara ainda tem A Lôca aqui do lado”, disse Cássio, “mas não gosto tanto de lá, nunca sei o que vai tocar. Às vezes é o máximo, mas às vezes é uma merda. O que salva é o povo, tem uns caras gatos, muito gatos, mas acho que vamos para a Bubu⁹³.” E como sabem o que vai tocar na Bubu hoje?”, pergunto, “Tem gente que entrega flyer aqui, mas lá também não muda, né. Capaz até de irmos para a Blue⁹⁴” “Mais alguma? Nenhuma balada por aqui?” “Bom, tem a Bofetada lá do lado, mas lá é meio...” Silas corta exaltado a fala de Cássio, “Lá é um horror! Só bicha pobre, feia, parece que você está na República! E não tem ar condicionado, é tudo na base do ventilador! Não vou lá

92 Gíria para mulher com tom ofensivo, muitas não gostam de ser chamadas assim, preferem “amapô”.

93 Bubu Lounge, casa noturna gay em Pinheiros.

94 Blue Space, casa noturna gay na Barra Funda.

não!”, “Mas em mais nenhum outro lugar por aqui? Augusta?” “Mas na Augusta tem viado?”, pergunta Silas, “Só vejo *skatista, mano*⁹⁵, essas coisas. Não, balada de viado não é na Augusta.”

Ariel discorda disso: “Moro aqui perto, numa travessa, na Costa, então desço e estou na Augusta. Faço tudo por aqui, do pão à janta, do bar à balada, tudo. É tipo minha zona de conforto.” “Como assim?” “Não saio daqui quase, sério. Desde que me estabeleci aqui [Ariel é branco, natural do Espírito Santo e vive há 08 anos com o namorado], há seis anos moro na Augusta. Quer dizer, região da Augusta.” Ariel tem 32 anos, cursa doutorado e diz ir direto a A Lôca: “Quase todo dia, se deixar! [risos] Gosto muito de lá, mas também vou às vezes num bar aqui perto, o Dona Teresa, que a cerveja é mais barata.” “E você acha que A Lôca fica na região da Augusta?” “Não, Frei Caneca é Frei Caneca, Augusta é outra coisa, é diferente.” “Qual a diferença?” “Na Frei Caneca têm gays, muitos gays, na Augusta tem também, mas bem menos. Na Frei Caneca quase só tem gay, para tudo que é lado. Vou n’A Lôca porque curto o ambiente, o pessoal, já faz tempo que vou e o público é diferente da Frei Caneca.” “Uai, como assim? Mas não está na rua?” “Sim, mas, veja, o povo que vai no Frey, que é um bar que detesto porque vive cheio de bicha metida, dessas *fortonas*, barbie, que vive na academia e se acha 'o' gostoso, não vai n’A Lôca. Nem o povo do Bar d’A Lôca vai tanto, eu diria que metade do pessoal do bar vai n’A Lôca e metade vai no Bofetada que é mais a cara do pessoal da República, um povo feio. Tem muita gente que vai n’A Lôca direto, sem passar pelo Bar d’A Lôca, apesar do apelido. Então tem muito gay na Frei Caneca, mas nem todos vão n’A Lôca, entendeu?” Confuso respondo: “Acho que sim. Mas se você tivesse que se definir quanto à orientação sexual, como o faria?” “Gay” “Bicha, viado, não?” “Não, só gay” “E qual a diferença?” “Eu não cacarejo, falo como homem, não uso roupas coloridas, nem sou PAM” “PAM?” “Passivo Até a Morte” [risos] “O lance é ser afeminado, é isso?” “É, é isso. Se você passa de dia, a Frei Caneca é um sossego. Mas à noite, depois das 22h, é uma gritaria só. Eu não acho que essas pessoas tenham que sair daqui, só estou comentando, te respondendo. Só falando que não sou assim, que não me atrai” “Então a Frei Caneca é ‘viada’, mas A Lôca não?” “É...é misturada. Tem até

95 “Mano” é uma gíria que se refere, de forma geral, a rapazes da periferia que se vestem com calças e camisetas largas, usam bonés de aba reta e apreciam rap e hip hop. É uma espécie de designador de proximidade com outra pessoa, como uma corruptela de “irmão”.

hétero! Mas bem menos viado que na República. E lá tem uns caras que eu curto, com barba, tranquilos.” “Você pode me mostrar um pouco da sua Frei Caneca, do que você costuma fazer na rua?” “Claro, uma volta, é isso?” “Sim”.

Sáimos de um café na Rua Antônio Carlos, descemos pela Augusta, pergunto: “É por aqui que você passa geralmente? Para ir à Frei Caneca?” “Sim, não tem muita coisa para cima, tem o Casarão, mas lá não tem nada.” “Você conhece o Casarão?” “Conheço, é do dono da 269, tem uns amigos que circulam por lá, coisa de militância, mas nunca curti o lugar. Teve essa coisa de rua gay, sei lá, achei nada a ver. Teve essa discussão de gueto, né, eu não sei, não sei se vira gueto, se vira referência, se isso é bom ou não porque tem um monte de situações de violência ocorrendo por aqui, parece que aqui virou referência para ataques homofóbicos, isso sim.” “Na Augusta?” “Também, mas na Frei Caneca também. Vira e mexe alguém saindo d’A Lôca apanha, é ameaçado, mas isso não sai no jornal. Ah, você sabia que o Rafinha Bastos⁹⁶ é dono desse Comedians?” “Sim.” “E sabia que ele é dono do Frey também?”

Bem, eu sabia que o Rafinha Bastos morava na Frei Caneca, ele mesmo já tinha feito piadas sobre isso em seus momentos na televisão, e até já o tinha visto ir até o Frey, bar do outro lado de seu prédio, mas não tinha ligado uma coisa à outra: “O Rafinha Bastos é empresário de bar gay?” Ariel acha engraçado meu espanto: “Sim, pois é. Vamos virar aqui na Peixoto Gomide?”

Ariel mostra a rua, diz que uma horda de jovens ficam lá de noite, a noite inteira, principalmente aos finais de semana, bebendo, fumando, conversando, gritando. “E esses daqui acho que não são gays, estão, tipo, mais para o tipo de pessoa que vai na Augusta, mas do outro lado está cheio de *bee*⁹⁷ *teen*.” Seguimos, me mostra o bar Flyer, “já foi mais cheio, interessante, anda meio largado, logo fecha”; o bar da da sinuca, “quando nada mais resta venho aqui com uma amiga, é cheio de sapatão, mas é muito legal”; o bar d’A Lôca, “direto caio aqui, uns amigos chamam, ou estou sem nada para fazer em casa, me sentindo sozinho, aqui tem muita gente e a probabilidade de achar um amigo é alta, ou de achar uma *fodamiga*⁹⁸!”; atravessamos a rua, pela primeira vez alguém me mostra os outros bares: “aqui embaixo do hotel (Luver) ficam montes de jovens gays bebendo

96 Rafinha Bastos se tornou nacionalmente famoso por apresentar o programa CQC na Rede Bandeirantes de Televisão e por suas piadas ácidas, seguidas de processos judiciais.

97 “Bee” é uma forma de dizer bicha a partir da pronúncia da palavra em inglês. Exemplo: beesha.

Chapinha⁹⁹, do outro lado tem o Bofetada, que também enche, mas eu acho *uó*¹⁰⁰.” “Por que?” “Não gosto da música, nem do pessoal que vai, acho muito bichinha demais. Do lado fica um bar podião, de um cara que usa chapéu de vaqueiro, acho que é para fazer concorrência com o Zé das Medalhas¹⁰¹. Tem o bar verde, *toscão* também, e o Barão, o mais chique, mas também não venho muito.” “Por que?” “É caro, tem uns caras mais velhos, acho até meio *low profile* demais. Daqui não tem mais nada, mas descendo a Frei Caneca tem mais dois bares meia boca e uma banca de jornal que só tem atendente gay.” “Ah, conversei com um deles.” “Interessante, né. Dá para ver que quem está lá saca das coisas pelas revistas que dá destaque. Daí aqui no comecinho da Rua São Miguel tem uma lanchonete de hambúrguer, boa, e mais embaixo o Zeffiro, que eu gosto também. Pulo o Frey, o Tirrenos...[risos].” “Pula os dois?” “É, porque no Frey, só *bicha bubu*, nem *th*, só *bubu*¹⁰².” “O que é bicha th?” “É bicha The Week. Tem grana, é bombada, é burra. Bicha bubu queria ser th, mas não tem tanta grana, vai na Bubu, em Pinheiros. E o Tirrenos você já viu a programação? Só MPB, só sapatão, só mulher. Não vou encontrar nada aqui.”

Seguimos para o shopping, mas não entramos: “Aqui vou no cinema, só. Nem mercado nem roupa nem comida, só cinema. Mais para baixo tem O Gato, fui uma vez, muito escuro, fechado, não gostei. Mais para baixo ainda tem a sauna, mas se for para ir em sauna eu preferia a 269 mesmo. Bom, tenho um compromisso mais tarde, podemos encerrar?” “Claro.”

Ariel parecia já não ter mais paciência para a caminhada, fico pela rua, caminho sozinho. Na rua, nesse pedaço, nas proximidades do shopping, há diversos grafites: num deles uma montanha de gatos coloridos se acumula na parede ao lado do bar Frey, este

98 “Fodamiga” é uma forma de classificar um encontro casual, apenas para sexo, uma pessoa conhecida.

99 Chapinha é a marca de um vinho barato vendido numa garrafa de plástico.

100 “Uó” é uma expressão que se refere a algo ruim, a uma desaprovação.

101 Zé das Medalhas é um dos garçons do bar d'A Lôca e um dos mais conhecidos da noite paulistana pela quantidade de coleres, cordões e pulseiras de metais que ostenta. Também é chamado de “grego”.

102 Bicha bubu: gay que vai na Bubu Lounge; Bicha th: gay que vai na The Week. A diferenciação proposta por Ariel se refere a quem tem poder aquisitivo e aparência para ir na The Week e quem acha que tem, mas só conseguiria ir na Bubu Lounge.

cheio já e com música num carro aberto; mais abaixo, desenhos de patos voando em migração com pescoços e cabeças de pênis e vaginas ao lado de um *stick*¹⁰³ de Maria Callas deram lugar a uma figura feminina incompleta, resquícios de uma passagem; mais acima a porta de ferro de um chaveiro estampa uma espécie de deus de muitos braços, boca grossa, penas de pavão; lê-se, em outro muro, “é preciso ver a cidade”, frase já símbolo de São Paulo, disposta em muitas ruas e avenidas; no pequeno prédio de esquina da Frei Caneca com a Peixoto Gomide outra intervenção que tem se tornado comum, a utilização de azulejos antigos, de cores fortes e padrões de desenhos dos anos setenta montam “monstrinhos” pixelados como em videogames antigos, “monstrinhos” de Atari.

Paro no bar d’A Lôca, há um amigo que me espera, vou encerrar o campo e beber um pouco. Na mesa do lado de fora ficamos conversando e ele me pergunta se eu bebo em campo, respondo que isso não interfere diretamente na percepção do entorno, às vezes ajuda na aproximação, mas que geralmente quando bebo considero que não estou mais fazendo campo: “Pesquisa boa é essa: vai em bar, em boate!”

Na esquina, um homem está passeando com um gato e para para beber uma cerveja. O gato, siamês, está solto, curioso se aproxima de algumas pessoas. Algumas pessoas se aproximam do homem, negro, estatura média, vestido casualmente. Se aproximam pelo gato, o gato não liga muito; seu dono tem um meio sorriso no rosto. O gato anda quase até nosso encontro, mas volta. Sobe numa mesa, no colo de uma mulher numa outra mesa, fica se afagando, desce e volta para o dono. Levanto e pergunto: “Você mora por aqui?” Ele responde sem muita atenção: “Sim, a um quarteirão.” Percebo que atrapalho, volto para a mesa. Meu amigo diz: “Já passou a noite aqui na Frei Caneca?” Respondo: “Algumas.” “Mas fazendo campo?” “Não, o marido acha perigoso e, de fato, é um pouco.” “Por que não passa essa?” “Não, estou cansado, andei o dia todo.” “Se quiser posso passar a noite contigo num outro dia, daí é mais tranquilo.”

4.3 Essa rua não é de ninguém – três distâncias e duas convergências

No decorrer da pesquisa o tema das legitimações acerca do pertencimento ou não da rua, de quem pode falar sobre ela, defini-la, agir em seu nome, fazer parte de sua vida, circular por, alicerçou as idas a campo e parte das entrevistas. Entre as entrevistas

¹⁰³Ilustração fixada nos muros da cidade como lambe-lambe, com cola.

realizadas, nas quais foi possível cotejar falas, comportamentos e definições, destaco três conversas realizadas em profundidade que ajudam a pensar sobre a rua e a partir dela. No centro da questão o Centro: a Frei Caneca é central geográfica e simbolicamente. E no centro dos discursos está também a definição de uma sexualidade permitida, mas não permissiva; controlada e bastante homogênea. Não creio estar descrevendo novidades nesse sentido, mas creio poder trazer à tona parte de meus interesses epistêmicos desta pesquisa: cidade e sexualidade, dois pontos convergentes de compreensão da vida social.

4.3.1 A Frei no Center 3 – Fernando

Conheci Fernando por indicação de colegas, por ele ir frequentemente à Frei Caneca, principalmente ao Bar d'A Lôca e à própria A Lôca. Fernando, 22 anos, branco, reside na região metropolitana de São Paulo, na cidade de Santo André, e trabalha na Avenida Paulista numa empresa de turismo. Por sua sugestão fomos até o Shopping Center 3 realizar a entrevista. Para ele tratava-se do mesmo espaço do qual eu queria conversar, a região da Frei Caneca.

O Center 3 se localiza na própria Paulista, próximo à esquina com a Augusta e tem esse nome por ter três entradas: na Paulista, na Augusta e na Luís Coelho. O espaço foi reformado na última década, ganhando um edifício ainda em fase de acabamento, além dos três pisos já existentes. Antes da reforma o espaço se assemelhava a uma galeria, com lojas pouco famosas, o cinema Bristol pouco frequentado e um banheiro bastante conhecido pela atividade sexual (Frúgoli Jr., 1991). O banheiro segue movimentado, mas o lugar ganhou ares de shopping e uma rede de cinemas que manteve o nome original das duas salas.

Nos encontramos na porta do shopping, Paulista, e subimos para um dos pisos da praça de alimentação mais vazios. Explico a pesquisa, Fernando concorda em conversarmos, prefiro não gravar. O que é a Frei Caneca? “Para mim se resume ao shopping. E quando vou é para ir ao teatro, cinema, aos finais de semana, geralmente sozinho. Bar d'A Lôca só se for para encontrar os amigos, não gosto de lá. Prefiro o bar Barão da Itararé, é mais tranquilo, dá para ir com o namorado, tem um público diferenciado. No Bar d'A Lôca tem muita *ploc-ploc*, acho desnecessária essa bichice toda.”

“E como você vai ao shopping, que caminho utiliza?” “Desço a Augusta e viro na Peixoto Gomide.” “Não vai direto pela Frei Caneca?” “Não, é costume. Vou pela Augusta.” Fernando diz que o shopping tem um histórico gay que até o pessoal do interior conhece a fama, mesmo sem nunca ter vindo ao local: “lá tem muito *gayzinho*, mas é um lugar mais aberto. No shopping sempre encontro amigos, vou no Havanna, Casa do Pão de Queijo, fazer um lanche, mas não vou passear lá. Lá é meio despuadorado, você vai no banheiro e vê um pessoal no mictório. Outro dia tinha um senhor de 50 anos caçando sexo no banheiro, achei nada a ver.”

Disse ter ido apenas duas vezes n’A Lôca: “N’A Lôca é cheio de *calopsitas*, gente com o cabelo colorido, e de sábado toca pop, é mais legal. Mas eu curto mesmo é ir na The Week quando tem a festa Gambiarra. Há diferença entre o público de um lugar e de outro, na The Week a classe econômica é maior, se percebe pela conversa, também se percebe a formação da pessoa. Na verdade de balada gay na Frei só conheço A Lôca. Tem o Bofetada, mas é bar, o clima lá é legal, descontraído, o público é diferente d’A Lôca, menos exagerado. E bar gay mesmo para mim só tem o Bar d’A Lôca.”

E a Frei Caneca difere muito da Augusta? “Muito! A Frei Caneca é gay, tem mais opções de baladas e coisas mais bonitas, a rua é mais bonita. A Augusta é mais submundo, mais *dark*, de construção antiga. Lá circula um pessoal mais...*indie*, rock, *over*, exagerado. Mas o pessoal das duas ruas circula entre elas. Mas é impossível não saber que a Frei Caneca é gay, isso está em guias turísticos, tem até uma central turística na rua para gays gringos perdidos que tem um muro pintado com a bandeira do arco-íris, mesmo que não se veja muitas bandeiras dessas na rua. Aqui é a região gay de São Paulo.”

E que região é essa na cidade? “Aqui é Zona Sul, a Paulista é Zona Sul, mas a Frei Caneca é mais Centro. Eu moro na Penha, aqui é muito mais elitizado que lá, e eu viveria de boa aqui, até porque no meu bairro eu só moro, não faço nada por lá, saio mais por aqui.”

E onde há gays na cidade? “Frei Caneca, Paulista, Augusta, Vila Mariana e Vila Madalena, mas mais na cara por aqui mesmo. Ah, e no Centro-República tem uma concentração de gay sujo, se você conversar muito tempo pode até pegar uma doença, Aids, por exemplo. Lá as pessoas se vestem de maneira mais chamativa, mais colorida,

são menos instruídas, tem muita barbie e gente muito magra, tipo com cara de doente mesmo. Na República também está cheio de travestis e garotos de programa, coisa que não se vê aqui na Paulista, como *cinemão*¹⁰⁴.”

“Mas, veja, a Frei Caneca é tão gay para mim que outro dia vi o Marcelo Cabral circulando por aqui, você conhece?” “O ator pornô?” “Isso! Gente, eu via os filmes dele quando era adolescente! Ele fez parte da minha vida!”

4.3.2 A Frei no Frey – Adriano

Adriano fazia um curso de teatro no shopping, fora indicado pelo ex-namorado, amigo em comum. Alto, branco, de olhos claros, tinha 23 anos e havia se formado em Jornalismo na Fundação Cásper Líbero, no número 900 da Paulista. Reside com os pais na região do Paraíso – Bela Vista, nas proximidades do Shopping Pátio Paulista.

Escolheu como lugar da entrevista o bar Frey Café & Coisinhas, bastante próximo ao Shopping Frei Caneca e movimentado mesmo no dia da entrevista, uma terça-feira. Ainda assim pudemos conversar com tranquilidade. “Aqui é um bar gay mais arrumado, o Bar d’A Lôca, que também é gay, é muito *cagado*.”

Segundo Adriano, a frequência do shopping é de “gays e travecos”, além de alguns artistas e celebridades por conta do investimento na área cultural do empreendimento, teatros e cinemas. “No Frei Caneca tem duas lojas gays, a Anjo da Guarda, que eu acho *uó*, não curto as roupas, e a Uzo. Dá para perceber pelo público, pelas roupas, mas não é um público classe A não, é tipo C mesmo.” “E como você vê que a pessoa é gay?” “Pelas roupas, porque há casais de mãos dadas, mas tem gente que faz isso só para causar também, mas acho que isso é de um pessoal que tem a mente mais aberta, de andar de mãos dadas, gente que também vai no Iguatemi, por exemplo. Pessoas de menor poder aquisitivo são mais ignorantes, têm mais preconceito, são muito *tadinhas*. Mas ainda assim acho que há pessoas de menor poder aquisitivo com a mente mais aberta no Frei Caneca. Mas na minha opinião a pessoa ter mais grana, ser de família, faz com que seja mais de boa com o fato de ser gay, de ela mesma ser gay.”

“Na verdade o shopping se tornou um ‘antro gay’, mas isso é bom, porque as pessoas podem se cumprimentar com beijos, trocar afeto sem maiores problemas. E quem

¹⁰⁴“Cinemão” é a gíria para cinemas que exibem filmes pornográficos, a maior parte deles no Centro.

vem aqui sabe disso, né, não é nenhuma novidade, apesar de ter também a presença de velhinhas, você viu? Tem bastante gente idosa, mas que também já se acostumou porque no shopping tem no mínimo 65% de gays, é a maioria. No começo achei um shopping normal, depois que fui percebendo.” “E como foi?” “Ah, assim, eu não fui atrás, nem sabia que rolava esse tipo de coisa, mas foram dois lances de paquera. Num deles um cara mais velho, de uns 40 anos, trocou olhares comigo. O cara era bonito, mas achei que não era nada. Depois, no mesmo dia, nos cruzamos num bar, mais para cima, n’O Frei, e ele pediu um cigarro. No meio da conversa deixou claro que só queria uma foda na hora mesmo, sexo casual. No outro foi no banheiro do shopping. Eu estava no mictório e o cara do lado começou a mostrar o pau duro, tentar pegar em mim, cai fora e me toquei que rolava bastante disso lá.” [risos] “E esse lance no banheiro, tem em outros lugares também?” “Não sei. Ah, tem sim, no Shopping Paulista tem. E lá a classe econômica, cultural, social é maior, mas vão umas pessoas *cagadinhas* também. Por exemplo, para passear eu vou no Iguatemi ou no Cidade Jardim, no Frei Caneca é só por comodidade mesmo, não venho aqui para passear. Porque, assim, tudo está atrelado ao dinheiro, ao poder aquisitivo. Quanto menor a classe social, mais bicha *pco*¹⁰⁵, bicha *poc-poc*¹⁰⁶, menos educação e cultura. Porque há gays afetados e gays homens, mas estes são difíceis de reconhecer que são gays, essa coisa de *gaydar*¹⁰⁷ não existe, não dá para sacar de cara, acho que só pela troca de olhares mesmo, pela paquera.” “E como é a afetação, o que você disse de haver gays afetados?” “Dar pinta, ué. Mas, assim, tenho amigos *hts* que dão uma mega pinta e todo mundo acha que são gays, mas eles não são.”

“E como você definiria a Rua Frei Caneca, onde ela fica na cidade?” “A rua fica no Centro, né, na velha Augusta, na baixa Augusta, teoricamente mais pobre. A Augusta tem ar de Centro, tem mendigo, puta, dá medo de ser assaltado mais lá para baixo. Já a Frei Caneca é gay, então se você desce a rua não fica com tanto medo porque gay não é violento, você se sente em casa. A rua é tranquila mesmo estando cheia, tipo, de quinta a Frei Caneca fica mega cheia de gays. Já ht é um saco. A Frei Caneca é acolhedora, você

105PCO é uma sigla para “pão com ovo”, pessoa pobre que não teria dinheiro para comer algo melhor.

106Tanto “ploc-ploc” quanto “poc-poc” são adjetivos que acentuam a afeminação de uma bicha, fazendo referência ao som de saltos altos.

107“Gaydar” é uma forma de dizer que a possui tem um “radar” possível de perceber quando outra pessoa é gay.

se sente à vontade. Mesmo os funcionários do comércio daqui têm a cabeça mais aberta de tanto ver gay e a rua se tornou uma forma do gay ter seu espaço, toda cidade tem um espaço gay, o de São Paulo, o mais famoso, é aqui, a Frei Caneca. No Centro tinha uma rua gay antes da Frei Caneca, não lembro o nome, mas a rua gay agora é aqui, porque no Centro isso é minoria, o gay é muito marginalizado e a Frei Caneca é a melhor opção dentro das possibilidades mínimas de sair, passear, ir num bar e tal.”

“Mas você sai aqui na rua, vai nos bares?” “Sim, n’A Lôca, aqui no Frey eu gosto bastante porque levanta bandeira, tipo, é gay, mas é gostoso e não é bar-balada. Também gosto do Barão da Itararé, lá não levanta bandeira, é para todo tipo de público e esse lance de ter gay é mais sutil. Eu ia no Saladex por causa de um cara que trabalhava lá, mas já fechou. E fui algumas vezes no hotel d’A Lôca nuns momentos mais quentes. Ah, e no shopping.” “E você moraria aqui, viveria na Frei Caneca?” “Acho que não, para morar não penso na Frei Caneca. Tem outros bairros que me trazem lembranças da família, como o Jardim Paulista e o Paraíso e, assim, se rolasse de morar nesses bairros, eu poderia disseminar essa coisa de presença gay. Porque a Frei Caneca parece ser um lugar que abraça os gays, mas isso não me influencia, não quero nem pretendo vir morar na Frei Caneca.”

4.3.3 A Frei no PHR – Luciano

Luciano, 32 anos, branco, mora no PHR desde sua inauguração em 2011, mas já vive na Frei Caneca desde 2009. O apartamento no conjunto de três torres foi uma surpresa, um presente de seus pais pelo casamento, mas o casal já pretendia morar de vez pela região há um tempo: “Começamos a procurar outro apartamento para os lados do Centro, perto da GV¹⁰⁸. Procuramos também algo nas proximidades da linha verde do metrô, porque era bom para nós dois, entre a Aclimação e Perdizes, mas ficamos assustados com os preços daqui, demorou para acertamos com o primeiro apartamento, o alugado. Aqui, na época (2009), os preços estavam muito mais altos do que em Pinheiros. Conseguimos fechar o aluguel pelo apartamento de um dormitório por R\$ 1.100,00, e isso porque perdemos um outro no intervalo de 24 horas: o proprietário recebeu uma proposta que cobria a nossa e fechou com outra pessoa.”

¹⁰⁸Maneira abreviada de se referir à FGV, Fundação Getúlio Vargas, localizada na Avenida 9 de Julho.

Luciano narra como a procura por apartamentos na Frei Caneca segue alta desde que se mudou: “Era surreal a quantidade de pessoas que ia no nosso antigo prédio perguntar por apartamentos para alugar, todo final de semana. A procura aqui é enorme. Teve uma outra garota que iria comprar um dos apartamentos de um dormitório, semelhante ao que morávamos, por R\$ 270.000,00 e perdeu porque alguém cobriu a oferta.” Mas uma coisa que se arrepende foi não procurar mais no “Centro-Centro” mesmo: “Moraria tranquilamente na República, fomos pensar nisso só depois”.

Segundo disse, começou a vir para a Paulista, e Centro, ainda na adolescência, sozinho e por própria iniciativa: “Para mim vir para o Centro era ir para o Centro Cultural São Paulo (CCSP). Eu matava aula, com o consentimento da diretora, e ia no CCSP ler, estudar, ia sozinho mesmo. Daí comecei a andar para a Paulista, tinha a ideia de que seria um lugar em que aconteceriam muitas coisas, um lugar agitado, movimentado e cheio de teatros. Não sei por quê, mas achava que a Paulista era cheia de teatros, acho que pela ideia de um lugar cultural. Teve uma vez que passei de carro à noite na Paulista, de carona para uma festa, e achei o máximo me dar conta de que aquilo era a Paulista, num sábado à noite. Tinha uma coisa de fantasiar o que era a Paulista, um lugar com pessoas *cool*.” “E nessa época você chegou a vir para a Augusta conhecer a rua?” “Não lembro se já sabia que a Augusta era uma rua de prostitutas. Comecei a vir para ir no cinema, com uma namorada, mas não descia a rua. Ainda no colegial eu fazia um curso numa rua que cruza a Caio Prado e nem imaginava que lá estava perto da Augusta.”

Luciano nasceu e morou na Zona Leste em diversos bairros: Parque São Lucas, Tatuapé, Carrão, Água Rasa. Morou também em São Caetano do Sul, lugar ao qual mais se apegou afetivamente: “Eu adorava voltar para casa em São Caetano, mas nunca me apeguei ao Tatuapé, eu sabia que ia terminar o colégio e não ia ficar por lá. Por exemplo, essa coisa de haver diferença entre a Paulista mais comercial e o bairro mais residencial, mais de estar na rua, de conhecer as pessoas, de ser mais calmo, não rolava no Tatuapé, eu morava numa rua que ia dar no shopping, então para mim não era isso que incomodava. Mas eu olhava que as pessoas não trabalhavam lá no bairro, que moravam lá e trabalhavam em outros lugares da cidade, então eu não me via trabalhando lá. Passei na GV e comecei a sair do bairro cada vez mais, até que teve um período em que voltava só para dormir.”

Quando decidiu morar com a namorada na Frei Caneca já conhecia alguma coisa da rua e a “fama” de ter gay: “Já sabia disso e me parecia uma virtude por saber que poderia encontrar diversos tipos de casais sem sofrer preconceito, mas já conhecia o shopping, o cinema. Sabia que aqui era mais frequentado por homossexuais mais do que qualquer outro espaço da cidade. No meu prédio mesmo reconhecia quem era gay, metade do andar em que morava era gay.” “Mas como é isso de 'já reconheci'?” “Não lembro, mas por alguma razão já sabia da fama da Frei Caneca ser uma rua gay.” “Mas como você reconhece, identifica uma pessoa como gay, há algum tipo de tipificação?” “É, não reconhece. Mesmo não sendo um problema haver gays você meio que percebe, quando há entraves sociais seus. Por exemplo: se passa na rua um casal heterossexual você não olha, mas quando cruza um casal homossexual você olha. Se chama a atenção é porque você sabe que não está acostumado a ver isso. Isso é menos notável para mim, mas ainda é notável, e só de sê-lo já é um problema. E acho que tem uma coisa de gaydar sim, o meu tem sido incrivelmente certo. No jeito de andar, de vestir. No shopping, por exemplo, tem mais horários em que há gays. Na primeira Parada que passamos na Frei Caneca lembro de ter ido ao shopping e perceber uma explosão do público masculino. Resolvi contar, era uma coisa de louco, dava uma proporção de sete homens para cada mulher que passava! E eram casais gays, turistas que tinham vindo para a Parada. Há vários sinais, talvez as pessoas manifestem isso mais claramente aqui na rua, não sei. No tom de voz, no modo de falar, de se portar. E é diferente de cor, por exemplo, que é um dado marcado, visível.”

Pedi a Luciano que tentasse ser o mais livre e tranquilo nas suas colocações, sem se preocupar se estivesse sendo menos polido ou utilizasse termos mais correntes e menos agradáveis para se referir às pessoas e comportamentos dos gays como forma de identificá-los: “Luciano, fique tranquilo em falar o que vier à mente.” “Ah, sim, estou tranquilo.” “Você falou de identificação, teria como exemplificar que tipos de gays você consegue distinguir ou se há um tipo só, como você identifica?” “Por exemplo, quando eu morava em Pinheiros lá tinha muito do tipo 'extremo clássico caricato' na Benedito Calixto: a pessoa que anda de roupa justa com o cachorrinho na bolsa. Aqui na Frei Caneca eu tinha duas imagens: ou a do meu vizinho, que na verdade era um cara comum; ou o gay do shopping, duas pessoas que trabalhavam numa loja do shopping com roupas

mais justas, pareciam que queriam tornar algumas partes do corpo mais salientes. Esses caras que trabalhavam nessa loja também eram meus vizinhos e tinham um cachorrinho e eram muito mal-educados, grossos. Teve até uma vez que levei cantada dos amigos deles no elevador, me perguntaram se eu era solteiro e eu disse que não. Daí perguntaram se era namorado ou namorada e eu respondi 'namorada', ao que eles disseram 'ah, que pena'. [risos]” “E você se sentiu como?” “Mais valorizado.”

“Se me perguntassem quem é o gay da Frei Caneca eu afirmaria que é o frequentador do Bar d'A Lôca. Eu olho e penso 'meu, são pessoas que eu me misturaria tranquilamente'. Mesmo no jeito de se vestir, eu não me vejo diferente, mas é diferente do gay do shopping, que é bombado, com cachorrinho, óculos de sol. E o Bar d'A Lôca é diferente da molecada da Peixoto Gomide, não me vejo como eles também, e também é diferente da esquina oposta.” “Ah, é? Como é diferente?” “No Bar d'A Lôca tem um público mais velho, que já saiu do armário, um pouco parecido com o público do shopping, mas o pessoal aí é mais chato, mais rico e mais fresco. E na Peixoto tem gente mais jovem que compra bebida no posto de gasolina. Na outra esquina, oposta ao bar d'A Lôca, há vários bares gays, mas se eu trouxesse alguém para conhecer a rua eu levaria no Barão de Itararé. Nesse quarteirão me parece que há uma mistura desses três públicos, tem mais molecada e mais lésbicas também e a amplitude de idade é maior. Mas eu acho que quem quer ir no Bar d'A Lôca vai no Bar d'A Lôca, não procura outro lugar. Lá tem um pessoal meio com a minha idade, entre 25 e 40 anos no máximo, já a Peixoto parece mais uma extensão da Augusta mesmo, é diferente. Quem fica na rua é mais novo e a Augusta toda é menos gay que essa esquina do Bar d'A Lôca.”

E outros lugares na cidade com gays, há? Segundo Luciano havia a esquina do O'Mailleys nos Jardins, mas situações de violência expulsaram as pessoas de lá. Além disso há o Arouche: “Lá há adolescentes gays que vão numa matinê e se vestem com roupas estranhas, exageram no que vão usar, exageram no corte de cabelo, no que penduram na orelha, na maquiagem. Lá para mim tem essa cara de roupa exagerada. Mas também é um lugar com bastante homem mais velho e *drag queen*. Teve uma vez que eu estava num ônibus passando por ali e o pessoal de dentro do ônibus ficava mexendo com as pessoas na rua, comentavam. Lá também tem travestis trabalhando na rua, se prostituindo.”

Luciano diz não sair muito na Frei Caneca: “Desde que me mudei prefiro beber em casa.” E nem conhece A Lôca, apesar da curiosidade: “Já me perguntaram mais de uma vez onde fica A Lôca, acho que a maior parte das pessoas que vai lá não mora por aqui. Na minha cabeça parecia um lugar com glamour, mas a porta é tão mequetrefe. Achei que ia ser um lugar que você olhasse e quisesse entrar. Lá o público é mais jovem e mais heterogêneo que o do Bar d'A Lôca.”

Em relação ao círculo familiar e de amigos Luciano diz não ter tido muitos comentários pela vinda para a Frei Caneca: “Ah, tem sempre uns primos que falam 'mudou para a Gay Boneca?', 'virou gay?'. Faço questão de defender a rua, com piadinha ou não. Respondo que virei gay, que coloquei brinco por causa disso. Mas a família mal conhece a rua, pergunta de uma maneira mais delicada, se é verdade que tem muito gay na rua. Mas quando é uma pergunta sobre as características 'morais' da região daí perguntam sobre a Augusta. Ou é uma imagem sobre a Augusta ou sobre a Frei Caneca, são imagens diferentes.” “Como são essas imagens?” “A Frei Caneca é a rua gay, ponto. Não varia muito mais, nem sobre o que seria ser uma rua gay. Já a Augusta é a rua da prostituição, é suja, perigosa, *underground*, mais larga, mais cinzenta. No grupo de e-mails do PHR já escreveram umas coisas absurdas da Augusta, que era barulhenta e com pessoas fazendo sexo explícito e usando drogas na rua. Para mim é pura fantasia, um imaginário de moradores que vieram de dia comprar o apartamento e não imaginavam como era a região à noite, ou passam pela rua só de carro. Porque uso de drogas, de maconha, tem mesmo, como em outros lugares da cidade, mas sexo explícito na rua eu pelo menos nunca vi.”

Sobre o bairro de localização do seu apartamento disse estar na Consolação: “Antes achava que aqui era Bela Vista, mas não é Cerqueira César.” “E você já foi a alguma reunião do condomínio, como foi?” “Sim, já fui. Não é muito diferente de outros prédios. Outro dia pautaram o fechamento do Vegas porque alguém leu no jornal que isso ocorreria e eu escutei umas coisas pouco simpáticas como 'por mim eu pegava uma bazuca e explodia esse lugar'. Tinha gente reclamando do barulho do Vegas, mas duvido que eles escutassem alguma coisa. Porque, na boa, o PHR incomoda muito mais a rua do que a rua incomoda o PHR. A gente joga uma quantidade enorme de lixo, produz trânsito. As pessoas devem achar que qualquer coisa que venha da Augusta faz barulho e

atrapalha. Outro dia reclamaram no e-mail do barulho do Tirrenos e disseram que essas 'moças de moral duvidosa' que vão lá fazem escândalo a noite inteira. Eu não lembro disso ter ocorrido.”

Mas seria possível traçar um perfil do morador do PHR? Luciano define como muita gente de fora do estado e muitos orientais que não falam português. “Mas nunca houve discussão ou comentários sobre ter maioria de moradores gays no prédio, nem no e-mail, nem nas reuniões, nem velada e nem nada. Acho que as pessoas devem ter certo receio de falar disso. Na verdade teve sim: um administrador predial indicado pela administradora não quis ser síndico porque parece que havia comentado não desejar criar seus filhos na Frei Caneca e por isso se demitiu. Um morador comentou que esse comentário era claramente homofóbico num último debate sobre o assunto, numa reunião. Mas a presença de gays por enquanto é baixa, uns quatro casais de homens, um casal de lésbicas, mais velhas, os homens têm entre 35 e 40 anos. Há casais jovens com filhos, pessoas um pouco mais velhas que estão saindo da casa dos pais e os orientais, todos com filhos. Ou é isso ou meu gaydar quebrou.”

4.4 Parada na rua

Há um evento que muda tudo na cidade de São Paulo durante quatro dias: a Parada do Orgulho LGBT de São Paulo, mais comumente chamada de “Parada Gay”. Realizada desde 1997, a Parada mantém seu percurso inalterado em todos estes anos e a cada edição muda o slogan, ora focando na legislação inclusiva, ora em educação para a diversidade, ora em questões religiosas. No início dos anos 2000 havia um show de encerramento que levava quase todos os participantes à Praça da República, local onde ficava o palco, na Avenida Ipiranga; foi nesse período também que a Parada passou da casa dos milhares de participantes para a casa dos milhões, havendo apenas uma discordância em relação a esse crescimento no ano de 2012.

Desde o início da construção da linha 4 – amarela do metrô, em 2004, foi proibida a realização dos shows de encerramento, situação que permanece mesmo a linha já estando pronta na República. Isso fez com que os carros de som¹⁰⁹ terminassem a rota na

¹⁰⁹Trios elétricos semelhantes aos do Carnaval de Salvador e capitaneados por organizações de defesa dos direitos de gays, lésbicas, travestis e bissexuais, casas de apoio, ONGs, mas principalmente por

Praça Franklin Roosevelt. Parte do público segue para a República, parte fica sem saber para onde ir, grande parte nem saiu ainda da Avenida Paulista e uma outra parte vai para a Frei Caneca no decorrer do evento.

Desde 2008 acompanho a movimentação na rua por conta da Parada, seguindo desde as imediações do encontro com a Paulista até os arredores do Shopping Frei Caneca. Desde a quarta-feira véspera do feriado nacional já há uma grande movimentação na região, visto que os eventos relacionados à Parada se iniciam na quinta-feira de feriado católico de Corpus Christi. A escolha do evento no meio de um feriado prolongado é uma estratégia para possibilitar a vinda de turistas nacionais, de outros estados e é comum que a Parada ocorra às vezes até um mês antes desta data, a depender do calendário de feriados¹¹⁰.

Há diversas matérias que relacionam a Parada à ocupação hoteleira na região da Paulista, e isso pode ser observado *in loco*. Como muitas dessas pessoas aproveitam a vinda a São Paulo para fazer compras os shoppings se tornam bons lugares para observar essa movimentação, em especial o Shopping Frei Caneca¹¹¹. Mas um fato, em relação ao shopping, chama a atenção: salvo duas das lojas que são mais conhecidas como gays por seus frequentadores, havia apenas uma loja de produtos naturais que ostentava adesivo nas cores do arco-íris em sua porta. Fato que muda radicalmente nos quatro dias da Parada e, em especial, no domingo do evento.

Entre 2008 e 2009 era comum ver o shopping lotado como um todo, principalmente a praça de alimentação e as lojas Foch e Anjo da Guarda. A rua também já possuía uma movimentação maior do que o comum, mesmo para dias de véspera de feriado¹¹². A chegada da sexta-feira impulsionava tudo: vendas, compras, a noite, os bares, as casas noturnas, as saunas, a pegação. Na Foch cheguei a observar uma fila saindo da loja para o pagamento das compras, algo que não ocorreu em nenhuma outra

bares e casas noturnas da cidade.

110Por vezes esse calendário acaba deixando a Parada um pouco distante do dia 28 de junho, marco da luta pelos direitos dos homossexuais a partir do combate travado contra a repressão policial no bar Stonewall Inn em 1969, em Nova Iorque.

111Note-se que este não seria o único espaço de compras interessante de ser observado durante o evento, visto que outros shoppings, como o Higienópolis e o Iguatemi, são igualmente citados em guias, conforme indicado no capítulo anterior.

112Os quais já têm movimentação maior do que em outros dias.

loja do shopping; o bar Frey estava cheio quase todos os dias, lembrando a multidão que se acotovelava em frente ao Allegro, na Consolação; o bar d'A Lôca, além de cheio, sempre tinha a presença de estrangeiros, sempre havia algum amigo a apresentar a São Paulo gay para outra pessoa. Na Paulista, pessoas que viraram as noites na rua, na esquina com a Augusta.

Nesse período, 2008 e 2009, apesar de movimentação intensa na rua, esta nunca tinha sido fechada devido à quantidade de pessoas circulando. Apenas a esperada superlotação do Bar d'A Lôca, do Frey e da própria A Lôca e, segundo informações de sites e colegas, as outras casas noturnas também contavam com públicos muito superiores ao comum.

Em 2010 realizei um campo mais sistemático no período da Parada, indo todos os dias à rua pelo menos em um período do dia, mas comumente circulando entre o fim da tarde ao início da madrugada. Imaginei haver uma grande movimentação no shopping neste período, semelhante aos anos anteriores, mas este estava sensivelmente mais vazio. Talvez as atividades da Associação da Parada pudessem ter dispersado o público esperado, mas, se as pessoas não estavam lá, como saber?¹¹³

No shopping mesmo conversei com André, 19 anos, branco, morador do Rio de Janeiro em passagem pela cidade a trabalho. Ele comprava alguns produtos no supermercado do shopping e estava hospedado num hotel muito simples na Augusta. Vinha representando uma empresa média carioca e tinha se organizado para vir a São Paulo na época da Parada, juntando diversão e trabalho. “Esse shopping é conhecido no Rio como shopping gay, a rua também, em todo lugar. Gente do Rio já vem aqui sabendo que tem a rua gay, que tem que ir na Frei Caneca.” “Seus amigos conhecem a rua?” “Não, a maioria não conhece de ter vindo, mas todo mundo conhece de já ter ouvido falar. E conhece assim, por exemplo, no Rio tem a Farme¹¹⁴, mas não é igual. Quer dizer, acho que não. A Farme é mais metida. Mas também quis vir para a Parada, não sei como são nos outros dias do ano. Está bastante cheia, né?” “Sim, esse período é próspero! [risos] Mas o que achou da rua?” “Para te falar a verdade, normal. Mas os homens são bonitos,

113Nesse ano também era perceptível a influência maior da programação da The Week, com o Eterna Festival, festival de música eletrônica em parceria com o grupo Matineé de Barcelona e que ocupou outras casas na cidade, como o antigo espaço da Pacha, na Zona Oeste.

114 Referência à Rua Farme de Amoedo, localizada no bairro de Ipanema.

os banheiros estão cheios [risos], está cheio de festas. Só senti falta de uma referência gay, por exemplo, não tem nada que indique que este shopping é gay, mas ele é. É só entrar, só tem gay, então não sei por quê não tem nada, um *banner*, uma bandeira.” “Do arco-íris?” “Sim. Em nenhuma loja tem isso, em uma ou outra, uns adesivos, só, mais nada.” “E por que você escolheu ficar na Augusta?” “Porque é do lado da Frei Caneca e é mais barato.” “Vai sair hoje? Já tem um lugar que falaram para você ir?” “Vou n’A Lôca, me falaram para ir lá hoje, e no bar do lado.”

No shopping algumas lojas já estavam desde a quinta-feira com marcas identitárias: arranjos decorativos coloridos, adesivos da bandeira do arco-íris nas portas, fitas e balões espalhados dentro das lojas. Mas isso não era a totalidade dos lojistas e nem indicação do shopping, coisa que mudaria nos anos seguintes. Decorava o lojista interessado e nem todos queriam. Mesmo na praça de alimentação havia algo, muito discreto, como um adesivo fino e quase escondido nas cores do arco-íris do Spoleto, visível apenas para quem se interessasse pelo detalhe.

Na noite de sábado a rua já estava muito mais cheia, desde a Augusta até as proximidades do shopping. Etnografar em eventos como esses, grandes e movimentados, é um desafio à parte. Há muita coisa acontecendo ao mesmo tempo, muita gente falando e nem sempre se consegue dar conta de tudo. Fiz o possível para estar à noite na rua, visto que pretendia me centrar no domingo, dia da realização da Parada. Há de se ressaltar que a presença majoritária de um grupo, ou pessoas que são alocadas num grupo genericamente chamado gay ou homossexual, não exclui a presença de pessoas alocadas em outros grupos como skatistas, *headbangers*¹¹⁵, etc. A programação direcionada à Parada não interfere, por exemplo, na de outras casas noturnas sem direcionamento explícito aos gays como a Inferno e a Outs. Aqui quero ressaltar que uma pessoa que se defina como gay não necessariamente só gosta de música eletrônica, house tribal, pop, e pode muito bem se identificar e curtir mais rock pesado e preferir ir à Inferno; mas de forma geral não são essas as casas procuradas na época da Parada pelos gays e, portanto, há situações de conflito, desde o bar, até a rua e mesmo nas caminhadas na Augusta.

Registro uma situação *sui generis*, mas que resume muito do *ethos* vivido na época da Parada, e amplamente compartilhado por quem estivesse pela região da Frei

115Pessoas que gostam de rock estilo metal e dançam “batendo cabeça”.

Caneca e Peixoto Gomide. Em algumas conversas no próprio bar isso ficava bem claro, do lado do bar: “Aqui só tem gay”, fala um; “Você tem dúvida de que só tenha viado aqui?!”, se espanta outro; “Nem sapatão, nem ht, só gay. Você é cego? Você não é gay?”, me impele um outro ainda. São todos gays? Talvez não, mas todos se manifestam, em algum nível, sobre essa questão.

Resolvo andar, ver se além dos espaços comumente cheios, e mais cheios ainda nesse período, há uma movimentação diferente. É claro o incremento de pessoas descendo a Frei Caneca desde a Paulista, mas o bares e lanchonetes mais acima da igreja continuam parcialmente ocupados, o movimento não mudou muito. Viro na Matias Aires e retorno pela Augusta, descendo. O movimento é muito maior, as pessoas precisam ir à rua, sair da calçada, para conseguirem passar. Os bares estão cheios, não importa o estilo, do “pé sujo” ao sofisticado todos têm público. Passam homens, mulheres, tatuagens, tênis Vans, bonés, olhos com delineador, algumas cuecas Calvin Klein à mostra, batons vermelhos. “E aí, rapaz, a fim de uma buceta hoje?”, diz a prostituta. Agradeço e sigo. O Vegas se prepara para abrir. O Plas já fechou, mas os chapéus panamá rivalizam olhares com os vestidos da Ropahara¹¹⁶. Estilos diferentes? Na Augusta tem tudo.

Chego à Peixoto Gomide, um monte de jovens, muitos menores de 18 anos, a maior parte sentada na rua, conversando e bebendo algo, em garrafas de refrigerante, “drinques” caseiros. Mais à frente, sentado no degrau de uma loja fechada, um grupo de sete jovens entre homens e mulheres causa um burburinho. No meio deles um rapaz de cabelo moicano, camiseta branca rasgada e calças jeans coladas às pernas, tipo *skinny*, treme compulsivamente. O motivo é claro: há um enorme corte na cabeça, sangrando sem parar, já manchou a camiseta quase toda e causa espanto apenas aos mais próximos. Ninguém corre, foge ou se esconde. Talvez tivesse ocorrido algo ainda no espaço de tempo em que eu contornava o quarteirão. Mas o que aconteceu? “Uns três skatistas passaram por aqui e deram uma *skatada* na cabeça dele!”, me informa uma garota. “Mas por quê?” “Do nada, acho que por causa do cabelo dele, mas foi do nada!” Resolvo não insistir em perguntas, as pessoas estão alteradas pela demora na chegada da ambulância.

¹¹⁶Plas é uma antiga loja de chapéus que resistiu às casas de prostituição e Ropahara é uma grife de roupas “exóticas”, como a loja mesma diz, fornecendo modelos exclusivos para as mulheres trabalhadoras do sexo: prostitutas, strippers, modelos de programas de TV (como o Programa “Pânico na Band”), ensaios eróticos, etc.

O jornaleiro do lado observa e comenta: “Foi feio o negócio.” “O que aconteceu?” “Ah, uns dez skinheads estavam passando por aqui e bateram nele, achei que iam matá-lo.” “Mas bateram só nele?” A rua estava cheia de pessoas com a aparência e o estilo do rapaz ferido, ninguém relatava novas agressões nem grupos tão grandes. “Sim, só nele. Acho que ele respondeu alguma provocação, olhou feio, sei lá. Esses skinheads batem em qualquer um, basta achar que são algo que eles não gostam.” Fico mais uns minutos, a ambulância chega, o rapaz não para de tremer e não consegue falar. À volta, tudo como sempre, a cena não interfere, não desloca, não impressiona. Volto à esquina do bar assuntando sobre o visto: “Mas esses moleques só arranjam confusão, deve ter feito algo.”, afirma João, 30 anos, negro, morador da Bela Vista. “Isso não o amedronta?”, pergunto. “Não fiz nada, não provoquei ninguém, o povo fala de skinhead, nunca vi nada disso. Eu não vou sair correndo e ir para a casa me esconder, a rua é pública. E hoje ainda que isso aqui vai ferver a noite toda! A rua vai ferver a noite toda! Acho que vou é *locona* para a Parada!”

No dia seguinte por volta do meio-dia já estava impraticável seguir pela Paulista e a situação só foi piorando com o avançar da tarde. Estimulava-se haver cerca de três milhões de pessoas seguindo a Parada. Fiquei alguma parte do tempo na esquina da Paulista com a Frei Caneca, ao lado da viatura da Guarda Civil Metropolitana, para não ser levado junto com a multidão, já bêbada ou sensivelmente alterada. No chão, pilhas de garrafas de plástico do mais puro vinho de quinta e camisinhas distribuídas pelos serviços de saúde. Algumas pessoas, grupos de seis, sete, quinze pessoas, descem a Frei Caneca para chegar até a Consolação. Alguns já ficam por lá mesmo, vão para o Frey: “Agora o lance é ficar na Frei Caneca, ninguém mais vai até a República, lá só tem gente feia.”, comenta um rapaz com o amigo. Em frente ao Frey, uma balada improvisada: uma caminhonete com som alto anima os frequentadores que dançam e bebem na rua mesmo. O bar está todo decorado.

Sigo ao shopping, está cheio. Nos corredores, bandeiras e mais bandeiras do arco-íris. De um dia para o outro o shopping se tornou gay. As lojas quase todas ostentam também bandeiras, adesivos, pompons, fitas e festões pendurados nas paredes. Algumas lojas “fantasiaram” os vendedores com óculos e acessórios coloridos. Ainda assim há

lojas não aderentes à "febre colorida". Na praça de alimentação quem quiser comer vai ter que esperar. A ocupação é quase total, as mesas estão repletas.

Volto para a rua. A noite chega, algumas pessoas seguem já para as casas noturnas, outras seguem nos bares, mas começa a dispersão. A rua esvazia pouco a pouco, perto das 23h já está bem mais tranquila e a vinda dos garis sinaliza: a Parada acabou. Ano que vem tem mais.

Nos anos de 2011 e 2012 a situação durante a Parada é semelhante, mas o esvaziamento nos dias antecedentes é perceptível. Salvo à noite e nos bares que já possuem uma frequência considerável (Bar d'A Lôca, Frey, O Frei, Bofetada), o restante dos estabelecimentos não está cheio. Parece que se já há muitas pessoas na cidade para o evento elas não estão lá, não em toda sua plenitude.

Isso é mais bem observado no shopping: com público normal, nada de extraordinário. A percepção é de um feriado comum na cidade de São Paulo, dias cheios no feriado em si, no sábado e domingo, dia de ver crianças correndo nos corredores. Praça de alimentação, Foch, Anjo da Guarda, Calvin Klein, banheiros, tudo normal. Isso segue assim até o domingo, dia da Parada.

Como em 2010, e nos anos anteriores, em 2011 a Paulista está tomada de pessoas pulando, festejando, se beijando. Um ou outro vomita e já está passando mal antes mesmo das 13h, afinal há muitas pessoas que fazem um "esquentar" desde o dia anterior. O dia ensolarado contribui para o consumo de bebidas alcoólicas de procedência duvidosa, em ambulantes que vendem tubos plásticos com bebidas coloridas. Três amigos me encontram e duvidam que eu esteja fazendo campo, me acham duro, até um pouco frio. Um deles comenta que até já fizera fila do beijo e já tinha sido beijado por uns cinco rapazes. Lembra de algum? "Não, foi muito rápido."

Desço a rua, a Companhia de Engenharia de Tráfego (CET) fechou o acesso da Frei Caneca pela Peixoto Gomide. Boa parte dos bares desse pedaço ostenta bandeiras, balões, infláveis, menos o Bar d'A Lôca: "Não precisa", afirma um garçom, "as pessoas vêm para cá de qualquer jeito". Em frente ao bar O Frei há um palco, luzes, fumaça, apresentação de drag queens e gogo boys seguidas de música eletrônica. A rua está tomada na esquina, completamente cheia, algo inédito nas realizações das Paradas. O

Bofetada colocou caixas de som para fora, mas as pessoas estão ou no Frei ou no Bar d'A Lôca.

Mais para baixo pode-se caminhar tranquilamente no meio da rua. Em frente ao Frey, mais um palco, música e uma multidão. É perceptível a diferença entre os dois públicos. No restaurante em frente, decoração colorida, assim como no shopping, que neste dia estava cheio novamente. Mas dessa vez a balada foi na rua, ninguém pagava nada para entrar, só o que consumisse. Havia um clima de tranquilidade, festa, diferente do conflito ocorrido em 2012.

Em 2012 a Parada já havia anunciado menos trios elétricos e o final do evento por volta das 20h por exigência da Prefeitura. A chuva no meio da tarde ajudou na aparência de menor público, mas quem passou na Paulista por volta das 18h viu a imensidão de pessoas, muitas delas só bebendo no meio da multidão, visto que a essa hora quase já não havia mais trios elétricos na avenida, a maioria já tinha descido a Consolação.

Na Frei Caneca montinhos de pessoas já se aglomeravam em frente ao Bar d'A Lôca, Bofetada, O Frei e Frey, os três últimos preparando palcos com apresentações na calçada, semelhante ao ano passado. Desço até o shopping, meio de ver o quanto o local ainda agrega o público da Parada ao menos no dia de sua realização, já que nos dias anteriores ao evento o espaço está mais vazio do que o comumente observado nessa época em anos anteriores. O shopping está cheio, principalmente a praça de alimentação. Nos corredores, por iniciativa da administração do shopping, bandeiras do arco-íris e quase todas as lojas decoradas. Vou ao banheiro masculino, que mudou de lugar e ficou num canto mais discreto, escondido. De praxe, os mictórios estão quase todos ocupados por homens de diversos tipos que se entreolham e observam com atenção quem entra. O banheiro como lugar dos fluidos congrega, inclusive, a espetacularização da espermatização intuída: nem todos conseguem chegar ao gozo, o que parece valer na situação é o estímulo cada vez mais intenso e não concretizado.

Vou a uma cabine, um privativo. Nunca me senti bem em mictórios públicos e não pretendo fazer uma etnografia “de perto e de dentro” neste caso. Vim, de fato, para usar o toailete. Na cabine, um objeto no chão me chama a atenção: uma cápsula de plástico com cerca de 5 cm em forma de tubo em V e uma pequena tampa. A cápsula está vazia, mas há resquícios de um pó branco, cocaína provavelmente. Circulam doses aditivas na rua,

as bebidas chamadas vinícolas de puro álcool etílico e os canudos compridos de líquidos muito coloridos sem procedência; circulam no meio da multidão *pitos* de maconha, de uma boca a outra, entre as bocas, sugadas; circulam as adrenalinas que ajudam no ânimo intenso; e circulam as doses em espaço privativos, lugares que escondem o uso de substâncias publicamente mais reprovadas, menos aceitas que as milhões de latas de cerveja que se acumulam. Como entram, saem: na transpiração, na respiração, nos vômitos e urina espalhados nas ruas do entorno do evento.

Retorno à Frei Caneca. A rua ferve de tanta gente, mesmo com os chuviscos insistentes. Em frente ao Bofetada, música e luz externa e umas 300 pessoas aglomeradas, pulando e cantando. Numa caminhonete estacionada, duas mulheres fazem insinuações sexuais enquanto os carros passam vagorosamente pela Peixoto Gomide. A festa se estende até o outro lado da rua, na marquise do hotel Luver. É forró? Dezenas de casais de formam, virou baile na rua.

Brasileiros, estrangeiros, homens, mulheres, quase nenhuma travesti. O Bar d'A Lôca está cheio, mas não chega perto à lotação dos outros bares. N'O Frei, palco, drag queens e gogo boys. Mais música, mais três centenas de pessoas na rua. Infláveis coloridos e luz especial completam o cenário, além de um cone de trânsito e uma cadeira de plástico: a Frei Caneca está fechada, assim como no ano passado. Estranho que a CET não esteja presente para organizar o fluxo de automóveis, como esteve em 2011, mas as coisas não parecem confusas.

Eis que surgem duas viaturas da Rota e uma dezena de policiais em motos. Parece que há algo ocorrendo de estranho na rua, na festa, mas até o momento da chegada dos policiais tudo parecia tranquilo. As viaturas chegaram em alta velocidade, avançando sobre as pessoas na rua, com as sirenes ligadas como se algo terrível estivesse acontecendo. Os policiais descem das viaturas, poucas pessoas se importam com isso. Saem com fuzis nas mãos, começam a assustar. “Pedem” para que as pessoas saiam da rua, chutam o cone e a cadeira, empurram quem não está nas calçadas, mandam que se desligue o som, furam os infláveis.

Chegam mais viaturas, menores, avançam como se fossem atropelar quem ainda estivesse na calçada em frente ao O Frei. Mas o que aconteceu? Uma moradora da rua interpela os policiais: “Pra quê isso tudo? Quando a gente precisa e chama vocês ninguém

aparece. Toda noite tem agressão aqui, tem pessoas que apanham porque são gays, vocês nunca estão aqui. Daí quando as pessoas estão festejando, tranquilas, sem problema nenhum vocês aparecem nessa fúria, expulsando elas?”, ao que o soldado responde impassível: “Senhora, somos de outro batalhão, pediram para darmos um auxílio e liberar a rua para que os carros pudessem chegar nos hospitais. Também viemos evitar que ocorra uma tragédia, que um louco desça a rua em alta velocidade e atropеле todas essas pessoas”. Uma última resposta da moradora: “pois é, até agora só a polícia ameaçou atropelar as pessoas”.

Do outro lado da rua um senhor segue na rua, atravessa de um lado para o outro ignorando os gritos de ordem do soldado que manda subir na calçada, até que ele é empurrado. Um grupo de pessoas cerca o policial questionando a ação e o senhor o retruca: “Tenho o direito de estar na rua, você não pode me obrigar a ficar na calçada!”

Nesse meio tempo, dispersão. A festa na rua que prometia ir ao menos até às 23h termina por volta das 20h30. As esquinas estão cercadas por policiais empunhando fuzis; duas dezenas de motocicletas estão estacionadas em frente ao Bar d’A Lôca; quatro viaturas da Rota ocupam o espaço de um posto de gasolina mais abaixo. Há boatos de que uma juíza moradora da rua ordenou o envio da Polícia Militar; estranho a ausência total da CET, presente no ano anterior. O trânsito segue tão ruim quanto antes. As pessoas nos bares não estranham a ação, acham normal que a polícia tenha feito o que fez, não acham que a polícia exagerou. Nada mais de Parada na rua, ou você se movimenta para outro lugar ou a polícia o convidará a isso.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: DO INÍCIO AO FIM DA RUA

No início era uma rua residencial, comum como qualquer outra, e com o tempo se tornou uma rua gay. Todo mundo queria ladrilhá-la, cada um a seu modo, mas ninguém pensava que seria difícil essa rua ser sua, mesmo para o amor passar. Não, não é o fim de uma fábula nem tampouco o resumo poético da pesquisa. Pensar em como a rua se “tornou gay” seria semelhante à empreitada de tentar verificar como uma rua se torna rua, não pelo seu espaço na cidade, mas pelas significações que traz à tona.

É a rua para se estar durante a Parada. É o caminho para o Centro. A rua é o Centro em relação ao Centro. É o foco do mercado imobiliário. É a junção de desejos e desinteresses sexuais e afetivos. Se, por um lado, está cheio de pessoas e lugares cagados e gente feia, por outro está cheia de gatos e *boys* fazíveis. Tem sapatão e lésbica, mas nem sempre elas aparecem. Depende de onde se fala.

Da esquina da Frei Caneca com a Peixoto Gomide, no Bar d'A Lôca, pode-se ver: moleques bebendo, menos interessantes e mais barulhentos de um lado, e homens mais velhos e metidos do outro. Calopsitas que vão n'A Lôca e bichas metidas descendo para o shopping, com cachorrinhos e roupas apertadas. *Bichas ploc-plocs, bichas bubu, bichas ths. Modernos, undergrounds e skinheads*. Tranquilidade e perigo. Mas quem está no Bar d'A Lôca?

Seguindo a sugestão de Agier (2011), realizar pesquisa na cidade requer necessariamente um posicionamento relacional e situacional. Estar no Bar d'A Lôca informa o tipo de pessoa que se espera ser e ver, principalmente na movimentação intensa da calçada. Lá está o sujeito que se entende parte de um léxico de interesse sexual e afetivo, gay, no lugar certo. Nos outros lugares, o indesejável, o não-identificado, aquele que faz parte de outro grupo. Comumente não há lésbicas, por exemplo, quando se fala deste bar: elas estão no Tirrenos, no bar da sinuca, em outros espaços. E homens afeminados, viados e bichas, estão na República, mas quem fala não está na República, não é esse tipo de pessoa.

Mas no Bar d'A Lôca não estão as pessoas *cagadas*, de menor poder aquisitivo e status? Adriano e Fernando produzem opiniões que convergem para esse entendimento do espaço, reconhecendo o Barão da Itararé como espaço “apropriado” para se ir e apresentar a rua. No Frey Café & Coisinhas também não, a depender de quem fala, haverá bichas metidas e, por isso mesmo, desinteressantes. Se a rua é gay não pode ser bicha.

A construção da Frei Caneca, e da cidade, no mercado imobiliário segue um léxico diferente. Lá é Centro e, por isso, é bom. Porque mudou, porque é seguro, porque o cliente tem a privacidade que deseja em outros empreendimentos outrora distantes do Centro. Os guias, principalmente os da JUNIOR, produzem uma série de cidades e bairros na Frei Caneca a depender do que exista lá, de qual seja o público consumidor.

Como observado, a Frei Caneca é construída de diversas formas e por diversas matrizes. Escolhi algumas, três no total, como meio de tornar mais visível ao leitor o visto em campo: a memória, encarnada em falas de diversos interlocutores e na minha própria experiência; o discurso de veículos de informação dirigidos a esse público, como revistas, guias digitais e o guia oficial da cidade; o discurso dos empreendimentos imobiliários, os quais devem ser entendidos pelo que possuem de interesse em seu consumidor final, na venda das unidades construídas; e, por fim, num espaço da rua privilegiado pela presença maciça de pessoas (gays, lésbicas, viadas, heterossexuais, hts) genericamente alocadas como gays, a esquina da Frei Caneca com a Peixoto Gomide. Lá, talvez, se possa falar na evidência de uma identidade gay sedimentada no espaço, a depender do horário do dia e dia da semana.

Não seria possível afirmar a existência de uma rua gay, portanto? Como existência intrínseca, dificilmente; como situacionalidade realizada contextualmente, sim. E de um gueto gay? Talvez a noção de enclave, como sugerida por Marcuse, ajude a compreender melhor a ocupação da Frei Caneca, a qual inclui a presença de pessoas cientes da possibilidade de um perigo de agressão iminente e, ainda assim, não deixam de frequentar a rua. Mas o que parece mais evidente é a ideia da existência de um Centro gay, criando uma espécie de centralidade dispersa, não congruente e muitas vezes nem formadora de um circuito sequencial. O que surge são saltos no espaço e no tempo como meio de se localizar num lugar de razoabilidade, enquanto o outro estaria no polo

negativo, desinteressante e desprezado. Isso pode ser melhor observado a partir do ponto das falas: se se fala do ponto de vista do morador do PHR, a ideia de uma rua gay é vantajosa e a excentricidade desqualificada está na República; esta mesma excentricidade, estampada em trejeitos, alocada no Bar d'A Lôca, se quem fala considera o lugar desqualificado para sua presença; ou ainda esse dado com índice de identidade que faz com que agressores localizem com facilidade o tipo de pessoa alvo de violência. Os saltos surgem a depender de quem fala, situando um Centro e um gay no discurso dentro da espacialidade da Frei Caneca em relação a outras espacialidades.

De forma semelhante, mas de maneira diferente, o que os anúncios dos empreendimentos imobiliários na Rua Frei Caneca e imediações produz é uma limpeza do Centro e, conseqüentemente, da rua, visto essa fazer parte de uma ideário central da cidade. Para que se torne plausível morar lá, viver e criar filhos, é preciso estar num lugar limpo. Isso pode parecer um pouco óbvio, já que ninguém compraria um apartamento num lugar que considerasse sujo; mas o sentido de limpeza implícito é o da “limpeza moral”¹¹⁷ no espaço urbano. Menos que o sentido de manter o lixo longe esses empreendimentos evidenciam o que pode estar presente e deveria ser escondido, produzindo uma grade semântica que traz para o primeiro plano a beleza arquitetônica. Não à toa o Teatro Municipal é o vencedor em referências imagéticas nos panfletos: seu prédio congrega em si a história da cidade, e da produção arquitetônica que simboliza a São Paulo de Ramos de Azevedo; uma recordação da cidade de fins da nobreza e ascensão burguesa; a beleza que resiste ao avanço de novas arquiteturas “retilíneas”; o esquecimento da centralidade do Centro e à sua ocupação por moradores de rua, classes populares, violência, sujeira: e a ideia de reocupar o Centro, ele está pronto.

Agora é a hora de ocupar o Centro novamente, diz um dos panfletos. E essa ocupação muitas vezes segue o signo da revitalização, requalificação e outros termos que de forma geral remetem a um processo maior de *gentrification*¹¹⁸. Altera-se a aparência do

117Uma limpeza “moral” do espaço que sugere uma limpeza “moral” das sexualidades reconhecidas como lá presentes. Essas estão nas “moças de moral duvidosa”, nas pessoas “afeminadas”, nos moradores da Paim, na prostituição, na sexualidade furtiva. Uma discussão interessante sobre os graus de aceitação social de expressões de sexualidades pode ser observado em Rubin (1993) e em seu “círculo encantado” da sexualidade. Estão na margem desse círculo justamente o considerado mais sujo e indesejável.

118Gentrification é um termo utilizado para definir genericamente espaços das cidades tidos como degradados que sofrem forte intervenção pública ou privada de incremento e mudança dos estratos

logradouro aqui, constroem-se equipamentos de lazer e cultura, como museus e parques, acolá, incentiva-se a moradia de estratos de maior poder aquisitivo por ali. Todos os edifícios construídos ou em construção na Frei Caneca, Augusta e Paim parecem seguir essa fórmula e se destinam a classes altas, o espaço das classes médias, mais comum na região, diminui. Aluguéis sobem, cortiços são destruídos e com eles a presença de moradores de mais baixa renda. Pouco se percebe, mas com os cortiços destruídos parte da história da rua, e da cidade, vai junto. É um processo de substituição: o que tinha antes lá já não interessa mais, não é desejável, importa agora uma nova configuração, mais condizente com determinados valores monetários, sociais e morais.

Tais valores incluem o aproveitamento da rua, das ruas e do bairro. Mostram as possibilidades de passeio, de usufruto de museus, de acesso a estações do metrô. E, ao mesmo tempo, tentam convencer o comprador de que este não precisa se preocupar: assim que quiser, e desejar, pode retornar a um espaço só seu. Protegido, vigiado, distante das intempéries da rua. O Edifício Brasil chega a sugerir uma convivência privada e coletiva no espaço do empreendimento, como uma lavanderia representando um espaço de encontro afetivo. Nem é preciso sair à rua para permitir o encontro com um possível namorado, *affair* ou sexo casual.

Gentrification, de forma geral, acaba por dar maior ênfase não a um processo de mudança, mas ao fim desse processo, de alteração e constituição de uma nova espacialidade num mesmo lugar. Prefiro, ainda, pensar no processo. Pouco do previsto para a Frei Caneca de fato tem se tornado fato e a rua segue sofrendo mudanças, as quais não parecem perto de terminar. Mesmo os projetos de mudança do logradouro sofreram baixas de apoio público importante, perdendo duas das principais lideranças de projetos nesse sentido, apesar de conflitantes, como Célia Marcondes (e a Samorcc) e Douglas Drumond (e o Casarão Brasil). Nesse sentido não há um projeto maior para a rua, apesar da sucessiva autorização de demolições e construções poder ser lida também como um projeto de cidade para a Frei Caneca e arredores.

sociais frequentadores e moradores. Zukin (1987) ajudou a sedimentar o entendimento do termo em relação às mudanças ocorridas em Nova Iorque, sendo re-apropriado para outras realidades nacionais e locais. Ver, em especial, comentários de Frúgoli Jr. (2010) a respeito do bairro da Luz, em São Paulo, e o excelente balanço bibliográfico do termo feito por Gaspar (2010).

E os gays, estão incluídos nesse processo? Sim e não. Parte dos discursos de interlocutores evidencia a centralidade da presença gay na rua como meio de sua valorização na última década. Tal público traria um significado de gosto apurado, poder aquisitivo e exigência nos serviços prestados que conformaria o incremento destes. Nem sempre isso parece se realizar em algumas áreas, como nos novos empreendimentos imobiliários, por exemplo, alocados como despreparados para o público da rua, morador e frequentador. Drummond enfatiza isso em seu discurso: “gays precisam de espaço para o cachorro e ducha higiênica no banheiro, assim como em outros lugares do mundo é possível encontrar esses adicionais aos apartamentos”.

Mas nem todos os gays parecem estar incluídos no vetor positivo dessa equação: parte do discurso que afirma haver presença gay na rua e região o faz em contraposição ao que seria uma presença gay que não está lá. A abertura da casa noturna The Society exemplifica parte disso: dirigida a gays com maior poder aquisitivo, no início a casa era reservada a um determinado perfil de público. Parte da seleção desse público estava na restrição ao uso de camisetas regatas e bermudas, por exemplo. Salvo as restrições de vestimenta, que persistem, o perfil gay da casa mudou.

Os guias gays da cidade também oferecem um cardápio do que encontrar no Centro. Ou Bela Vista, ou Baixo Augusta, ou Consolação, ou Cerqueira César. A menção a um ou outro bairro quando se pretende localizar um espaço da cidade congrega uma série de valores que podem ser acionados por quem tem um conhecimento mínimo de São Paulo. O Centro remete a um espaço mais negativizado, pela ideia de sujeira e perigo, mais próximo à República; Bela Vista traz à tona um bairro congruente à Paulista, de maior valor; o Baixo Augusta se traduz em lugar de trânsito de diferentes grupos, cosmopolitismo e novidade; Consolação ou Cerqueira César comumente tentam traduzir a exatidão da localização. A Lôca estar na Bela Vista enquanto o Frey está na Consolação distancia o que poderia estar próximo e aproxima a casa noturna mais antiga de um lugar que não está passando por transformações tão grandes, menos novidadeiro. Alocada ao Baixo Augusta passa a fazer parte do “circuito” alternativo da cidade, junto a outras casas da Augusta, como o Vegas; e, em comparação com esse, perde proeminência. Comparada à The Week deixa de ter considerada sua longevidade na noite paulistana e a casa da Lapa se torna “clássica” pelo que congrega de noite gay internacionalmente previsível: o que

se espera de uma casa noturna em termos de estrutura, música, oferta de diversão, público, etc. Mas A Lôca, e o Bar d'A Lôca e a rua e o Shopping Frei Caneca, em guias internacionais, figuram centralmente. Para a Time Out a rua é o lugar do encontro e da vivência gay no mundo; o shopping é o espaço das possibilidades e realizações afetivo-sexuais.

Interessante observar como o Bar d'A Lôca, A Lôca e o Shopping Frei Caneca formam a tríade que identifica a rua também nos discursos de diversos interlocutores nas relações construídas na Rua Frei Caneca. De forma geral a rua gay não vai muito mais abaixo do shopping e nem muito mais acima d'A Lôca. De formas diferentes esses pontos conformam um centro na rua, uma centralidade em relação a outros centros. E conformam Centros em relação à cidade. É assim com Fernando, Irina, Luciano, Adriano e outros tantos moradores e frequentadores da Frei Caneca. Lá é Centro, mas é um Centro diferente de outros Centros, é mais arrumado, tem pessoas de maior poder aquisitivo (ou não).

A Frei Caneca, dependendo de onde e quem fala, é um espaço interessante, um lugar para ficar ou apenas para passar. Uma referência. Quando é positiva a ideia da Frei Caneca gay ela é aproximada da Paulista, ganha status de lugar de paquera, espaço de sociabilidade, de afirmação, de identidade. Quando essa ideia é negativa o contraposto é ao exagero e então nem tudo são gays: há pessoas exageradas, que usam roupas e cabelos coloridos, de menor poder aquisitivo, educação. Para Adriano, lugar de gente cagada; para Fernando, lugar de calopsitas; para Luciano, lugar com menor preconceito, mas com pessoas metidas no shopping. No Bar d'A Lôca estão os mais próximos ao que ele reconhece como si mesmo. Lá também estão os amigos que se encontram sem marcar, a esquina que mostra quem está lá, homens mais velhos em comparação à Peixoto Gomide e ao Bofetada, informações de baladas. Na esquina oposta, molecada, bagunça, sujeira. N'A Lôca, possibilidades de perfis etários e identitários muito diferentes. No shopping, gays mais velhos, maior poder aquisitivo, ou a aparência disto. Não há uma Frei Caneca, há espaços em movimento, assim como a caracterização de um sujeito em relação nunca poderia se dar de forma unívoca: este congrega em si diversos índices de identidade, que caminham e mudam conforme a situação e o contexto. Marcadores de diferença e status fazem das relações na Frei Caneca processos circulares que realocam sujeitos e

espacialidades. Por exemplo: alguém pode ser gay na Frei Caneca por morar lá ou ser bicha pco e ser aproximado da República. A Frei Caneca, ela mesma, pode ser alocada mais próxima ao Centro ou à Paulista e isso mudar o status da rua: se se considerar o Bofetada, a rua se torna mais Centro, assim como quando se pensa na Labirintus; se se pensa na The Society, estamos num lugar melhor, mais estruturado, com pessoas melhores, mais interessantes.

Apesar disso o que aproxima Frei Caneca tanto da República quanto da Paulista é o fato de ela estar no Centro. A rua gay e os gays estão no centro dos discursos, estes sendo modo de inteligibilizar a vivência e convivência em relação a outros espaços. Viados, bichas, pessoas feias e cagadas estão em outros lugares, no Arouche. O Centro, diz Fernando, é um lugar mais elitizado; Adriano pensa diferente. Para ambos o vetor de afeminação ajuda a afastar ou aproximar o gay de um centro semântico desejável e a entender o sentido de Centro, ora positivado, ora negativado.

A rua pode, dessa forma, ser entendida como espacialidade central de movimento centrípeto, circular em si e em constante movimento de significação. Desse movimento surgem camadas que ajudam a compreender os discursos sobre a rua, os quais podem ser apreensíveis se tem-se em conta que este movimento circular não se encerra em si, produzindo feixes de relações com outras espacialidades, outras ruas, outros bairros, outra cidade. A Frei Caneca começa, termina e circula no Centro.

5.1 Ao fim

Pensar no fim de uma rua talvez remeta a uma imagem de beco, de rua sem saída, de falta de caminhos possíveis. Nem todas as ruas acabam assim, mas todas as ruas acabam, ou para começarem outras ou como meio de “desaguar” em uma via que a cruze. A Rua Frei Caneca começa e termina na Avenida Paulista; desce de seu “leito” para o Centro ao mesmo tempo em que sua numeração segue da Caio Prado em sua direção. E, tal qual uma terceira margem do rio, a rua gay da Rua Frei Caneca perpassa todo esse caminho, se concentrando em algumas esquinas no meio do caminho, mas principalmente caminhando, seguindo fluxos e contra-fluxos.

O cruzamento com a Peixoto Gomide é nevrálgico ao se considerar a presença, ocupação e significação gay da rua, mas esta não exprime todo o leque de possibilidades semânticas de um espaço sexualizado e identificado socialmente. Faz parte da dinâmica, da identificação por exclusão, do “sou isso porque estou aqui e não ali”. Estou no Bar d’A Lôca, logo sei o que encontrar; prefiro não ficar na Peixoto Gomide, lá é outro tipo de pessoa que fica, que para, que transita. E a rua segue por outras ruas, traz consigo outros nomes, outras regiões, centralidades.

Se a metáfora do rio que corre serve para a rua que anda, um rio pode ter centro? Pode ser centro? Centralidade? Parte de uma territorialidade, a rua e o rio dragam para si significados socialmente atribuídos e assim tornam-se espaços inteligíveis de movimentação. O quanto isso permanece, se concretiza, se torna concreto depende de seus agentes e de seus contextos. A rua tem concreto, na Frei Caneca já há muito tempo e ainda assim segue ganhando novos contornos. A rua começa e termina, mas não acaba no fim.

REFERÊNCIAS

Bibliográficas:

AGIER, M. “The ghetto, the hyperghetto and the fragmentation of the world. International”. *Journal of Urban and Regional Research*, vol. 33, n. 3, New York, Joint Editors and Blackwell Publishing Ltd, 2009, 854 – 857.

AGIER, M. *Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos*. São Paulo, Editora Terceiro Nome, 2011.

BARBOSA, A. *Cidade azul: ensaios sobre as imagens da cidade no cinema paulista dos anos 1980*. São Paulo, Alameda Casa Editorial, 2012.

BARTH, F. “Grupos étnicos e suas fronteiras” in Poutignat, P. *Teorias da etnicidade*. São Paulo, Editora da Unesp, 1998.

BECKER, H. *Uma teoria da ação coletiva*. Rio de Janeiro, Zahar, 1977.

BENNEKOM, J. V. & JONKERS, G. BUTT BOOK: The best of the first 5 years of BUTT magazine. Alemanha, Taschen, 2006.

BOURDIEU, P. *A distinção: crítica social do julgamento*. Porto Alegre/São Paulo, Editora Zouk/Edusp, 2008.

BRAH, A. “Diferença, diversidade, diferenciação”. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 26, 2006, 329 – 376.

BRAZ, C. A. “Vestido de Antropólogo: nudez e corpo em clubes de sexo para homens”. *Bagoas*, Natal, n. 03, 2009, pp. 75 – 95.

BUTLER, J. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

CALDEIRA, T. P. R. *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo, Edusp/34, 2000.

- CARDOSO, R. *Ruth Cardoso: obra reunida*. São Paulo, Mameluco Edições, 2012.
- CARRARA, S. & SIMÕES, J. “Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira”. *Cadernos Pagu*, n. 28, Campinas, jan./jun. 2007, 65 – 99.
- DURHAM, E. R. *A dinâmica da cultura*. São Paulo, Cosac & Naify, 2004.
- FACCHINI, R. *Sopa de letrinhas? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas no anos 90*. Rio de Janeiro, Editora Garamond, 2005.
- FAVRET-SAADA, J. “Ser afetado”. *Cadernos de Campo*, São Paulo, n. 13, 2005, 155 – 161.
- FRANÇA, I. L. *Cercas e pontes: o movimento GLBT e o mercado GLS na cidade de São Paulo*. Dissertação de Mestrado, Antropologia Social, USP, 2006.
- FRANÇA, I. L. *Consumindo lugares, consumindo nos lugares: homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo*. Rio de Janeiro, CLAM/EDUERJ, 2012.
- FREHSE, F. “Usos da rua in Fortuna”. C. & Leite, R. P. (orgs.). Série cidades e arquitectura. *Plural de cidades: novos léxicos urbanos*. Coimbra, Almedina, 2009.
- FRY, P. “Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil” in *Para inglês ver*. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.
- FRÚGOLI JR., H. *Os shopping centers de São Paulo e as formas de sociabilidade no contexto urbano*. Dissertação de Mestrado, Antropologia Social, USP, 1990.
- FRÚGOLI JR., H. *Centralidade em São Paulo: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole*. São Paulo, Edusp, 2000.
- FRÚGOLI JR., H. “O urbano em questão na antropologia: interfaces com a sociologia”. *Revista de Antropologia*, vol. 48, n. 1, jan./jun. 2005, 133 – 163.

FRÚGOLI JR., H. “Sociabilidade e consumo nos shopping centers de São Paulo: eventos e desafios recentes” in Bueno, M. L. & Camargo, L. L. (orgs.). *Cultura e consumo: estilos de vida na contemporaneidade*. São Paulo, Editora Senac SP, 2008, 231 – 246.

GASPAR, S. S. “Gentrification: processo global, especificidades locais?” *PontoUrbe*, n. 6, ago./2010.

GREEN, J. N. *Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo, Editora da Unesp, 1999.

GUIMARÃES, C. D. *O homossexual visto por entendidos*. Rio de Janeiro, Editora Garamond, 2004.

JORGE, C. A. *Consolação: uma reportagem histórica*. São Paulo, Departamento do Patrimônio Histórico/PMSP, Coleção História dos bairros de São Paulo, n. 22, 1985.

KOWARICK, L. *A espoliação urbana*. São Paulo, Paz & Terra, 1994.

LEVINE, M. “Gay ghetto” in Nardi, P. M. & Schneider, B. E. (orgs.). *Social perspectives in lesbian and gay studies: a reader*. New York, Routledge, 1998 (1979), 194 – 206.

MACRAE, E. *A Construção da Igualdade: identidade sexual e política no Brasil da “abertura”*. Campinas, Editora da Unicamp, 1990.

MACRAE, E. “Em defesa do gueto” in Green, J. & Trindade, R. (orgs.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo, Editora da Unesp, 2005, 291 – 308.

MAGNANI, J. G. C. “Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole” in Magnani, J. G. C. & Torres, L. De L. (orgs.). *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo, Edusp/Fapesp, 1996, 12 – 53.

MAGNANI, J. G. C. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade de São Paulo*. São Paulo, Editora Hucitec, 1998.

MAGNANI, J. G. C. “Etnografia como prática e experiência”. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 15, n. 32, jul./dez. 2009, 129 – 156.

MARCUSE, P. “The enclave, the citadel and the ghetto: what has changed in the Post-Fordist U.S. City”. *Urban Affairs Review*, Sage PBL. Inc., vol. 33, n. 2, nov./1997, 228 – 264.

PALOMINO, E. *Babado Forte: moda, música e noite*. São Paulo, Editora Mandarim, 1999.

PERLONGHER, N. *O negócio do michê: a prostituição viril*. São Paulo, Brasiliense, 1987.

RUBIN, G. “Thinking sex: notes for a radical theory of the politics of sexuality” in Ablove, H., Barale, M., Halperin, D. (org). *The lesbian and gay studies reader*. Londres, Routledge, 1993, 3 – 44.

SAHLINS, M. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro, Zahar, 2001.

SALAMANCA, H. T. V. *Hay qye venir al sur: cuerpo y consumo em la rumba gay de la Avenida Primero de Mayo de Bogotá*. Dissertação de Mestrado, Estudos Culturais, Univerdidad Nacional de Colombia, 2010.

SARLO, B. “La ciudad imaginada”. *La ciudad vista: mercancias y cultura urbana*. Buenos Aires, Siglo Veintiuno, 2009, 183 – 231.

SIMÕES, J. *Além da barbie: outras imagens na cena homossexual contemporânea*. XXIV Reunião Brasileira de Antropologia, Olinda, 2004.

SIMÕES, J. & FRANÇA, I. L. “Do gueto ao mercado” in Green, J. & Trindade, R. (orgs.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo, Editora da Unesp, 2005, 309 – 336.

SOUZA, B. M. *Os straight edges e suas relações com a alteridade na cidade de São Paulo*. Dissertação de Mestrado, Antropologia Social, USP, 2005.

VEGA, A. P. *Estilo e marcadores sociais da diferença em contexto urbano: uma análise da desconstrução de diferenças entre jovens em São Paulo*. Dissertação de Mestrado, Antropologia Social, USP, 2008.

VELHO, G. “Observando o familiar” in Nunes, E. O . *A Aventura Sociológica*. Rio de Janeiro, Zahar,1978.

ZUKIN, S. “Gentrification: Culture and Capital in the Urban Core”. *Annual Review of Sociology*, Palo Alto, vol. 13, 1987, 129 – 147.

WACQUANT, L. “Três premissas perniciosas no estudo do gueto norte-americano”. *Mana*, vol. 2, n.2, Rio de Janeiro, out./1996, 145 – 162.

WACQUANT, L. *Os condenados da cidade: estudo sobre marginalidade avançada*. Rio de Janeiro, Revan/Fase, 2001.

WIRTH, L. “The ghetto” in *On cities and social life*, Selected Papers, Chicago, Chicago Press, 1969 (1928).

Matérias de imprensa:

CARVESAN, L. “Homossexuais organizam 'beijaço' em shopping center de São Paulo”. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 03/08/2003, C8.

CASTRO, C. M. & BERTONI, E. “Nove anos de gestação”. *FolhaOnline*, São Paulo, 23/06/2012, disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/50528-nove-anos-de-gestacao.shtm> (Consultado em: 08/09/2012).

DRUMOND, D. “Casarão Brasil – Associação GLS”. *DouglasDrumond*, 28/07/2011, disponível em <http://douglasdrumond.virgula.uol.com.br/2011/07/casarao-brasil-associacao-gls/#.UQHgix3Aflc> (Consultado em 10/09/2012).

FISCHER, A . “Beijaço no shopping”. *Revista da Folha*, São Paulo, 03/08/2003.

GALVÃO, V. Q. “Projeto de rua gay cria polêmica em São Paulo”. *FolhaOnline*, São Paulo, 27/07/2008, disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u426654.shtml> (Consultado em 13/04/2011).

PRONSATO, B. “Rua Frei Caneca: ser ou não ser gay”. *RRAULR*, 13/08/2008, disponível em http://rraur1.uol.com.br/cena/5574/Rua_Frei_Caneca_ser_ou_nao_ser_gay (Consultado em 13/04/2011).

REDAÇÃO. “Empresa diz que moradores apoiam shopping”. *FolhaOnLine*, São Paulo, 05/05/2001, disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u28411.shtml> (Consultado em 20/02/2009).

Bibliografia hemerográfica:

BRANDÃO, M. “Entrevista: Toni Reis e a 1ª Conferência Nacional LGBT”. *G Magazine*, Edição 130, São Paulo, jul./2008, 50-52

Revista DOM – De Outro Modo, número 04, ano 01, Editora Peixes, jun./2008.

Guias JUNIOR consultados:

- 2009: ns. 01, 02, 03, 04.
- 2010: n. 05.
- 2011: n. 06.
- 2012: n. 07.

Revista Time Out e guia Time Out – the best of gay SP, English Edition, n. 08, jun./2011.

Sítios consultados:

- samorcc.com.br
- casaraobrasil.com.br
- paradasp.org.br
- prefeitura.sp.gov.br
- aloca.com.br
- thesociety.com.br
- buttmagazine.com
- paulistahomeresort.com.br
- nksp.com.br

APÊNDICE – PROJETOS SOBRE A RUA, PROJETOS PARA A RUA

No período da pesquisa pude me confrontar com mais de um projeto sobre a Rua Frei Caneca e para a rua. Geralmente projetos que se baseiam numa ideia de melhoria do espaço, reforma de calçadas, troca de iluminação, personalizada, e criação de uma identidade visual da rua. As justificativas se assentam na definição da rua, e região, como degradada, suja, feia; e logo os projetos se tornam mais do que meros processos decorativos, tentando dar ao logradouro nova “vida”: revitalização, requalificação.

Não se pode afirmar que a Frei Caneca seja uma rua sem vida, nem mesmo carente de interferências municipais mais urgentes ou sistemáticas. Como se viu, a rua está plenamente ocupada, seja por moradia, por comércio ou por frequência pontual. E, assim como a Augusta, não é uma rua morta e nem degradada. Mas ambas se tornaram foco de investimentos privados externos: o Quadro 1, à página 50, pode se contabilizar quase 30 empreendimentos recém entregues ou em vendas. Interessa que esses espaços mudem, que as ruas não tenham mais a aparência de rua comum, buracos, poucas árvores. Interessa que se tornem cenários mais condizentes com os novos moradores.

Os projetos apresentados nos anexos a seguir seguem a linha de apresentar essas novas possibilidades de cenário. Inicialmente apresento um trabalho de conclusão de curso na área de arquitetura e urbanismo que pretende várias intervenções na Augusta, da Paulista à Praça Franklin Roosevelt, com foco principal na altura da Rua Fernando de Albuquerque, outrora um dos principais pontos de encontro de jovens na noite. No projeto está incluído o Shopping Frei Caneca e a esquina da Frei Caneca com a Peixoto Gomide como espaços interessantes para essas alterações e que ajudam a compreender o que é a Augusta da diversão noturna hoje. O autor do trabalho destaca o fato da Augusta ter “um boteco a cada esquina”, uma característica própria da rua e que faz dela um espaço de trânsito de moradores e não-moradores. Tal fato pretende ser valorizado pelo projeto: a construção de um edifício misto (residencial e de serviços de lazer de acesso público) e de “feixes” de conexão com a Frei Caneca na abertura de “praças de alimentação”. Além disso, trechos da rua transformados em calçadão que privilegiariam os pedestres.

O projeto é interessante pelas ideias que apresenta, preocupado em valorizar a ocupação da rua que já existe ao invés de recriar um cenário considerado mais propício para novos estratos, mas segue na linha de mudanças grandes no espaço, com demolições e novas construções como meio de marcar a mudança. Diferentemente os projetos escolhidos no concurso promovido pelo Casarão Brasil pretendem uma mudança total da visualidade da rua, tornando-a diferente de qualquer outra da cidade como meio de marcar a oficialização da “rua gay”. O projeto foi abandonado temporariamente, mas é interessante observar que, neste caso, sem demolições, os projetos selecionados tornam a Frei Caneca outra rua, na qual se privilegia a calçada e os passantes. Os projetos se assemelham às reformas empreendidas nas ruas Oscar Freire e Avanhandava, ambas empreitadas privadas com foco no comércio de rua. Interessante que os dois casos são de reformas em um conjunto de quarteirões e não na totalidade das ruas, evidenciando interesses eminentemente privados.

Mas o que parece estar sendo posto em prática atualmente é uma mudança intensa e profunda na Rua Paim, esta assemelhada a situações de expulsão de estratos pobres para a ocupação de pessoas de classes altas. A Paim não é longa e das ruas na região sempre foi vista como uma das mais degradadas, carentes e pobres. Essa visão se estabeleceu muito por conta do edifício 14 Bis e a disseminação da ideia de ser um lugar de tráfico, prostituição e travestis, genericamente acionados sob o signo da violência. Hoje há sete grandes terrenos abertos onde antes havia cortiços, lugar de moradia de famílias mais humildes, a maior parte delas de migrantes nordestinos. Estes já não são mais desejados, já não se espera que façam parte do cenário. O som dos forrós nos carros abertos e o cheiro das frutas nas quitandinhas minúsculas logo darão lugar para um novo cenário. Se há algo que se assemelhe a um processo intenso de *gentrification* é o que ocorre na Paim. Os prédios já serão erguidos (vide imagem 22), resta saber se o cenário será o previsto nos croquis (vide imagem 23).

RUA PAIM - OS SETE LANÇAMENTOS



Imagem 22 – “Os sete lançamentos” da Rua Paim, imagem disponível no site do empreendimento NKSP (nksp.com.br) onde pode se observar a nova ocupação da rua. Em vermelho o trecho da Rua Paim que será ocupado, apenas um pequeno trecho, mais próximo à Avenida 9 de Julho e onde está o Teatro Maria Della Costa, não há previsão de empreendimento imobiliário.

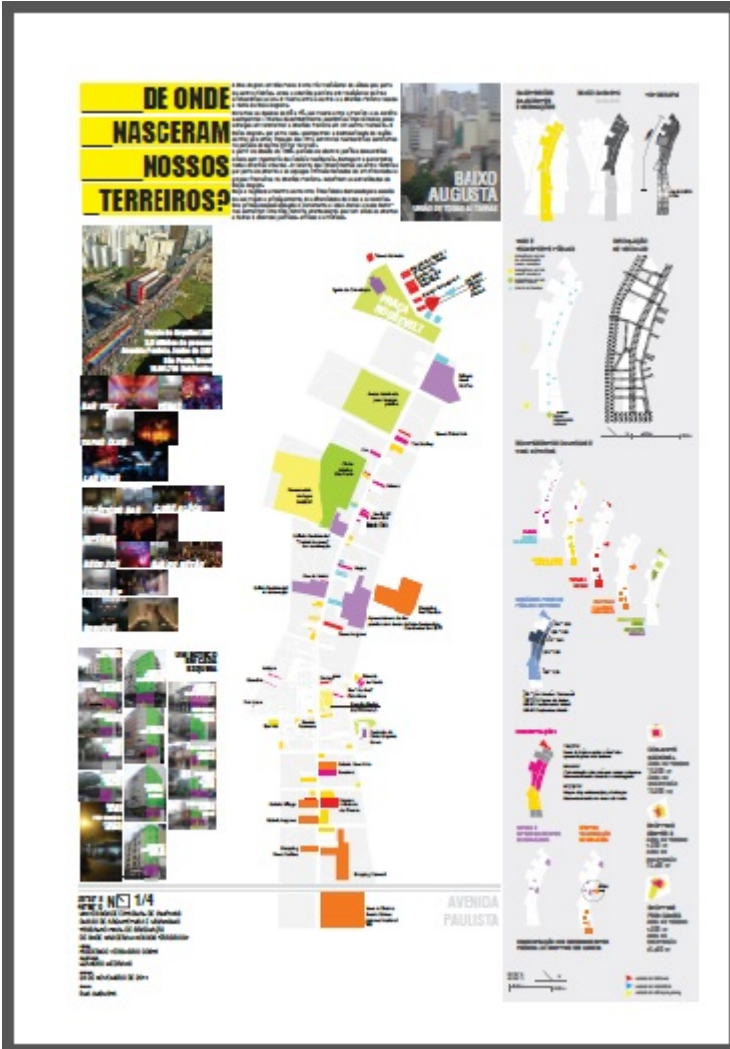


Perspectiva ilustrada da futura Rua Paim

Imagem 23 – Croqui disponível também no site do NKSP, ilustrando a “nova Rua Paim”.

ANEXO A – PROJETO SOBRE E PARA A RUA AUGUSTA

1 de 4



DIRETRIZES PARA UMA CIDADE ACONTECIMENTO

VIAS PÚBLICAS

As vias públicas devem ser projetadas para serem seguras, acessíveis e agradáveis para todos os usuários, incluindo pedestres, ciclistas, pessoas com deficiência e veículos. O planejamento deve considerar a integração com o transporte público e a criação de espaços públicos de qualidade.

ESTACIONAMENTO CENTRAL

O estacionamento central deve ser planejado para ser eficiente e seguro, com espaços para pedestres e ciclistas. Deve-se priorizar o uso de bicicletas e o transporte público, além de garantir a segurança dos veículos estacionados.

PRACA DE ALIMENTAÇÃO FRIE CANECA

A praça de alimentação Frie Caneça é um espaço público de qualidade, projetado para ser seguro, acessível e agradável para todos os usuários. O planejamento deve considerar a integração com o transporte público e a criação de espaços públicos de qualidade.

PROJETO ARENA AUGUSTA

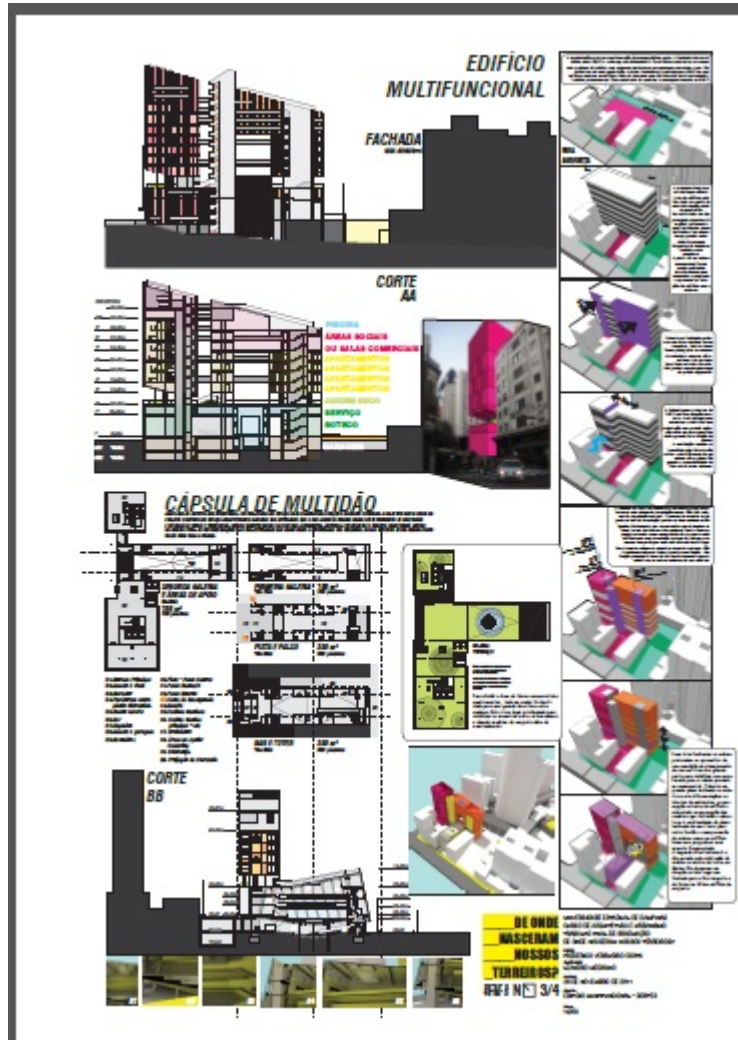
O Projeto Arena Augusta é um projeto de desenvolvimento urbano que visa criar um novo espaço público de qualidade, integrado ao transporte público e ao planejamento urbano. O projeto inclui a criação de espaços públicos, a melhoria das vias públicas e a implementação de medidas de segurança e acessibilidade.

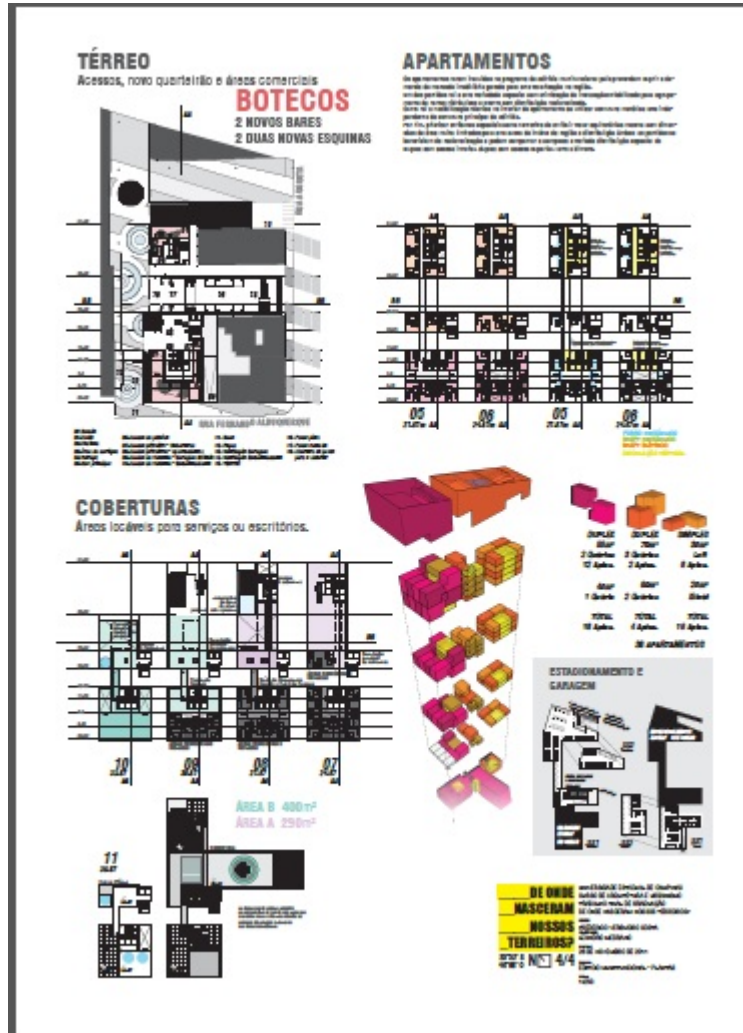
SITUAÇÃO ATUAL

Mapa de situação atual da área, mostrando a localização das vias públicas, o estacionamento central e a praça de alimentação Frie Caneça. O mapa também indica a localização do Projeto Arena Augusta e as áreas de intervenção planejadas.

DE ONDE NASCERAM NOSSOS TERREIROS

Mapa de localização dos terrenos, mostrando a integração com o planejamento urbano e o transporte público. O mapa também indica a localização do Projeto Arena Augusta e as áreas de intervenção planejadas.





ANEXO B – PROJETO PARA A RUA FREI CANECA : VENCEDOR

1 de 4



2 de 4



CONCURSO DE PREMIAÇÃO DE PROJETO DE REURBANIZAÇÃO DA RUA FREI CANECA
CASARÃO BRÁSIL - ASSOCIAÇÃO LGB - INSTITUTO DE ARQUITETOS DO BRÁSIL - SÃO PAULO

4 de 4

DIVERSIFICAÇÃO: "A ÁGORA"

 CENÁRIO PAULISTA: O PARQUE	 CENÁRIO IGREJA: A PRAÇA	 CENÁRIO SHOPPING: O MERCADO	 CENÁRIO ESCADARIA: O TEATRO
			
			
			

CONCURSO DE PREMIAÇÃO DE PROJETO DE REURBANIZAÇÃO DA RUA FREI CANECA
CASARÃO BRASIL - ASSOCIAÇÃO LGB - INSTITUTO DE ARQUITETOS DO BRASIL - SÃO PAULO

4/4

ANEXO C – PROJETO PARA A RUA FREI CANECA: SEGUNDO LUGAR

1 de 4



CONCURSO DE PREMIAÇÃO DE PROJETO DE REURBANIZAÇÃO DA RUA FREI CANECA
CASARÃO BRASIL - ASSOCIAÇÃO LGBT - INSTITUTO DOS ARQUITETOS DO BRASIL - SÃO PAULO
1/4

2 de 4





